GRUPO TIRADENTES
Inspirando o futuro

FACULDADE SÃO LUÍS DE FRANÇA

XIII MOSTRA CIENTÍFICA

O FUTURO É AGORA: PROFISSÕES E TECNOLOGIA NO PÓS-PANDEMIA

ARACAJU-SE
2020

DIRETOR GERAL
Ivanilson Leonardo dos Santos

SECRETÁRIA GERAL
Rafaela Saraiva de Oliveira Goulart

COORDENADOR ACADÊMICO
Cássio Roberto Conceição de Menezes

ORGANIZAÇÃO EDITORIAL
Cássio Roberto Conceição de Menezes
Márcia Alves de Carvalho Machado
Alana Danielly Vasconcelos

COMISSÃO CIENTÍFICA
Dra. Márcia Alves de Carvalho Machado/FSL
Dra. Marcela Montalvão Teti/FSLF
Dra. Soane Maria Santos Menezes/FLSF
Dra. Simone Rodrigues Paixão/FSLF
Dr. Lucas Sousa Magalhães/FSLF
Dr. Ricardo Guimarães Amaral/FSLF
Dra. Kamilla Mayara Lucas da Cruz Reis/FSL
Dra. Marilene Batista da Cruz Nascimento/UFS-Itabaiana
Dra. Josevânia Teixeira Guedes/Faculdade Pio Décimo
Dra. Alice Virgínia Brito de Oliveira/UNEAL
Me. Cássio Roberto Conceição de Menezes/ FSLF
Ma. Alana Danielly Vasconcelos/FSLF
Ma. Rita de Cássia Dias Leal/FSLF
Ma. Sara Rogéria Santos Barbosa/FSLF
Ma. Érika Souza Vieira/FSLF
Me. Vitor Hugo Vaz/FSLF
Ma. Maralysa Correia de Souza Cavalcanti/FSLF

A Faculdade São Luís de França não é responsável pelo conteúdo dos Anais, com o qual não necessariamente concorda. Os Autores conhecem os fatos narrados, pelos quais são responsáveis.

Anais Eletrônico da XIII Mostra Científica

A532 "O futuro é agora: profissões e tecnologia no pós-pandemia" / Cássio Roberto Conceição Menezes, Márcia Alves de Carvalho Machado, Alana Danielly Vasconcelos (Orgs.) – Aracaju: FSLF, 2020.

288 p.: il.

Inclui bibliografia.

ISSN 2176-6401

1. Formação acadêmica. 2. Produção científica. 3. Pesquisa científica. I. Menezes, Cássio Roberto Conceição de. II. Vasconcelos, Alana Danielly. III. Machado, Márcia Alves de Carvalho.

CDU: 331.5:004

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Valfran Nascimento (CRB 5/1992)

APRESENTAÇÃO

A XIII edição da **Mostra Científica** da Faculdade São Luís de França (FSLF) teve como temática **"O futuro é agora: profissões e tecnologia no pós-pandemia"**, objetivando promover o debate sobre as mudanças no campo profissional impulsionadas pelas tecnologias no contexto do pós-pandemia decorrente do vírus que causa a COVID-19 e impactou os diversos setores da sociedade, saúde, economia, social, como também o educacional e o profissional.

A **Mostra Científica** é um projeto contínuo, realizado anualmente, promovido pela Faculdade São Luís de França e organizado por meio da colaboração entre docentes e discentes dos cursos de graduação e pós-graduação da Instituição. Visa promover debates, pesquisa/práticas investigativas e interação entre a comunidade acadêmica (interna e externa) e a sociedade, na perspectiva de contribuir para ampliar os espaços de debate das áreas de conhecimento dos cursos da Instituição.

O evento, diante do contexto pandêmico causado pelo novo coronavírus em todo mundo, foi realizado pela primeira vez na modalidade virtual. Promoveu a palestra "O futuro é agora: profissões e tecnologia no pós-pandemia", em forma de live, tendo como palestrante o profssor Me. Otávio Correia de Melo Neto, Gerente de Relações Internacionais do Grupo Tiradentes e Diretor Executivo do Tiradentes Institute mediador o professor Me. Cássio Roberto Conceição de Menezes, Coordenador Acadêmico da FSLF. Ao longo da Mostra foram apresentadas as pesquisas desenvolvidas por professores e alunos da Faculdade e de outras instituições. As produções científicas foram organizadas em quatro eixos temáticos, relativos as áreas de conhecimento as quais a Instiutição oferece cursos:

Eixo 1 - Interlocuções Entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência
Eixo 2 - Interlocuções Entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais Aplicadas
Eixo 3 - Interlocuções Entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências da Saúde
Eixo 4 - Interlocuções Entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Os trabalhos científicos foram orgnanizados em dois tipos de modalidades: resumo expandido e artigo científico. Na condução desse trabalho, o evento contou com um Comitê Científico composto por membros do corpo docente interno e professores convidados, com titulação de doutorado, mestrado e especialização, que contribuiram para a qualidade científica das publicações.

Comissão Editorial

SUMÁRIO

1 Resumos Expandidos.....06
2 Artigos Científicos.....162

1 RESUMOS EXPANDIDOS

A PROFISSIONALIZAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR

David de Lima Valim[1]
Nathany Santos Menezes[2]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

Palavras-chave: Gestão Escolar. Educação. Administração.

1 INTRODUÇÃO

Incessantes mudanças na sociedade impulsionam transformações na educação e consequentemente no ambiente escolar, tal perspectiva, acaba exigindo do Gestor Escolar uma constante atualização das suas competências e atribuições. A democratização da Gestão escolar e os constantes desafios enfrentados pelo sistema educativo têm exigido do Gestor Escolar uma gama de competências que vão muito além de noções técnicas ou meramente administrativas que outrora resumia suas atribuições, analisar essas aptidões é importante para compreender o que a escola e a sociedade esperam desse profissional na atualidade.

Sob essa justificativa, o presente estudo apresenta os resultados de um à pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, baseadas em livros, artigos científicos e monografias provenientes de acervos eletrônicos ou pessoais que teve como objetivo empreender uma breve analise sobre a profissionalização do Gestor Escolar.

2 A PROFISSÃO DO GESTOR ESCOLAR

Com o processo de democratização da Gestão Escolar, no início dos anos 1980, foi iniciado um processo de reorganização administrativa da escola que começou a exigir do Gestor uma atuação pautada no debate e no envolvimento da comunidade, com o objetivo de fomentar uma gestão participativa e representativa do consenso comunitário escolar a fim de se alcançar uma educação democrática e emancipadora (GIL, 2013).

Dessa forma, atualmente, podemos dizer que "O gestor escolar é muito mais do que um mero administrador, é um agente articulador, que assume, perante a comunidade, o compromisso de oferecer um serviço de qualidade, com habilidades para lidar tanto com o administrativo-político quanto o pedagógico" (AGOSTINI, 2010, p 14). Libâneo (2004) descreve de maneira pragmática algumas das atribuições do Gestor escolar:

> Supervisionar e responder por todas as atividades administrativas e pedagógicas da escola bem como as atividades com os pais e a comunidade e com outras instâncias da sociedade civil. Assegurar as condições e meios de manutenção de um ambiente de trabalho favorável e de condições materiais necessárias à consecução dos objetivos da escola, incluindo a responsabilidade pelo patrimônio e sua adequada utilização. Promover a integração e a articulação entre a escola e a comunidade próxima, com o apoio e iniciativa do Conselho de Escola, mediante atividades de cunho pedagógico, científico, social, esportivo, cultural. Organizar e coordenar as atividades de planejamento e do projeto pedagógico-curricular, juntamente com a coordenação pedagógica, bem como fazer o acompanhamento, avaliação e controle de sua execução. Supervisionar a avaliação da produtividade da

[1] Graduando do curso de Administração pela Faculdade São Luís de França. E-mail: davidlima54@gmail.com
[2] Graduanda do curso de Administração pela Faculdade São luís de França. E-mail: nathanysantosm@hotmail.com

> escola, do projeto pedagógico, da organização escolar, do currículo e dos professores. Supervisionar e responsabilizar-se pela organização financeira e controle das despesas da escola, em comum acordo com o Conselho de Escola, pedagogos especialistas e professores. (LIBÂNEO, 2004)

O papel do Gestor não deve se limitar as competências administrativas ou financeiras, mas focar, sobretudo os aspectos pedagógicos, devendo desempenhar um significativo papel na organização do trabalho e do espaço escolar com a finalidade de alcançar a melhoria na qualidade de ensino (GIL, 2013).

O processo de democratização da escola, como reflexo de democratização da sociedade, faz com que os gestores sejam escolhidos não por preceitos técnicos, mas políticos. Assim, esse processo de escolha acaba se fundamentando mais nas habilidades de articulação e aceitação do Gestor do que em competências técnicas e pedagógicas necessárias para o exercício da função. Além disso, esses gestores são profissionais da educação que acabam subindo ao cargo por eleição ou indicação, sem um preparo especifico para gestor, sãos os sistemas escolares que o acabam preparando para o serviço, que ocorre geralmente, através de um curso de capacitação (OGAWA & PUCPR FILIPAK, 2013).

Um Gestor ideal reúne características que envolvem a integração entre técnicas administrativas, habilidades de resolução de problemas em relações humanas, liderança e criatividade para gerir interações grupais, além de uma sensibilidade pedagógica, entretanto, a realidade verifica é que a formação profissional dos gestores da atualidade tem se mostrado insuficientes para auxiliar nas funções a qual eles são destinados (SOUZA & RIBEIRO, 2017).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente complexo e imprevisível da educação requer do Gestor Escolar um conjunto cada vez maior de competências e aptidões que quase sempre não correspondem a sua formação profissional original. Assim, a sua formação complementar depende de cursos de capacitação e formação continuada, que, ainda assim, não representam garantias de preparo desses profissionais frente aos constantes e renovados desafios presentes no campo da educação. Tal problemática assinala a necessidade do campo educacional investir de forma mais direcionada na profissionalização do Gestor escolar, a partir de cursos para formação bem estruturados voltados especificamente para esse nicho de atuação profissional.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Micheli Zwirtes. **O gestor escolar e suas ações frente à gestão.** Monografia de especialização. Especialização Lato-Sensu em Gestão Educacional Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação Curso de Pós-Graduação a Distância. Constantina, RS, Brasil, 2010.

GIL, Raquel Mattos. O papel do gestor escolar na melhoria da qualidade da educação. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Produções Didático-Pedagógicas, Versão *On-line*. Cadernos PDE volume II, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

OGAWA, Mary Natsue; PUCPR FILIPAK, Sirley Terezinha. **A formação do gestor escolar**. PUCPR Grupo de Trabalho - Políticas Públicas, Avaliação e Gestão da Educação. XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE 2013, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 23 à 26 de set. de 2013. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8010_7046.pdf> Acesso: em 2 nov.2020.

SOUZA, Lânia Daniela Marta; RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. **O Perfil do Gestor Escolar Contemporâneo:** das permanências as incorporações para exercício da função. Espaço do Currículo, v.10, n.1, p. 106-122. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php > Acesso em: 2 nov.2020.

CONFECCIONAR E-BOOKS: REPENSANDO A DIDÁTICA DO ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DO AMBIENTE VIRTUALIZADO

Marcela Montalvão Teti[3]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

Palavras-chave: Ensino virtualizado. Metodologias ativas. Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar estratégias de ensino-aprendizagem mediadas por aplicativos virtuais. Diante das mudanças no cenário da Educação, no ano de 2020, tornou-se necessário pensar a aprendizagem de qualidade através do ambiente virtualizado. A fim de colocar em prática tal desafio, faz-se-á a exposição de atividade avaliativa orientada na disciplina de Observação em Psicologia, do curso de Psicologia, da Faculdade São Luís de França. Nesta disciplina, os alunos foram estimulados a produzir e-books virtuais sobre 6 temas caros aos trabalhos de Observação do campo, por meio de linguagem textual e gráfica específicas. Praticou a metodologia de sala de aula invertida (*Flipped Classroom)*, com leitura dos textos anterior as aulas e por fim, produziram livros virtuais sobre os temas propostos e os apresentaram coletivamente, em sala de aula.

Este trabalho oferece à oportunidade de se pensar a educação, por meio de tecnologias da informação, como uma estratégia não só para a produção de conhecimento, mas também como um estímulo ao desenvolvimento de Competências tecnológicas e socioemocionais.

2 O USO DA TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.

Em 31 de dezembro de 2019, o mundo descobre um tipo de vírus contra o qual não teria armas para lutar. O novo Coronavírus, também conhecido por COVID-19 faz sua primeira aparição na China e deixa a população daquele país e tantos outros imóveis diante de sua ameaça mortal. Em pouco tempo, o COVID se espalha com sintomas que se assemelham a gripe, matando pessoas. Entre dezembro e fevereiro o Brasil permaneceu imune ao COVID, mas no momento em que se constatou o primeiro hospedeiro do vírus, em menos de um mês o país já tinha registrado algumas comunidades de contaminação (Brasil, 2020a). A Fim de diminuir a potência dos contágios e consequentemente prevenir mortes, o país resolve seguir o caminho de diversos outros na Europa e declara necessidade de isolamento social, impondo a permanência das pessoas em suas casas até segunda ordem.

Esta decisão veio sanar o problema da saúde pública, mas deflagrou um grande problema para a Educação brasileira. A necessidade de permanecer em casa para se prevenir do contágio impôs a necessidade de conceber a Educação de forma virtualizada (Brasil, 2020b). De março a setembro de 2020, instituições privadas e públicas de ensino superior trabalharam no sentido de sanar a defasagem da educação presencial, propondo saídas e muitas delas envolveram o uso de tecnologias digitais e metodologias ativas. Paralelo a isso, neste período, exatamente em decorrência da Pandemia, houve um acréscimo nos índices de depressão e ansiedade em todo o país. O Brasil já era recordista nos casos de depressão e ansiedade, sendo considerado o segundo com o maior índice de deprimidos na América, ficando atrás dos Estados Unidos, e o primeiro no mundo com o maior índice de ansiosos, com o isolamento social, viu

[3] Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), psicóloga e professora de psicologia da Faculdade São Luís de França, membro do Núcleo de Desenvolvimento Docente, do Grupo Tiradentes (NDD-GT).. E-mail: <marcelateti@gmail.com>.

estes números se agravarem. Assim, nos idos de 2020, a educação presencial cede lugar à educação virtualizada e esta precisa vencer a tendência ao tédio e a inquietação, resultantes da depressão e da ansiedade de se permanecer enclausurado dentro de casa.

Além de competir com a tristeza profunda e as crises de ansiedade, o ensino virtualizado competiu com a televisão, a cama, o sono, o vídeo-game, a conversa coletiva dentro de casa. Docentes que desejassem educação crítica e reflexiva dentro de casa tiveram que se reinventar. Para tanto, a equipe de docentes foi presenteada por diversas oficinas de formação organizadas pelo Grupo Tiradentes a fim de prepará-los para aulas dinâmicas, interativas e interessantes. Assim, durante a Jornada Pedagógica do Grupo, a professora Lilian Bacich, autora de "Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação" (Bacich *et all*, 2015) foi convidada para expor seu trabalho com tecnologias digitais. Autora do livro "x", Lilian em sua exposição, apresentou aplicativos que podem ser usados tanto para propor atividades em salas virtuais, como podem ser usados como estratégia de avaliação. Dentro dos App que ela expôs, estava o *Book Creator* (2020).

O *Book Creator* é um site interativo que apresenta a possibilidade de elaborar um livro com textos, *podcasts* e vídeos, além de produzi-lo em diferentes formatos, até de revista em quadrinhos. Diante das vantagens apresentadas pelo site, e levando em conta que a maioria dos estudantes da atualidade são familiarizados com a linguagem digital, propus aos alunos da disciplina Observação em Psicologia a possibilidade de serem avaliados a partir da produção de um livro virtual. Caso os alunos aceitassem esta seria uma oportunidade de mostrar o que é um *e-book*, de ensinar a linguagem própria deste meio de comunicação, de chamar a atenção para a importância da produção de livros virtuais informativos durante o período de isolamento social e de desenvolver *soft skills*, no contexto da psicologia, uma profissão deveras individualista. Após a exposição das vantagens a respeito da criação do *e-book* e aprovação por parte dos alunos da proposta disruptiva. Seguimos com o trabalho.

Metodologicamente a turma foi separada em grupos de 3 a 4 pessoas. Para a elaboração do *E-book* foram propostos 6 temas relacionados ao macrotema da disciplina "Observação em Psicologia" e cada grupo teria a autonomia de sinalizar sobre qual tema gostaria de escrever. Para fundamentar as propostas, foram disponibilizados artigos científicos no *Google Classroom* sobre cada um dos 6 temas e as aulas da I Unidade da disciplina foram organizadas de modo que os alunos pudessem desfrutar da exposição a respeito de cada uma delas. Com o tema selecionado, texto correspondente lido e aula ministrada eles tiveram aproximadamente duas semanas para preparar o material e entregá-lo no dia estipulado para a avaliação. Apesar da ansiedade de produzir um texto inovador e todos eles nunca terem produzido um *e-book*, a satisfação do feito foi unânime. Como diria Csikszentmihalyi, o estado de fluxo, ou de plenitude na execução de uma atividade se encontra quando se apresenta um desafio de alto nível a indivíduos com altas habilidades. Ainda que fosse novidade o *e-book* exigia que aqueles alunos tivessem inteligência digital. E eles tinham de sobra até.

Ao final da atividade, foram produzidos cerca de 10 e-books. Além de alunos aprovados na I Unidade da disciplina, tivemos a constituição de autores a partir deste trabalho. Vale salientar que os temas abordados foram temas científicos e que, mesmo com a linguagem mais objetiva de um livro virtual, o conteúdo apresentado foi de qualidade. O virtual nesta atividade se uniu à produção de conhecimento, trazendo informação, esclarecimento e pensamento crítico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi muito satisfatório poder trabalhar com uma turma que aceitou o desafio. Nem sempre professores são agraciados com esta disponibilidade, por parte dos alunos, e certamente esta foi uma grande vantagem. Nesta atividade orientada foi mesclada leitura do texto, anterior

a aula em sala virtual (*flipped classroom*), aula expositiva, e organização da linguagem em um dispositivo digital. Além da formação tecnológica, esta atividade desenvolveu iniciativa, criatividade, inovação, compromisso e trabalho em equipe, proatividade.

Não resta dúvida que um trabalho dinâmico produziu engajamento que afastou a ansiedade perniciosa, o tédio e a insatisfação por um cotidiano e, quem sabe por um futuro sem perspectiva.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Orgs.). **Ensino Híbrido**: Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BOOK CREATOR. *Remote Learning with Book Creator* (2020). Disponível em: https://bookcreator.com/. Acesso em: 30 out.2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus.** Disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/. Acesso em: 30 out.2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a Pandemia**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia. Acesso em 30 out/2020.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A descoberta do fluxo**: A psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CONTRIBUIÇÕES DA APRENDIZAGEM BASEADA NO AFETO: NARRATIVAS DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Erika Hortência de Jesus Santos[4]
Márcia Alves de Carvalho Machado[5]
Guadalupe de Moraes Santos Silva[6]

EIXO 1 – Interlocuções entre conhecimento e saber no Campo da Docência

Palavras-chave: Afetividade. Prática pedagógica. Pesquisa narrativa.

1 INTRODUÇÃO

Objetivo geral desta pesquisa foi discutir a importância das relações afetivas para o processo de ensino-aprendizagem, com vistas a identificar as contribuições da afetividade na relação professor-aluno para o desenvolvimento da aprendizagem. A escolha da afetividade na educação básica partiu da vivência de uma das pesquisadoras como cuidadora/educadora, no ano de 2019, em uma escola pública da cidade de São Cristóvão/Sergipe/Brasil, durante a realização do Projeto Rota do Conhecimento.

A investigação caracterizou-se pela pesquisa narrativa, com uso dos procedimentos da pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa narrativa em educação evidencia "[...] a voz do sujeito participante das investigações, opondo-se a visão dicotômica dos métodos convencionais de pesquisas entre investigador e investigado" (OLIVEIRA, 2017, p. 12149), representando a constituição de uma memória de si.

2 VIVÊNCIAS AFETIVIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL E AS CONTRIBUIÇÕES DA APRENDIZAGEM BASEADA NO AFETO

Clandinin e Connelly (2011 *apud* SAHAGOFF, 2015) afirmam que as pessoas aprendem sobre educação pensando sobre a vida, e aprendem sobre a vida pensando em educação, uma vez que a vida é composta de fragmentos narrativos. Assim, na vivência em questão, identificou-se que a significativa experiência vivenciada pela pesquisadora, contribuiu para a construção da sua identidade docente. Esse sentido, as percepções construídas no campo pedagógico tecem as narrativas que seguem na busca por evidenciar as contribuições da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Quando comecei a trabalhar como cuidadora no Projeto Rota do Conhecimento, na turma do 5° ano com aproximadamente 47 alunos em sala, no turno vespertino de uma escola pública municipal, as dificuldades para manter um diálogo, aproximação e até mesmo um pouco de confiança entre os alunos. Foi uma tarefa complexa, até que alcançássemos uma relação de respeito e aproximação, tudo foi vivenciado de forma gradativa e envolveu fazer uso de gestos simples, como procurar saber sobre o cotidiano dos alunos, se haviam se alimentado, qual era a

---

[4] Esta pesquisa apresenta resultados parciais dos resultados do trabalho de conclusão de curso da primeira autora, apresentado à Faculdade São Luís de França.

[5] Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França. E-mail: erika.jesus@sousaoluis.com.br [2] Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes. Professora regente da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso. E-mail: marcia.alves@sousaoluis.com.br.

[6] Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora da Faculdade Sâo Luís de França. Email: guadalupe_santos@fslf.edu.br.

idade, uma dinâmica de abraço ou apresentação, a fim de que contato transformasse a relação que estava sendo construída com os alunos e a qual impactasse os resultados da aprendizagem.

A relação de confiança foi aumentando aos poucos e a vontade das crianças em querer perguntar sobre determinado assunto foi sendo estimulada e potencializada, o contato visual se tornou mais direto e com isso percebi que o aprendizado foi se modificando, melhorando significativamente, as mudanças de comportamento foram ocorrendo. Percebi, nesse processo, que a relação de afetividade só funciona quando atinge todos os alunos, e que precisa estar relacionada às finalidades no processo de ensino-aprendizagem.

A turma, pela qual já tinha passado duas professoras, que permaneceram por pouco tempo, era conhecida, pelos alunos terem um perfil agressivo, um com os outros, e que o lado sexual era muito presente nas palavras, gestos e até mesmo nas atitudes. Um dos principais desafios foi quando percebi que a maioria dos alunos não sabia ler nem interpretar um pequeno texto, nem conseguiam resolver uma simples conta de adição. Diante desse contexto, logo nas primeiras semanas, comecei a ficar inquieta, ansiosa e, principalmente, com vontade de ajudar, na busca por fazer o melhor, por considerar que "[a] conduta do professor influi sobre a motivação, afetividade e a dedicação do aluno ao aprendizado" (MORALES, 1998, p. 61.).

Minha presença na sala causava incômodo para os alunos, percebia que existia um pouco de preconceito por conta da minha cor da pele negra e da postura que adotei. Os alunos passavam mais tempo pedindo para ir ao banheiro ou beber água do que dentro da sala concentrados. Depois de algumas semanas conhecendo o ambiente da escola, além dos direitos e deveres constituídos pela equipe gestora, resolvi fazer algumas mudanças na sala de aula quanto à disposição das cadeiras. Fiz pequenos círculos, deixando os alunos sentarem em dupla, trio ou grupo. Nesse formato já foi possível encontrar uma relação de afetividade, eles ficavam mais concentrados, pois estavam perto dos "amigos" que tinha mais afinidade, essa metodologia trazia resultado no processo de ensinar e principalmente de aprender. Segundo Vygotsky (2003), é através das influências das relações emocionais que, se transforma os comportamentos no âmbito educativo.

A metodologia das correções das atividades também foi modificada, mesmo com a sala cheia, eu chamava de dois em dois para a verificação dos cadernos, buscava olhar para o aluno e perguntar se ele tinha feito sozinho ou qual dificuldade encontrou ao fazer as atividades. Ao iniciar as aulas sempre tinha uma conversa informal perguntando sobre sua rotina o que tinham almoçado, lanchado e quais eram suas comidas preferidas. Sempre tentando conhecê-los mais e compreender a realidade em que vivem. Conhecer seu ambiente familiar. Por se tratar de uma escola localizada na zona rural, a maioria dos alunos vivia da agricultura familiar ou da pesca, sempre existia um momento reservado para que alguns alunos falassem sobre a vivência em sua comunidade, era um dos momentos mais esperado da turma.

Percebi que aos poucos o comportamento dos alunos foi mudando, a vontade de sair da sala toda hora foi diminuindo, as perguntas durante as explicações de conteúdos foram surgindo e o interesse em responder às atividades na sala e, principalmente, as tarefas de casa tornou uma característica diferenciada da turma.

Uma das principais lições dessa vivência é que mesmo eles estando no 5° ano, a maioria não sabia como estudar, como dividir o tempo e não percebiam a importância da escola e os benefícios do que se aprende. A partir de muita conversa isso foi mudando. O trabalho com textos, mostrando como a educação poderia trazer mudanças significativas na vida deles e que existem muitos ganhos quanto se estuda com responsabilidade, buscou contribuir para que percebessem a relevância da educação, da escola.

Alguns alunos não sabiam nem escrever o seu nome completo, o nome dos pais, irmãos ou, até mesmo, da escola, após insistir na metodologia em escrever o nome completo nas últimas folhas do caderno e dando prazos para essa entrega os resultados foram aparecendo

devagar. É preciso dizer que não é algo imediato, nem que é possível alcançará todos os alunos no sentido de uma aprendizagem significativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer do presente estudo, entendeu-se que o aspecto afetivo também exerce forte influência no cognitivo, pois quando uma criança se sente amada, querida, respeitada pelo professor, que demonstra na sua prática pedagógica afetividade, com certeza sentirá acolhida e aceita. A afetividade não se limita a carinho físico, muita das vezes se dá em forma de elogios, ouvir o aluno, dar importância as suas ideias, saber qual é a sua cor preferida, ter um contato mais direto na hora de ensinar as atividades.

Assim, compreendeu-se que construir relações afetivas positivos no ambiente educativo contribui para o processo de ensino e aprendizagem, pois quando uma criança se sente acolhida, amada e respeitada pelo professor com certeza ela sentirá desejo de aprender. A relação educativa baseada no afeto transforma o ambiente de aprendizagem, o professor e principalmente o jeito de como o aluno enxerga à escola, o conhecimento e a importância de uma relação saudável. Diante disso, conclui-se que um bom relacionamento entre o professor e aluno facilita o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro. **Pesquisa narrativa e educação:** algumas considerações. In: XII Congresso Nacional de Educação/EDUCERE, III Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação/SIRSSE, 2017, Curitiba. *Anais*... Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa Narrativa**: uma metodologia para compreender a experiência humana. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação. SEPesq, 2015. Centro Universitário Ritter dos Reis. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf. Acesso em: 26 abr.2020.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MORALES, Pedro. **A relação professor aluno, o que é e como se faz.** São Paulo: Loyola. 1998.

RAPHAEL MONTES: ASMODEUS – A DOCE JEKATERINA

Tiago Nascimento Silva[7]
Natan Oliveira Santos[8]
Sara Rogéria Santos Barbosa[9]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

Palavras-chave: Literatura. Lembranças e memórias. Violência sexual.

1 INTRODUÇÃO

O escritor e roteirista Raphael Montes, famoso exclusivamente por suas narrativas policiais de suspense e de terror, estabelece relações entre a vida real e a ficção, ou seja, mostra aos seus leitores as semelhanças e afastamentos possíveis atravessados pela crueldade demonstrada em suas obras. Portanto, o autor busca uma forma de manter o leitor preso ao conto por causa da curiosidade que o livro transmite ao leitor em volta do mistério.

O objetivo deste resumo é analisar a aproximação entre a realidade e a ficção presentes em sua obra, uma vez que ele, Rafael Montes, gosta de trazer histórias que se aproximem ao máximo da realidade. Deste modo o respectivo trabalho acaba trazendo à tona uma situação atual da sociedade e conto arremata tudo isso com uma reviravolta surpreendente.

2 AS LEMBRANÇAS DE MIKHAIL

Mikhail, um jovem rapaz que acabou de chegar à capital vindo de um vilarejo onde viveu toda a sua juventude. Logo que chega à cidade, ele começa a lembrar de sua juventude, com passeios até a cidade, as muitas festas e mulheres, as noites de farra onde visitava bordeis e gastava seu dinheiro com prostitutas. Sua predileção eram as mulheres obesas, ficava admirado com seus corpos descomunais.

Em uma dessas lembranças vem a sua mente Jekaterina uma moça que morava ao lado da sua casa e que se encaixava, segundo ele, nos padrões de mulher formosa. Ele começa a perseguir e a observar constantemente a rotina da garota, como não conseguia mais se conter apenas observando, esperou o momento para pegar a garota à força e mantem uma constância de estupros por longos 4 anos. A violência só cessa quando o pai de Jekaterina morre e ela é obrigada a mudar de cidade.

> Até hoje, Mikhail não entende por que Jekaterina nunca contou nada ao pai. Entregava-se a ele com a mesma diligência com que fazia os deveres da escola. Foram quatro anos até que a morte de Akim levou Jekaterina, órfã, a morar na cidade com tia Larisa. (MONTES, 2015, p.49)

Passados alguns anos era ele agora a pessoa obesa, sem vida social por conta das limitações causadas pelo excesso de peso. Aparece uma visita inesperada em sua porta. Era ela, a garota que ele fez passar por momentos horríveis. Ele, sem saber o que fazer, abre a porta e

---

[7] Graduando em letras – Português, Graduado em eletromecânica pelo Colégio & Curso Gabarito. E-mail: Tiago.nascimento@sousaoluis.com.br

[8] Graduando em letras – Português, E-mail: Natan.oliveira@sousaoluis.com.br

[9] Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase em História do Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia de Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: <sararogeria@gmail.com>

sem muita conversa a agora mulher apenas fala que fazer sexo. Findo o ato, ela sai de sua casa sem falar nada, sem um gesto, um aceno. Nada. Apenas vai embora correndo. Aquela foi a última vez que Mikhail viu a menina que ele violentou durante anos.

> Desde aquele dia, ela nunca mais trocou palavras ou olhares com ele. Jekaterina já era mulher-feita e Mikhail não podia mais ganhá-la com ameaças e sexo forçado. Negou também a tentação de pagar por seus serviços. Contentou-se com a solidão. (MONTES, 2015, p.51)

Nesse momento a narrativa volta para os atos do presente, sai das lembranças dos últimos dias, e ele olha um documento que estava ali sobre a mesa, ainda não aberto. Era o resultado de um exame. Ele abre. Lepra. "O senhor tem lepra" (MONTES, 2015, p.51). Ele não sabia até aquele momento que Jekaterina, naquela noite que ela apareceu em sua casa, foi possível contrair uma doença sem cura que possivelmente o levaria à morte.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de Raphael Montes (Asmodeus: a doce Jekaterina) nos trouxe a percepção que o texto, segundo Aristoteles, tem ligações diretas com a tragédia, tendo em vista que os personagens representam situações que podem ser reconhecidas no cotidiano e apontam para ações que apontam para o caráter das personagens. Mas essa história é um retrato totalmente atual, pois mostra o abuso e a dominância do personagem masculino sobre a personagem do sexo oposto e essa violência se prolonga por quatro anos. A fragilidade da personagem feminina justifica-se por causa das ameaças, sem saber que isso poderia estar fazendo com que ela começasse a enxergar o quanto aquilo errado. Trazendo consigo um motivo para a reviravolta no fim do conto.

REFERÊNCIAS

MONTES, Raphael. **O Vilarejo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

COSTA, Lígia Militz da. **A Poética de Aristóteles:** Mímese e Verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do Conto.** Coletivo Sabotagem, 2004.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura:** Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

O PAPEL ESTRATÉGICO DO RH EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

Maria Vanilúcia dos Santos[10]

Eixo 2 - INTERLOCUÇÕES ENTRE CONHECIMENTO E SABER NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS

Palavras-chave: Competências. Humanização. Legislação. Resiliência.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de tantas incertezas, as relações de trabalhos passam por adequações e reestruturação imprescindíveis diante do atual cenário causado pela pandemia da COVID-19, onde, empregadores e empregados precisam consolidar suas metas e objetivos organizacionais em uma nova realidade de trabalho, seja no formato presencial, home-office ou híbrido.

Esta pesquisa objetiva demonstrar o papel estratégico que a área de Recursos Humanos, exerce neste cenário de pandemia, alicerçada sobre quatros pilares, sendo estes: humanização, resiliência, competências e legislação trabalhistas. A metodologia utilizada constitui em análise documental e análise de entrevistas concedidas aos jornais televisionados, bem como, de pesquisa/matéria exibidas também por estes, acerca das relações de trabalho no cenário da pandemia da COVID-19.

A presente trabalho justifica-se pela importância de ressaltar as alterações nas relações de trabalhos impostas pela pandemia, em que, as empresas precisaram-se adequar o trabalho presencial ao modelo home-office, sem tempo para estruturar e capacitar seus gestores e empregados aos desafios da nova modalidade, emerge neste momento, a área de Recursos Humanos como papel estratégico com desígnio de trabalhar a humanização nas organizações, exercitando a resiliência, valorizando as competências técnicas e comportamentais, e ainda adequando as alterações e flexibilizações impostas pela legislação trabalhista, enfatizando o bem-estar dos colaboradores atrelados à um retorno extraordinário nas organizações.

2 O PAPEL ESTRATÉGICO DO RH ALICERÇADO SOBRE QUATRO PILARES

O pensar estratégico do RH sobre o pilar da Humanização precisa enxergar o profissional com ser completo, uma pessoa que detém qualidades, defeitos e também dotado de emoções, neste sentido, o objetivo principal será a valorização do capital humano, permitindo que as pessoas possam se desenvolver da melhor forma, encontrando seus maiores potenciais,

[10]Gestora em Recursos Humanos, com experiência a mais de vinte anos na área de Recursos Humanos, Professora Especialista na Faculdade São Luis de França. E-mail: vanilucia@hotmail.com.

por outro lado, a organização terá a relação “ganha-ganha”, em que, se utilizará das competências profissionais de seus empregados e poderá reter esses talentos em sua organização com vistas ao alcance de suas metas ou competências essenciais, neste sentido podemos compreender:

> O homem é social: a participação em organizações é importante na vida das pessoas porque as conduz ao envolvimento com outras pessoas ou grupos. Nos grupos ou nas organizações, os indivíduos procuram manter a identidade e seu bem-estar psicológicos e usam seus relacionamentos com outras pessoas para obter informação sobre si mesma e sobre ambiente em que vivem. (CHIAVENATO, 2009, p. 66)

O agir estratégico do RH sobre o pilar da Resiliência compreende o profissional e sua capacidade de se reinventar, de adaptar-se as mudanças, de super obstáculos, de resistir as pressões, bem como, a situações adversas, o agir aqui, ponderará sobre todas as pressões impostas pela pandemia da COVID-19, em que, o isolamento social constitui um dos quadros impactantes as pessoas que viram-se obrigadas a afastar-se do trabalho presencial, dos colegas de trabalho e ainda de seus amigos e entes queridos, entendendo aqui que, a humanização no trabalho nos fará ter um olhar ameno a estes trabalhadores e na resiliência, no suportar pressões, o saber lidar com as perdas e o distanciamento social impostos pela pandemia.

O desenvolver estratégico do RH sobre o pilar das Competências entrelaça os conhecimentos, as habilidades e as atitudes dos profissionais, classificando em competências técnicas e comportamentais, objetivando mapear as competências já existentes e identificando as lacunas a serem desenvolvidas nas pessoas pertencentes as organizações, com o advento da pandemia inúmeros trabalhadores descobriram ou desenvolveram novas habilidades de ordem técnica ou comportamental, muitos tiveram necessidade de se reinventar, visto ao fechamento das atividades não essenciais, industriários, comerciantes e prestadores de serviços, buscaram novas alternativas de viabilidade de seus negócios, um grande exemplo foi o aumento do e-commerce, delivery e o fenômeno da “uberização”.

De acordo com Chiavenato (2009, p.66):

> Embora se possam ver as pessoas como recursos, isto é, portadoras de habilidades, capacidades, conhecimento, competências, motivação de trabalho etc., nunca se deve esquecer que as pessoas são pessoas, isto é, portadoras de características de personalidades, expectativas, objetivos pessoais, histórias particulares, etc. Convém, portanto, salientar algumas características genéricas das pessoas como pessoas, pois isso melhora a compreensão do comportamento humano nas organizações.

O aplicar estratégico do RH sobre o pilar da legislação busca mesurar sobre o saber teórico e a aplicabilidade da legislação trabalhista, compreendendo suas inovações, alterações

ou flexibilizações decorrentes do período de pandemia da COVID-19, foram mais de vinte e oito medidas provisórias editadas, bem como, MP's convertidas em leis e decretos, flexibilizando artigos da Consolidação das Leis do Trabalho, no tocante as férias, banco de horas e teletrabalho, inovações como suspensões de contrato de trabalho por períodos pré-determinados e permissão de redução de jornadas e salários, conforme percentuais pré-definidos pela nova legislação, ressaltando ainda a criação do benefício emergencial – BEM.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o papel estratégico desenvolvido pela área de Recursos Humanos, versada sobre os pilares da humanização, da resiliência, das competências e da legislação trabalhista, nos remete a perceber as dimensões intrínsecas nas organizações, decorrentes das relações de trabalho, em que, empregadores e empregados, precisam desenvolver uma relação "ganha-ganha". Pensar o bem-estar dos colaboradores nas organizações, bem como, a comunicação organizacional de forma assertiva, são formas de mitigar problemas e criar possibilidades de aumento na produtividade, uma vez que, os empregados que se sintam pertencentes as organizações tendem a fazerem suas melhores entregas profissionais, neste sentido, o RH exerce o papel estratégico na consolidação dos pilares abordados proporcionando a valorização das pessoas e a vantagem competitiva às organizações.

REFERÊNCIAS

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 4.ed. Barueri: Manole, 2014.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos: o capital humano das organizações**. 9.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

COVEY, S. R. **Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes**. 30 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007. LAKATOS, Eva Maria;

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Peason Prentice Hall, 2005.

CONTRIBUIÇÕES DA GESTÃO POR COMPETÊNCIAS NAS ORGANIZAÇÕES

Walewska Chaves de Jesus[11]
Maria Vanilúcia dos Santos[12]

Eixo 2 - INTERLOCUÇÕES ENTRE CONHECIMENTO E SABER NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS

Palavras-chave: Atitudes. Conhecimentos. Desenvolvimento. Habilidades. Implementação.

1 INTRODUÇÃO

Existe um termo chamado de "Gestão por Competências", que ocorre nas empresas que visam muitas vezes a qualidade e a produtividade da organização. Mas, antes de abordar o tema central é necessário sabermos o que é a Gestão Por Competências. A Gestão por Competência é uma área da gestão de pessoas que tem o objetivo de gerenciar e desenvolver os conhecimentos, habilidades e atitudes dos colaboradores nas organizações.

O conjunto de competências, forma o famoso "CHA", que faz com que o colaborador se torne apto a exercer um determinado cargo ou papel dentro da organização, de um modo geral, é algo vantajoso para o negócio. Por isso, muitas vezes, as organizações necessitam da criação de mecanismos para poder treinar, capacitar e desenvolver pessoas.

Neste sentido, o presente resumo expandido tem como objetivo aclarar a importância da implementação da gestão por competências na empresa, em que, a metodologia aplicada constituem em analise documental e pesquisas em sites especializados, revistas, matérias em jornais, artigos científicos, e posteriormente a elaboração dos pontos relevantes na constituição do resumo expandido. A presente pesquisa justifica-se pela importância em demonstrar a necessidade das organizações optarem pela implementação da gestão por competência para a assertividade e aumento na produtividade de seus colaboradores.

[11] Graduanda do 3º período do Curso de Gestão em Recursos Humanos da Faculdade São Luis de França. E-mail: walewska.jesus11@gmail.com.
[12] Gestora em Recursos Humanos, com experiência a mais de vinte anos na área de Recursos Humanos, Professora Especialista na Faculdade São Luis de França. E-mail: vanilucia@hotmail.com.

2 CONTRIBUIÇÕES DA GESTÃO POR COMPETÊNCIAS NAS ORGANIZAÇÕES

A abordagem da Gestão por Competência visa identificar um modelo de competência bastante apropriado, e esta abordagem tem uma estrutura que lista as competências necessárias para ser eficaz no cargo atribuído para cada colaborador. Para a empresa é muito importante a gestão por competências, pois, a implementação dela traz diversas mudanças para a organização, uma delas é a longevidade, mas para começar a implantação na organização deve-se escolher as competências organizacionais centrais que devem ser desenvolvidas na empresa.

A implementação da gestão por competência desenvolve por meio da avaliação e do desenvolvimento da equipe, faz com que a empresa esteja nutrindo talentos que poderão vir há assumir uma determinada gestão no futuro. E com isso, dessa maneira, poderá garantir que o negócio seja sempre conduzido por profissionais altamente capacitados para as funções. De acordo com Taylor (1970, p. 9), "[...] A preocupação das organizações em contar com indivíduos capacitados para o desempenho eficiente de determinada função não é recente.". Neste sentido, Taylor (1970), já deixava claro que no início do século passado, para as necessidades de as organizações contarem com colaboradores eficientes, ressalta que a procura por aqueles que são competentes excedia a oferta.

Com esse entendimento, não é necessário ir muito longe para ver as diversas vantagens dessa prática na organização, pois, a Gestão por Competência é focada em melhorar o desempenho dos colaboradores na empresa, atingindo as habilidades, comportamentos e conhecimentos essenciais. É por este motivo, se deverá ter especial atenção ao definir as competências centrais dentro da organização. Logo no início, a curto prazo, já é bastante presente o impacto positivo sobre a eficiência operacional. A partir disso, deve-se elaborar uma lista de competências, um passo indispensável é comunicá-la a todos os colaboradores da sua empresa, para que todos fiquem cientes.

Sendo ainda, necessário garantir que a organização tenha políticas para que o aprendizado organizacional seja capaz de oferecer oportunidades para que sua equipe desenvolva as competências desejadas. Uma breve e clara explicação é que não adianta exigir que determinado colaborador apresente uma esperteza em negociação se você não oferece a ele nenhuma oportunidade de desenvolver essa habilidade. De acordo com Zarifian (1996 p. 9), "[...] assumir responsabilidades frente a situações de trabalho complexas [aliado] (...) ao exercício sistemático de uma reflexividade no trabalho."

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização que for capaz de traduzir a sua visão e os seus valores para os funcionários de modo que façam sentido no dia a dia da vida profissional de cada colaborador, permite criar um alinhamento mais próximo entre as metas e as ações dos colaboradores. Todas as competências são definidas pelos comportamentos que podem ser compreendidos, medidos e incorporados pelos funcionários.

Em síntese, os funcionários poderão perceber claramente quais habilidades são necessárias para o próximo passo na sua carreira, fazendo com que adquiriram conhecimento, habilidades e atitudes para que possam empregar os recursos disponíveis e entregar mais valor para a organização. E todo esse aumento no rendimento habilita a empresa a realização de objetivos mais ousados, como buscar o crescimento de sua participação no mercado, aumentar produtividade e qualidade no produto ou serviço ofertado.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Felipe. **Gestão por Competência: o que é e quais seus objetivos?** Impulseup, 2017. Disponível em: https://blog.impulseup.com/o-que-e-gestao-por-competencia/. Acesso em: 04 nov. 2020.

FERNANDES, Kátia Regina. **Gestão Por Competências: o que é, importância e como implantar definitivamente na sua organização.** Twygo,2018. Disponível em: https://www.twygoead.com/site/blog/gestao-por-competencias/. Acesso em: 04 nov. 2020.

TAYLOR, Fayol. Weber. **Princípios de administração científica**. São Paulo: Atlas, 1970. Disponível: https://www.scielo.br/pdf/rae/v41n1/v41n1a02.pdf. Acesso em: 05 nov. 2020.

ZARIFIAN, P. **A gestão da e pela competência. In: SEMINÁRIO EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, TRABALHO E COMPETÊNCIAS.** Rio de Janeiro: Centro Internacional para a Educação, Trabalho e Transferência de Tecnologia, 1996. Mimeo. Disponível: https://www.scielo.br/pdf/rae/v41n1/v41n1a02.pdf. Acesso em: 04 nov. 2020.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: SISTEMA INTELIGENTE DE TRANSPORTE PARA *BUS RAPID TRANSIT (BRT)*

Francisco Manuel Navarro Caldas[13]
Mônica Maria Liberato[14]

EIXO 2 - Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Administração pública. Inovação. Transportes públicos. Tecnologia

1 INTRODUÇÃO

Nas ultimas décadas, o Brasil sofreu um grande processo de êxodo rural, fomentado pela procura de trabalho devido à industrialização dos centros urbanos, o que acarretou em um intenso crescimento urbano, não planejado, das regiões metropolitanas, ao mesmo tempo, uma política que incentivou a indústria automobilística e não incentivou o transporte público. O resultado deste processo, hoje são cidades com o sistema viário deficitário e com um volume de carros acima de sua capacidade. Com falta de espaços públicos, passeios irregulares sem acessibilidade, trânsito, poluição, custos elevados, transporte publico insuficiente e de má qualidade. O que estimula que as pessoas procurem alternativas de transporte particulares. O que agrava ainda mais o problema em um ciclo vicioso.

Assim, o presente trabalho tem o objetivo de apresentar o que é o Sistema Inteligente de Transporte (ITS) e seu papel no sistema de transporte público BRT - *Bus Rapit Transit*, usando o exemplo o projeto do sistema o BRT projetado para Aracaju. Para isso, foi utilizada a metodologia bibliográfica e documental.

2 SISTEMA INTELIGENTE DE TRANSPORTE (ITS)

O termo Sistema Inteligente de Transporte (*Intelligent Transport System* – ITS*)* é de fato a contribuição dos sistemas computacionais, nas mais diversas áreas, adaptadas para o transporte público. Ainda não existe uma definição de quais sistemas, especificamente, fazem parte deste conceito de ITS. A inserção de diversas tecnologias da Informação no sistema de transporte tem contribuído para controle, melhora desempenho, conforto e segurança do transporte (ZHU *et al.*, 2018). O objetivo dos ITS é aumentar a mobilidade e a segurança no tráfego, reduzindo os impactos ambientais do transporte (GHANBARI *et al.*, 2017).

Em Aracaju, todo o planejamento tecnológico foi dimensionado para o projeto do Jaime Lerner, concluído em 2015. São eles: Infraestrutura de comunicação de dados, Data Center, Sistemas de Gestão de Frota Georeferenciado, CIO - Centro Integrado de Operações, semafórica inteligente e integrado com prioridade seletiva, circuito fechado de TV para monitoramento e bilhetagem eletrônica. Todos esses sistemas são complementares a infraestrutura do BRT, e alguns, essenciais para esse modelo de transporte, como é o caso do semáforo inteligente e do centro de operações.

Um sistema de transporte público BRT, trata de um sistema complexo com o funcionamento, simultâneo, de centenas de ônibus, centenas de cruzamentos inteligentes com

[13] Bacharel em Ciência da Computação (UFS), Pós-graduado em Gestão da Tecnologia (FANESE), Pós-Graduado em Redes de Computadores (UFS), Pós-graduando em Engenharia de tráfego (UNYLEYA). fmncaldas@gmail.com

[14] Doutoranda de Ciência da Propriedade Intelectual (UFS). Mestre em Marketing/ADM (UL/UFPB). Mestre em Turismo (IFS), Faculdade São Luis de França – Grupo Tiradentes. E-mail: prof.monicaliberato@gmail.com

prioridade seletiva, estações e terminais com informações online, computadores espalhados com os operadores, sistemas de segurança, câmeras, bilhetagem eletrônica, GPS, dispositivos móveis, e todos esses sistemas se comunicando com o Centro de operações e o Data Center (LUSIKKA; KINNUNEN; KOSTIAINEN, 2020). Essas novas tecnologias para coletar e analisar dados de sistemas em tempo real podem ter impactos significativos sobre operações de transporte (OKRASZEWSKA *et al.*, 2018). No projeto do BRT de Aracaju, foi projetada uma rede de fibra ótica todos os corredores de faixa segregada com estações, num total de 5 corredores com 60 Km de fibra ótica, representado pela linha azul clara. Esta rede interliga todas as estações e terminais com a central de operações com uma capacidade inicial de 1.2 Terabits com alta disponibilidade. Esta rede foi dimensionada para ligar todos os sistemas previstos do projeto de BRT (ARACAJU, 2015).

Quanto mais tiver tecnologia implementada no sistema, mais dependente ele se torna de um ambiente estruturado de equipamento e de profissionais para mantê-lo sempre operando (MANGIARACINA *et al.*, 2017, LARANJEIRA, P.; TAVARES, 2018). Um data center, garante a segurança dos equipamentos, proteção contra incêndio, controle de acesso aos computadores, e a autonomia energética dos sistemas funcionando 24 horas por dia. No projeto do BRT de Aracaju, foi previsto uma data center, com uma sala segura de 20 m² com autonomia energética através de 2 geradores e as estações com autonomia de até 8 horas sem energia elétrica (ARACAJU, 2015).

Com o Sistema de Gestão de Frota Georreferenciado é possível fazer o acompanhamento do ônibus, de forma online, em todo o seu trajeto enquanto estiver operando nos corredores. Isto é possível, devido à instalação de um dispositivo de GPS que capta dos satélites a posição exata do ônibus a cada instante, conforme programado. Este dispositivo, coleta além da localização do ônibus, dados técnicos do ônibus.

O semáforo inteligente é um equipamento capaz de fornecer programação adequada em um cruzamento, através de medidas de demanda de trafego. No BRT de Aracaju, no projeto do BRT de Aracaju foram definidos 79 cruzamentos com prioridade seletiva nos corredores troncais com via segregada ao lado. E 54 em corredores secundários com faixas exclusiva do lado direito como sincronismo de sistema progressivo. Ambos do projeto tecnológico do BRT da SMTT onde foi inserida a prioridade seletiva controlada, com semáforo próprio e exclusivo para a faixa do BRT, para um tratamento diferenciado do tráfego de veículos no mesmo sentido do ônibus. No projeto existem 16 tipos de cruzamentos diferentes (ARACAJU, 2015). No sistema do BRT de Aracaju, foi projetado com 350 câmeras de alta definição, onde 70 se localizam nas áreas externas das estações e terminais, com áreas de cobertura de quase todo o corredor, câmeras internas nas estações e terminais, dando mais segurança ao usuário e inibindo os assaltos e o vandalismo etc.

3 CONSIDERSAÇÕES FINAIS

Um sistema de trânsito rápido de ônibus (BRT) é uma solução de transporte público de excelente qualidade, que tem todo o potencial necessário para mudar a realidade da mobilidade nas cidades Brasileiras, dentro de um orçamento acessível, com uma rápida velocidade de implantação e com efeitos positivos em curto prazo. Além de oferecer uma oportunidade para criar um sistema capaz de atender às necessidades dos usuários e empresas do setor que combinam instalações, equipamentos, serviços e elementos do sistema de transporte inteligente em um sistema integrado.

REFERÊNCIAS

ARACAJU, Sergipe. **Plano diretor de mobilidade de Aracaju**. Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito – SMTT, 2015. Disponível em: http://www.smttaju.com.br/mobilidade-urbana/PLANO-DIRETOR-DE-MOBILIDADE.pdf. Acesso em: 13 out.2017.

LARANJEIRA, P.; TAVARES, José Pedro MP. **Análise de Componentes principais dos detetores de um sistema inteligente de transportes**. 2018. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal.

LERNER, Jaime. **Ações para mobilidade urbana em Aracaju**. Relatório Complementar Volumes 1 a 3, Aracaju, 2015.

LUSIKKA, Toni; KINNUNEN, Tuomo K.; KOSTIAINEN, Juho. ***Public transport innovation platform boosting Intelligent Transport System value chains***. Utilities Policy, v. 62, p. 100998, 2020.

MANGIARACINA, Riccardo *et al*. **Uma visão abrangente dos sistemas de transporte inteligentes para mobilidade urbana inteligente**. Jornal Internacional de Pesquisa e Aplicações Logísticas , v. 20, n. 1, pág. 39-52, 2017.

OKRASZEWSKA, Romanika *et al*. **Integração de um modelo de sistema de transporte multinível no planejamento de mobilidade urbana sustentável**. Sustentabilidade, v. 10, n. 2, pág. 479, 2018.

ZHU, Li *et al*. ***Análise de big data em sistemas de transporte inteligentes*****:** uma pesquisa. IEEE Transactions on Intelligent Transportation Systems, v. 20, n. 1, pág. 383-398, 2018.

O PAPEL DA GESTÃO DE COMUNICAÇÃO NO RAMO ALIMENTÍCIO.

Camila Fernanda Ramos Almeida Pedrosa[15]
Larissa Vitória Carvalho Silva[16]
Jorge Maikel Alves Batista[17]

EIXO 2 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais Aplicadas

Palavras-chave: Plano de Comunicação. Produção. Ramo Alimentício.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Feigenbaun (1994), após o recebimento das informações, é importante a adesão e o compromisso do empregado com a qualidade. Segundo ele, a comunicação clara dos benefícios reais obtidos pelo novo e forte programa de qualidade representa a base para a obtenção de um comprometimento do indivíduo com a qualidade em toda a empresa, assim como, em seus produtos alimentícios.

A presente pesquisa caracteriza-se como exploratória, de natureza qualitativa. A metodologia deste trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita.

O objetivo do trabalho é mostrar a importância de uma comunicação eficiente para o desenvolvimento e integração dos setores dentro da organização.

2 GESTÃO DA COMUNICAÇÃO

O Plano de Comunicação serve como linha de orientação para todas as comunicações internas e externas em relação aos públicos alvo a atingir e informar, incluindo os objetivos estratégicos, as mensagens, o público, as atribuições de responsabilidades, medições de efetividade, qualidade e quantidade, a avaliação necessária e os orçamentos de suporte ao seu cumprimento quando pertinente.

Sendo assim tem como objetivo apoiar as estratégias de um projeto e fornece assim ações para a comunicação organizacional durante sua elaboração e acompanhamento nas suas diferentes etapas, bem como a definição de métodos de avaliação, monitorização e aplicação.

Kunsch afirma que:

> As organizações modernas não podem se limitar apenas a divulgação de seus produtos ou serviços. Necessitam se identificar perante um público consumidor cada vez mais exigente. A comunicação institucional deve agregar valor ao negócio das organizações e contribuir para criar um diferencial no imaginário dos públicos. (KUNSCH, 2003, p. 167)

Se o ramo alimentício já tem uma boa clientela e alguma publicidade é necessária a implantação de um Plano de Comunicação, pois ainda percebe-se a falta de divulgação externa

---

[15]Graduanda em Administração de Empresas da Faculdade São Luís de França. E-mail:
[16]Graduanda em Administração de Empresas da Faculdade São Luís de França. E-mail:
[17]Mestre em Ciência da Propriedade Intelectual, Professor da Faculdade São Luís de França. E-mail: jmaikel.jm@gmail.com

de muitas casas excelentes, de fidelização de clientes, de comunicação interna, o que gera a rotatividade imensa de funcionários, e a necessidade de melhorias em espaços com excelentes hábitos e imagem.

Muitos proprietários e gestores de restaurantes não têm o conhecimento da importância da Comunicação nas Instituições desse ramo; o Plano de Comunicação então deve acontecer para criar/manter/melhorar a imagem perante os públicos de interesse da organização. Isso significa que em um estabelecimento, até mesmo de pequeno porte, não é só a Comunicação externa que merece atenção, mas também se deve cultivar a conscientização de que todos são responsáveis pela comunicação o que refletirá nos processos externos. Kunsch (2003) afirma que,

> [...] entre os objetivos de comunicação o de buscar o equilíbrio entre os seus interesses e os dos públicos a elas vinculados. Esse objetivo só será alcançado se a comunicação for planejada de forma estratégica, utilizando técnicas de relacionamentos e meios específicos, devidamente selecionados, e integrando todas as atividades comunicacionais, dentro de uma filosofia de comunicação organizacional integrada. (KUNSCH, 2003, p.14)

Assim este Plano de Comunicação visa despertar a importância da comunicação interna e externa no processo do desenvolvimento do sistema alimentício e é de extrema importância nesse meio alimentício, realização de questionários e entrevistas informais feitas com os colaboradores. Fazendo do que as ações e estratégias propostas sejam apoiadas em bases sólidas e justificadas a partir das necessidades e objetivos.

O planejamento identifica-se com as funções administrativas de organizar, dirigir e "controlar, manifestadas em todos os campos da instituição, como produção, distribuição, finanças e engenharia, proporcionando a linha mestra para as realizações em grupos". (FORTES, 2003, págs.185).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a comunicação é uma peça necessária para o desenvolvimento da organização. Uma boa comunicação reflete no bom relacionamento entre os membros da empresa, podendo assim manter um clima mais harmônico e de fácil convívio, o que irá consequentemente aumentar o desempenho dos funcionários.

Procurou-se assim, mostrar de maneira clara, a importância da comunicação tanto para as pessoas quanto para a organização, mostrando a necessidade de a empresa realizar novos estudos para aprimorar, constantemente, os processos dentro do estabelecimento, programando modos de motivar ainda mais os colaboradores.

REFERÊNCIAS

FEIGENBAUM, A. V. **Controle da qualidade total**. São Paulo: Makron Books, 1994. v. 1.

FORTES, Waldyr Gutierrez. **Relação Publica:** processo, funções, tecnologia e estratégias. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

KUNSCH, Margarida. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo: Summus, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO ENTRE A SEGMENTAÇÃO E O POSICIONAMENTO EM MARKETING NA CRIAÇÃO DE VALOR PARA O CONSUMIDOR

Ellen Monique de Souza[18]
Wheslayne Cardoso Feitosa[19]

EIXO 2 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Marketing. Posicionamento. Segmentação. Valor.

1 INTRODUÇÃO

O mercado está sempre se diversificando para atender as exigências de uma sociedade que não para de mudar e evoluir. Para manterem-se competitivas, as empresas precisam sempre se colocar a um passo à frente das outras, desenvolvendo pesquisas e aprimoramento estratégias de atuação. As estratégias mais assertivas são aquelas que estão em consonância com a perspectiva do cliente, entrando de acordo com os seus anseios, valores e expectativas. O Posicionamento em Marketing auxilia as empresas a melhor se projetarem no mercado, a segmentação, por sua vez tem a ver com orientações da empresa relativa a estratégias direcionadas ao seu público alvo em especifico. Diante da necessidade de entender a relação entre esses dois fatores, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a influência que a segmentação e o posicionamento em marketing podem exercer na criação de valor para o consumidor. As discussões teóricas apresentadas nesse estudo são importantes tanto para estudantes da área de administração e afins, quanto para profissionais que lidam com planejamento de marketing, como possibilidade de lhe servir como norte teórico preliminar.

O presente estudo apresenta uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativa, realizada a através de publicações coletadas de sites na internet e acervo pessoal. Inicialmente houve uma triagem, onde foram considerados periódicos livros e revistas que abordavam o tema, em seguida foi feita uma análise e relação dos conteúdos a fim de se chegar a uma conclusão sobre a questão investigada. Autores como Ikeda & Modesto Veludo-de-Oliveira (2005), Etzel, Walker e Stanton (2001), Bernardez (2005) Moura & Aráujo (2014) entre outros, foram considerados para embasar o estudo.

2 VALOR, SEGMENTAÇÃO E POSICIONAMENTO.

O conceito de valor em marketing varia de acordo com a perspectiva e as áreas de conhecimento com que dialogam (IKEDA & MODESTO VELUDO-DE-OLIVEIRA, 2005). Na perspectiva do cliente, valor é; "[...] a diferença entre as percepções do cliente quanto aos benefícios e quanto aos custos da compra e uso de produtos e serviços" (CHURCHILL; PETER, 2000, p. 13). Já para (KOTLER, 2000), *apud* Ikeda & Modesto Veludo-De-Oliveira (2005) o valor entregue ao cliente é entendido pela diferença entre valor total e custo total. Para o marketing o conceito de valor é importante no processo de segmentação do mercado, e na orientação para o posicionamento da marca de acordo com as características do público alvo. Etzel, Walker e Stanton (2001, p. 160), explica que segmentar é "dividir o mercado total de um

[18]Graduanda do curso de Administração pela Faculdade São Luís de França. E-mail:<ellen.monique@sousaoluis.com.br>.
[19] Graduanda do curso de Administração pela Faculdade São Luís de França. E-mail: <Wheslayne00@sousaoluis.com.br>.

produto ou serviço em diversos grupos menores, internamente homogêneos".

"Os estudos de segmentação procuram identificar grupos de clientes com características comuns, definidas, por exemplo, em termos demográficos, de atitude, estilo de vida e área geográfica" (IKEDA & MODESTO VELUDO-DE-OLIVEIRA, 2005, p 15). Assim, a tarefa de segmentar "orienta a decisão sobre quais segmentos focar; estimula a identificação de possibilidades estratégicas de diferenciação de ofertas; realça a importância de ação empresarial proativa na configuração do mercado de atuação" (TAVARES, *et al.*, 2011, p. 108)

Dessa forma, "o valor para o cliente se apresenta como mais uma possibilidade de segmentação de mercado, pois é possível identificar indivíduos com orientações de valores semelhantes em relação a seus comportamentos" (IKEDA & MODESTO VELUDO-DE-OLIVEIRA, 2005, p 15). Segundo os autores, conhecer quais são os atributos e valores pessoais que os consumidores atribuem a uma determinada categoria de produtos são informações importantes que ajudam no posicionamento estratégico de uma marca ou empresa. Isso porquê, o posicionamento envolve decisões estratégicas que trabalham com a percepção do consumidor, influenciando no processo de decisão de compra (OLIVEIRA *et al*., 2008). Segundo (KOTLER & KELLER *apud* MOURA & ARÁUJO, 2014, p. 14-15):

> Posicionamento é a ação de projetar o produto e a imagem da empresa para ocupar um lugar diferenciado na mente do público-alvo. Parte-se do conceito de quanto mais diferente, melhor. Essa diferenciação deve ser feita respeitando o Mix de Marketing e de acordo com uma linha de comunicação tangível e devidamente estruturada. (KOTLER & KELLER *apud* MOURA & ARÁUJO, 2014, p. 14-15)

Para Bernardez (2005, p. 65) "o resultado final do posicionamento é a criação bem sucedida de uma proposta de valor focada no público, uma razão convincente para o mercado-alvo comprar o produto ou serviço oferecido". Para Nogueira & Sette (2013), o posicionamento precisa ser bem estruturado, pois o interesse do consumidor no produto e/ou empresa depende da forma com os produtos são colocados no mercado e da intensidade com que ocupam suas mentes.

A compreensão do que é valor para os clientes é a peça chave para empresas e marcas construírem estratégias de posicionamento e marketing mais eficientes, uma vez que possibilitam entrar em consonância com a identidade, os valores e anseios do público alvo de maneira mais direcionada, ou seja, através da segmentação, conseguem construir estratégias de posicionamento mais estruturadas e eficientes. Esse posicionamento, por sua vez, se bem articulado, consegue influenciar no conceito de valor para o consumidor e atrair o seu interesse, criando um círculo virtuoso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que o conceito de valor, segmentação e posicionamento se relacionam em uma cadeia de processos utilizados pelo marketing como estratégia para atingir os objetivos mercadológicos de uma empresa, ou marca, exercendo assim, de acordo com os seus objetivos, uma determinada influência sobre o olhar do cliente a respeito de um produto ou marca.

REFERÊNCIAS

BERNARDEZ, Gustavo. **Marketing para pequenas empresas**: dicas para a sobrevivência e crescimento do seu negócio. Blumenau: Hermann Baumgarten Editora, 2005.

CHURCHILL JUNIOR; PETER, J. P. **Marketing**: criando valor para os clientes. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ETZEL, M. J.; WALKER, B. J.; STANTON, W. J. **Marketing.** São Paulo: Makron Books, 2001.

IKEDA, Ana Akemi, MODESTO VELUDO-DE-OLIVEIRA, Tânia. **O Conceito de Valor para o Cliente:** Definições e Implicações Gerenciais em Marketing. READ - Revista Eletrônica de Administração, v.11, n. 2, p.1-22, março/abril de 2005. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401137445010 Acesso em: 2 nov.2020.

MOURA, Davi Jeremias da Silva; ARÁUJO, Ana Beatriz Alves de**. Marca, Posicionamento e *Brand Equity*:** Um Levantamento Teórico. Revista Tecnologia & Informação. Ano 1, n.3, p.7-19, jul./out, 2014.

NOGUEIRA, Caroline Mendonça, SETTE, Ricardo de Souza. Posicionamento em Marketing: Produção acadêmica Brasileira sob a ótica da Meta Análise. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – EMEPQ. **Anais...** 2013, Brasília-DF 3 a 5 de nov.2013.

OLIVEIRA, B., CAMPOMAR, M. C., & LUIS, C. **Posicionamento estratégico em turismo:** o caso Sabre Brasil. Rev. Tur. Anál, 64–84, 2008.

TAVARES, Mauro Calixta; AFONSO, Tarcisio; LOCATELLI, Ronaldo Lamounier. Segmentação de mercado, diferenciação de produtos e a perspectiva da antropologia do consumo. **Revista Gestão & Tecnologia,** Pedro Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 106-122, jan./jun. 2011.

PROCESSO DE TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL FRENTE À PANDEMIA: PERSPECTIVAS E DEMANDAS

Dayane Sousa Cruz[20]
Emmile Viviane silva da Cruz[21]

EIXO 2 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais Aplicadas

Palavras-chave: Impacto. Pandemia. Saúde.

1 INTRODUÇÃO

Pandemia é um termo utilizado para descrever uma situação em que determinada doença apresenta uma distribuição em grande escala, espalhando-se por diversos países. Uma das maiores pandemias que já afligiram a humanidade foi a de gripe espanhola**,** entre os anos de 1918 e 1920, em que cerca de 50 milhões de pessoas morreram. Atualmente, o mundo está em alerta com o surgimento de uma nova pandemia, causada pelo vírus SARS-CoV-2**.** Os primeiros casos da doença, denominada de COVID-19, surgiram na China, no final do ano de 2019. Em meados de março de 2020, a doença já estava presente em mais de 100 países (BIOLOGIA NET, 2020).

Diante do cenário ocasionado pela pandemia, os profissionais que atuam na linha de frente de combate ao covid-19, não puderam seguir as recomendações do ministério da saúde. Para estes, a situação foi totalmente contrária. Tiveram suas jornadas de trabalho estendidas e férias suspensas, o trabalho se tornou ainda mais árduo. Pois além de suas atribuições presenciais houve a adoção de cuidados paliativos para adequar à nova realidade social.

Este cenário implicou na participação efetiva dos/as assistentes sociais nas reuniões de gestão e das equipes multiprofissionais, para a definição das estratégias e a construção dos diversos fluxos institucionais necessários ao enfrentamento dessa nova realidade. A construção de um documento que definisse as nossas atribuições e competências, diante da pandemia do Covid-19, se constituiu em uma estratégia de demarcar o nosso papel para as demais categorias da equipe multiprofissional e a nossa intervenção junto aos/às pacientes e familiares (CFESS, 2020).

2 O COTIDIANO DO ASSISTENTE SOCIAL NA ÁREA DE SAÚDE EM MEIO A PANDEMIA

O Serviço Social é uma profissão com formação generalista e que tem como objeto as diferentes expressões da questão social Iamamoto, (2012), o que não impede que se possam pensar particularidades em cada espaço sócio ocupacional. Conforme Bravo; Matos (2006), na saúde o objetivo do Serviço Social é a identificação os aspectos econômicos, políticos, culturais, sociais que atravessam o processo saúde-doença, para assim, mobilizar recursos para o seu enfrentamento, articulado a uma prática educativa e que contribua para a emancipação das classes subalternas Abreu (2002).

---

[20] Graduanda do 4 º período do Curso de Serviço Social da Faculdade São Luis de França. E-mail:Dayane.sousa@sousaoluis.com

[21] Graduanda do 4º período do Curso de Serviço Social da Faculdade São Luis de França. E-mail: emmile.viviane@sousaoluis.com

A atual conjuntura sem precedentes na nossa história devido a proporção e a velocidade com que se alastrou em todo mundo, houve a necessidade da flexibilidade do profissional, sem ferir o Código de Ética que regulamenta a profissão. Diante disto, se faz necessário salientar alguns pontos no que diz respeito à atuação profissional do Assistente Social. O primeiro é a questão das tele visitas que tem sido um diferencial, e como algo novo ainda há muitas dúvidas sobre qual profissional deve assumir tal atribuição há uma tendência institucional a repassar essa função para o serviço social, porém tal ato coloca o assistente social na área infectada sem uma justificativa plausível, sendo que a outros profissionais que fazem parte da equipe já mantendo contato com o paciente que pode executar essa tarefa. Assim como, não é competência do assistente social passar boletim médico do paciente, pois tal profissional não detém conhecimento clínico.

O COVID 19 é muito mais que um processo biológico, que um processo clínico. Ele tem impactos sociais de classe, raça e gênero. O acolhimento, humanização, atendimento com dignidade, direito e cidadania é tão importante quanto a própria cura.

O profissional de Serviço Social, na área da saúde, exerce a profissão a luz da lei de regulamentação da profissão nº 8662, da resolução do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS n° 273/93 que institui o Código de Ética Profissional (ABEPSS, 1996). O Conselho Nacional de Saúde através da Resolução nº 218, de 06 de março de 1997, considerando as conquistas após a 8º Conferência Nacional de Saúde no ano de 1986, e o reconhecimento da importância do trabalho interdisciplinar na área da saúde, reconhece o assistente social como uma das catorze profissões da área da saúde de nível superior - junto com o biólogo, biomédico, educador físico, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, médicos, médicos veterinários, nutricionistas, dentistas, psicólogos e terapeutas ocupacionais. A resolução do CFESS n. 383, de 29 de março de 1999, indica este aspecto, “[...] o Serviço Social não é exclusivo da saúde, qualifica o profissional a atuar com competência nas diferentes dimensões da questão social no âmbito das políticas sociais, inclusive a saúde. (CFESS, 1999)

Nessa perspectiva, os profissionais relatam a fragilidade social vivenciada no contexto de pandemia mundial, de emergência em saúde pública, que apresenta e deixa mais evidente as desigualdades próprias do modo de produção capitalista. Isso nos coloca a repensar a ideia de que o novo coronavírus era democrático por que atinge todas as classes sociais, pois os mais de 10 milhões de infectados no mundo reafirmam a crise das condições sociais. O Brasil é o segundo país em números de casos de contaminação e mortalidade por Covid-19 e, nesse cenário, os/as assistentes sociais tem novos dilemas e desafios de trabalho, pois eles/as têm o dever ético de participar dos programas de socorro à população e o ponto de partida é avaliar a determinação social do processo saúde/doença CRESS, (2020).

A crise em seus diversos aspectos pode revelar a importância da profissão e sua relevante função social, a depender da capacidade das respostas profissionais que a categoria consiga emitir no âmbito da atenção imediata, de sua inserção em comissões de elaboração dos planos de contingência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a atuação do profissional de serviço social na saúde foi realizada mediante a questão atual, que causa grandes questionamentos acerca de como o profissional de serviço social que trabalha na linha de frente, quais as determinações e protocolos adotados e como este cenário mudou o cotidiano. O vírus é um problema biológico, a pandemia é algo social que afeta diretamente as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social, e o assistente social precisa dar respostas e atendimento profissional a todo cidadão que tenha seus

direitos violados e de que forma esses atendimentos estariam acontecendo de modo a atender as recomendações do Cress/Cfess alinhado as recomendações de prevenção do Covid 19.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da cultura**: perfis pedagógicos da prática profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

BRAVO, Maria Inês Souza; MATOS, Maurílio Castro. Projeto ético-político do Serviço Social e sua relação com a reforma sanitária: elementos para o debate. In: MOTA, Ana Elisabete *et al*. (Orgs.). **Serviço Social e Saúde:** formação e trabalho profissional. São Paulo: Cortez, 2006. Disponível em: http://www.fnepas.org.br/pdf/servico_social_saude/texto2-3.pdf. Acesso em: 28 mar.2020.

CFESS. **Coronavírus**: e quem trabalha na área da Saúde? CFESS, 2020. Disponível em: http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1697. Acesso em: 12 nov.2020.

IAMAMOTO, Marilda. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social**: ensaios críticos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

BIOLOGIA NET. **Pandemia**. Biologia net, 2020. Disponível em: https://www.biologianet.com/doencas/pandemia.htm. Acesso em: 13 nov.2020.

O EMPREENDEDOR E A CONTRIBUIÇÃO PARA O CRESCIMENTO ECONÔMICO

Camilla Dantas Santos[22]
Fábio José de Jesus[23]

EIXO 2 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Empreendedorismo informal. Empreendedorismo digital. Economia brasileira.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a preocupação do mercado se volta para outro tema relevante que é a relação entre a demanda e oferta, ou seja, a busca incessante de ofertante e demandante sobre a ótica da qualidade dos produtos e serviços. Não basta apenas produzir, mas garantir que o produto satisfaça o cliente dentro do que foi preestabelecido na sua aquisição, com a chegada do século XXI, o cenário econômico se mostrou mais relevante.

De acordo com Grego *et al.* (2010) no que concerne ao empreendedorismo no Brasil, o mesmo ganhou forças a partir da década de 90 com a abertura da economia e assim, se popularizou, propiciando a criação de várias entidades voltadas a temática, além disso com o processo de privatização das grandes estatais e a abertura do mercado interno para concorrência externa, anteriormente o termo empreendedor era quase que desconhecido e a criação de pequenas empresas limitava-se em função do ambiente político e econômico.

O empreendedorismo tem sido considerado como uma fonte de geração de empregos, riqueza e desenvolvimento, fazendo com que sociedades atrasadas, avancem progressivamente. Diante desse contexto justifica-se a realização do estudo por ser necessário entender a lógica que o empreendedorismo tem desempenhado atualmente, tanto para os países que venceram a recessão e voltaram a ter uma saúde econômica, quanto os que ainda tentam sair da enorme dívida e o baixo crescimento, pois ele traz oportunidades estratégicas para o crescimento, mesmo que em diferentes escalas.

Nesse sentido, este estudo teve por objetivo refletir sobre o empreendedorismo, a fim de ressaltar sua relevância no contexto socioeconômico atual. Trata-se de uma pesquisa teórica, fundamentada pelo procedimento da pesquisa bibliográfica.

2 EMPREENDEDORISMO: EMPREENDEDORISMO INFORMAL TRADICIONAL X EMPREENDEDORISMO INFORMAL DIGITAL

Conforme preconiza Dornelas (2005), o empreendedorismo em um país pode surgir como uma alternativa para estabilizar sua economia, pois é possível promover tanto o aumento da competitividade quanto a redução dos custos das organizações através dele.

O Sistema Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em 2019 realizou um mapeamento quantitativo acerca do perfil, número de adesão, rendimentos, principais serviços, dentre outros constructos, e observou nos resultados o crescimento relevante de novos indivíduos que aderiram ao registro de MEI, totalizando 8.4 milhões de

[22]Graduanda em Administração de Empresas da Faculdade São Luís de França. E-mail: amilla.dantas@sousaoluis.com.br
[23]Graduanda em Administração de Empresas da Faculdade São Luís de França. E-mail: fabio.jose@sousaoluis.com.br

inscrições até junho 2019, porém 72% dos MEI estão em atividade, atuando como empreendedores, sendo assim, há 6 milhões de MEI em atividade.

A formalização dos empreendedores individuais trouxe a esta segurança jurídica para os trabalhadores, quando formalizados, passam a estar protegidos pela lei, e passam maior credibilidade aos seus clientes sobre seu tipo de negócio. Sendo assim, por meio desse conjunto de informações, é possível verificar se de fato a informalidade no mercado de trabalho brasileiro tem evoluído nos moldes tradicionais ou se adquiriu uma nova configuração desde a segunda década do século XXI (GASPARĖNIENĖ; REMEIKIENE, 2015).

Segundo Gasparėnienė *et al.*, (2016), a economia informal digital pode ser entendida como atividades lucrativas que ocorrem de modo online, e estão relacionadas ao comércio ou ao fornecimento de serviços e que não são registradas, portanto o empreendedorismo informal recebe essa denominação de digital em virtude do ambiente em que estes ocorrem, que muitas vezes migram das ruas das cidades para o mundo criado com o surgimento da internet.

Sendo assim, o surgimento de novos nichos de atividades informais (Quadro 1) como o comércio ambulante, outras que surgiram devido ao surgimentos de novas tecnologias advindas da informatização, como é o caso dos motoristas de aplicativos (UBER, 99 POP, dentre outros), de entrega de alimentos do tipo *delivery* (Uber *eats*, *ifood*, etc.), que foram incorporados à gama de atividades informais, ou seja ao mercado de trabalho e a alta informalidade são resultantes do processo histórico de formação do trabalho no Brasil (KREIN; PRONI, 2017).

Quadro 1- Empreendedorismo informal tradicional x empreendedorismo informal digital

Variável	Empreendedorismo Informal Tradicional	Empreendedorismo Informal Digital
Forma de Pagamento	Dinheiro.	Dinheiro eletrônico, sistemas de pagamento *on-line* e transações financeiras escondidas.
Funções	Marketing, principalmente por meio do boca a boca, e canais de distribuição.	Produtos e serviços estão posicionados *on-line* e, em alguns casos, envolvem até mesmo centros de suporte.
Segmento	Local e com definição de um segmento alvo.	Internacional e auto segmentado.
Objetivo	Lucro.	Lucro, recursos digitais valiosos e banco de dados.

Fonte: Gasparėnienė e Remeinieke, 2015.

O entendimento da situação mais recente do trabalho no Brasil está à frente das mudanças conjunturais e no desempenho da economia nacional, conforme se observou durante a segunda metade da década de 2010, tendo em vista que o país foi surpreendido por uma grave recessão que não se registrava desde a década de 1930, e a trajetória da economia brasileira voltou-se para a desaceleração, sendo esta interrompida em 2014, dando os primeiros sinais de recessão, que afetou o PIB nacional e emergiu numa série de aumento do desemprego e da informalidade, uma vez que a queda substancial do PIB influencia diretamente os níveis de empregabilidade.

Segundo dados do IPEA (2019) diante dos fortes sinais de recuperação a partir de 2019, a retomada do mercado de trabalho brasileiro começou a perder forças ainda no segundo semestre deste mesmo ano, e os últimos meses, a manutenção da população ocupada tem ocorrido de maneira moderada, sendo relevante ao impedir a desaceleração das taxas de desocupação.

Diante desse contexto, os dados obtidos pela PNAD Contínua (2019), no último trimestre encerrado em outubro, os dados demonstraram que a taxa de desemprego estava em

11,6%, ou seja, 0,1 pontos percentuais, estando assim, abaixo dos dados observados no mesmo período de 2018.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se mediante a elaboração do estudo que as iniciativas econômicas de empreendedores tendem a ser a chave para enfrentar os desafios de produtividade em longo prazo nos países ricos, enquanto os países com rendas mais baixas lutam para encontrar formas mais produtivas para integrar suas populações que tendem a crescer rapidamente em suas economias. A priori inicie suas atividades buscando conhecer as condições de mercado e as possibilidades de sucesso do seu negócio, pois empreendedor é mais um imitador do que um inovador, e sem fazer esse levantamento prévio pode minar suas economias e sonhos em atividades que são pouco inovadoras e com raras possibilidades de sustentabilidade no mercado.

Sendo assim, tanto o Empreendedorismo informal tradicional X Empreendedorismo informal digital tem uma abertura relevante na economia atual, principalmente por se destacarem e deixarem para traz o desemprego, tendo em vista sua contribuição para economia no cenário atual.

REFERÊNCIAS

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo:** transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

GASPARĖNIENĖ, Ligita; REMEIKIENE, Rita. ***Digital shadow economy*:** *A critical review of the literature.* Mediterranean Journal of Social Sciences, v. 6, n. 6 S5, p. 402, 2015.

GRECO, S. M. S. S; FRIEDLAENDER JUNIOR, R. H.; DUARTE, E. C. V. G.; RISSETE, C. R.; FELIX, J. C.; MACEDO, M. M.; PALADINO, G. **Empreendedorismo no Brasil:** 2010. Curitiba, 2010.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Séries estatísticas conjunturais**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/series-estatisticas-conjunturais-2/. Acesso em: 11 out.2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Mensal de Emprego**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9180-pesquisa-mensal-de-emprego.html?=&t=o-que-e. Acesso em: 11 out.2020.

KREIN, J. D.; PRONI, M. W. **Economia informal:** aspectos conceituais e teóricos. Escritório da OIT no Brasil. Brasília: OIT, 2017.

SEBRAE. **Perfil do microempreendedor individual 2017**. Brasília, 2017.

DISCUSSÃO SOBRE O DANO EXTRAPATRIMONIAL TRABALHISTA

Jéssica Gomes Freire da Costa [24]
José Manoel dos Santos Neto [25]
Maria Graciele Alves dos Santos[26]

EIXO 2 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das ciências sociais e aplicadas.

Palavras-chave: Danos extrapatrimonial. Trabalhista. Reforma. Idenização. Reparação.

1 INTRODUÇÃO

A responsabilidade civil surgiu como matéria de âmbito civil. Todavia com o desenvolvimento da sociedade e com o surgimento do ramo do direito do trabalho novas relações jurídicas foram surgindo, o que gerou a necessidade de utilização da responsabilidade Civil na seara trabalhista, de modo a reparar os danos acarretados pelos atos ilícitos decorrentes das relações de trabalho. Não é incomum na Justiça do Trabalho o surgimento de lides que envolvam pedidos de reparação por danos extrapatrimoniais, nas suas diferentes modalidades, ocasionados por uma relação abusiva entre empregado e empregador.

Na seara trabalhista geralmente os danos morais aparecem, a título de exemplo, por meio de assédio moral, que pode ser entendido como elucidado pelo Tribunal Superior do Trabalho. Este trababo discute o dano patrimonialista na perspectiva trabalhista. Trataou-se d um estudo de cunho teórico, com uso do procedimento da pesquisa bibliográfica.

2 O DANO EXTRAPATRIMONIAL DO TRABALHADOR

A responsabilidade civil do empregador, danos morais causados ao empregado, caracterização e assédio moral vertical descente, no caso a moldura fática delineada a existência de conduta reiterada na empresa em submeter o empregado a tratamento vexatório e humilhante, em razão da cobrança excessiva para o cumprimento de metas impossíveis. O dano moral direto, na medida em que atinge os valores imateriais componentes do patrimônio humano e que, por isso mesmo, deve merecer a mais veemente repulsa do Judiciário. O assédio moral se caracteriza pela exposição dos trabalhadores a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas durante a jornada de trabalho e no exercício de suas funções, oriundas de condutas abusivas atentatórias à dignidade psíquica do indivíduo.

Dessa forma, o assédio moral se caracteriza por uma perseguição insistente em relação a um empregado ou a um grupo deles, geralmente com o objetivo de provocar pedido de demissão. Apesar de não ser comum, também existe o assédio *vertical ascendente*¸ praticado por um empregado ou como ocorre na maioria das vezes por um grupo deles em relação ao chefe (RESENDE, 2014).

Similarmente, as hipóteses de assédio sexual no local de trabalho também repercutem na esfera extrapatrimonial da vítima, gerando danos morais. Porquanto "gracejo e insinuações feitas à mulher no ambiente de trabalho, seguidas de chantagem, insistência ou importunação para fins sexuais causam constrangimento, dor e vergonha, a impor indenização por dano

[24] Gaduanda do 2º período do curso de Direito, Faculdade São Luis de França. E-mail: jessica.gomes@sousaoluis.com.br.
[25] Gaduando do 2º período do curso de Direito, Faculdade São Luis de França. E-mail: jose.manoel@sousaoluis.com.br.
[26] Gaduanda do 2º período do curso de Direito, Faculdade São Luis de França. E- mail: maria.graciele@sousaoluis.com.br.

moral" (GONÇALVES, 2009, p. 399).

Destarte, a gravidade das lesões a direitos extrapatrimoniais, quando recaem sobre o trabalhador, são bem definidas em harmonia com os ensinamentos de Gonçalves:

> [...] O empregador responde pela indenização por dano moral causado ao empregado, porquanto a honra e a imagem de qualquer pessoa são invioláveis (art. 5º, X, da CF). Esta disposição assume maior relevo no âmbito do contrato laboral, por que o empregado depende de sua força de trabalho para sobreviver. (GONÇALVES, 2009, p. 397)

Além do art. 5º, incisos V, X, XII da CF/88 que fundamentam o dever de respeito aos direitos de personalidade das pessoas, aplicável a todos os âmbitos do direito brasileiro, há na CF/88, o art. 7º, inc. XXVIII, que ao estabelecer os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais assegura o princípio da reparação integral: "[...] Art.7º [...]: XXVIII - seguro contra acidentes de trabalho, a cargo do empregador, sem excluir a indenização a que este está obrigado, quando incorrer em dolo ou culpa" (BRASIL, 1988).

2 INDENIZAÇÃO DOS DANOS EXTRAPATRIMONIAIS

Os danos extrapatrimoniais são originados por algum ato que venha a ofender o contratado a sua moral ou existência, sendo eles de acordo com Delgado (2019), moral, estético, imagem, e material como podemos ver no Art.223-B da Lei nº 13.467/2017, "[...] Art. 223-B Causa dano de natureza extrapatrimonial a ação ou omissão que ofenda a esfera moral ou existencial da pessoa física ou jurídica, as quais são as titulares exclusivas do direito à reparação" (BRASIL, 2017). Sabe-se que o Direito civilista brasileiro no Art. 949 do Código Civil Brasileiro:

> [...] Art. 949. No caso de lesão ou outra ofensa à saúde, o ofensor indenizará o ofendido das despesas do tratamento e dos lucros cessantes até ao fim da convalescença, além de algum outro prejuízo que o ofendido prove haver sofrido. (BRASIL, 2002)

É notório que o direito civil nos artigos citados quando se tratam da perda de lesões acidentárias que possa causar danos, perdas patrimoniais a que venha acarretar prejuízos ao mesmo e em suas atividades laborativas o inviabilizando devido a lesão sofrida. Assim o direito civil resguarda critério para a indenização por danos extrapatrimoniais relacionando gastos envolvidos do tratamento e o prejuízo por esta afastado perdendo seu lucro devido a lesão sofrida e prejuízos ocasionado pelo acidente (DELGADO ,2019).

Entretanto após a reforma trabalhista segundo a Lei n• 13.467/2017criou um meio de tarifação, a indenização basear-se nesses parâmetros dos Danos extrapatrimoniais no Art.223-G:

> § 1º Se julgar procedente o pedido, o juízo fixará a indenização a ser paga, a cada um dos ofendidos, em um dos seguintes parâmetros, vedada a acumulação:
> I - ofensa de natureza leve, até três vezes o último salário contratual do ofendido;
> II - ofensa de natureza média, até cinco vezes o último salário contratual do ofendido;
> III - ofensa de natureza grave, até vinte vezes o último salário contratual do

ofendido;
IV - ofensa de natureza gravíssima, até cinquenta vezes o último salário contratual do ofendido. (BRASIL, 2017)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das informações descritas ao decorrer da análise crítica do resumo, foi possível elencar características presentes no dano extrapatrimonial trabalhista, aspectos negativos e positivos acerca do mesmo. É importante destacar que como em todas as áreas do direito contemporâneo, o dano extrapatrimonial trabalhista também está em processo constante de mudança, como por exemplo, a recente reforma trabalhista no Brasil.

Portanto, é importante que, essas mudanças apresentadas ao decorrer do tempo sejam debatidas e análisadas não só pelos responsáveis pelas alterações, mas também, pelo público alvo em geral. Para que tudo esteja em conformidade com a constituição e não fira os direitos fundamentais e todos od outros direitos adquiridos.

REFERÊNCIAS

BARBA FILHO, Roberto Dala. **A inconstitucionalidade da tarifação da indenização por dano extrapatrimonial no Direito do Trabalho**. Revista Eletrônica: Reforma Trabalhista III, Paraná, Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, v.7, n. 63, p. 187-193, nov./2017. Disponível em: http://www.mflip.com.br/pub/escolajudicial/?numero=63&edicao=10505. Acesso em 07 nov 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.467/2017, de 13 de julho de 2017**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm Acesso em: 8 nov.2020.

BRASIL. **Codigo civil brasileiro 2002**. Disponível em:<. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm. Acesso em: 8 nov.2020.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 7 de nov.2020.

DELGADO, M G. **Curso de direito do trabalho:** obra revista e atualizada conforme a lei da reforma trabalhista e inovações normativas e jurisprudenciais posteriores. 18. ed. São Paulo: LTr, 2019.

GONÇALVES, C. R. **Direito civil brasileiro:** responsabilidade civil. 4. ed. Vol. IV. São Paulo: Saraiva, 2009.

RESENDE, Ricardo. **Direito do trabalho esquematizado.** 4. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO, 2014.

DESENVOLVIMENTO DE EQUIPES POR MEIO DA TECNOLOGIA E METODOLOGIA BIM

Jiselly Reis de Oliveira[27]
Daniela Santos Santana Pinheiro[28]
Mônica Maria Liberato[29]

EIXO 2 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: BIM. Engenharia. Inovação. Liderança

1 INTRODUÇÃO

Por meio da liderança e seus atributos é executado o desenvolvimento de equipes e é efetuado esse processo principalmente, pela comunicação e o fluxo de trabalho, pois contribuem para que a equipe trabalhe de forma estruturada e alinhada sem divergências de informações e exercendo tarefas colaborativas (GUIMARÃES; QUALHARINI, 2019). Contudo, é necessário aplicação de metodologias eficazes, e diante de um mundo globalizado, a tecnologia tem favorecido e facilitado vários ramos, arquitetura, engenharia e construção civil (AEC) é um deles, que vem intensificando suas transformações digitais através da metodologia tecnológica *Building Information Modeling* (BIM)- Modelagem de informação na construção (DERITTI; FREIRE, 2019a).

O BIM é uma plataforma facilitadora e inovadora, pois através dela verifica-se toda a etapa de uma obra em um modelo virtual antes mesmo de ser edificada. Essa metodologia não é só uma simplificação na interação entre contratante e contratado, é uma ferramenta que facilitará a o dia-a-dia de todos envolvidos no projeto (PERREIRA *et al.*, 2020).

Dentro do contexto exposto o objetivo desse trabalho é apresentar como a metodologia BIM está ligada ao desenvolvimento de equipes, bem como, essa tecnologia interfere na realidade do ambiente de trabalho. Para isso, a metodologia aplicada ao estudo será realizada por meio de revisão sistemática da literatura. Mas como surgiu a necessidade da implantação do BIM? Os projetos eram realizados através do Auto CAD (desenhos 2d e 3d) e outros softwares, com isso, os colaboradores tiveram funções específicas na hora de projetar, isso acarretou em informações desencontradas na hora de elaborar os projetos, gerando gastos tanto na elaboração, como na execução das obras. Dessa forma, a plataforma BIM veio para integrar e alinhar todas as informações que são dadas na realização de um projeto, uma vez que, qualquer mudança realizada automaticamente será atualizada.

2 DESENVOLVIMENTO DE EQUIPES E BIM

2.1 LIDERANÇA E GESTÃO

A liderança e a engenharia estão interligadas, mais essa interação acontece com a prática durante o exercício de sua atividade. Nota-se por outro lado, que o engenheiro não é capacitado na universidade para esse acontecimento, uma vez que o curso é mais voltado para área técnica e não para área humana (SILVA, 2016). Diante disso, é necessária a inserção da gestão de

[27] Pós graduanda em gestão pública e projetos e graduada em Engenharia civil< jisellyreiseng @gmail.com >
[28]Pós graduanda em gestão pública e projetos e graduada em Engenharia Civil <danisantana_23 @hotmail.com>.
[29] Doutoranda em Ciência da Propriedade Intelectual. Mestre em Turismo. Mestre em Marketing. Especialista em Gestão de Pessoas. Faculdade São Luís de França: <monicaliberato @hotmail.com>.

pessoas, pois por meio dela, são desenvolvido e utilizado vários conhecimentos e habilidades para realização de um único propósito, a qual só contribuirá para atuação profissional (SILVA, 2016).

2.2 COMUNICAÇÃO

Segundo Guimarães *et al.* (2019, p.11) "O processo de comunicação é importante pois treina, coordena, aconselha, avalia e supervisiona todo um projeto". Todavia a comunicação está entre os fatores que mais influenciam uma boa liderança. Logo, para se realizar essa administração, buscando uma otimização dos processos no ambiente de trabalho e na busca por eficiência e qualidade dos projetos por meio de exigências de normas, legislações, clientes e conceito para empresa através de uma oferta diferenciada no mercado (SILVA, 2019). O gerente de arquitetura, engenharia e construção civil (AEC) carece de sistema de desenvolvimento de comunicação integrada e de fluxos de trabalho de maneira eficaz.

2.3 BUILDING INFORMATION MODELING (BIM)

Com o avanço da tecnologia a construção civil saiu do projeto baseado em papéis e foi para uma versão digital, no qual pode ser visualizado de forma tridimensional (3D) e com o passar dos anos as resoluções dos problemas tem sido aperfeiçoadas e inovadas com a revolução da indústria 4.0, e a AEC se transformou em construção de edificação virtual, mediante ferramentas eficientes, como a interface BIM (*Building Information Modeling*) modelagem de informações na construção (PEREIRA; AMARAL, 2020).

> O Modelamento de Informações da Construção (BIM) surgiu como um conceito abrangente de processo e ferramentas que integram todos os projetos, dados e informações necessários. O BIM suporta novos fluxos de trabalho de informações e os integra mais em estreita colaboração com as ferramentas de simulação e análise existentes usados por consultores e contratados. (EASTMAN *et al.*, 2011 *apud* KHANZADI *et al.*, 2018, p. 3)

2.4 INTEROPERABILIDADE

Esse dinamismo é favorecido pela interoperabilidade criada pelo formato de dados IFC (*industry Foudation Classes*), o qual permite as transações de informações sem perda e divergências, que há pelas aplicações BIM e os softwares utilizados (DERITTI; FREIRE, 2019b). Dessa forma, são visto os detalhes de toda a construção a exemplo as instalações hidráulicas e elétricas através de plantas, cortes e perspectivas. Ou seja, através do trabalho colaborativo no ambiente comum de dados, é possível definir as características essenciais da edificação, compartilhada com todos simultaneamente de acordo com a execução dos trabalhos.

De acordo com koelln (2015) citado por Pereira *et al*., (2020) que devido a interoperabilidade do BIM é possível fazer uma integração de cada habilidade e competência dos colaboradores de acordo com os programas operados, desde que o gestor (empresa) implante capacitações recorrentes para atualização da metodologia, referente a essa plataforma, para que todos compreendam o modelo de trabalho que pertence a ela e aprenda a utilizar seus conhecimentos de forma inteligente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conclui-se que a liderança e a inovação são intrínsecas da metodologia BIM, todavia como esse método envolve pessoas, processos e tecnologia, gerando uma mudança de paradigmas na construção civil e todos os envolvidos no processo, desde o idealizador do projeto ao uso do cliente, fica claro o quanto o BIM é um método adotado aos processos e não um software usual. Logo, necessita de uma capacitação de todos os envolvidos para que entre nessa sinergia de modelagem de informação e compreenda que é de suma importância a interdisciplinaridade para alcançar uma equipe desenvolvida e integrada com o processo, com uma comunicação unificada, o que garante condutas assertivas e agilidade ao processo, redução dos imprevistos, resultando em uma construção eficiente e inteligente. Diante da aplicação BIM, um sistema estruturado de atividades é possível vislumbrar a capacidade de desenvolver um trabalho colaborativo, visando desenvolver a equipe através de todo cognitivo, com eficiência e qualidade por meio de padrões tecnológicos consistentes, para obtenção da construção ideal de forma automatizada (PERREIRA et al., 2020).

O que nos mostra que essa metodologia só vem agregar valor ao desenvolvimento da equipe de trabalho como um todo, pois permite a visualização de construções paramétricas e enxuta, que contribui para alavancar os índices de produtividade, reduzindo os custos principalmente com reparos e correções, garantindo um controle melhor da vida útil da edificação projetada por meio das informações e acompanhamento da operação e das manutenções e é possível incluindo outras áreas como gestão, suprimentos, logística, solicitações do cliente entre outras no mesmo projeto pela comunicação por meio da modelagem da informação.

REFERÊNCIAS

DERITTI, M. D.; FREIRE, F. **Interoperabilidade entre aplicativos Bim utilizando modelo de dados "não-proprietário" IFC**. Revista Técnica - Científica do CREA – PR, Paraná, 18. ed. p. 2, abr.2019.

EASTMAN, Charles M. *et al*. **BIM *handbook*:** *a guide to building information modeling for owners, managers, designers, engineers and contractors*. John Wiley & Sons, 2011.

GUIMARÃES, A.; QUALHARINI, E. **A Importância do Gerenciamento da Comunicação na Construção Civil**. Boletim do Gerenciamento, v. 6, n. 6, p. 11-21, 2019.

KHANZADI, M.; SHEIKHKHOSHKAR, M.; BANIHASHEMI, S. **BIM *applications toward key performance indicators of construction projects in Iran.*** International Journal of Construction Management, v. 20, n. 4, p. 305-320, 2018.

PEREIRA, H. M. R.; AMARAL, D. R. B. **Estudo da plataforma BIM (*building information modeling*):** uma ferramenta disciplinar para a compatibilização de projetos. Humanidades e Tecnologias, (FINOM), v. 1, n. 22, p. 56-75, 2020.

SILVA, F. F. **Gestão de pessoas na construção civil:** uma abordagem sob a ótica dos processos básicos de gestão de pessoas. Dissertação (Conclusão de curso de Bacharel em Administração) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, p. 105. 2016.

SILVA, J. R. L. **Liderança na construção civil: u**ma análise da percepção de alunos de graduação e engenheiros civis sobre os principais requisitos de um líder. Dissertação (Conclusão de curso de Bacharel em Engenharia Civil) – Universidade Uni Evangélica, Anápolis/GO, p. 66. 2019.

QUALIDADE DE VIDA DA TERCEIRA IDADE: POLÍTICAS PÚBLICAS E PERSPECTIVA

Denieire de Oliveira Santos[30]
José Carlos da Silva[31]
Maria Angélica Silva Menezes[32]

EIXO 2 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Políticas Públicas. Terceira Idade. Saúde.

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto, o estilo de vida sedentário de muitos idosos, de acordo com Matias; Cabral; Madruga; Brasileiro (2010), decorrente do seu isolamento devido ao pré-julgamento de envelhecimento como decadência, inaptidão, tem sido tema amplamente discutido na área de serviço social, pois a prática esportiva e o lazer são tidos como uma forma de tirá-los do sedentarismo e levá-los a ter um bem-estar em suas vidas. Sabendo-se que, a expectativa de vida dos brasileiros a cada dia vem crescendo, muitos projetos vêm sendo desenvolvidos para beneficiar a qualidade de vida dos idosos.

É notável que, com as diminuições das capacidades físicas, a aposentadoria, onde o tempo de trabalho se modifica em tempo livre, muitos idosos não estão preparados para aproveitar esse tempo livre. Acaba tornando-se pessoas sedentárias que, conjuntamente com o preconceito e o sentimento de inutilidade, ocasiona em sua grande maioria a reclusão do mesmo, sendo o isolamento um dos principais motivos de depressão nessa população.

Diante desses aspectos, que caracterizam o processo de envelhecimento, surge à necessidade de propiciar ao idoso uma melhor qualidade de vida. Dessa forma, este trabalho objetiva apresentar a importância de existir políticas públicas que incentivem o lazer e a atividade física como atividades essenciais para a qualidade de vida dos idosos, proporcionando que esses, tenham uma vida mais descontraída, com mais socialização, podendo interagir com outras pessoas e culturas, participando da vida social, assumindo compromissos de modo enriquecedor e criativo com consequente inserção no meio sociocultural. O trabalho possui uma abordagem qualitativa com base em um trabalho de revisão bibliográfica de acordo com Richardson (2012).

2 A IMPORTÂNCIA DO LAZER E ATIVIDADE FÍSICA PARA OS IDOSOS

O lazer tem um papel significativo, pois, de acordo com Benedetti e Gonçalves (2007), é possível de se realizar no tempo livre fora do tempo das obrigações, em que as pessoas podem se expressar e sentirem prazer utilizar-se de sua criatividade para se divertirem, descansarem e se desenvolverem e que pode agregar sujeitos com desejos e necessidades semelhantes, num mesmo ambiente. Promovendo muitos benefícios e a prevenção de diversas patologias, contribuindo para a qualidade de vida dos idosos. A atividade física além de ser indicada para a promoção da saúde e qualidade de vida do idoso, segundo Benedetti e Gonçalves (2007),

[30]Discente do 5º período de Serviço Social, na Faculdade São Luís de França. E-mail: denieire.silva@sousaoluiz.com.br
[31]Discente do 5º período de Serviço Social, na Faculdade São Luís de França. E-mail: jose.silva@sousaoluiz.com.br
[32]Discente do 5º período de Serviço Social, na Faculdade São Luís de França. E-mail: aangelica.menezes@sousaoluiz.com.br

também é uma forma de inseri-lo à sociedade, melhorando seu convívio social, seu bem-estar, sua autoestima e a autoimagem, já que o processo de envelhecimento acarreta mudanças no indivíduo, nos aspectos físicos, sociais e psicológicos.

A prática de atividades físicas de lazer aliada ao envelhecimento, proporciona aos idosos benefícios na qualidade de vida, no aspecto físico e no psicossocial. Porém, muitos idosos não têm a oportunidade de desfrutar de um programa de atividades físicas voltada para a terceira idade, devido à falta de recursos financeiros, isso tem dificultado sua qualidade de vida e o prazer de aproveitar com mais intensidade essa fase da vida. Partindo dos benefícios da atividade física, da redução salarial causada pela aposentadoria, que limita a qualidade do tempo livre e dos problemas biopsicossociais da população idosa, como afirmam os autores Benedetti e Gonçalves (2007).

O fato de não terem tido acesso a conhecimento sobre lazer e nem vivenciado boas práticas esportivas na escola ou fora dela, interfere negativamente na história do cidadão, que ao chegar à terceira idade se vê impossibilitado muitas vezes de adquirir novos hábitos. Diante disso, há uma grande mobilização acerca da criação de políticas públicas que visem oferecer uma melhor qualidade de vida para essas pessoas, inserindo-as em práticas de esporte e lazer. Para Marcellino (2008),

> o lazer deve ser levado em conta, por ter um duplo aspecto educativo, como forma de desenvolvimento pessoal e social, além do descanso e divertimento, de forma que se tenham mais ações em relação às políticas de Lazer, ou seja, tentar observar as relações entre este e a Educação, Saúde, e a Promoção Social. (MARCELLINO, 2008, p. 22)

Nessa perspectiva de Marcellino (2008), a inserção do lazer na vida dos idosos proporciona a eles um novo paradigma em suas vidas, dando-a mais qualidade de vida e novas atividades para o seu dia a dia. Pode-se observar a inserção de políticas públicas para as pessoas da terceira idades devido ao grau de vulnerabilidade que os mesmos possuem, tanto em questão de limitações físicas quanto econômicas, por isso, essa ação deve agir como um instrumento de melhora da saúde através da implantação de projetos que visem criar espaços adequados e profissionais qualificados para dar ao idoso uma nova perspectiva de vida e de saúde através do lazer e do esporte, sendo gerado por um acompanhamento vigoroso, visando a manutenção do projeto e perpetuação de um bem-estar para àqueles que geralmente vivem solitários e pouco ativos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar através do presente trabalho que o lazer e a prática esportiva agem diretamente na sensação de bem-estar do indivíduo, também foi possível observar que há um grupo em específico que sofre demasiadamente por conta da solidão e restrições físicas por conta do seu estado fisiológico de saúde. Diante disso, notou-se a importância de inserir o lazer nas atividades das pessoas da terceira idade, sendo pautado como imprescindível para levá-los a um bem-estar numa fase da vida que costuma ser muito tediosa.

Também observamos no presente trabalho que há uma enorme necessidade de políticas públicas que visem oferecer aos idosos instrumentos para mantê-los ativos em tal idade, e que para isso é necessário haver compromisso na realização e na manutenção da oferta para esse público, pois os mesmos geralmente não têm condições suficientes para arcar com seus próprios recursos já que possui gastos diversos e uma redução salarial vinda com sua aposentadoria.

Por tanto, é importante explanar que as pessoas necessitam (assim como todos) de ter uma vida saudável e ativa, mesmo com tantos problemas a serem enfrentadas, as pessoas da

terceira idade são as mais necessitadas e a que requer maior cuidado. Assim, é preciso oferecer práticas que as leve para obtenção de prazer e bem estar, responsabilizando toda a sociedade a intervir e cobrar dos governos uma melhor utilização dos recursos para assim levar saúde e bem-estar para tais pessoas.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, T R B; GONÇALVES, L H T; MOTA, J A P S. **Uma Proposta de Política Pública de Atividade Física para Idosos.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2007 Jul-Set; 16(3).

MATIAS, Bárbara Alves; CABRAL, Tayse Guedes; MADRUGA, Saulo Gregory Vasconcelos; BRASILEIRO, Maria Dilma Simões. **Lazer e Inclusão Social na Terceira Idade**. 2010. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/XIIENEX_XIIIENID/ENEX/PROBEX/Completos/6/6CCSDEFPE01.doc. Acesso em: 15 nov.2020.

MARCELLINO, N. C. Políticas de Lazer: Mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte**.** In: MARCELLINO, N. C. (org). **Políticas públicas de lazer**. Campinas: Alínea, Cap. 3, p. 21–41, 2008.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE ADMINSTRAÇÃO DO GRUPO TIRADENTES ACERCA DAS INOVAÇÕES NA ERA DO MARKETING

Willamys da Silva Rosa[33]
Daniele Carvalho Leite[34]
Joenison Batista da Silva[35]

EIXO 1I – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Conhecimento. Cliente. Inovação. Marketing. Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

Marketing é um vocábulo em inglês derivado da palavra *Market*, que significa mercado e é utilizada para expressar as ações voltadas para o mesmo. De acordo com as variações ambientais, o processo de comercialização passou por diferentes etapas, tendo seu início centrado na Era da Produção (até 1920), onde os produtos e serviços prestados se vendiam por si só, se o mesmo apresentasse um bom desempenho no mercado. Em seguida, o mercado deparou-se com a Era das Vendas (até 1950), onde a propaganda deveria conquistar a atenção dos clientes levando-os a comprar. Atualmente, a Era do Marketing demonstra que a tecnologia e a inovação se tornaram primordiais para atender as demandas, pois, o cliente passou a ser o principal fator no crescimento e contribuinte direto para todo o processo de inovação.

A PINTEC (2014), pesquisa realizada a cada três anos pelo IBGE, com base no Manual de Oslo (2005), apresenta quatro tipos de inovação, a saber: inovação de produtos, processos, organizacional e marketing. Conforme Silva, Souza e Freitas (2012), a busca constante por desenvolver e implementar inovações, como por exemplo, o desenvolvimento de novos produtos/serviços, fará com que ocorram mudanças na função dos colaboradores, o que poderá vir a gerar melhorias no desempenho da organização.

Diante do exposto, enaltecendo a importância da temática de inovação no marketing, esse estudo traz como objetivo analisar a percepção dos alunos do curso de administração do Grupo Tiradentes acerca das inovações na era do marketing. Sendo assim, foi desenvolvida uma pesquisa de caráter quantitativo descritivo, mediante a aplicação de questionário para obtenção dos dados necessários para análise. Conforme Vieira (2002), o objetivo principal da pesquisa descritiva refere-se à busca por conhecer e desenvolver a interpretação da realidade com base na observação, na descrição, classificação e pela interpretação dos fatos.

2 INOVAÇÃO E MARKETING

É comum atribuirmos o termo “inovação” somente à tecnologia. Logo, remetemos a maioria dos processos inovadores ao surgimento dos avanços tecnológicos e tornamos supérfluo o envolvimento e a aplicabilidade de outras áreas que contribuem em torno de todo processo inovativo nos bastidores colaborativos. No entanto, é fundamental contextualizar a gestão da inovação e desenvolvimento tecnológico enfatizando outras abordagens que influenciam diretamente na melhoria do desempenho organizacional. O Marketing é uma das ferramentas que segmenta e colabora de forma eficiente para o sucesso organizacional e auxilia

[33] Graduando em Administração na Faculdade São Luis de França. E-mail: <willamys.rosa@sousaoluis.com.br>.
[34] Graduanda em Administração na Faculdade São Luis de França. E-mail: <daniele.leite@sousaoluis.com.br>.
[35] Mestre em Administração, Graduado em Ciências Contábeis, Professor da Faculdade São Luis de França. E-mail: <Joenison.batista@sousaoluis.com.br>.

diretamente o processo de inovação. Logo, os novos conceitos sobre inovação não estão restritos a tecnologia em geral.

Mediante os dados coletados nesta pesquisa, foi possível constatar, no que se se refere ao perfil da amostra, que: 50% dos alunos encontram-se cursando o 6º período de administração; 16,7% o 7º período; 16,7% o 8º período e 16,7% o 3º período. Dentre os participantes da pesquisa, observou-se que 99,9% cursaram a disciplina Fundamentos de Marketing e 34% cursaram a disciplina Gestão de Marketing. Pertinente ao conceito de inovação, os respondentes o relacionaram à exploração de novas ideias, aplicação de novos métodos e aprimoramento de métodos existentes. Para 50%, a tecnologia foi a principal ferramenta responsável pelos maiores processos de inovação dos últimos anos. Já para 33% a ferramenta responsável foi o marketing e 16,7% atribuíram como responsável a informática.

Os alunos compararam também a forma como o marketing e a inovação se relacionam. Para uns, a interrelação está atribuída aos recursos tecnológicos e para outros essa relação acontece através da adaptação das necessidades requeridas pelo mercado. Conforme explana o entrevistado 1: "Marketing e inovação interagem de forma simultânea a todo momento. Inovar é um quesito básico no século 21. Empresas como: *Apple*, *Microsoft* e *Hawei* são exemplos de como o marketing e inovação são homogêneas". Para Peter Drucker (2001, p. 36), "é o consumidor quem determina o que é uma empresa. É somente a vontade do consumidor de pagar por um bem ou serviço que converte os recursos econômicos em riquezas e objetos em bens".

De acordo com a percepção dos alunos, os processos inovadores podem ser aplicados nas organizações através de pesquisas de mercado que determinem o público alvo e meios para suprimento de suas necessidades. Estes processos podem ocorrer através do auxílio oferecido pelo marketing, envolvendo colaboradores, desenvolvendo programas, e viabilizando as necessidades e demandas através da agregação de valor ao cliente e processos inovadores. Para o aluno 2: "O marketing, por sua multidisciplinaridade, contribui de uma forma única no processo de inovação. O marketing busca agregar valor, satisfazer as necessidades, e isso é muito volátil em nossa contemporaneidade. Dessa forma o marketing está sempre em inovação".

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inovar é essencial para que uma organização se mantenha em nível competitivo e sobreviva a demanda do mercado. Os processos de criatividade e inovação necessitam de recursos e elementos essenciais para que a sua aplicação seja eficaz. A tecnologia auxilia de forma direta e é uma ferramenta fundamental para que os métodos inovativos aconteçam, porém podemos contar com a ajuda de outras ferramentas, dentre elas o marketing. O Marketing auxilia a todos os processos inovativos buscando compreender o público em geral, reunindo informações, coletando sugestões e desenvolvendo soluções.

O nível adquirido pelos estudantes sobre o conceito de inovação e sua aplicabilidade nas organizações demonstra que futuramente teremos profissionais preparados para administrar a arte de inovar e criar novos métodos que auxiliem ao crescimento do mercado e desenvolvimento organizacional.

REFERÊNCIAS

DRUCKER, Peter Ferdinand. **O melhor de Peter Drucker**: A administração / Tradução de Arlete Simille Marques. São Paulo: Nobel, 2001.

OECD. ***Oslo Manual*: *Guidelines for Collecting and Interpreting Innovation Data***. 3. ed. Oslo: OECD, European Comission, Eurostat, 2005.

PINTEC, 2014. **Instruções para o preenchimento do questionário**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: http://www.pintec.ibge.gov.br. Acesso em: nov.2020.

SILVA, M. E.; SOUSA, I. G.; FREITAS, L. S. **Processo de Inovação:** Um estudo no setor moveleiro de Campina Grande PB. Revista de Administração e Inovação, São Paulo, v. 9, n. 1, 2012.

VIEIRA, V. A. **As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing.** Revista da FAE: Curitiba, 2002.

GESTÃO ESTRATÉGICA COMO DIFERENCIAL DE EMPRESAS EM PERÍODOS DE CRISE

Mario da Silva Leão[36]
Petterson Wendel Lessa da Conceição[37]
Orientador: Jorge Maikel Alves Batista[38]

Eixo 2 - Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais Aplicadas

Palavras-chave: Crises Econômicas. Gestões Estratégicas. Planejamento. Estratégico

1 INTRODUÇÃO

Durante toda a evolução histórica da humanidade, depararmos-nos com algumas crises que marcaram as épocas em que ocorreram. Cujo seus únicos métodos para se sobressair era aplicação de uma gestão estratégica eficiente e eficaz. Segundo Wright (2000), estratégia são planos da alta administração para atingir resultados condizentes com a missão e os objetivos da organização.

O objetivo deste trabalho é apresentar a gestão estratégica como alternativa com potencial para minimização de danos as empresas em períodos de crise como os causados pela Pandemia de Covid-19.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em acerca do tema em artigos e livros e sites de notícias e voltados a educação. A criação desta pesquisa justifica-se por analisar a capacidade que a gestão estratégica possui para reduzir danos causados por crises econômicas a empresas.

2 PANDEMIA

Durante as crises pandêmica que se abateu sobre o território brasileiro, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil caíram 9,7% no segundo trimestre de 2020 em relação ao trimestre anterior, na série com ajuste sazonal. Com a queda do Produto Interno Bruto brasileiro de 9,7% segundo trimestre no ano de 2020, número superior ao consenso de analistas consultados pela "*Bloomberg*", de 9,2%, instituições financeiras ajustaram suas previsões para a economia do país. A gestão estratégica e o planejamento estratégico aplicado com uma previsão otimista poderão adotar para se sobressaírem e atingir melhores resultados, em momentos de crise ter oportunidades, ao contrário das organizações que optaram por não fazer o planejamento estratégico, teve que diminuir a quantidade de funcionário e arcar com as despesas que estavam sendo geradas.

4 GESTÃO ESTRATÉGICA E PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

Gestão estratégica é uma forma de gerenciar a empresa otimizando todos os seus processos para que se tornem mais eficazes e coesos com os objetivos da organização. Por meio

[36]Leão, Mario da Silva. Cursando Administração. Faculdade São Luís de França. E-mail: leaomario07@hotmail.com.
[37]Conceição, Petterson Wendel Lessa da. Cursando Administração. Faculdade São Luís de França. E-mail: pettersonwendell@gmail.com.
[38]Mestre em ciências da propriedade intelectual, Faculdade São Luís de França. E-mail: jmaikel.jm@gmail.com.

dela, é possível fazer com que os setores foquem na execução do planejamento estratégico, a fim de que suas metas sejam atingidas com êxito. Feita dessa maneira, a administração pode ser aplicada tanto em grandes negócios quanto em pequenas ou médias empresas, ajudando a alavancar seu crescimento e sua competitividade. Segundo Richardson & Richardson a gestão estratégica é:

> [...] um processo, em última análise de adaptação organizacional aos ambientes através do tempo: uma tarefa para o estrategista de gestão, que é totalmente responsável pela forma como a organização se adapta ao seu ambiente e satisfaz as pessoas; uma tarefa para cada um na organização, por que seus planos, decisões e ações criam coletiva- mente o nível de sucesso alcançado pela organização como a estratégia; um conjunto de trabalhos de planejamento crítico sustentado pelas necessidades, impactos e de adaptação ao meio ambiente, que os estrategistas podem reunir para manter ou melhorar o sucesso organizacional. (RICHARDSON; RICHARDSON, 1992, p. 26-27)

O planejamento estratégico é um processo que elaborar a estratégia de uma organização e definir como ela pode ser alcançada. Em outras palavras, a empresa reconhece a sua situação atual e faz uma projeção de futuro, isto é, como ela deseja estar daqui a alguns anos. Essa visão de longo prazo prevê mudanças que ajudem na diferenciação de negócio. Segundo Fishmann e Almeida:

> [...] planejamento estratégico é uma técnica administrativa que, através da análise do ambiente de uma organização, cria a consciência das suas oportunidades e ameaças, dos seus pontos fortes e fracos para o cumprimento da sua missão e, através desta consciência, estabelece o propósito de direção que a organização deverá seguir para aproveitar as oportunidades e reduzir riscos. (FISHMANN; ALMEIDA, 1991, p. 25)

Em outras palavras, o planejamento estratégico funciona como um GPS, onde, primeiro, será necessário a construção de um consenso sobre onde quer ir para então calcular uma rota até o destino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o cenário econômico passa por turbulências que exigem das empresas uma postura estratégica mais eficiente para se mantiver no mercado perante os desafios da gestão. A crise não deve ser vista com um fantasma dentro das organizações, mas sim, como uma oportunidade para alavancar e sobressair perante os seus concorrentes. Evidenciou-se que a gestão de uma empresa que lida com a crise, não deverá ver como um momento de turbulência, mas sim um momento de investir, de inovar, de criar e de buscar novas oportunidades. E ressaltou também a importância de uma gestão competente e capacitada para a sobrevivência das empresas no mercado atual. Mesmo com o aumento no número de desemprego e o risco de inflação, os empresários deverão ter um gingado para sofrer os menores impactos possíveis.

REFERÊNCIAS

DRUCKER, P. **Práticas de Administração de Empresas.** São Paulo: Pioneira, 2003.

FISHMANN, A. A.; Almeida, M. I. R. **Planejamento estratégico na prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PIB cai 9,7% no 2º trimestre de 2020.** Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28721-pib-cai-9-7-no-2-trimestre-de-2020**.** 2020. (Fonte: Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais**)**

PINHEIRO, Carliana Mendes da Costa; SANTOS, Paula Esteves dos. **Gestão Estratégica em Momentos de Crise**: Um Estudo de Caso em uma Microempresa de Araçuaí – MG. In: VI SINGEP. *Anais...* São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.singep.org.br/6singep/resultado/392.pdf

RICHARDSON, Bill; RICHARDSON, Roy. **A gestão estratégica**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

WRIGHT, Peter; KROLL, Mark; PARNELL, John. **Administração estratégica:** conceitos. São Paulo: Atlas, 2000.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A POPULAÇÃO LGBTQIA+ DURANTE A PANDEMIA DA COVID 19

Ana Paula Machado Costa[39]
Flávia Regina Vieira de Carvalho Góes[40]

EIXO 2 - Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das ciências sociais e aplicadas

Palavras-chave: Comunidade. LGBTQIA+. Políticas Públicas.

1 INTRODUÇÃO

O resumo expandido aqui descrito, objetiva apresentar dados e necessidades que a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgênicos, Queer, Intersexo, Assexual, +) enfrenta, levando em consideração os números apresentados pela Secretaria de Segurança Pública no Estado de Sergipe (SSP/SE), dos últimos meses com o avanço da pandemia da COVID 19, apresentando também, números resgatados de pesquisas nacionais e da Delegacia de Atendimento a Grupos Vulneráveis de Aracaju (DAGV). Para tanto, foram realizadas pesquisas na delegacia, na casa de abrigo a comunidade, denominada CasAmor, localizada em Aracaju, e em dados da pesquisa quantitativa do Coletivo Vote LGBT + de junho de 2020.

Com isso, o trabalho justifica-se pela necessidade de se discutir com mais amplitude sobre as políticas públicas que se destinam a proteção e garantia dos direitos dos que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, apresentando as necessidades da população e explicando por que é imprescindível a criação de políticas públicas que assegurem a essa comunidade o direito à vida, a segurança e a saúde. Desta maneira, a base metodológica está pautada na abordagem qualitativa a partir de um trabalho de revisão bibliográfica de acordo com Richardson (2012).

2 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A COMUNIDADE LGBTQIA+

Durante os primeiros meses de 2020 a população mundial foi acometida pela COVID 19, vírus que vem causando a morte de milhares de pessoas pelo mundo todo e, dentro deste cenário, um dos grupos que mais sofreram com o isolamento e a incerteza foi a comunidade LGBTQIA+, que passou a necessitar ainda mais de políticas que assegurassem direitos e garantias para conseguir viver, ter saúde, emprego e segurança. Na capital sergipana, Aracaju, desde que foi iniciado o período de isolamento, o número de denúncias sobre violência, segundo dados da Delegacia de Atendimento a Grupos Vulneráveis (DAGV) saltou para 73%. Isso inclui violência contra mulheres, crianças e população LGBT.

De acordo com dados da Coordenadoria de Estatísticas e Análise Criminal (Ceacrim), da Secretaria de Estado da Segurança Pública (SSP/SE), entre 21 e 30 de março de 2020, foram registradas 59 denúncias – uma média de quase 6 casos por dia. No ano de 2019, durante o mesmo período, foram 34 casos. Tendo como base o diagnóstico levantado pelo Coletivo #VoteLgbt+ a comunidade, que já era isolada, encontrou-se a margem de garantias para sobrevivência. Levando em consideração esses dados e, números de acesso a CasAmor, que

[39]Bacharela em Jornalismo, graduanda em Direito, pela Faculdade São Luís de França. E-mail: <ana.machado@sousaoluis.com.br >.
[40]Especialista, professora assistente, pela Faculdade São Luís de França. E-mail: <flavia.regina@sousaoluis.com.br>.

abriga LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade, pouco tem sido feito para a comunidade, em âmbito nacional, estadual e municipal.

Feitosa (2019) aborda que, no âmbito nacional, ao que se referem as políticas públicas de direitos humanos para a comunidade LGBTQIA+, é concepção "participacionista" que prevê a "participação e o controle social como dimensões fundamentais para o bom desempenho, efetividade e alcance das políticas públicas executadas pelas instâncias governamentais" (FEITOSA, 2019, p.01). Souza (2015) aborda que,

> [...] atualmente as iniciativas de políticas públicas para população LGBT contam apenas com dois dos cinco pré-requisitos... A saber: um órgão responsável, a Coordenação Geral de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT, vinculada à SEDH; e o Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, travestis e transexuais. (SOUZA, 2015, p. 06)

Dessa forma, faz-se necessário entender que, as políticas afirmativas que têm como princípio assegurar direitos para determinada comunidade, e, diminuir as opressões, são indispensáveis para a garantias de uma vivência que possibilite dignidade as pessoas, tendo em vista que cada grupo tem sua especificidade e seu recorte na sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base o atual cenário, de isolamento social e de cerceamento de direitos para a comunidade LGBTQIA+, principalmente na ausência de política públicas afirmativas para garantias para essa população, é possível verificar que tudo que foi feito até então era mínimo, comparado as necessidades reais que a comunidade passa.

Durante a pandemia, a comunidade se viu mais isolada e sem respaldo para viver de forma digna, levando em conta que as ações existentes se apresentem principalmente pelo fato que o que se existe de documentos para a garantia de direitos relacionados a população não tem a força necessária para se manter. Sendo assim, se faz imprescindível que a população em geral entenda a importância de se garantir direitos e políticas públicas funcionais para a comunidade LGBTQIA+.

REFERÊNCIAS

FEITOSA, Cleyton. **Políticas públicas LGBT no Brasil**: um estudo sobre o Centro Estadual de Combate à Homofobia de Pernambuco. Maio. 2019a. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872019000200090&tlng=pt . Acesso em 06 nov/2020.

FEITOSA, Cleyton. **Políticas Públicas LGBT e construção democrática no Brasil.** Curitiba, 2017b.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SOUZA, Camila Cristina de Castro. **Políticas públicas para população LGBT no Brasil:** do estado de coisas ao problema político. Agosto. 2015. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo7/politicas-publicas-para-

populacao-lgbt-no-brasil-do-estado-de-coisas-ao-problema-politico-.pdf. Acesso em: 6 nov.2020.

VOTE LGBT+, Coletivo. **Diagnóstico LGBT na pandemia.** Junho. 2020. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/5b310b91af2096e89a5bc1f5/t/5ef78351fb8ae15cc0e0b5a3/1593279420604/%5Bvote+lgbt+%2B+box1824%5D+diagno%CC%81stico+LGBT%2B+na+pandemia_completo.pdf. Acesso em: 6 nov.2020.

OS PRINCÍPIOS DO CONTRADITÓRIO E AMPLA DEFESA NA OBRA O PROCESSO DE FRANZ KAFKA

Sheyrlenne da Graça Vasconcelos Santos[41]
Lucas Dolabella Salomão[42]
José Arnaldo Rodrigues Farias[43]

EIXO 2 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Ampla Defesa. Contraditório. Processo

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo relacionar a obra "O Processo" de Franz Kafka aos princípios do contraditório e a ampla defesa e como na referida obra foram tangenciados pelo judiciário em questão, visando demonstrar a importâncias destes princípios como garantidores de um juízo imparcial. Nesta obra Josef K. é sob acusação de um crime, numa narrativa dúbia onde não se pode afirmar ao certo se K. tem culpa das acusações sofridas ou não. No entanto, o fato de não saber quais as acusações incriminam a personagem causa bastante tensão e move a personagem durante toda trama até seu trágico desfecho. Para tanto será estabelecida a relação do papel do Estado enquanto garantidor da justiça e sua inobservância em relação aos direitos do cidadão. Analisando para tanto os pontos de incoerência ocorridos no processo sofrido por K. E traçando um paralelo com os princípios de ampla defesa e contraditório existentes no ordenamento jurídico brasileiro que são garantidores de um juízo imparcial.

2 O PROCESSO

Ao acreditar estar sob a égide do estado de direito vê-se surgir Josef K. surpreendido por acusações desconhecidas feitas por funcionários do Estado. Numa atmosfera densa em que o conhecido se mistura ao desconhecido e ao inesperado, assim K. apesar de reconhecer o ambiente ao seu redor, desconhece as pessoas que nele o aguardam, ignorava as motivações destes para integrar o cenário. De repente K. vê sua privacidade invadida e interrompida sob alegações de crime e ainda que questionasse a respeito das causas ou até mesmo a legitimidade dos portadores da notícia não obteve respostas elucidativas. Apesar de ferir direitos tais fatos não seria incomum, por isso no ordenamento jurídico brasileiro é disposto na Constituição Federal em seu artigo 5º, inciso LV os princípios do contraditório e a ampla defesa "*aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes;"* tendendo a garantir que as partes sejam vistas de forma igual e desta forma o julgamento seja imparcial.

A personagem, então, parece entrar num limbo racional, uma vez preso sob a forma de vigilância e sem sequer nenhum tipo de informação a respeito de seu processo, a tensão psicológica estabelecida por K. a respeito das acusações insabidas feitas a ele, passam a iniciar um processo de desumanização do indivíduo, pois K. passa a assumir cada vez mais o papel de culpado antes mesmo de ter o julgamento finalizado, *"(...)não se dignaria procurar a culpa na população, mas é, conforme reza a lei, atraída pela culpa, e é obrigada a mandar vigias como nós. Isso é a lei. Onde é que poderia haver aí um engano?"* tal situação no que tange o

[41]Graduanda em Direito pela Faculdade São Luís de França. E-mail: <sheyrlenne.graca@sousaoluuis.com.br>.
[42]Graduando em Direito pela Faculdade São Luís de França. E-mail: <lucas.dolabella@sousaoluis.com.br>.
[43]Graduando em Direito pela Faculdade São Luís de França. E-mail: <jose.arnaldo@sousaoluis.com.br>.

ordenamento jurídico brasileiro feriria o princípio da inocência, como previsto na carta magna no artigo 5º, inciso LVII *"ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;"*embora o processo não tenha sido finalizado, por não ter acesso e tampouco saber como ou do que se defender a personagem a avalizar os acusadores.

Tal constatação pode ser notada quando K. é "notificado" sobre seu interrogatório, ocorrido num domingo, no qual há poucas informações, desde o início da audiência da sessão e ainda sobre a acusação que o levaria até lá para o interrogatório. Tais fatos tendem a mostrar uma justiça ambígua que segue ritos próprios, não tem em si estabelecido um modus operandi onde não há clareza:*"O senhor pode objetar que sequer se trata de um processo, e terá toda a razão, pois apenas se tratará de um processo se eu o reconhecer como tal."* Percebe-se na fala do juiz da narrativa, uma incoerência, pois é necessário o contraditório, que haja ação e reação de autor e réu que para tendo ciência de todos os atos processuais, o processo não tenha impedimento legal.

Contudo, na tentativa de compreender a motivação do processo sofrido e se defender K. recorre aos serviços de um advogado para ter garantido sua defesa, no entanto a inoperância do advogado e o passar do tempo fazem com que K. tenha o desejo dele mesmo preparar sua defesa, sendo desencorajado tanto por desconhecer o processo quanto os atos processuais e a linguagem jurídica para fazê-lo*"se o tribunal o julgar necessário, pode torná-lo público, mas a lei não o exige. Segue-se que os documentos conservados no tribunal, e, sobretudo a peça de acusação, são inacessíveis ao acusado e à sua defesa;"* A falta de clareza durante o processo é realmente um entrave para o exercício da ampla defesa afinal como a igualdade entre as partes seria mantida se o acusado não teve acesso ao processo, tampouco conseguiu traçar uma estratégia de defesa, apresentando provas as testemunhas que corroborassem para confirmação de sua inocência, é, sem dúvida, uma disparidade no tratamento entre as partes, de forma que esta atmosfera claustrofóbica e que a incerteza a respeitos dos atos processuais parecem apontar desfecho quando K. ao conversar com padre, capelão das prisões, parece antever que sua sentença já havia sido dada, assim o trágico fim de K. executado*"– Como um cão!"*apenas destaca o quanto princípio do contraditório e ampla defesa precisam ser garantidos para que a sentença seja cunhada de forma imparcial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A claustrofobia causada pelo desenrolar trama diante da desinformação das alegações acusatórias sofridas por K. num processo que lhe é negado o direito ao contraditório e ampla defesa demonstra o quanto é necessário garantir que ambas as partes tenham tratamento judicial igual, pois sendo o Estado responsável por garantidor da ordem social mediando assim conflitos sociais ter disposto em letra de lei tais princípios colaboram para que o exercício pleno da justiça, de maneira que o cumprimento desses o ato processual mais idôneo por resguardar o bem jurídico, fazendo com que a justiça executada de forma acessível, clara, concreta e imparcial. Assim, manter-se escravo da lei é uma salvaguardar princípios fundamentais que atingem a todos mantidos por esta abstração que é a justiça.

REFERÊNCIAS

ALVIM, José Eduardo Carreira. **Teoria Geral do Processo**. 20. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 set.2020.

KAKFA, Franz. **O Processo**. Tradução de Marcelo Backes. Editora L&PM: Porto Alegre, 2013.

RODRIGUES, Horácio Wanderlei; LAMY, Eduardo de Avelar. **Teoria Geral do Processo**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

A CODIFICAÇÃO DO DIREITO ISLÂMICO E SUA INFLUÊNCIA NO DIREITO PENAL BRASILEIRO

Bruno Leandro Rezende Oliveira[44]
Clísia Ferreira Rigoleto[45]
Emanuella Ubiratan Sant'anna[46]

EIXO 2 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais Aplicadas

Palavras-chave: Alcorão. Direito Penal. Direito Comparado.

1 INTRODUÇÃO

O direito islâmico ou *sharia*, como é conhecido, definem as normas e os preceitos religiosos, incluindo regras de comportamento, histórias de profetas e, principalmente, a adoração a um único Deus, *Alah*. Conforme menciona Palma (2011), a doutrina islamita traz cinco fontes do direito: a) Alcorão ou Livro Sagrado: fonte por excelência do Islã; b) *Sunn*a: descreve a tradição relativa ao profeta Maomé, sua vida e decisões; c) *Idjman*: doutrina essencial ao direito; d) *Qiya*: raciocínio por analogia, em casos de inexistência comparativa a um caso concreto; e e) Costume: confirmados em capítulos da Sunna e em seus versículos, que por vezes acaba por prevalecer sobre a lei escrita.

O estudo das diferenças e semelhanças entre os direitos de distintas jurisdições (que incluem legislações, jurisprudências e doutrinas), aborda a codificação das relações normativas desses ramos do direito e a natureza comum existente entre eles. Oliveira (2002) aponta que a similaridade destes, muitas vezes, apresenta-se na sua forma escrita, pois sob o ponto de vista cultural a realidade é completamente diferente.

Por certo que, ao analisar o Alcorão em suas minúcias, percebe-se que há uma mera semelhança em relação ao direito brasileiro. E com este objetivo, numa perspectiva comparada, serão abordadas algumas semelhanças da aplicabilidade das leis penais, islâmica e brasileira, já que culturalmente as sanções atribuídas por estes países se divergem. Essa influência contribui para a unificação dos sistemas jurídicos; pois facilita a comunicação legal, a cultura de compreensão em um mundo diverso e até a definição de políticas estrangeiras.

2 INFLUÊNCIA NO DIREITO PENAL BRASILEIRO

Palma (2011) cita o *Hadd* (delitos de maior gravidade) como sendo uma das categorias de crimes distintos no direito penal islâmico. Incluem-se nesta categoria, os crimes de homicídio, de apostasia (jogos de azar), de furto, de difamação e do consumo de álcool ou entorpecentes; os quais serão aqui abordados, juntamente com os crimes de suborno e de inviolabilidade domiciliar.

O homicídio é um dos assuntos corriqueiros em todas as sociedades. "Causar a morte de uma pessoa, no Islã, é o mais grave pecado após a idolatria; a menos que seja no cumprimento de uma sentença emanada pelos responsáveis da administração da justiça" (ROSA, 2015). No Brasil, art. 121, do Código Penal, matar alguém é crime, com pena de reclusão de seis a vinte anos (BRASIL, 1940).

44Graduando em Direito, pela Faculdade São Luís de França. <bruno.leandro@sousaoluis.com.br>
45 Graduanda em Direito, pela Faculdade São Luís de França. <clisia.ferreira@sousaoluis.com.br>
46 Graduanda em Direito, pela Faculdade São Luís de França. <emanuella.ubiratan@sousaoluis.com.br>

As regras impostas pelo Islã tendem a uma maior moralidade; e entre elas estão os jogos de azar, que são proibidos (COSTA, 2009). No Brasil, a proibição destes foi estabelecida por força do decreto-lei 9.215, de 30 de abril de 1946, que restaurou, em todo o território nacional, a vigência do Art. 50 do Decreto-lei 3.698/41, Lei das Contravenções Penais, onde especificamente no parágrafo 3º, define o jogo de azar como aquele "em que o ganho e a perda dependem exclusiva ou principalmente da sorte" (BRASIL, 1941).

O lucro provindo de furto é ilícito, e como aponta Hanini (2007) a *Sharia* conceitua o furto como sendo o apoderamento ilegítimo de bens móveis alheios, cujo valor supere um montante determinado. No Brasil, art. 155, do Código Penal, é crime subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel (BRASIL, 1940).

De acordo com o Alcorão, a injúria e a difamação são puníveis de maldição, oriundas deste e de outro mundo (RODRIGUES, 2015). No Brasil, art. 139, do Código Penal, "difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo à sua reputação" e no art. 140 "injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro", são considerados crimes contra a honra.

Costa (2009) também cita, como outra regra à moralidade, a proibição ao vinho. O consumo de álcool ou entorpecentes, no Islã, é um ato ilícito e de maior gravidade. No Brasil o art. 5º, da Constituição Federal de 1988, no seu inciso XLIII trata como crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem. Além da conhecida "Lei antidrogas", art. 33, da lei 11.343/06, que define como crime o ato de importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar.

Rodrigues (2015) menciona a proibição de suborno aos juízes principalmente em casos que se referem à apropriação de bens alheios, conforme previsão no livro sagrado. No Brasil, o suborno está tipificado como crime de corrupção ativa, conforme Decreto-lei 2.848, do Código Penal, art. 333, que diz que "oferecer ou prometer vantagem indevida a funcionário público, para determiná-lo a praticar, omitir ou retardar ato de ofício" é considerado crime contra a administração pública (BRASIL, 1940).

No Alcorão, aconselha-se ao crente, a não adentrar na casa de seu semelhante, sem a sua permissão e consentimento. Qualquer violação de residência é uma violação à pessoa (RODRIGUES, 2015). No Brasil, de acordo com o art. 5º, da Constituição Federal, inciso XI, "a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial" (BRASIL, 1988).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos, pode concluir-se que o direito muçulmano possui diversas vertentes que se mantêm fiéis aos ensinamentos do Alcorão. Nele, estão as leis do povo mulçumano, numa junção entre normas de cunho religioso e a vida consuetudinária, baseada nos costumes, na prática e nos hábitos de uma sociedade. Figueiredo Filho (2014) cita que são dois os pressupostos centrais do islamismo: a imutabilidade, onde não se pode advogar em nome de modificações da sua lei (base religiosa); e a infalibilidade, que não permite a dúvida e/ou contestação dos ensinamentos do livro sagrado.

O Alcorão foi escrito há cerca de 1.400 anos atrás, o que implica em um ordenamento que não acompanha o cenário atual da vida dos muçulmanos. No entanto, é necessário que se chegue a uma unificação de seus princípios, para que essa mudança não gere uma separação ideológica. Por outro lado, é possível observar que a nossa Constituição Federal, já passou por

algumas alterações, desde a sua criação em 1988, reiterando assim, que a sociedade está em constante crescimento e as leis precisam seguir essas mesmas evoluções, já que essa dinâmica é uma característica própria do direito.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Dispõe sobre Código Penal brasileiro. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>. Acesso em: 28 ago.2020.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941**. Dispõe sobre a Lei das Contravenções Penais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm>. Acesso em: 28 ago.2020.

COSTA, Elder Lisbôa Ferreira da. **História do Direito**: de Roma à história do povo hebreu muçulmano: a evolução do direito antigo à compreensão do pensamento jurídico contemporâneo. Editora Unama, 2009.

HANINI, Zuhra Mohd El**. Noções de Direito Islâmico (Sharia).** BRASIL: URCAMP, 2007, 173p. Monografia (Bacharelado) Graduação no curso de Direito, Universidade da Região da Campanha Campus Universitária da Faculdade de Direito, 2007.

OLIVEIRA, Adriane Stoll de. **A codificação do Direito.** Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 7, n. 60, 2002. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/3549>. Acesso em: 2 set.2020.

PALMA, R. F. **História do Direito**. 4. ed. Editora Saraiva, 2011.

RODRIGUES, Marcelo. **Considerações a respeito do direito mulçumano**. S.I., 2015. Disponível em:<https://marcelorodrigues.jusbrasil.com.br/artigos/188321480/consideracoes-a-respeito-do-direito-muculmano>. Acesso em: 28 ago.2020.

ROSA, H. M. R. da. **Direito Penal Islâmico.** S.I., 2015. Disponível em: <http://historiadodireitofmp.blogspot.com/2015/11/direito-penal-islamico.html>. Acesso em: 20 ago.2020.

Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas. **Lei 11.343, de 23 de agosto de 2006**. Planalto. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm>. Acesso em: 19 set.2020.

CÓDIGO NAPOLEÃO E SUA RELAÇÃO NA CODIFICAÇÃO CIVIL BRASILEIRA

Indira Andrade Oliveira Sobral Cheade[47]
Josefa Adenilza Santana Lima[48]
Juliane Rodrigues de Almeida[49]

EIXO 2 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Código Napoleão. Codificação Civil Brasileira. Influência. Napoleão.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo geral identificar as influências e os pontos de divergências mais expressivas exercidas pelo Código Napoleão de 1804, na codificação civil brasileira. O trabalho aqui em destaque originou-se de uma prática promovida em sala de aula, no curso de graduação em Direito, especificamente, na disciplina "História e Filosofia do Direito".

Caracterizado como um estudo de revisão narrativa da literatura realizou-se o seu levantamento bibliográfico por meio de livros, artigos e dos sites de buscas em geral, sendo um estudo portando, de revisão bibliográfica com abordagem qualitativa de acordo com Richardson (2012).

2 O CÓDIGO DE NAPOLEÃO E A CODIFICAÇÃO CIVIL BRASILEIRA

Inspirado pelos ideais da Revolução Francesa, a qual possibilitara ao País passar por profundas modificações política, social e econômica, haja vista a decadência do regime feudal daquela época e o simultâneo surgimento de um novo modelo político e econômico, denominado capitalismo, Napoleão Bonaparte aplica, em 1799, de acordo com Neto (2013), um golpe de Estado denominado "18 Brumário".

Para consolidar o Direito na França – fragmentado até então em Direito Romano, ao sul, e em Direito Consuetudinário de origem germânica, ao norte do País – e atender aos anseios da emergente e próspera classe burguesa, Napoleão, segundo Souza (2004), idealiza e promulga, em 21 de março de 1804, o Código Civil dos Franceses, que, a posteriori, seria legitimado "Código Napoleão", em sua homenagem.

Neto (2013) aborda que, a obra em questão atingiu seus objetivos ao fundar uma nova ordem jurídica e social para a França, lançando, assim, bases para uma sociedade mais igualitária através dos pilares do Direito Romano, do Direito Consuetudinário, do Direito consagrado nas grandes ordenações setecentistas e do Direito jurisprudencial, sobretudo o de Paris. Ademais, o Código Napoleônico exerceu, por muitos anos, uma função "constitucional", já que as estruturas jurídicas mais relevantes para a sociedade burguesa estavam previstas e reguladas em maior proporção no Código Civil em detrimento das diversas constituições que a França tivera.

[47] Graduanda do 2º período do curso de Direito, na Faculdade São Luís de França. E-mail: <indira.andrade@sousaoluis.com.br>.
[48] Graduanda do 2º período do curso de Direito, na Faculdade São Luís de França. E-mail: <josefa.adenilza@sousaoluis.com.br>.
[49] Graduanda do 2º período do curso de Direito, na Faculdade São Luís de França. E-mail: <juliane.rodrigues@sousaoluis.com.br>.

A primeira influência do Direito francês no Direito brasileiro deu-se, segundo Azevedo (1994), com a separação do Direito Civil e do Direito Comercial na codificação brasileira de 1916. Entretanto, o novo Código Civil de 2002 retoma o Direito Comercial, alterando-se, por conseguinte, a Primeira Parte do Código Comercial, o qual se tornou restrito ao Direito Marítimo.

No que tange à sua estrutura, Souza (2004), afirma que a influência exercida pelo código francês na codificação civil de 1916 foi mínima, destacando-se, apenas, a técnica de estabelecer disposições introdutórias que versam sobre a aplicação da norma jurídica no tempo e no espaço, a qual fora convertida, mais adiante, na Lei de Introdução ao Código Civil (Decreto-Lei 4.657 de 1942) e que, posteriormente, sua ementa foi alterada pela Lei 12.376 de 30 de dezembro de 2010, para Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro (LINDB), ampliando-se, desta forma, seu campo de aplicação.

Quanto aos princípios fundamentais, o Código Napoleão foi desenvolvido em torno do indivíduo, apoiando-se em três pilares fundamentais: a propriedade, o contrato e a responsabilidade civil. Já o Código Civil do Brasil vigente distancia-se do individualismo do código anterior (CC de 1916) por estar alicerçado sob os princípios fundamentais da socialidade, eticidade e operabilidade. Contudo, para Souza (2004), o princípio da autonomia da vontade e sua força obrigatória, consagrado no artigo 1134 do código francês, influenciou o Código Civil de 1916, porém, no atual Código de 2002, ele foi relativizado, em seu artigo 421, por restringir a liberdade de contratar aos limites da função social do contrato.

Ainda corroborando com Souza (2004), como um dos pontos de congruência entre as codificações, cita-se a aplicação temporal da norma, pois a codificação brasileira de 1916 manteve a regra consagrada no código francês, segundo a qual a lei dispõe para o futuro, não podendo retroagir, convertendo-a em cânone constitucional, como cláusula pétrea, no rol dos direitos e garantias individuais (art. 5º, XXXVI, CF/88). De maneira semelhante, Stoco (2004) coloca que, a estrutura básica dos atos jurídicos foi prevista no artigo 82 do CC/16, conforme dispõe do artigo 1108 do Código Napoleão, bem como a responsabilidade civil subjetiva constituiu-se como regra, tanto no Código Napoleão (art. 1384), quanto nos ordenamentos jurídicos civis brasileiros (art. 937 do CC/16 e arts. 186 e 187 do CC/2002).

Em desacordo, ressalta-se quanto ao tratamento jurídico dos estrangeiros, visto que diversos dispositivos do Código Napoleão disciplinaram a restrição de seus direitos, a exemplo do artigo 11, que adotou o princípio da reciprocidade diplomática. Não obstante, segundo Souza (2004), o Código Civil Brasileiro de 1916 consagrou o princípio da igualdade entre nacionais e estrangeiros ante ao gozo dos direitos civis, incentivando à imigração, que nos era indispensável para o desenvolvimento da economia do país.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto e, considerando Stoco (2004), pôde-se concluir que a influência do Código Napoleão no Código Civil brasileiro decorreu, em menor proporção, quanto ao seu conteúdo positivado, contudo, concedeu grande inspiração no que concerne o seu arcabouço principiológico, o qual foi responsável por vislumbrar as perspectivas históricas e de evolução social que emergiam em virtude da revolução industrial, a qual, inegavelmente, alcançaria todo o globo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Antonio Junqueira de. **Influência do direito francês sobre o direito brasileiro.** Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 89, p. 183-194, 1994.

NETO, Eugênio Facchini. **Code civil francês** - Gênese e difusão de um modelo. Revista de Informação Legislativa, Brasília, ano 50, n. 198, p. 59-88, abr./jun. 2013.

SOUZA, Sylvio Capanema de. **O Código Napoleão e sua influência no Direito Brasileiro**. Revista da EMERJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 26, p. 36-51, 2004. Disponível em: https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista26/revista26_36.pdf. Acesso em: 31 ago.2020.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

STOCO, Rui. **Responsabilidade Civil no Código Civil Francês e no Código Civil Brasileiro** – Estudos em Homenagem ao Bicentenário do Código Civil Francês. In*:* Seminário m Comemoração ao Bicentenário do Código Civil Francês. Brasília: Centro de Estudos Judiciários do Conselho da Justiça Federal, 2004.

CONTRIBUIÇÕES DA POLÍTICA FISCAL PARA OS INVESTIDORES

Jaqueline Soares Jordão[50]
Lucas da Silva Gonçalves[51]

EIXO 2 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Economia. Investimentos. Política Fiscal.

1 INTRODUÇÃO

A Política Fiscal é peça importantíssima na construção da Política Econômica do país, o seu principal objetivo é ter um controle orçamentário, ela apresenta-se atrelada com outras políticas, tais como: Cambial e Monetária. A Política Fiscal define os gastos públicos e os impostos que devem ser arrecadados para a manutenção da estabilidade econômica e a promoção do desenvolvimento, atuando através de uma dinâmica de controle e gestão dos recursos produtivos.

Devido aos seus impactos sobre a estrutura macroeconomia, a Política Fiscal acaba se tornando um detalhe de bastante relevância no processo estratégia e gestão de investimentos, tanto no cenário internacional quanto interno. Diante disso, o presente estudo apresenta uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativa com o objetivo de mostrar a importância que a Política Fiscal pode representar no processo de decisão dos investidores.

2 A POLÍTICA FISCAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Políticas Fiscais diz respeito a um conjunto de operações relacionadas aos dispêndios do Estado, e o meio pelo quais ele obtém recursos para o financiamento de suas despesas. Sendo que tal dinâmica exerce influência sobre a expansão ou contração das atividades econômicas. Ao reduzir tributos e aumentar gastos públicos em um período de baixo nível de atividade econômica ou fazer o oposto nos períodos de expansão econômica, a política fiscal pode ser usada para atenuar os ciclos econômicos, agindo de forma anticíclica em prol da estabilidade econômica (MOREIRA & CARVALHO JUNIOR, 2013).

A política fiscal é composta por duas práticas, a tributação usada pelo governo para gerar receitas necessárias à realização de seus empreendimentos na economia, e os gastos, que seriam os empreendimentos gerados em favor da economia. A tributação é feita por meio da cobrança de uma taxa sobre a renda ou sobre a quantidade do produto vendidos (COSTA *et al.*, 2014). Em outras palavras, há uma retirada de recursos do setor privado da economia que será reinvestida na forma de bens públicos que, se bem empregados, aumentem a produtividade do setor privado. Segundo o autor:

> Estes investimentos têm o propósito de criar uma oferta de bens e serviços indispensáveis à sociedade e que, em muitos casos, não são oferecidos pelo setor privado. Esses investimentos são distribuídos em cotas específicas, geralmente destinadas à educação e cultura, saúde e saneamento, habitação, infraestrutura, previdência etc. Os recursos, quando alocados de maneira

[50] Graduanda do curso de Administração pela Faculdade São Luís de França. E-mail: jaqueline94@sousaoluis.com.br.
[51] Graduando do curso de Administração pela Faculdade São Luís de França. E-mail: <lucas.silva99@sousaoluis.com.br>.

> eficiente, promovem benefícios, como aumento da qualidade de vida, desenvolvimento de novas tecnologias, infraestrutura para criação e atração de novos investidores, aumento do nível de emprego, entre outros, que normalmente são destacados pela teoria como fatores que influenciam o nível de produto de uma economia. (COSTA *et al.*, 2014)

Assim, a maneira como são financiados os gastos, mudanças nos impostos e transferências, no consumo e no investimento do setor público, refletem em impactos macroeconômicos (MONTES & ALVES, 2012). Que influenciam diretamente nos resultados da economia e nos investimentos realizados no mercado, por isso, para saber o momento certo de investir, e onde investir, é tão importante para o investidor ficar atento à Política Fiscal de um governo.

Além disso, "a Política Fiscal é vista como peça nuclear na busca de credibilidade da política econômica e na criação do ambiente favorável à manutenção dos investimentos em moeda nacional" (LOPREATO 2007). Uma vez que ela é usada para conter a recessão e controlar a inflação, contribuindo para a sustentabilidade e o crescimento econômico sustentável.

Agregando que, a entrada da economia no mercado internacional requer como prerrogativa, a adequação da estrutura institucional à lógica de valorização de estoque. Nesse interim cabe à gestão macroeconômica manter a estabilidade e o retorno esperado do capital, oferecendo aos investidores um parâmetro que dê para eles traçarem cenários e avaliarem os riscos de escolha do portifólio. Nessa dinâmica, a política fiscal entra como fiadora do espaço de valorização do capital, agindo como sinalizadora da ausência do risco de default. Nesse sentido, a âncora fiscal ganha o status de fator de redução do risco-país e do efeito contágio das crises internacionais, colocando-se como peça central no esforço de ganhar a confiança dos investidores (LOPREATO, 2007).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário de investimento Internacional, a Política Fiscal é tida como peça chave por mostrar indicativos sinalizadores de credibilidade e sustentabilidade da economia. No cenário interno, a dinâmica de juros e investimentos do setor público acaba afetando a economia no plano macroeconômico, portanto, estar atento à dinâmica fiscal é importante para saber sobre quais os setores mais favoráveis para investimentos. Além disso, as ações da Política Fiscal incidem diretamente sobre o valor da moeda, o índice inflacionário e a geração de empregos, gerando consequências que repercutem no setor produtivo de diversas formas.

.

REFERÊNCIAS

COSTA, Rodolfo Ferreira Ribeiro da; LIMA; Francisco Soares de; SILVA, Daniel Oliveira Paiva da. **Política fiscal local e taxa de crescimento econômico**: um estudo com dados em painel. Planejamento e políticas públicas. PPP n. 42, jan/jun/2014. Disponível em< http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3985/1/PPP_n42_Politica.pdf> Acesso em: 28 out.2020.

LOPREATO, Francisco Luiz C. **A política fiscal brasileira:** limites e entraves ao crescimento. IE/UNICAMP, Campinas, n. 131, ago. 2007.

MONTES, Gabriel Caldas; ALVES, Romulo do Couto. **O debate acerca dos objetivos e condução da política fiscal**: uma abordagem crítica à visão convencional. Econ. Soc., Campinas, v. 21, n. 2, p. 363-386, Agosto/2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182012000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 out.2020.

MOREIRA, Tito Belchior Silva; CARVALHO JUNIOR, Antonio Carlos Costa d'Avila. **Interação entre Políticas Monetária, Fiscal e Cambial no Brasil**: Um Enfoque Sobre a Consistência das Políticas. Economia e Desenvolvimento, Recife (PE), v.12, nº 1, 2013.

GESTÃO DE PESSOAS COM ÊNFASE EM AUDITORIA DE RECURSOS HUMANOS

João Pedro dos Santos[52]
Renata Dantas Lima[53]
Maria Vanilúcia dos Santos[54]

EIXO 2 - Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Auditoria. Gestão de Pessoas. Recursos Humanos.

1 INTRODUÇÃO

A gestão de pessoas se refere às políticas e práticas indispensáveis para o auxílio no gerenciamento na busca de resultados dos colaboradores. Tendo em vista, os aspectos contingenciais que variam nos âmbitos das instituições, podem citar: a cultura, os negócios da organização e os processos internos. A auditoria averigua o sistema organizacional na investigação dos fatos estarem correlacionados com as atividades pré-estabelecidas, almejando aprimorar a eficiência no alcance da eficácia e demais objetivos.

A Auditoria tem ramificações diversas, neste sentido, o presente resumo expandido possui o objetivo de contemplar a Gestão de Pessoas com ênfase na Auditoria de Recursos Humanos no intuito de aprimorar norte organizacional das instituições, a partir de uma análise das técnicas e práticas. Diante disso, o presente estudo foi construído mediante pesquisas bibliográficas, sites específicos, artigos científicos publicados e trabalhos de conclusões de cursos nas áreas de Administração e Recursos Humanos.

O presente trabalho demonstra sua relevância por aclarar as discussões no âmbito acadêmico e profissional, sobre a importância da Gestão de Pessoas conectada a Auditoria na área de Recursos Humanos, a abordagem direciona-se aos acadêmicos em Administração e Gestão em Recursos Humanos, ainda aos pós-graduandos em áreas afins e no meio empresarial, destina-se aos profissionais ou especialistas nas áreas de Administração, Recursos Humanos, Auditoria, Gestão de Pessoas e demais estudiosos do tema.

2 GESTÃO DE PESSOAS COM ÊNFASE EM AUDITORIA DE RECURSOS HUMANOS

Segundo Gil (2001, p.17), gestão de pessoas é a função gerencial que visa à cooperação das pessoas que atuam nas organizações para o alcance dos objetivos tanto organizacionais quanto individuais. Já Chiavenato (2000), menciona que a auditoria em recursos humanos tem como objetivo avaliar o funcionamento atual apresentado, os direitos e deveres do empregado, bem como, a de seus colaboradores, tendo em vista uma evolução constante, sendo assim, o ponto norteador para os gestores.

A Gestão de pessoas é norteada por um sistema movido pela sinergia, onde a soma das partes é maior que o resultado. Ressaltando que, enquanto o RH está planejando uma estratégia

[52] Graduando do 7º período do Curso de Bacharelado em Administração da Faculdade São Luis de França. E-mail: joao.pedro@sousaoluis.com.br.
[53] Graduanda do 7º período do Curso de Bacharelado em Administração da Faculdade São Luis de França. E-mail: renata.dantas@sousaoluis.com.br.
[54] Gestora em Recursos Humanos, com experiência a mais de vinte anos na área de Recursos Humanos, Professora Especialista na Faculdade São Luis de França. E-mail: vanilucia@hotmail.com.

macro para a empresa, a gestão de pessoas está agindo diretamente no engajamento do colaborar.

Entretanto, a Auditoria em Recursos Humanos trata-se de um processo analítico, eficaz e de total importância dentro de uma empresa. De acordo com Chiavenato (2002, p.585) "a auditoria de recursos humanos é definida como a análise das políticas e práticas de pessoal de uma organização e avaliação do seu funcionamento atual, seguida de sugestões para melhorias". Chiavenato (1999) acrescenta que:

> O propósito principal da auditoria de recursos humanos é mostrar como o programa está funcionando, localizando práticas e condições que são prejudiciais à organização ou que não estão compensando o seu custo ou, ainda, práticas e condições que devam ser acrescentadas. (CHIAVENATO, 1999, p.124)

No entanto, abrir mão da auditoria de recursos humanos gera fatores indesejáveis em relação à produção, nas finanças empresárias e em todo o sistema organizacional. Desse modo, a diligência da auditoria de recursos humanos traça uma visão holística que permite ao gestor seguir de modo mais fidedigno ao planejamento inicial.

Por isso a auditoria agrega valores em seu uso nas empresas por conta das contribuições diversas, sendo elas: objetivos e resultado da organização; eficácia organizacional; desenvolvimento de pessoas; remuneração; benefícios sociais; relação sindical e o clima organizacional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as principais nuances da Gestão de Pessoas com ênfase na Auditoria de Recursos Humanos, a presente pesquisa, enfoca que, trata-se de um processo analítico que efetuam diagnósticos e prognósticos eficazes, além de recomendações, e de total importância dentro de uma empresa, com foco no controle e correção.

Portanto, tendo em vista um crescimento empresarial constante, a Auditoria em Recursos Humanos se apresenta como ponto chave neste que é considerado um método minucioso, corretivo e objetivo, atuando de forma preventiva e eficaz para a busca de melhoria em toda a instituição.

REFERÊNCIAS

CHIAVENATO, I. **Recursos Humanos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas:** O novo papel dos recursos humanos nas organizações. São Paulo: Campus, 1999.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos Humanos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Gestão de Pessoas:** Enfoque nos Papéis Profissionais. São Paulo: Atlas, 2001.

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO PARA EXISTÊNCIA HUMANA

Miqueias Salomão Almeida Moreira[55]
Maria Vanilúcia dos Santos[56]

EIXO 2 - Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Dignidade. Evolução. História. Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

A etimologia da palavra trabalho vem do latim *tripalium*, termo formado pela junção dos elementos *tri*, que significa "três", e *palum*, que quer dizer "madeira" (*Tripalium* era o nome de um instrumento de tortura constituído de três estacas de madeira bastante afiadas e que era comum em tempos remotos na região europeia), neste sentido, "trabalhar" significava "ser torturado". Segundo Guarinello (2006), trabalhar em Roma significava ser escravo e no período histórico medieval trabalhar era perder a liberdade. Contudo, são imprescindíveis à humanidade as variadas formas de trabalho desde a pré-história à contemporaneidade, como forma de ocupação e status. Neste contexto, qual a relevância do trabalho para nossas vidas?

A pesquisa objetiva investigar sob uma perspectiva histórica de como o trabalho pertence ao ser humano, como uma forma de sobrevivência à realização pessoal. Para Weber (1987), a capacidade que o homem tem de agregar sentido à natureza por meio de ações delineadas, consciente que realiza transformação entre o homem e o ambiente, distinguindo o trabalho do ser humano de quaisquer outros animais.

O presente trabalho apresenta pesquisa bibliográfica, realizada através de sites, livros, artigos e períodos que corroboram na fundamentação da questão analisada. A presente pesquisa justifica-se pela importância em investigar a influência do trabalho na vida cotidiana das pessoas, sendo este, intrínseco a todo ser, perpetuando de geração em geração.

2 TRABALHAR É IMPRESCINDÍVEL

O trabalho para os caçadores-coletores, como exemplo, o Homo Erectus, existia apenas com a função de prover as urgências momentâneas. Nesse sentido, trabalhar significava para o indivíduo ser o próprio indivíduo, visto que, em uma dinâmica social na qual se pensa na existência de cada dia vivido sem que haja preocupação em assegurar o futuro, não trabalhar significava deixar de garantir a nutrição necessária à realização das funções vitais do corpo, logo, não trabalhar era uma ameaça à vida que o próprio indivíduo impunha a si. A evolução histórica documenta que, a agricultura modificou a ideia de trabalho como garantia presente, lançando ao homem a expectativa de futuro promissor. O trabalho agrícola, introduzido à dinâmica social, permitiu a estocagem de alimentos e esta ação permitiu aumento populacional, causando grandes mudanças, desde a alteração corporal ao meio em que habitamos.

"As novas tarefas agrícolas demandavam tanto tempo que as pessoas eram forçadas a se instalar permanentemente ao lado de seus campos de trigo" (HARARI, 2017, p. 91). É notório e inegável que a revolução tecnológica causada pela revolução industrial e pela

[55] Graduando do 7º período do Curso de Bacharelado em Administração da Faculdade São Luis de França. E-mail: miqueiassalomao@hotmail.com.
[56] Gestora em Recursos Humanos, com experiência a mais de vinte anos na área de Recursos Humanos, Professora Especialista na Faculdade São Luis de França. E-mail: vanilucia@hotmail.com.

globalização reconfigurou a relação que os indivíduos possuíam com o trabalho. Tendo como referência o trecho escrito por Harari (2017), pode-se dizer que embora ainda haja pessoas que mudam seus locais de residência para estar próximas do ambiente no qual trabalham, essas migrações são numericamente irrelevantes ao contexto global, a tecnologia permite que diversos profissionais possam exercer suas funções em suas próprias residências, tomemos aqui o exemplo a docência, se antes as aulas eram ministradas necessariamente em espaço físico e presencial, com a internet passou a ocorrer em ambientes virtuais, sobretudo a partir da pandemia do novo Corona vírus.

Existem questões a serem consideradas como: o que a possibilidade de desempenhar as funções profissionais em diversos ambientes, inclusive no virtual, de fato significa para o indivíduo? Será que, de fato, significa maior liberdade ou será que é apenas um novo modelo de trabalho? As várias pressões sociais tais como a expectativa de possuir um emprego valorizado e o desejo de acumular bens, fazem o trabalho suplantar o bem-estar corriqueiramente, o que é contraditório, visto que, se trabalha exatamente desejando obter bem-estar. O filósofo alemão Max Weber (1987), cunhou a celebre frase "o trabalho dignifica o homem", refletindo sobre a afirmação, leva-se em consideração um conjunto de aspectos e fatores que, possivelmente, influenciem direta ou indiretamente a construção do ser e o seu exercício profissional. Não obstante, o homem contemporâneo busca identidade arremetendo-se a sua função laboral, que constitui fator relevante na busca respostas a sua existência. O trabalho tem extrema acuidade em fatores de identidade, realizações de objetivos e na manutenção da vida.

Desde os primórdios da civilização existem pessoas com funções diversas, no entanto, a valorização de fatores subjetivos da mão-de-obra ao decorrer do tempo, afeta a previsão do sistema de formação de quadros que corresponde às necessidades básicas. O direito busca mediações entre conflitos sociais e individuais, e todo cidadão está sob a égide da justiça, que se refere também ao trabalho. Neste contexto, o trabalho decente, que se caracteriza por ser "realizado em condições de liberdade, igualdade e segurança, bem como mediante remuneração capaz de garantir existência digna aos trabalhadores e a suas famílias" (CAMPOS, 2011, p. 18).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, assim como países com democracia estabelecida, a Constituição prioriza a dignidade das pessoas na sociedade em diferentes aspectos, principalmente através do trabalho, conforme redação do artigo 1º da Constituição Federal do Brasil (1998), neste sentido, considera-se o trabalho intrínseco à vida de todos os seres humanos, desde a sobrevivência à corporatura de identidade, com ênfase para o alcance de objetivos e realização pessoal, enfatizando que, a estrutura de uma organização pessoal do indivíduo concerne uma correta previsão do retorno satisfatório em longo prazo na carreira profissional, ressaltando, o acompanhamento de metas que fazem parte do processo de gerenciamento pessoal, robustecendo a importância do trabalho para existência humana.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CAMPOS, André Gambier**. Direito ao trabalho:** considerações gerais e preliminares. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2011.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Escravos sem senhores:** escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano**.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 52, p. 227-246, 2006.

HARARI, Yuval. **Sapiens-**Uma breve história da humanidade. 28. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

O MARKETING É ESSENCIAL PARA O FUTEBOL

Miqueias Salomão Almeida Moreira[57]
Joenison Batista da Silva [58]

EIXO 2 - Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Sociais e Aplicadas

Palavras-chave: Marketing. Esporte. Futebol. Estratégia.

1 INTRODUÇÃO

O futebol apresenta-se como um esporte de grande apego e participação popular, demonstrando uma forte relação dos torcedores pelos seus times (SCHARF *et al.*, 2017). Resultante dessa grande popularidade é possível observar que o futebol movimenta um mercado bilionário, envolvendo transações financeiras volumosas dos jogadores e dos eventos futebolísticos. Sendo assim, tem-se que o mercado do futebol tornou-se uma grande área de negócios em que os clubes, mediante sua equipe de profissionais, buscam gerar consideráveis receitas (MÜLLER; SIMONS; WEINMANN, 2017). É o bem afamado "mercado da bola", onde o marketing possui um amplo leque de atividades e desafios, com o intuito de agregar valor aos clubes de futebol, bem como aos torcedores.

O termo Marketing Esportivo surgiu em 1978, como uma expressão para justificar e explicar as ações de empresas para promover seus produtos por meio do esporte (FULLERTON; MERZ, 2008). O Marketing Esportivo pode ser compreendido como sendo uma atividade desenvolvida pelas organizações, cujo intuito principal é proporcionar propostas de valor que venham a satisfazer aos interesses dos envolvidos, quais sejam, os torcedores, os gestores e os patrocinadores dos times (POZZI, 1998).

Diante disso, o presente resumo expandido possui como objetivo discorrer sobre a temática do Marketing Esportivo e analisar a sua importância para o mercado futebolístico. Sendo assim, para o desenvolvimento desse estudo, foi adotada uma metodologia de cunho bibliográfico, consistindo na utilização de livros e artigos que corroboram e explanam essa temática (GIL, 2007). O presente trabalho justifica-se pela importância de abordar uma temática pertinente para o contemporâneo mundo globalizado, cuja cultura futebolística perpetua de geração a geração, com influência na vida cotidiana de uma considerável parcela da população.

2 MARKETING NO FUTEBOL

Os clubes de futebol possuem seus atletas como os protagonistas do espetáculo no estádio. Vislumbra-se que, independentemente de credo, ideologia, estrato social, ou nacionalidade, esse esporte faz pessoas obterem sensações e emoções incomensuráveis. Sobretudo, os torcedores são peças fundamentais, não existindo espetáculo sem os espectadores e, são extremamente importantes para o time, assim, como os melhores atletas também são. Ser torcedor, também é possuir um papel fundamental e muitos exercem essa função com muita seriedade e entusiasmo.

Dessa forma, para um mercado gigantesco e com grande visibilidade, estratégias de marketing e gestão de ferramentas do marketing são imprescindíveis, tanto para manutenção

[57] Graduando do 7º período do Curso de Bacharelado em Administração da Faculdade São Luis de França. E-mail: miqueiassalomao@hotmail.com.
[58] Mestre em Administração, Graduado em Ciências Contábeis, Professor na Faculdade São Luis de França. E-mail: joenison.batista@sousaoluis.com.br

de pessoas adeptas ao clube que gostam, mas também para alcance de altos lucros, promovendo atletas, marcas e parcerias. Ademais, quando um jogador apresenta um comportamento inadequado, o patrocinador poderá ter sua imagem afetada, mesmo que indiretamente (CHUNG; DERDENGER; SRINIVASAN, 2013). Associar atleta, times, torcidas, pode fortalecer uma marca de forma avassaladora, como, por exemplo, Adidas e Nike, marcas esportivas que possuem visibilidade e mercado por todo o mundo.

Dentre as diversas ações estratégicas que podem ser adotadas pelo marketing no enfoque esportivo, visando atrair e aproximar seu público destacam-se programas como o Sócio Torcedor, técnicas de comunicação mais diretas e claras com os torcedores e desenvolvimento de novas atrações.

Não possuir estratégias e domínio de métodos poderá acabar inviabilizando a prospecção de consumidores (torcedores). Com isso, os responsáveis pela gestão dos clubes e organizações vinculadas ao futebol devem buscar uma renovação, ou melhor, aproveitamento de suas práticas, podendo-se inferir através do marketing uma maior visibilidade da marca e fidelização dos consumidores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O marketing esportivo possui evolução gigantesca nas últimas décadas, decorrente do aperfeiçoamento de ferramentas e a relação com vários campos da ciência (PITTS; FIELDING; MILLER, 1994). Ressalta-se que o domínio de ferramentas e habilidades eficazes no marketing contribui para um ambiente fértil de atração de consumidores e pessoas fiéis à marca, desencadeando excelentes retornos em curto e em longo prazo.

Ainda assim, existem dúvidas a respeito de como a expansão dos mercados mundiais prepara-nos para enfrentar situações atípicas decorrentes de todos os recursos e agentes envolvidos, como, por exemplo, o momento de pandemia vivenciado no ano de 2020, em que o vírus Sars-cov-2[59], com ameaça iminente de morte, fez suspender jogos de futebol por todo o globo terrestre. As experiências acumuladas demonstram que o surgimento do comércio virtual pode nos levar a considerar a reestruturação do processo de comunicação como um todo. O novo modelo estrutural *E-commerce*, *Marketplace* e Redes Sociais, auxiliam a preparação e a composição da gestão inovadora da qual observamos a construção e fazemos parte do marketing digital esportivo.

Sobretudo, observa-se que o esporte está muito além do que os olhos desavisados podem ver. O futebol é representado como uma expressão de cunho cultural que está presente no dia a dia dos brasileiros, possuindo um considerável impacto, tanto econômico, como social. Sendo assim, ressaltou-se nesse estudo, a grande importância que o marketing representa no meio futebolístico, sendo este um mercado amplo e ainda de grande potencial de crescimento econômico e social.

REFERÊNCIAS

CHUNG, K. Y.; DERDENGER, T. P.; SRINIVASAN, K. ***Economic value of celebrity endorsements:*** *Tiger Woods' impact on sales of Nike golf balls*. Marketing Science, v. 32, n. 2, p. 271-293, 2013.

FULLERTON, S.; MERZ, G. R. ***The Four Domains of Sports Marketing:*** *A Conceptual Framework.* Sport Marketing Quarterly, v. 17, p. 90-108, 2008.

[59] Segundo o Ministério da Saúde a COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

MÜLLER, O.; SIMONS, A.; WEINMANN, M. ***Beyond crowd judgments:*** *Data-driven estimation of market value in association football.* European Journal of Operational Research, v. 263, n. 2, p. 611–6241, 2017.

PITTS, B. G.; FIELDING, L. W.; MILLER, L. K. ***Industry segmentation theory and the sport industry:*** *developing a sport industry segment model.* Sport Marketing Quarterly. v. 3, n. 1, p. 15–24, 1994.

POZZI, Luis Fernando. **A grande jogada**: teoria e prática de marketing esportivo. São Paulo: Globo, 1998.

SCHARF, E. R.; SOUSA, R. P. L.; SARQUIS, A. B.; BELZ, E. **A experiência e mais dez:** Uma estratégia para vencer na Champions League. Gestão & Regionalidade, v. 32, n. 96, p. 21–34, 2017.

IMPORTÂNCIA DO SUS PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA

Bruna Ribeiro de Aragão[60]
Bianca Santos Melo[61]

EIXO 3 - Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências da Saúde

Palavras-chave: Importância. Princípios. SUS.

1 INTRODUÇÃO

O Sistema Único de Saúde (SUS) foi criado pela Constituição Federal Brasileira de 1988, segundo a aprovação da Lei Orgânica da Saúde nº 8080/90, a qual detalha o funcionamento desse sistema que é um dos maiores e mais complexos do mundo. Abrange toda forma de atendimento, do básico ao mais avançado, gratuitamente. Além de ter como um dos principais objetivos a identificação e divulgação dos fatores condicionantes e determinantes da saúde; a formulação de políticas de saúde; assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com realização integrada das ações assistenciais e das atividades preventivas.

Nesse contexto, o SUS é fundamentado de acordo com três princípios doutrinários, os quais norteiam todo o sistema: universalidade, equidade e integralidade. Primordialmente, a universalidade diz respeito ao acesso à saúde para todos os cidadãos que residem no Brasil, enquanto a equidade garante o tratamento igualitário, de acordo com a necessidade de cada indivíduo, por fim, a integralidade que trata holisticamente o paciente visando às ações de saúde que devem ser combinadas e voltadas para prevenção, promoção e recuperação de cada cidadão.

Destarte, esta pesquisa aborda o tema de forma a constituir-se como um assunto de utilidade pública, tendo como objetivo geral demonstrar a importância do SUS para os indivíduos brasileiros. Segundo a médica e representante da Organização Pan-Americana no Brasil (OPAS), Socorro Gross, o SUS é a concretização do direito da população brasileira a ter uma vida melhor, mais justa, mais digna e mais feliz. este trabalho então busca elucidar tamanha relevância desse sistema para a sociedade nacional. A metodologia deste trabalho está pautada numa pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa de acordo com Richardson (2012).

2 A QUESTÃO PRÁTICA DO SUS

Um importante âmbito a ser abordado sobre a prática do SUS seria a questão da cobertura vacinal a todos os indivíduos brasileiros. O Programa Nacional de Imunizações – PNI o qual foi criado em 1973 e que é reconhecido pela população brasileira, tem como significativo objetivo: supervisionar, avaliar, coordenar e normatizar a execução das ações de imunizações em todo território nacional. As vacinações, segundo Gonçalves, (2019) são produzidas em laboratórios tanto nacionais quanto internacionais, além de institutos especializados como o de renome localizado em São Paulo, Instituto Butantan. O Sistema de Saúde do Brasil distribui de forma gratuita em postos de saúde, vacinas, que protegem indivíduos após o nascimento e garante segurança durante a maior parte das fases da vida contra grave quantidade de doenças. Percebe-se dessa forma, a grande valia que o SUS promove a todos os cidadãos, pois suas metas

[60]Estudante de graduação em medicina na Universidade Tiradentes. E-mail: <brunararagao@hotmail.com >.
[61]Estudante de graduação em medicina na Universidade Tiradentes. E-mail:<bianca.smelo@outlook.com >.

em atingir quase que 100% da cobertura vacinal a cada ano, demonstra a relevância que se dá à população.

Além da total proatividade e eficiência nas campanhas vacinais, o SUS oferece medicamentos gratuitamente para toda a população. Esses fármacos são organizados em três componentes para melhor classificação e distribuição, organizam-se em: básico, estratégico e especializado, além do Programa Farmácia Popular. De acordo com Massi (2018), os componentes básicos são os que fazem parte da atenção primária de saúde, remédios como ibuprofeno, paracetamol, amoxicilina. Os estratégicos englobam medicamentos para prevenção, diagnóstico, tratamento e controle de doenças como tuberculose, hanseníase, malária, esquistossomose, produz soros e imunoglobulinas. Já os especializados são para as doenças mais específicas como Alzheimer, Parkinson, asma, epilepsia, glaucoma, lúpus, são os medicamentos mais caros, inclusive para pacientes transplantados.

Por certo, outro quesito imprescindível a ser debatido neste tema é a utilização do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU 192). Foi criado em 2003 e oficializado pelo Ministério da Saúde por meio do Decreto nº 5.055 de 27 de abril de 2004 propõe um modelo de assistência padronizada com regulação médica regionalizada, hierarquizada e descentralizada. Opera por meio da Central de Regulação das Urgências, com discagem telefônica gratuita e de fácil acesso (linha 192), composta por médicos que atendem à demanda do sistema telefônico e define uma hipótese diagnóstica e determinada complexidade, podendo ser fornecido do suporte básico ao avançado. Assim, segundo Machado; Salvador e O'dwyer (2010), esse serviço organiza e define os diferentes níveis de atenção à saúde. As ambulâncias do SAMU são divididas em viatura de acordo com a necessidade de cada região do país como, por exemplo: USB – Unidades de Suporte Básico; AMBULANCHA: Unidade de Socorro Aquático; HELICÓPTERO: Unidade de Socorro Aéreo. É notório que tal serviço é de extremo auxílio e relevância aos brasileiros, os quais em momentos de instabilidade e/ou imprevistos podem acionar o SAMU e serem mais bem encaminhados ou tratados em um primeiro contato.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No referente trabalho pôde-se perceber o quão grande é a importância do SUS para toda a população brasileira. Entretanto, a realidade desse sistema não funciona com a sua total eficácia e eficiência, pois, o desafio a se enfrentar é sobre a má administração dos recursos financeiros que são geridos pelas esferas federal, estadual e municipal. Os responsáveis por essa gestão desviam e retiram os recursos que seriam destinados à saúde pública. Assim, é perceptível o quanto esse sistema poderia ser melhorado, todavia, apesar deste problema continua sendo um dos maiores e melhores sistemas de saúde pública do mundo e que salva inúmeras vidas diariamente.

Infelizmente, outro obstáculo enfrentado pelo SUS é o preconceito de alguns indivíduos em sua referência. Uma das principais causas desta estigmatização é a presente desigualdade social no território brasileiro. O SUS é visto de forma equivocada por certa parte da população como um sistema somente para pessoas desprovidas de capital, isto é, para os pobres. Nesse contexto, o Sistema de Saúde é visualizado como oferta de UBS ou somente atenção básica, generaliza-se dessa forma, sua alta complexidade e acesso a todos os brasileiros. Indubitavelmente, discussões acerca deste e outros problemas inviabilizam a imensa relevância que o SUS e seus princípios têm para o país. É imprescindível a valorização por parte dos cidadãos brasileiros a grandiosidade desse sistema.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 6 nov.2020.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.** Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 9 nov.2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.055 e 27 de abril de 2004.** Institui o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU, em Municípios e regiões do território nacional, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5055.htm. Acesso em: 6 nov.2020.

GONÇALVES, Débora. **VACINAS disponíveis no SUS**: quais são, para que servem e porquê vacinar. Hygia blog, 1 ago. 2019. Disponível em: https://blog.hygia.com.br/vacinas-disponiveis-no-sus. Acesso em: 8 nov.2020

MASSI, Viviane. **Como funciona a compra de medicamentos pelo SUS**. Disponível em: https://www.ictq.com.br/varejo-farmaceutico 826-como-funciona-a-compra-de-medicamentos-pelo-sus#:~:text=Resumidamente%2C%20o%20sistema%20de%20aquisi%C3%A7%C3%A3o,de%20Medicamentos%20Essenciais%20(Rename) Acesso em: 9 nov.2020.

MACHADO, Cristiani Vieira; SALVADOR, Fernanda Gonçalves Ferreira; O'DWYER, Gisele. **Serviço de Atendimento Móvel de Urgência**: análise da política brasileira. Scielo, Rio de Janeiro, p. 519-528, 14 nov.2010. Disponível em: https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2011.v45n3/519-528 Acesso em: 9 nov.2020.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

OBSERVAÇÃO EM PSICOLOGIA: AS SETE EMOÇÕES UNIVERSAIS NA ANÁLISE DE MICROEXPRESSÕES FACIAIS

Yasmin Victória Nascimento Carvalho[62]
Rodrigo Santos Siqueira[63]

EIXO 3 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências da Saúde

Palavras-chave: Microexpressões faciais. Métodos. Psicologia.

1 INTRODUÇÃO

Uma imagem vale mais que mil palavras. É do conhecimento popular de que os nossos gestos exercem grande importância comunicação. Alguns estudos apontam que a comunicação verbal é responsável por apenas 7% na interpretação de uma mensagem (YAFFE, 2011 apud MEHRABIAN, 1971). Se as observações na área da psicologia buscam investigar as emoções, pesquisadores devem estar cientes de que respostas emocionais vão além do que é falado ou marcado em um questionário. E por essas razões, profissionais devem conhecer mais sobre o tema para discutir suas implicações éticas no uso desse conhecimento.

Contudo, o conhecimento já tem sido aplicado em diversas tecnologias ao nosso redor sem que saibamos da sua existência e possamos discutir sobre suas implicações. Fato que favorece a apropriação deste conhecimento por pessoas sem preparo ético e sem uma formação ampla em psicologia. Este trabalho teve como objetivo levantar o interesse sobre essa área que ainda possui insipiente campo no âmbito acional, tendo pouca difusão sobre o assunto e fomentar discussões éticas sobre sua aplicação. Para isto fizemos uma revisão crítica da sua obra "A linguagem das emoções" autor desta área e alguns debates levantados por seus opositores.

2 OBSERVAÇÃO EM PSICOLOGIA: AS SETE EMOÇÕES UNIVERSAIS NA ANÁLISE DE MICROEXPRESSÕES FACIAIS

Para Viana (2014), a comunicação não verbal se faz através das reações entre objetos, gestos e expressões faciais. Paul Ekman, psicólogo pioneiro no estudo das expressões faciais, fez pesquisas ao redor do mundo com intuito de desvendar os mistérios da identificação das emoções e se elas realmente se modificam de uma cultura para outra (EKMAN, 2011). Ao realizar estudos com pessoas de diferentes países, ele descobriu que ainda que não compartilhem a mesma cultura, responderam através de suas expressões faciais, de forma semelhante a estas emoções. Quando foi questionado se a interferência ocidental poderia ter influenciado nas respostas, Ekman resolveu investigar outras etnias ao redor do mundo.

Na época, ele iniciou uma nova expedição para Papua Nova Guiné, país que se encontra na Oceania, e entrevistou a tribo Fore, indivíduo primitivo que nunca fora colonizado ou tido contato com as demais pessoas do mundo. Logo após três anos de pesquisa, Paul Ekman concluiu que as microexpressões faciais são as mesmas encontradas nos estudos ocidentais (EKMAN, 2011). Ou seja, mesmo isolados de outras culturas, responderam do mesmo modo. Este estudo estabeleceu novas provas de que não há interferência cultural na natureza das expressões das emoções faciais.

Inicialmente, Ekman (2011) concluiu que existem sete expressões faciais (conjuntos de microexpressões) que remetem a sete respostas emocionais universais: Felicidade, Desprezo,

[62]Graduanda de Psicologia (Faculdade São Luís de França). E-mail: yasmin.victoria@sousaoluis.com.br.
[63]Graduando de Psicologia (Faculdade São Luís de França). E-mail: rodrigo.santos@sousaoluis.com.br.

Tristeza, Medo, Raiva, Surpresa e Nojo. Cada uma com características que permitem a sua diferenciação e reconhecimento. Tal descoberta contribuiu para o surgimento de novos métodos de observação na Psicologia. Esta ciência agora poderia contar com um poderoso conceito amplamente testado para formulação de novas teorias e formas de observar o comportamento humano.

Contudo, segundo Gonçalves e Peppi (2019), estudos mostram também que somos capazes de manipular nosso comportamento para esconder emoções e talvez por isso seja difícil evoluir nas pesquisas e ter posições mais confiáveis sobre o assunto. Deste modo, esse tipo de observação exige bastante conhecimento, treinamento, experiência do observador e até alguns softwares têm sido desenvolvidos para melhorar a precisão da observação. Já podemos colher alguns frutos desses estudos, mas ainda existe um longo caminho para que sua aplicação seja segura em alguns contextos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não devemos deixar as palavras de lado. Yaffe (2011) ressalta em seu artigo os mitos e verdade da relevância das expressões corporais na comunicação. Para ele, o que é falado sobre a teoria dos 7% de importância da comunicação verbal não era exatamente o que o autor queria falar. O livro que ficou famoso por essa informação, escrito Albert Mehrabian em 1971, se referia à estratégia comportamental que temos ao buscar na expressão corporal e no tom de voz entender o sentido do que é falado quando as palavras não são tão claras. Ou seja, o que é falado, bem como seu contexto não pode ser ignorado. Pelo contrário, nossas expressões, falas e gestos trabalham em conjunto na comunicação.

REFERÊNCIAS

EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

VIANA, Isabel. **Comunicação não verbal e expressões faciais das emoções básicas**. Revista de Letras, v. 2, n. 13, p. 165-181, 2014.

GONÇALVES, Antonio Baptista; PEPPI, Fabiani Mrosinski. **Micro-expressões faciais:** lenda ou realidade? Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 25-60, 2019.

YAFFE, Philip. ***The 7% rule:*** *fact, fiction, or misunderstanding.* Ubiquity, v. 2011, n. October, p.1-5, 2011.

DEPRESSÃO PÓS-PARTO E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Crisley dos Santos Menezes[64]
Yasmin Victória Nascimento Carvalho[65]
Ricardo Guimarães Amaral[66]

EIXO 3 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências da Saúde

Palavras-chave: Depressão pós-parto. Desenvolvimento infantil Revisão literária.

1 INTRODUÇÃO

Gravidez, parto e período pós-natal são alguns dos períodos mais importantes na vida das mulheres. O primeiro mês do período pós-natal é primordial devido à possibilidade de doenças psicológicas, sendo a depressão pós-parto (DPP) a condição psiquiátrica que ocorre com maior frequência.

A DPP é definida como um transtorno mental grave, influenciado por mudanças hormonais nas mulheres durante o trabalho de parto e pós-parto, que se desenvolve dentro de um mês após o nascimento da criança, com possibilidade de durar até um ano (MOLDENHAUER, 2018). Os fatores de risco que predispõem as mulheres à patologia incluem episódios depressivos anteriores, sentimento de ansiedade e desânimo na gravidez, baixa autoestima, relações precárias com os parceiros, baixo status socioeconômico, solidão, gravidez de risco, hospitalização durante a gravidez ou interrupção do parto por cesariana precoce, estresse associado a cuidar de uma criança e à falta de aceitação do corpo após o parto.

A DPP apresenta como principais sinais e sintomas a ansiedade, sensação de desespero, distúrbios do sono, déficit de atenção, falta de apetite, descontentamento com o ambiente e desinteresse na criança. Esse desinteresse da mãe pela criança nos primeiros meses de vida pode ter consequências no desenvolvimento infantil e está surgindo um consenso científico de que as origens da doença em adultos são frequentemente encontradas entre distúrbios de desenvolvimento e biológicos que ocorrem nos primeiros anos de vida. No entanto, escassos trabalhos de revisão da literatura são realizados relacionando DPP com desenvolvimento infantil. Portanto, diante da carência de revisões da literatura sobre o tema, da severidade da patologia e da possível consequência na vida da criança, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão da literatura científica sobre a depressão pós-parto e o impacto no desenvolvimento infantil.

2 DESENVOLVIMENTO

Para realização da pesquisa foi utilizada duas bases de dados de literatura científica (fonte da *internet*): *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e o *Google Scholar* usando combinações de palavras-chaves. O termo “depressão pós-parto” foi utilizado para determinar a doença e o termo “desenvolvimento infantil” foi associado utilizando o operador booleano “AND”. A pesquisa foi executada durante o mês de outubro e novembro de 2020 e incluiu trabalhos entre 2018 e 2020. A estratégia de pesquisa estruturada foi projetada para incluir qualquer artigo científico que investigasse associação da DPP e o desenvolvimento infantil.

[64]Graduada em Letras pela Unit(2006); Pós-graduada em Língua Portuguesa pela Faculdade Pio Décimo(2010), graduanda em Psicologia na Faculdade São Luís de França. E-mail: <crisley.santos@sousaoluis.com.br>.
[65]Graduanda em Psicologia na Faculdade São Luís de França; E-mail: <yasmin.victoria@sousaoluis.com.br>.
[66] Professor de Psicologia na Faculdade São Luís de França. E-mail: <ricardo86@sousaoluis.com.br>.

Os seguintes critérios de exclusão foram usados: estudos em animais, artigos em qualquer idioma que não seja português, anais de conferências, editoriais/cartas e relato de caso.

A partir dessa busca, foi obtido um total de 211estudos nas bases de dados científicas utilizadas para esta revisão, sendo 04 na *Scielo* e 207 no Google acadêmico. Os artigos científicos encontrados repetidos nas plataformas pesquisadas foram excluídos, os critérios e de exclusão foram aplicados e três foram selecionados para análise.

Nos estudos desta revisão literária observou-se que a depressão pós-parto pode impactar o desenvolvimento infantil, conforme Rodrigues (2019) a criança pode apresentar problemas comportamentais; desordens linguísticas, afetivas, cognitivas e sociais; apresentando alterações de sono, na atividade cerebral entre outros fatores que podem ser desenvolvidos devido à baixa interação afetiva da mãe com diagnostico de depressão pós-parto. Ressaltando que a DPP pode ser leve, moderada ou de alto impacto para o desenvolvimento da criança, já que, quando a mãe tramita por situações adversas e de depressão, a tendência de tratar o seu filho de forma imprevisível tende a crescer, podendo interferir na qualidade dos laços emocionais futuros (SCHMIT, 2005). Este comportamento pode provocar impacto não somente no desenvolvimento infantil, como também provocar na mãe a sensação de incapacidade materna, já que ela acredita que não tem capacidade de cuidar de seu bebê, isso se torna evidente, quando a mãe, e seu ambiente social, encontra-se em desequilíbrio.

Para Carlesso (2019) a comunicação entre mãe-filho no início da maternagem nos casos de depressão materna são os mais perigosos, visto que poder promover no bebê transtornos psicopatológicos diversificados conforma a sua manifestação. Sendo que este estudo indica alto índice de crianças com desenvolvimento negativo quando a mão apresenta características depressivas no período pós-parto, visto que a relação maternal pode ter repercussão negativa no crescimento da criança.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão literária científica tornou possível concluir que, os sintomas depressivos maternos no período perinatal e pós-natal, são mais propensos a afetar o desenvolvimento da criança, o que sugere um período crítico de sensibilidade. Portanto, é de fundamental e de imprescindível importância que essas informações às mulheres que planejam engravidar e possuem fatores de risco para a depressão. Estes que podem afetar o desenvolvimento infantil e predispondo o bebê inclusive a déficits cognitivos.

REFERÊNCIAS

CARLESSO, Janaína Pereira Pretto; DE MORAES, Anaelena Bragança; DE SOUZA, Ana Paula Ramos. **Experiência da maternidade e Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDIs).** Research, Society and Development, v. 9, n. 2, p. 33, 2020.

MOLDENHAUER, Julie S. **Depressão pós-parto.**Children's Hospital of Philadelphia, Jun/2018.disponível em:https://www.msdmanuals.com/pt-pt/casa/problemas-de-saúde-feminina/período-pós-parto/depressão-pós-parto

RODRIGUES, Wdyane Layane da Costa *et al*. **Consequências da depressão pós-parto no desenvolvimento infantil:** revisão integrativa. Nursing (Säo Paulo), p. 2728-2733, 2019. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/controlecancer/resource/pt/biblio-996254?src=similardocs acesso em: 11 nov.2020.

SCHMIDT, Eluisa Bordin; PICCOLOTO, Neri Maurício; MULLER, Marisa Campio. Depressão pós-parto: fatores de risco e repercussões no desenvolvimento infantil. **Psico-USF** (Impr.), Itatiba, v. 10, n. 1, pág. 61-68, junho/2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712005000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 nov.2020.

ANSIEDADE: UMA PROBLEMÁTICA DIÁRIA

Diana Lívia Moura Silva Omena [67]
Philipe Andrade Mesquita [68]
Profª. Drª. Marcela Montalvão Teti[69]

EIXO 3 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências da Saúde

Palavras-chave: Ansiedade. Causas. Criança. Pandemia. Redes Sociais.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve início com a disciplina de Observação em Psicologia, o qual foi solicitado que se fizesse observações da interação de usuários dentro das redes sociais mediante um tema escolhido pelo grupo (ansiedade). O período de observação se deu do dia 18 de Outubro de 2020 a 08 de Novembro de 2020. A partir disso, a metodologia utilizada foi pesquisa de campo e para tal criamos uma conta no *Instagram* (@ansiedade.decadadia) com o objetivo de observar as interações do público ao decorrer das postagens com as informações acerca do tema escolhido. Foram criadas cerca de três postagens semanais as quais foram baseadas em pesquisas sobre o tema.

A ideia inicial se deu pela importância do tema o qual vários indivíduos enfrentam esse problema de saúde mental que têm se tornado cada vez mais comum em todo o mundo. A ansiedade atinge mais de 260 milhões de pessoas. Aliás, o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas: 9,3% da população, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2019).

A partir disso, fizemos postagens abordando a ansiedade de uma forma geral, dando ênfase aos seguintes pontos: O que é a ansiedade, quais suas causas, como identificar, a ansiedade no ambiente de trabalho, ansiedade infantil, sinais da ansiedade infantil, como ajudar uma criança ansiosa, sintomas de uma criança ansiosa e etc.

O objetivo geral do trabalho foi entender o comportamento do usuário da rede social que se identifica com o tema escolhido pelo grupo por meio da observação dos dados coletados com as interações com os *posts*, e a grande consequência disso foi que tivemos a oportunidade de ser de ajuda para os seguidores que realmente sofrem com ansiedade. Com a criação de conteúdo sobre esse tema tivemos a oportunidade de ajudar aos leitores a distinguirem melhor seus sentimentos de ansiedade, e assim dar um norte ao leitor que está em busca de uma melhor qualidade de vida.

2 CONSTRUÇÃO

[67]Diana Lívia Moura Silva Omena. Fotógrafa. Graduanda em Psicologia pela Faculdade São Luís de França. E-mail: diana.omena@hotmail.com.

[68]Philipe Andrade Mesquita. Graduado em Letras Português pela Universidade Tiradentes. Graduando em Psicologia pela Faculdade São Luís de França. Pós- Graduado em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade São Luís de França. Atuando como docente na rede particular de ensino. E-mail: <philipemesquita@live.it>.

[69] Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), psicóloga e professora de psicologia da Faculdade São Luís de França, membro do Núcleo de Desenvolvimento Docente, do Grupo Tiradentes (NDD-GT). E-mail: <marcelateti@gmail.com>.

Em primeiro lugar, devemos nos ater que a aprendizagem e o comportamento socioemocional são elementos que andam juntos, principalmente na vida escolar de crianças e adolescentes. E mesmo que a saúde mental infantil seja de fundamental importância, alguns adultos não percebem sinais que são dados por estes. O último levantamento feito pelo Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), em 2018, aponta que o Brasil é um dos países com mais alunos ansiosos e tensos: 56% dos entrevistados relataram o problema.

De acordo com a redação do portal Desafios da Educação (2020), esse dado coloca o Brasil em segundo lugar no ranking dos ansiosos para provas, mesmo que tenham se preparado para o exame. É a partir desse ponto que surgem problemas. A ansiedade, segundo Couto (2020), é uma das patologias psiquiátricas mais comuns entre crianças. Como mostra os dados divulgados, o problema é gigante e não diz respeito somente a um nervosismo antes de exames e com isso, a condição pode evoluir para algo mais grave.

Viver em ambientes estressantes, separação dos pais, ser vítima de bullying, receio de ficar só, timidez excessiva, difícil interação, tensão e etc são alguns dos sinais. Observar o comportamento de adolescentes e crianças é necessário para que se possa buscar uma ajuda especializada em caso desses sintomas. O que pode vir a aprofundar ainda mais o quadro em tempo de pandemia. E com tamanha relevância não poderia deixar de ser citado dentro de nossa rede social, com o intuito de alertar os pais para suas causas sendo pessoas adultas a maioria dos que nos seguem (OMS, 2020).

Para a elaboração deste trabalho optamos por nos reunir em grupo pelo *Whatsapp* onde decidimos a quantidade, frequência e subtemas que seriam abordados nas postagens no *feed e story*. Antes de começar as postagens com conteúdo fizemos uma *call to action* nos *Instagrans* pessoais de cada participante, com o objetivo de angariar seguidores e assim, realmente iniciar a pesquisa. Nas postagens do *feed*, a cada subtítulo fizemos uma pesquisa específica para aprofundar no tema. Foram os que consideramos os mais relevantes: O que é a ansiedade, quais suas causas, como identificar, a ansiedade no ambiente de trabalho, sinais de ansiedade patológica, ansiedade em época de pandemia, ansiedade infantil, sinais da ansiedade infantil, como ajudar uma criança ansiosa, sintomas de uma criança ansiosa, indícios de ansiedade psicológica, o que fazer quando estiver se sentindo ansioso. Julgamos estes os mais relevantes porquê foram os temas com mais recorrência em nossas pesquisas e também porquê, como conhecemos nosso público no instagram, sabíamos o que poderia agregar mais valor na vida de cada um deles. E assim se deu.

Decidimos por criar nossas próprias artes das postagens do *feed* para que os conteúdos chamassem ainda mais atenção do espectador, mostrando dedicação e atribuindo personalidade para o trabalho, e para isso utilizamos o site canva.com.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi de grande valor para todos nós participantes visto que nos possibilitou o aprofundamento no tema, também por meio dela vimos como as redes sociais podem ser um excelente meio de coleta de dados de pesquisa e um importante meio informativo-educativo para esclarecimento social.

O trabalho também nos estimulou a continuar buscando saber mais sobre o tema por que percebemos o quanto, em pouco tempo, pudemos ser de ajuda para as pessoas que estavam nos acompanhando, com isso surgiu o desejo de usarmos essa criação em projetos de pesquisas no futuro.

REFERÊNCIAS

COUTO, Chris. **Crianças Ansiosas**. 2020. Disponível em: https://chriscoutoneuropsi.com.br/criancas-ansiosas/. Acesso em: 13 nov.2020.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO. **A escola precisa falar sobre saúde emocional.** E aqui estão 3 razões para isso. 2020. Disponível em: https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/escola-saude-emocional-infantil/. Acesso em: 12 nov.2020.

MEC. Ministério da Educação. **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)**. 2018. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa Acesso em: 13 nov.2020.

OMS, Organização Mundial de Saúde. **Brasil é o país mais ansioso do mundo, segundo a OMS**. 2019. Disponível em: https://exame.com/ciencia/brasil-e-o-pais-mais-ansioso-do-mundo-segundo-a-oms/ . Acesso em: 14 nov.2020.

OMS, Organização Mundial de Saúde. **Países de língua portuguesa**. 2020. Disponível em: https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/. Acesso em: 13 nov.2020.

OBSERVAÇÃO VIRTUALIZADA: TRABALHANDO COM A ANSIEDADE

Anna Beatriz Melo da Cruz[70]
Barbara Nathalia dos Santos Batista[71]
Marcela Montalvão Teti[72]

EIXO 3 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências da Saúde

Palavras-chave: Ansiedade. Instagram. Observação. Virtualmente.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi produzido por duas discentes do curso de psicologia no semestre de 2020/2. Em meio a Pandemia do Coronavírus, foi realizado observação virtualizada, com o objetivo de analisar o comportamento das pessoas na rede social através do Aplicativo *Instagram*. De início, foi criada uma nova conta na ferramenta citada e, através dos mecanismos do aplicativo, foram feitas publicações informativas sobre a ansiedade que foi o tema proposto diante de reuniões realizadas.

A pesquisa aqui em destaque tem por objetivo relatar o resultado de um projeto proposto, na graduação em psicologia, na disciplina "Observação em Psicologia". Diante da inviabilidade de realizar observação de campo, para completar a carga horária prática da disciplina, a professora propôs que se fizesse observação do comportamento virtualizado, através da metodologia de pesquisa participante (BRANDÃO, 1981). O trabalho de produção das postagens, análise das métricas do Instagram, dos comentários postados e posterior confecção do relatório valeu a nota da II Unidade da disciplina.

Iniciamos com a criação e divulgação do conteúdo no dia 19 de outubro de 2020, finalizando a pesquisa em 09 de novembro de 2020, escolhendo três dias da semana para realizar a publicação no *feed*, para que uma maior quantidade de pessoas pudesse ter acesso às informações disponibilizadas.

2020: O MUNDO É DOS ANSIOSOS

A realização da observação foi feita a fim de coletar dados e, analisar o público que se envolvia com nossas publicações, seja através de curtidas ou perguntas. Podendo ter em vista quais assuntos sobre a ansiedade houve mais interesse e até onde se sentiram confortáveis em abordar o tema da saúde mental fora de um consultório. O perfil *@psico_emocoes* foi criado de modo interativo, para que mais pessoas se sintam familiarizadas para participar. As cores pastéis foram escolhidas para ficar visualmente atrativo, além do uso dos desenhos de pessoas em situações que nosso público possa se identificar, para haver uma maior proximidade.

Com base nos dados estatísticos coletados pelo o mecanismo que o *Instagram* proporciona, foi possível detectar que 40% do público atingido por nossa conta virtual, estavam na faixa de 18 à 24 anos, em seguida 31% das pessoas que acessaram os nossos conteúdos tinham entre 25 à 34 anos, já 12% das contas que visualizaram nossos conteúdos são da faixa etária de 35 à 44, os demais acessos foram de 8,9% por um público de 45 à 54 anos, 5,9% entre 13 à 17 anos, e a menor porcentagem de acesso, com 1,5%, por um público com a idade entre

[70]Graduanda em Psicologia pela Faculdade São Luis de França. E-mail: <anna.beatriz@sousaoluis.com.br>.
[71]Graduanda em Psicologia pela Faculdade São Luis de França. E-mail: <barbara.nathalia@sousaoluis.com.br>.
[72]Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), psicóloga e professora de psicologia da Faculdade São Luís de França, membro do Núcleo de Desenvolvimento Docente, do Grupo Tiradentes (NDD-GT). E-mail: <marcelateti@gmail.com>.

55 à 64, sendo que a nossa conta, durante o período de pesquisa, somou um total de 145 seguidores.

De acordo com um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Cambridge (Kinrys & Wygant, 2005), as mulheres têm mais chances de sofrer de ansiedade que os homens, e nesse curto período da nossa pesquisa de campo foi notado que 74% das contas que seguiram o nosso perfil era justamente, o público feminino e na sua maioria com a idade entre 18 a 24 anos.

Atualmente, houve um aumento relevante na procura sobre a ansiedade, estudos têm mostrado que cerca de 70% das pessoas que sofrem de ansiedade não fazem tratamento ou recebem um tratamento inadequado e, observamos que a publicação com mais alcance e curtidas, foi exatamente a explicativa sobre ansiedade. Já como as publicações que as pessoas mais salvaram e compartilharam, foram as informativas sobre os transtornos de ansiedade mais comuns, porém em nenhum dos três conteúdos houve comentários e, em nossas pesquisas através da Caixa de Pergunta, ferramenta disponibilizada pelo Instagram, foram pouco respondidas, diferentemente de quando colocamos opções, como as enquetes ou testes, que rendia mais interações. De acordo o Clark (2014, p. 18) "a ansiedade, em contraste, é um estado emocional complexo muito mais prolongado que muitas vezes é desencadeado por um medo inicial", visto que, utilizando as ferramentas do *Instagram*, criando *templates*, caixinha de pergunta e *quizz* tiveram relatos de pessoas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da pandemia, utilizamos o método de pesquisa virtualizada pensando estrategicamente em obter resultados precisos. Para tanto, fez-se necessário à aplicação de conteúdos informativos a fim de ser visto como incentivo aos questionamentos de causa e efeito, com isso concluímos que a ansiedade faz parte da vida de todos nós, sendo assim, é considerada normal. Porém, o excesso é denominado um transtorno mental.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Barbara Nathalia dos Santos; CRUZ, Anna Beatriz Melo da; FIGUEIROA, Joana **D'Art. @psico_emocoes:** Trabalhando a ansiedade. Disponível em: https://www.instagram.com/psico_emocoes/?r=nametag. Acesso em: 12 nov.2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CLARK, David A. **Vencendo a ansiedade e a preocupação com a terapia cognitivo-comportamental**: manual do paciente. Porto Alegre: Artmed, 2014.

KINRYS, Gustavo; WYGANT, Lisa E. **Transtornos de ansiedade em mulheres:** gênero influência o tratamento? Rev Bras Psiquiatr. 2005; 27(Supl II): S43-50. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbp/v27s2/pt_a03v27s2.pdf. Acesso em: 12 nov.2020.

LEAHY, Robert L. **Livre de ansiedade**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEPRESSÃO INFANTIL: UMA PATOLOGIA SILENCIOSA

Karla Maria Cardosos Araujo Freitas[73]
Marilize Helena Grings[74]

EIXO 3 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências da Saúde.

Palavras-chave: Depressão Infantil. Diagnóstico. Família.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda sobre a complexidade do diagnóstico da depressão infantil, a importância da família e do núcleo de convívio social da qual a criança participa e dos diversos sintomas e sutilidades que culminam no processo depressivo na infância. Este relata a necessidade da experiencia profissional e necessidades de um ambiente familiar saudável para a boa formação emocional da criança.

A depressão infantil é um complexo transtorno decorrente de inúmeros fatores, sejam eles de origem biológica ou genética, de situações traumáticas, ou de intensas atividades as quais algumas crianças estão são submetidas no presente momento. O tema é um desafio para os diversos profissionais que atuam na área.

O presente trabalho tem objetivo abordar sobre o conhecimento da depressão infantil buscando alcançar clareza a respeito das causas, manifestações e interferências no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança acometida. Este estudo não esgota o assunto em voga, pois se trata de uma pesquisa exploratória, com uso do procedimento da pesquisa bibliográfica, do tipo revisão da literatura sobre depressão infantil com foco nos sintomas, prevenção e tratamento. O tema é de extensa amplitude e sinaliza a necessidade de avanços nos estudos sobre a temática.

A depressão infantil pode se manifestar por meio de sintomas leves, quase imperceptíveis ou de forma intensa, culminando em sintomas graves que acomete a uma intervenção clínica para tratar o quadro de intenso sofrimento. De acordo com informativos fornecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), existe uma projeção de crescimento da depressão na população mundial nos próximos 10 anos conseguintes, que inclui crianças e adolescentes na estatística projetada.

2 HISTÓRIA, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DA DEPRESSÃO INFANTIL

Os primeiros estudos sobre a depressão infantil datam de 1621, há exatos quatro séculos, registrados nos escritos sobre anatomia da melancolia de Robert Burton. Durante um determinado período a depressão infantil não era considerada como um transtorno pertencente à infância e não havia evidências cientificas que a confirmasse. Após uma extensa lacuna de tempo sem registros de estudos importantes sobre a depressão infantil, em 1970 o tema torna-se alvo de investigações mais detalhadas e aprofundadas, que listam as consequências da patologia nas funções cognitivas, sociais e emocionais que interferem no desenvolvimento da criança e nas suas relações no ambiente social e familiar. Segundo, Barbosa & Lucena (1995),

[73]Graduada em Serviço Social, Graduanda em Psicologia na Faculdade São Luís de França, Mestranda no PROSS/UFS; Membro do Grupo de Pesquisa do GETEQ/UFS, Colaboradora do grupo de pesquisa de Movimentos Sociais/PIBIC E-mail: <karla.araujo2007 @hotmail.com>.
[74] Advogada, especialista em Direito Tributário, Graduanda em Psicologia na Faculdade São Luís de França. E-mail: <marilizegrings@hotmail.com>.

embora na década de 70 critérios de diagnósticos tenham sido estabelecidos, ocorreram impasses quanto a descrição do diagnóstico, pois alguns autores consideravam que a depressão infantil deveria ser diagnosticada com os mesmos critérios balizadores da depressão adulta.

Nos tempos atuais, a frequência do acometimento da depressão infantil na população encontra-se em projeções crescentes. Segundo constatações do Mapa da Violência (2013), baseado em dados coletados pelo Ministério da Saúde, os dados de suicídio no Brasil proveniente de depressão infantil diferem do quadro mundial. No Brasil o período compreendido entre 2002 e 2012 registrou um aumento de 40% de suicídio de crianças com idade entre 10 e 14 anos, não incluindo nestas estatísticas, as tentativas de suicídio que chegam aos hospitais, e as que não são registradas em instituições que possibilitem o registro.

O papel da família é determinante na formação emocional da criança e é de primordial importância a oferta de um ambiente familiar saudável, que proporcione cuidados na fase desenvolvimento sendo disponibilizados cuidados básicos, para que não haja a necessidade da criança disparar do gatilho dos mecanismos de defesa, tendo como consequência o prejuízo emocional. O comportamento na comunicação familiar também é muito importante, quando a linguagem utilizada é de extrema hostilidade ou permissividade, provocam desequilíbrio no ambiente e não estabelece limites nos papeis a serem desempenhados pelos seus componentes.

A sintomatologia muitas vezes é despercebida até mesmo nos consultórios médicos, pois se trata de sintomas sutis que devem ser percebidos a partir da narrativa familiar e escolar. Os sintomas são difíceis de diagnosticar por que muitas vezes são mascarados através de quadros apresentados em transtornos de déficit de atenção, baixa autoestima, tristeza, medo, distúrbio do sono, rendimento escolar insuficiente, fobias, variações de peso, irritabilidade frequente, ideias suicidas entre outros. Segundo Reis e Figueira (2001), o diagnóstico é difícil por que a criança e adolescente não conseguem nomear ou identificar por que os sintomas se apresentam de maneira multifacetada. Outro fator que dificulta o diagnóstico da depressão infantil são as morbidades como Déficit de Atenção e Hiperatividade TDH, transtorno de humor, rebeldia, entre outros que são tratados comumente como “coisas de criança” e/ou patologias.

A possibilidade de mudar o quadro depressivo de uma criança passa, também, pelo diagnóstico precoce que permite o início do tratamento através de intervenção profissional para evitar o agravamento do quadro e a persistência numa fase adulta. Existem vários instrumentos para avaliar a depressão infantil, entre eles o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), desenvolvido pela Associação Psiquiátrica Americana (APA), utilizado geralmente para o diagnóstico. De acordo com o estabelecido com DSM-5 às três possíveis manifestações são identificadas são Transtorno Disruptivo de Humor, Transtorno Depressivo Maior e Transtorno Depressivo Persistente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as bibliografias consultadas no processo construtivo deste, percebe-se que a depressão infantil é um transtorno complexo que exige a participação ativa dos familiares e membros do grupo de convívio para identificar os sintomas que culminam no diagnóstico precoce ou tardio, dependendo do envolvimento emocional entre esses membros. A importância de um ambiente familiar saudável que proporciona segurança e saúde emocional para a criança é fator contributivo para que a patologia não seja instalada, tendo em vista que o número é crescente de crianças em processo de adoecimento emocional, resultando em depressão infantil.

O conhecimento científico do profissional que atua na área da saúde mental é de grande relevância para que ocorra um diagnóstico seguro e precoce para auxiliar no tratamento da depressão infantil, para que este não se torne um adulto acometido pela persistência da patologia depressiva.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Genário Alves; LUCENA, Aline. **Depressão infantil**. Rev. Neuropsiq. da Inf. e Adol, v. 3, n. 2, p. 23-30, 1995.

FLACSO BRASIL. **Mapa da Violência**. 2013. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.net.br/mapa2013_jovens.php. Acesso em: 12 nov.2020.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... *et al*.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [*et al*.]. – 5 ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnosico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 12 nov.2020.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10:** Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete Vol. 1. Edusp, 1994.

REIS, R. L. R. & FIGUEIRA, I. L. V. **Transtorno depressivo na clínica pediátrica.** Revista Pediatria Moderna, 37, 212-222, 2001.

DEPRESSÃO INFANTIL: ESPECIFICIDADES E PARTICULARIDADES

Karla Maria Cardoso Araujo Freitas[75]
Thais Cardosos Araujo[76]

EIXO 3 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das ciências da saúde.

Palavras-chave: Depressão Infantil. Infância. Nosografia.

1 INTRODUÇÃO

Esse resumo aborda a complexidade que envolve o diagnóstico e a categorização da depressão infantil, evidenciando a necessidade de estudos mais aprofundados e a necessidade do debate sobre a temática seja na sociedade civil ou na científica, uma vez que essa psicopatologia possui suas especificidades.

O presente trabalho tem por objetivo discutir sobre psiquiatria, psicologia, saúde e infância, a partir de análises referenciais teóricos pré-selecionados em bancos de dados de pesquisa científica, com diversos artigos científicos publicados em periódicos especializados. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória, do tipo revisão de literatura da depressão infantil. O tema aqui proposto para se discutir é como a depressão infantil, que é algo que pouco a pouco vem se tornando crescente dentro dos consultórios e clínicas pediátricas, é um fenômeno que por ser crescente é cada vez mais urgente a discussão.

2 DEPRESSÃO INFANTIL: PROXIMIDADES E DISCREPANCIAS

A depressão infantil começou a despertar interesse na psiquiatria ainda na década de 60 ganhando inúmeras investigações, como salienta Barbosa (1996) ganhando assim a atenção de diversos pesquisadores sobre o tema. Diversos estudos indicam que hoje, já não se tem mais dúvida de que as crianças são passíveis de depressão, porém, a depressão infantil é distinta da depressão comum em adultos, podemos destacar e pensar que um dos motivos dos profissionais de saúde de anular ou até mesmo não enfatizar alguns fatores-gatilho para a depressão nas crianças, seja por que os critérios de diagnósticos atuais não discriminam essas diferenças, tanto no DSM-IV como no CID-X, não há referência e/ou menção ao mesmo, não há assim uma nosografia própria da infância. O pediatra, que geralmente é o primeiro especialista que avalia e recebe a criança, ou até mesmo algum outro especialista levando em consideração de que muitos ainda não estão preparados para lidar com essas sutilezas, acaba por não dar importância devida a esses sintomas depressivos, passando assim, muitas vezes despercebidos, contribuindo para o agravamento do quadro. Torna-se necessário neste ponto pensar, o que é depressão, e quais são essas distinções entre a depressão entre adultos e crianças?

Na infância, como cita papazian (1992), os principais sintomas na depressão infantil é a baixa autoestima, a tristeza, a frustração, os medos e o baixo rendimento escolar. A dificuldade de se fazer uma nosografia específica da depressão infantil, talvez possa surgir também da dificuldade dos autores conceituar a respeito, não existe nenhuma definição consensual a respeito, podendo-se afirmar somente que se trata de "uma perturbação orgânica que envolve variáveis biológica, psicológicas e sociais" (ADÀNEZ, 1995).

---

[75] Graduada em Serviço Social, Mestranda no PROSS/UFS, Graduanda em Psicologia na Faculdade São Luís de França; Membro do Grupo de Pesquisa GETEQ/UFS; Membro colaborador da Linha de Pesquisa Movimentos Sociais /PIBIC E-mail: <karla.araujo2007@hotmail.com>.
[76] Graduada em Psicologia, Mestranda no PPGA/UFS, Especialista em Neuropsicologia E-mail: <thisaraujo@ Hotmail.com>.

Segundo Andriola e Cavalcante (1999), há algumas discussões tratando a depressão infantil como endógena, ou seja, aquela que é geneticamente transmitida. Sob o olhar do desenvolvimento psicológico acredita-se que pode estar associada a algum aspecto que foi comprometido na personalidade, baixa autoestima e autoconfiança, e na esfera social, é vista como pedido de ajuda em virtude das violações sofridas.

Os estudos indicam que não há diferenças significativas entre sexo e idade. Outros estudos indicam que, quando se tem a DI comprovada, ela tende a aumentar paralelamente com o avanço da idade, e a partir de um ponto de vista genético, estima-se que pais depressivos e/ou ausentes tendem a corroborar para a patologia na infância, já do ponto de vista psicológico "já se comprovou a presença da ruptura do vínculo mãe-filho e de uma vivência de indefesa aprendida" (BABORSA; LUCENA, 1995).

Uma variável importante também apontada por profissionais da saúde é sobre o olhar que os pais têm, muitas vezes sobre a depressão infantil, alguns pais muitas vezes consideram como sintoma, algo que eles consideram normal, ou quando a criança não atinge a expectativa dos mesmos. Precisamos entender que a personalidade da criança passa por diversas tonalidades, pois está num processo de vir-a-ser, não há nada definitivamente pronto, sobretudo a estrutura da personalidade do sujeito.

> [...] quanto mais jovem ela [a criança] for, mais ela vai estar atrelada ou dependente do familiar que a está trazendo [...] na nossa área, a gente precisa muito ter uma boa noção de desenvolvimento normal, do que é uma criança normal, por que às vezes a família transforma em sintoma alguma coisa que ela considera anormal, mas que não é necessariamente. (Profissional n. 4 *in* NAKAMURA; SANTOS, 2007)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das dificuldades que achamos para a construção deste trabalho, é que dos vários artigos levantados para a realização desta pesquisa, muitos deles são quantitativos. Apesar da DI, já está sendo pesquisada há bastante tempo, ainda existe uma imaturidade intelectual no âmbito dos pesquisadores, talvez seja por se tratar de um tema que ainda engatinha nas pesquisas da psiquiatria e psicologia da infância. No entanto pudemos perceber que a depressão infantil é uma categorização possível em diversos aptos, a partir de diversas leituras se aplicando de maneira também diversa à realidade do sujeito e o seu mundo.

Pode-se destacar também que a depressão infantil é uma psicopatologia um tanto quanto singular, uma vez comparada a outras doenças por ter uma plurideterminação para o seu desenvolvimento, e não mais se discute hoje sobre a sua relevância e/ou validade. A depressão infantil está aí e precisam-se de cada vez mais estudos e discussões a respeito, fomentando a ampliação de divulgação do conhecimento científico a fim de preparar e instrumentalizar profissionais a fim de que estes saibam lidar com esse fenômeno, infelizmente, crescente em nossa contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ADÁNEZ, A.M. El diagnóstico infantil de la depressión mediante el test 16PF, para su uso en selección de personal. **Avaliação Psicológica: Formas e Contextos**, 3, 117-122.

ANDRIOLA, Wagner Bandeira; CAVALCANTE, Luanna Rodrigues. **Avaliação da depressão infantil em alunos da pré-escola**. 1999.

BARBOSA, Genário Alves; LUCENA, Aline. **Depressão infantil.** Rev. Neuropsiq. Inf. e Adol, v. 3, n. 2, p. 23-30, 1995.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: DSM-5.** Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... *et al*.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... [*et al*.]. – 5 ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnosico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf. Acesso em: 12 nov.2020.

NAKAMURA, Eunice; SANTOS, José Quirino dos. **Depressão infantil**: abordagem antropológica. Revista de Saúde Pública, v. 41, n. 1, p. 53-60, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10:** Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete. Vol. 1. Edusp, 1994.

VÍCIO EM MÍDIAS SOCIAIS: O QUE SABEMOS HOJE E O QUE MARTIN HEIDEGGER JÁ SABIA ANTES DO SURGIMENTO DA INTERNET?

Rodrigo Santos Siqueira[77]

EIXO 3 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências da Saúde

Palavras-chave: Redes sociais. Saúde mental. Vício em redes sociais.

1 INTRODUÇÃO

O mundo digital avança rapidamente sem que possamos discutir o quanto somos consumidores e quanto somos consumidos. Assim também podemos inferir que pensava o filósofo Martin Heidegger no século XX, ao criticar os avanços do "mundo técnico" em seu discurso sobre a "Serenidade" (HEIDEGGER, 2004). No século XIX, a tecnologia tem avançado constantemente para suprir necessidades de comunicação, encurtar distâncias, acessar informações e uma grande diversidade possibilidades de uso. Contudo, alguns estudos alertam que suas consequências do vício em internet são problemáticas para saúde mental.

Diante deste cenário, este trabalho tem como objetivo trazer uma breve discussão crítica baseada nos artigos científicos mais citados no Google Acadêmico sobre o vício em mídias sociais e relacioná-los com os pensamentos de Martin Heidegger em sua fala sobre "Serenidade". O propósito foi promover uma análise introdutória sobre as principais tendências evidenciadas em artigos científicos, pelo algoritmo de relevância, em uma plataforma de fácil acesso e unir aos ensinamentos de Heidegger para que esta discussão inspire novas pesquisas sobre este tema que pode protagonizar grandes debates na atualidade.

2 VÍCIO EM MÍDIAS SOCIAIS: O QUE SABEMOS HOJE E O QUE MARTIN HEIDEGGER JÁ SABIA ANTES DO SURGIMENTO DA INTERNET?

Ao utilizar as palavras-chave "sociais *media addiction*" no *Google* Acadêmico, sem aplicação de nenhum filtro ou operador booleano, foram encontrados aproximadamente 4.130 resultados. Os 10 primeiros artigos, expostos na página inicial, juntos somaram até o fim desta consulta 910 citações. O artigo mais citado contava com e 294 o menos citado com 16. Entre eles. o artigo mais antigo foi publicado em 2015 e o mais recente em 2019. Destes, sete estavam disponíveis para leitura completa e outros três apenas para leitura do resumo.

O artigo mais citado, com 294 citações, de Blackwell *et al.* (2017) tratou principalmente do "*fear of missing out"* (FOMO), que pode ser traduzido como "medo de estar perdendo algo". Consiste na ansiedade gerada por estar distante das mídias sociais, que são constantemente atualizadas e que se valoriza estar por sendo da próxima notícia, próxima música, próximo meme e etc. O segundo, com 183 citações, encontraram relações entre o uso contínuo de mídias sociais e a baixa autoestima (HAWI & SAMAHA, 2017).

O terceiro artigo, com 104 citações, buscou validar um teste psicométrico chamado "*Bergen Social Media Addiction*" traduzido como "escala de vício em mídias sociais" (MONACIS *et al.* 2017). O que denota interesse de pesquisadores em quantificar este problema. Já o quarto artigo, com 98 citações, investigou sobre o vício em funcionários em diferentes empresas na Tailândia e revelou que viciados possuem menor capacidade de manter a atenção plena e lidar com o estresse (SRIWILAI; CHAROENSUKMONGKOL, 2016).

[77] Me. em Zoologia e Graduando do 4º Período do curso Psicologia, Faculdade São Luís de França. E-mail: rodrigo.santos@sousaoluis.com.br.

No quinto, com 84 citações, aplicou o teste anterior na Turquia e constatou que a idade e o tempo de uso da internet possuem relação com a idade dos usuários, com um progressivo aumento entre 14 e 17 anos (KIRIK, *et al.* 2015). O sexto artigo, com 79 citações, tentou descobrir a influência de 4 vícios digitais (jogos, mídias sociais, smartphone e internet) e constatou que estes influenciam em 25% nas conexões sociais de adolescentes (SCHIVINSKI *et al.* 2018). Os outros artigos dividiram-se entre diferentes análises.

A partir dessa breve análise, é possível afirmar que existe uma grande quantidade estudos disponíveis e um movimento em preocupação as mudanças de hábito neste século. De maneira similar, o contexto histórico vivido por Martin Heidegger no século XX também foi marcado por grandes avanços tecnológicos e uma supervalorização das ciências naturais como solução para os problemas do homem moderno. Os avanços das ciências naturais passam a ser aplaudidos sem ser questionada a sua utilidade e seu impacto na vida do homem.

Para Heidegger, a mesma tecnologia que propõe conforto e soluções também promove a banalização do nosso cotidiano. O "pensamento que calcula" reduz a reflexão sobre as consequências morais essenciais ao bem estar humano, reduz o "pensamento que medita". Em outras palavras, o mundo tecnológico automatiza nossas escolhas cotidianas. Isso ocorre desde as decisões tomadas durante uma guerra até os modos de funcionamento da economia, dos nossos costumes sociais e desejos. Ao supervalorizar o mundo técnico tornamos o homem mera engrenagem de um grande sistema.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O "pensamento que calcula" também é importante. Ele nos dá coisas, produtos, conforto, tecnologia, ampara e resolve problemas. A proposta de serenidade para Heidegger é de humanizar esses produtos e processos de modo que não nos tornemos escravos do mundo técnico. Podemos considerar que a serenidade é uma forma priorizar o pensamento meditativo do homem, enquanto ser definido pela sua capacidade de refletir sobre suas ações e, ao mesmo tempo, fazer com que o mundo técnico seja uma ferramenta aliada ao desenvolvimento humano e cultural. Para isso, a ciência deve estar atenta aos mecanismos que são impostos como "soluções" para problemas que não tínhamos antes da tecnologia.

REFERÊNCIAS

BLACKWELL, David et al. Extraversion, neuroticism, attachment style and fear of missing out as predictors of social media use and addiction. **Personality and Individual Differences**, v. 116, p. 69-72, 2017.

HAWI, Nazir S.; SAMAHA, Maya. The relations among social media addiction, self-esteem, and life satisfaction in university students. **Social Science Computer Review**, v. 35, n. 5, p. 576-586, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Gelassenheit.** Klett-Cotta, 2004.

KIRIK, Ali et al. A quantitative research on the level of social media addiction among young people in Turkey. **International Journal of Sport Culture and Science,** v. 3, n. 3, p. 108-122, 2015.

MONACIS, LUCIA et al. Social networking addiction, attachment style, and validation of the Italian version of the Bergen Social Media Addiction Scale. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 6, n. 2, p. 178-186, 2017.

SAVCI, Mustafa; AYSAN, Ferda. Technological Addictions and Social Connectedness: Predictor Effect of Internet Addiction, Social Media Addiction, Digital Game Addiction and Smartphone Addiction on Social Connectedness. **Dusunen Adam: Journal of Psychiatry & Neurological Sciences,** v. 30, n. 3, 2017.

SCHIVINSKI, Bruno et al. Psychometric assessment of the internet gaming disorder diagnostic criteria: an item response theory study. **Addictive Behaviors Reports**, v. 8, p. 176-184, 2018.

SRIWILAI, Kanokporn; CHAROENSUKMONGKOL, Peerayuth. Face it, don't Facebook it: impacts of social media addiction on mindfulness, coping strategies and the consequence on emotional exhaustion. **Stress and Health**, v. 32, n. 4, p. 427-434, 2016.

PEDAGOGIA SOCIAL COMO PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Yasmin Gomes Santos[78]
Alana Danielly Vasconcelos [79]

EIXO 4 - Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras- chave: Educação Ambiental. Meio Ambiente. Pedagogia Social.

1 INTRODUÇÃO

Quando nos reportamos a educação, muitos são, os que associam esta área de conhecimento ao espaço escolar somente. Porém, além dos muros da escola também existem diversas formas de se fazer educação que são igualmente relevantes e significativas para a formação dos indivíduos. Esse processo educacional ocorre através de ações e projetos sociais que, através de ONGs, Instituições Beneficentes, cultura, esporte, lazer, levam a educação e suas inúmeras abordagens para jovens, crianças e adultos, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade social.

Essas ações, também consideradas educacionais, colaboram com a extensão da escola, só que na comunidade, sendo este o objeto central do que Souza Neto; Da Silva; Moura (2009) intitula como "Pedagogia Social". Esta Pedagogia tem como foco o desenvolvimento de ações e projetos em espaços não escolares, ou seja, não formais, com ênfase em temas transversais a exemplo da educação ambiental, educação para o trânsito, incentivo ao esporte e lazer, dentre outros.

Desta forma, e, compreendendo a Educação Ambiental (EA) crítica como essencial para despertar uma cultura onde a relação homem, natureza e economia se mantenham em equilíbrio, é que este trabalho tem como objetivo geral apresentar a pedagogia social como um caminho para a promoção da educação ambiental na sociedade.

A metodologia deste resumo está pautada numa abordagem qualitativa, com um trabalho de revisão bibliográfica perante Richardson (2012), este trabalho constitui-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, sendo uma revisão bibliográfica. Justificando-se a relevância deste trabalho por seu conteúdo se tratar de uma temática voltada para utilidade pública.

2 CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA SOCIAL PARA CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL CRÍTICA

A Pedagogia Social, de acordo com Caliman (2012) e com Scocuglia (2009), possui várias vertentes e conceituações a depender da linha de pesquisa e/ou autores que se possa utilizar para falar sobre tal temática. Desta maneira, aqui adotamos o conceito de Pedagogia Social a partir de autores como Klaus Mollenhauer e Paulo Freire. Segundo Caliman (2012), o conceito de Pedagogia Social a partir desses autores, é aquela que está,

> [...] centralizada sobre uma perspectiva da transformação da realidade social e a conscientização das pessoas sobre seu papel no mundo. Parte do princípio

[78] Graduanda do 7º período de Pedagogia na Faculdade São Luiz de França. E-mail: yascleya@hotmail.com.
[79] Professora Mestra, Adjunta dos Cursos de Graduação, na Faculdade São Luís de França (Grupo Tiradentes), Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS). ORCID: http://orcid.org/0000-0001-7097-9478. Integrante do Grupo de Pesquisa "Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Tecnologia (NUCA)". E-mail: <alana90@sousaoluis.com.br>.

> de que os comportamentos sociais e as estruturas sociais são interdependentes. A Pedagogia Social de Mollenhauer, em perspectiva crítica, analisa as estruturas sociais com intenção de mudá-las. (CALIMAN, 2012, p. 349)

Diante desse conceito, é notório que trabalhar a educação ambiental crítica através da Pedagogia Social é possível, tendo em vista que a educação ambiental é de acordo com a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, um "componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal" (BRASIL, 1999). O desenvolvimento de uma educação ambiental crítica vai muito além da preocupação com a reciclagem, pensar criticamente sobre EA é, acima de tudo, pensar em reflexão e transformação.

É através da EA crítica que o indivíduo se posiciona diante da sociedade, contribuindo, desta maneira, para a existência de práticas educativas libertadoras e, de acordo com Rodrigues (2018), é esse tipo de prática que leva as pessoas a compreenderem seu papel na sociedade, bem como a importância de pensar coletivamente e no bem comum, criando assim, uma atitude consciente sobre o meio em que se vive, através de atitudes positivamente corretas e sustentáveis. Colaborando com a premissa trazida pela Constituição Federal de 1988, quando, a mesma, traz em seu artigo 225 que a responsabilidade de manter o meio ambiente equilibrado é de responsabilidade do Estado e de toda coletividade, devendo estes, protegê-los.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribui significativamente para fazer referência à pedagogia social, onde, através desta, se direciona ações e projetos voltados à preservação ambiental, deixando clara a necessidade de incentivar práticas sustentáveis, no âmbito de comunidades, visando a melhoria do meio ambiente e, da sua qualidade, através da promoção de uma Educação Ambiental crítica, onde as pessoas percebam o seu papel de (co)responsabilidade para o equilíbrio planetário. O meio ambiente está presente no nosso dia a dia e requer esforços pessoais e coletivos para mantê-lo vivo rico e sustentável. E, para que isso aconteça, faz-se necessário adotar medidas urgentes e que envolvam a participação de todos, Estado e sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**.1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 6 nov.2020.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 6 nov.2020.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador.** Revista de Ciências da Educação, 2012.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. 14. São Paulo: Atlas, 2012.

RODRIGUES, Ana Paula da Silva *et al.* **Práticas de Ensino em Educação Ambiental:** A Vermicompostagem Em Escolas De Tempo Integral Em Curitiba-Pr. Revista EA, n. 64, 2018.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. A pedagogia social de Paulo Freire como contraponto da pedagogia globalizada. In: SOUZA NETO, João Clemente; DA SILVA, Roberto; MOURA, Rogério (Org.). **Pedagogia social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2009, 225-239.

AFINAL, O QUE É ENSINO HÍBRIDO?

Alana Danielly Vasconcelos[80]
Yan Cápua Charlot [81]

EIXO 4 - Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Conceito. Educação. Ensino Híbrido.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC) e sua imersão no ambiente educacional, segundo Vasconcelos; Ferrete; De Lima (2020), muito se tem discutido sobre o papel docente e a necessidade de uma reformulação de sua prática, bem como de toda comunidade escolar, incluindo neste processo, também, uma renovação na infraestrutura de muitas Instituições de Ensino a fim de atender a esta nova demanda tecnológica. O Ensino híbrido surge neste contexto, como um caminho a ser seguido pelas Instituições de Ensino, visando atender a esta nova realidade.

Mas, afinal, o que significa ensino híbrido? Conhecer o seu real significado é de extrema importância para que se compreenda o porquê deste modelo estar ganhando destaque nas mídias sociais e nos eventos educacionais, o que se traduz como justificativa para este trabalho. Desta maneira, este resumo expandido tem por objetivo geral apresentar o conceito de ensino híbrido e suas possibilidades para o âmbito educacional. Ressalta-se que a metodologia aqui adotada caracteriza-se como revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, de acordo com Richardson (2012).

2 ENSINO HÍBRIDO: CONCEITO, POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Pensar numa educação híbrida significa considerar que existem perfis diferentes de aprendizagem, pois, enquanto ser humano somos únicos, e possuímos um tempo de resposta diferente para tudo, uns dos outros, inclusive para aprender, como discorre Cerqueira (2000). Conquistando cada vez mais o âmbito educacional, o ensino híbrido, segundo Horn e Staker (2015), apresenta uma proposta de unir os recursos digitais ao método tradicional de ensino, trazendo várias propostas, abordagens e ambientes diferentes para o processo de ensino-aprendizagem com o intuito de atender de forma personalizada as necessidades e estilos de aprendizagem de cada estudante.

Conhecido também como *blended learning*, Horn e Staker (2015) explicam que o ensino híbrido surgiu em meados dos anos 2000, sendo aplicado em cursos empresariais e, logo depois, avançou para o ambiente educacional. Para os autores citados, o modelo híbrido de ensino possibilita que a aprendizagem ocorra em diferentes ambientes, momentos e, como pontuam Bacich e Moran (2018), a união entre tecnologia digital e ensino tradicional permite que a escola

[80]Professora Mestra, Adjunta dos Cursos de Graduação, na Faculdade São Luís de França (Grupo Tiradentes), Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS). Integrante do Grupo de Pesquisa "Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Tecnologia (NUCA)". ORCID: http://orcid.org/0000-0001-7097-9478. E-mail: alana90@sousaoluis.com.br.
[81] Mestre em Constitucionalização do Direito pela Universidade Federal de Sergipe. Bacharel em Direito pela Universidade Tiradentes. Licenciando em Pedagogia - Centro Universitário Claretiano. Integrante do Grupo de Pesquisa "Educação e Contemporaneidade" (EDUCON/UFS/CNPq). ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4199-0584. E-mail: ycscharlot@gmail.com.

vá além dos seus muros, ampliando o processo de ensino-aprendizagem de toda comunidade escolar.

O modelo de ensino aqui em pauta tem como um dos seus pilares o discente como centro do processo de aprendizagem, em que o trabalho é direcionado à construção de habilidades e competências através de um ensino personalizado, em diferentes espaços e tempos, com trabalhos individuais ou coletivos, exercendo a colaboração entre pares e ampliando a aprendizagem a partir do uso de recursos digitais adaptativos. Para Christensen, Horn e Staker (2013), o ensino híbrido, é um programa de educação formal no qual um discente aprende, em parte, por meio do ensino *online*, com algum elemento de controle [...] "do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência" (CHRISTENSEN, HORN & STAKER, 2013, p. 07).

Bacich, Neto e Trevisani (2015) corroboram com os conceitos supracitados ao afirmarem que o ensino híbrido é um modelo de ensino que, pressupõe o uso da tecnologia [...] "para o desenvolvimento das atividades dentro e fora da classe, em que o aluno é estimulado a buscar o conhecimento com a mediação do professor e da escola" (BACICH, NETO, TREVISANI, 2015 p. 181).

Outro aspecto que este modelo de ensino propõe é que o docente se configure como mediador no processo de aprendizagem, o que contribui com a existência de uma (co)responsabilidade para que este processo se efetive, pois o discente precisa compreender que, para que haja assertividade em sua aprendizagem, é necessário assumir a sua responsabilidade perante tal processo, bem como querer aprender, tornando-o mais ativo neste processo.

O ensino híbrido, segundo Bacich, Neto e Trevisani (2015) é traçado a partir de alguns modelos, sendo eles: modelos de rotação, sala de aula invertida, modelo à la carte e modelo virtual enriquecido. Ambos os modelos utilizam, em um dado momento, recursos digitais, além de poderem ser aplicados de forma individual e em grupo, a depender do objetivo de aprendizagem que se queira alcançar. Nota-se assim que o modelo de ensino híbrido é uma alternativa para construir uma aprendizagem centrada no discente, respeitando o seu estilo e tempo de aprendizagem. Porém, para que o mesmo se efetive, faz-se necessária uma mudança cultural em toda a comunidade escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de estar ganhando força no âmbito das Instituições de Ensino do Brasil, a implementação do ensino híbrido exige uma mudança de gestão, de infraestrutura e cultura por parte de todos que fazem parte de uma comunidade escolar. Porém, sem dúvida, este modelo de ensino oferece mudanças significativas para a aprendizagem dos discentes, tendo em vista que estarão no centro de todo processo, sendo ativos e, como corrobora Ausubel (2006), construindo, assim, uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa, Plátano. Edições Técnicas. Tradução ao português de Lígia Teopisto, do original *The acquisition and retention of knowledge: A Cognitive View*, 2006.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

CERQUEIRA, T. C. S. **Estilos de aprendizagem em universitários**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2000.

CHRISTENSEN, C.; HORN, M. & STAKER, H. **Ensino Híbrido**: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos. 2013. Disponível em: Disponível em: http://porvir.org/wp-content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf. Acesso em: 1 nov.2020.

HORN, Michael B.; STAKER, Heather. ***Blended***: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

VASCONCELOS, Alana Danielly; FERRETE, Anne Alilma Silva Souza; DE LIMA, Ivonaldo Pereira. **Formação docente para o uso dos aplicativos do *Google for Education* em sala de aula.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 15, n. 4, p. 1877-1887, 2020.

ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO TERCEIRO SETOR (ONGs)

Lucy Dantas Matias[82]
Alana Danielly Vasconcelos[83]

EIXO 4 - Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: ONGs. Pedagogo. Terceiro Setor.

1 INTRODUÇÃO

A educação ocorre em todos os espaços, ou seja, em ambientes formais e não formais. A partir desta afirmativa, destaca-se que a atuação do Pedagogo em ambientes não formais vem ganhando espaço. Segundo a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006 que, trata da Diretriz Curricular Nacional (DCN) para o curso de Pedagogia, todo e qualquer espaço que necessite de conhecimentos pedagógicos, pode e deve ser local de atuação deste profissional.

Assim, considera-se o terceiro setor e mais especificamente as Organizações Não Governamentais (ONGs), como locais que se constituem como espaço de trabalho para o profissional da área de Pedagogia. De acordo com Brasil (2015) e, com Paes (2013), compreende-se por terceiro setor, aquele que não é público e nem privado, no sentido convencional dos termos; mas, guarda uma relação simbiótica com ambos, ou seja, o Terceiro Setor é composto por organizações de natureza "privada" (sem o objetivo do lucro) que, se dedicam à consecução de objetivos sociais ou públicos, embora não sejam integrantes da Administração Estatal (Governo), a exemplo das associações de moradores, instituições beneficentes, ONGs, dentre outras. Desta forma, este trabalho justifica-se pela necessidade de se existir um amplo debate no tocante a atuação do pedagogo em ONGs.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar as Organizações Não Governamentais como espaços de atuação do Pedagogo. A metodologia aqui adotada é a abordagem qualitativa com um trabalho de revisão bibliográfica de acordo com Richardson (2012).

2 AS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS (ONGs) COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

O Processo educativo por uma parcela de tempo aconteceu apenas, institucionalmente em escolas, consideradas como o único lugar para atuação do pedagogo. Porém, nota-se que, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, bem como da DCN do curso de Pedagogia (BRASIL, 2006), a educação não fica restrita somente aos espaços escolares, o desenvolvimento da mesma, alcança também, os espaços não escolares, a exemplo de associações, instituições beneficentes e ONGs. Estendendo assim, a atuação do Pedagogo para o terceiro setor.

De acordo com a Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG), muitas são as instituições sem fins lucrativos que, desenvolvem ações socioeconômicas, educativas, culturais e ambientais no Brasil. É neste momento que, o papel

[82]Graduanda do 7º período em Pedagogia na Faculdade São Luís de França. E-mail: < lucydmatias@hotmail.com>.
[83]Professora Mestra, Adjunta dos Cursos de Graduação, na Faculdade São Luís de França (Grupo Tiradentes), Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS). Integrante do Grupo de Pesquisa "Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Tecnologia (NUCA)". ORCID: http://orcid.org/0000-0001-7097-9478. E-mail: alana90@sousaoluis.com.br.

do Pedagogo se amplia, pois, este profissional, tem muito a contribuir com um trabalho mais assertivo e significativo, ampliando possibilidades, construindo conhecimento, planejando ações, criando projetos pedagógicos e buscando parcerias para estas Instituições, visto que, as ONGs, necessitam de profissionais qualificados para atuar junto a comunidades, possuindo de preferência, um olhar transversal no desempenho do seu trabalho, segundo Caliman (2012).

Para isto, faz-se necessário que, o profissional, aqui, o Pedagogo, tenha em sua formação, uma vivência e compreensão ampla das questões que envolvem a aprendizagem de modo global dos indivíduos, a fim de realizar um trabalho pautado na visão transversal, visão essa, prevista como competência a ser desenvolvida pelos egressos do curso de Pedagogia de acordo com a DCN/2006.

Para atuar em ONGs, o Pedagogo precisa ter habilidades e competências voltadas para criação/elaboração de jogos, dinâmicas, danças, caminhadas ecológicas, entre outras estratégias promovendo uma ressignificação do aprender, no âmbito de comunidades, sendo versátil para adaptar tais atividades a diversas idades, temáticas e realidades socioeconômicas diferentes, pois, como afirma Caliman (2012), o trabalho nas ONGs, visa, levar educação, a população de baixa renda ou não, com foco em temáticas como: prevenção à violência seja ela que tipo for, mitigação da pobreza, preservação e conservação ambiental, dentre outras, objetivando contribuir com uma melhor qualidade de vida para todos em sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que, o profissional de Pedagogia possui uma diversidade de atuação, quando o assunto é mercado de trabalho. Neste contexto, as ONGs constituem-se como um espaço de educação não formal, onde, o pedagogo pode contribuir com seus conhecimentos pedagógicos objetivando a construção de um trabalho pautado nas temáticas transversais, tendo a construção do “ser” cidadão e responsável para a melhoria de sua vida e da sociedade como fator primordial da sua atuação no terceiro setor. Sendo assim, faz-se necessário que a formação inicial dos que escolhem a Pedagogia como profissão, seja cada vez mais imersa em práticas e discussões que abordem a atuação destes, em espaços não escolares e, em especial no terceiro setor, contribuindo com uma qualificação mais completa e os preparando para o amplo mercado de trabalho já apresentado na própria Diretriz Curricular do Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006).

REFERÊNCIAS

ABONG. **Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais**. 2020. Disponível em: https://abong.org.br/quem-somos/. Acesso em: 6 nov.2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 6 nov.2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 6 nov.2020.

BRASIL. **Manual De Procedimentos para o Terceiro Setor**. 2015. Disponível em: http://plataformamaisbrasil.gov.br/images/manuais/Manual_de_Procedimentos_para_o_Terceiro_Setor.pdf. Acesso em: 6 nov.2020.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia Social**: seu potencial crítico e transformador. Revista de Ciências da Educação, 2012.

PAES, José Eduardo Sabo. **Fundações Associações e Entidades de Interesse Social**. 8. ed. Rio de Janeiro : Forense, 2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

INFERNO NA INFÂNCIA: ANÁLISE DO CONTO BARBA DE ARAME E AS PERSPECTIVAS POÉTICAS DE ARISTÓTELES

Carla Adrielly Silva dos Santos[84]
Sara Rogéria Santos Barbosa[85]

EIXO 4 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas.

Palavras-chave: Conto Barba de Arame. Antônio Carlos Viana. Violência sexual. Mímese aristotélica.

1 INTRODUÇÃO

Antônio Carlos Viana, no conto *Barba de Arame*, presente no livro A*berto está o inferno* (2004), apresenta problemáticas tão comuns ao nosso tempo. O trabalho em questão tem como objetivo analisar pontos da poética de Aristóteles representados no conto Barba de arame, expressando resquícios de abuso sexual infanto-juvenil, precariedade e a falta de saneamento básico. Para tanto, optou-se por pela pesquisa bibliográfica com análise de conteúdo.

O conto trata de uma menina que, assim como muitas pessoas no Brasil, sofre com a precariedade e falta de saneamento básico. A menina ingênua, no texto, chamada de Luana, tem o sonho de ter uma latrina e no decorrer da história a personagem é estuprada e nem percebe que foi a vítima. O conto em questão toca em um problema para vários brasileiros, que sofrem sem saneamento básico e educação, também traz a mistificação da violência sexual contra vulnerável, e a padronização ao divino representado por um homem branco e de olhos claros que carrega a crueldade e a violência.

2 PRECARIEDADE E ABUSO INFANTOJUVENIL

A cada 24 horas, 320 crianças e adolescentes são estupradas e não foi diferente com Luana, a menina que faz suas necessidades na beira de um rio onde sua mãe costuma pescar o seu alimento; um homem que segundo ela era Jesus-Deus aproxima-se e faz a promessa de construir uma latrina para que não faça suas necessidades a céu aberto, ao leito do rio, mas o chamado "Jesus" quer algo em troca. Quantas crianças ainda hoje no século 21 ainda passam por isso, falta de saneamento básico, pobreza extrema, crianças passam a maior parte do tempo sozinha por que seus pais estão trabalhando para garantir seu sustento e pessoas de baixa índole se aproveitam desse ponto de vulnerabilidade, da inocência das crianças, para tirar vantagem disso (VIANA, 2004).

O conto barba de arame não conta simplesmente à história de Luana, que sonhava com uma latrina, o conto representa a história de muitas crianças brasileiras que são arrastadas para momentos como este e nem se dão conta por ser novas demais, por ser inocentes demais. Olhando segundo os parâmetros de Aristóteles (COSTA, 1992), podemos classificar como um conto trágico, em momento algum vê uma fagulha de esperança, algo cômico ou benevolente,

---

[84] Graduanda em Letras, estudante da faculdade São Luís de França, grupo de pesquisa CNPQ. E-mail: cardrielly@hotmail.com

[85] Doutoranda em Licenciatura e cultura pela universidade federal da Bahia. Mestre em educação com ênfase em história do ensino de línguas pela universidade federal de Sergipe especialista em didática e metodologia de ensino superior pela faculdade São Luís de França e licenciada em Letras vernáculas pela universidade federal de Sergipe e-mail: sara.rogeria@gmail.com

o conto chega a ser cruel, apesar de representar a história de muitas pessoas, o conto inteiro se passa sem uma fagulha de felicidade. (COSTA, 1992). É curioso como Luana se vê no decorrer do conto, primeiro como uma menina pobre, ingênua, que vive com sua mãe. Com o decorrer da história percebemos que o abusador acaba mudando a concepção dela quando diz: "Que ela já era uma mulher e fosse boazinha." Luana passa acreditar: "Só. Ela se sentiu grande pela primeira vez". (VIANA, 2004, p.33)

O abusador mexe não só com o corpo, mas também com a mente da menina a ponto de ela acreditar que seu abusador é "Jesus-Deus": "esse homem é Jesus-Deus, igual ao da folhinha que tem lá em casa." (VIANA, 2004, p.32). Portanto concluímos que por conta da representação de um ser divino como um homem branco de olhos azuis e cabelos claros, Luana concluiu que esse homem era benevolente, que não o causaria mal algum. O que nos leva a pensar que se seu abusador fosse um homem negro, qual seria a impressão? Qual parâmetro comparativo Luana usaria? O fato é que ainda temos um grande paradigma no que se refere à imagem divina e nossos colonizadores portugueses e a represália do que se refere ao negro.

No conto inteiro sentimos essa comoção, como citado antes o conto em momento algum relata momentos que possam ser engraçados ou felizes, pelo contrário nos causa um grande sentimento de piedade, de dor, por uma família sem saneamento básico, que vive de pesca, se não pescar não come, "já não aguentava mais comer maçunim e caranguejo" (VIANA, 2004, p.32) e depois vem à certeza do que deixou a duvidar no início. De fato, Luana foi abusada sexualmente e nem se deu conta do que estava acontecendo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem várias leis no que desrespeito ao abuso infanto-juvenil, sendo a mais recente a lei 13.431/2017. Ela normatiza e organiza o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência, criando mecanismos para prevenir e coibir a violência, mas ainda assim são imensos os casos de abuso sexual infantil, Luana é o retrato de muitas crianças que infelizmente ainda passam por isso.

A precariedade, a falta de saneamento básico ainda é presente na população brasileira, o conto é um grande alerta, um alto grito de socorro, um pedido de ajuda para as Luanas que estão por aí, para as mães que passam o dia lutando por um pouco de alimento. O conto termina com o abusador fugindo e não se sabe o que aconteceu com o mesmo e Luana só conseguia afirmar que o homem tinha uma barba de arame que a arranhava, no consultório médico é perceptível que a menina inocente do começo ainda está aí e continua achando que o ato sexual ainda vá lhe trazer alguma recompensa, os danos causado a essas crianças são permanente, persistindo até a vida adulta.

REFERÊNCIAS

JORNAL DA ORDEM, **Prevenção e Combate à Pedofilia da OAB/RS quer pôr fim à violência infantil**. OAB do Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em: <https://www.oabrs.org.br/mobile/noticias/cada-24-horas-320-criancas-sao-abusadas-audiencia-publica-ndash-prevencao-e-combate-pedofilia-oabrs-/27290 > acesso em: 10 nov.2020.

MINISTERIOPUBLICOSE, **O que diz a lei sobre violência sexual.** Disponível em: <https://youtu.be/kAiQE4nxlCw> Acesso em: 10 nov.2020.

MARTINS, Georgina. **Infância no Inferno:** um lugar na ficção de Antônio Carlos Viana. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1273/1109> Acesso em: 10 nov.2020.

COSTA. Ligia Militz da. **A poética de Aristóteles mimese e verossimilhança**, editora África S.A. 1992.

VIANA. Antônio Carlos. **Aberto está o inferno**. Companhia das Letras, 2004.

GOTLIB. Nadia Battela. **Teoria do Conto**. Coletivo Sabotagem, 2004.

A MÍMESE NAS RELAÇÕES AFETIVAS MACHADIANAS: O TRIÂNGULO AMOROSO, UMA AMIZADE DESLEAL

Bruno Santos Brito[86]
Cláudio Tafarel Teles Carvalho[87]
Sara Rogéria Santos Barbosa[88]

EIXO 4 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas.

Palavras-chave: A cartomante. Cartase. Elementos da narrativa. Machado de Assis. Mímese.

1 INTRODUÇÃO

Machado de Assis (1839-1908), famoso escritor considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira, utiliza a ironia como forma para justificar seu humor. O estilo da linguagem do Bruxo do Cosme Velho sempre envolve uma crítica ou uma opinião, ele tem textos que contemplam as estéticas naturalista, romântica e realista. O objetivo proposto é compreender como as relações afetivas são fluidas no texto machadiano tomando como base o conto *A cartomante* (1884). A escrita desse autor é capaz de despertar o interesse por leituras mais densas, fato que aconteceu com os autores deste artigo.

Segundo Strauss e Corbin (1998), o método de pesquisa é um procedimento e técnicas utilizadas para se coletar e analisar os dados. O método fornece os meios para se alcançar o objetivo proposto, ou seja, são as "ferramentas" de que fazemos uso na pesquisa a fim de responder nossa questão. Dessa forma optamos pela pesquisa bibliográfica com análise de conteúdo tendo como meio de acesso as tecnologias de informação e arquivos digitais.

2 A REPRESENTAÇÃO DO DESCOMPROMISSO AFETIVO COM O OUTRO EM A CARTOMANTE

A história é composta por um triângulo amoroso. A ida de Rita à cartomante é o mote que inicia o conto. Ela fala a Camilo, seu amante, de tal visita, mas ele acreditava em misticismo, ele rir e debocha de Rita dizendo: “Rita, se você quiser saber tudo sobre mim, eu sou a melhor cartomante” (ASSIS, 1884, p.01). Anteriormente, Vilela e Camilo eram amigos de infância, mas com o passar do tempo tiveram seus destinos traçados diferentes, Vilela vai para o interior e lá conhece a bela Rita, casa-se com ela ao retornarem da capital.
Rita conhece Camilo e a amizade entre eles é tão inevitável quantos os desdobramentos afetivos vindos daí também. A tragédia que se desenha na narrativa encontra eco na realidade que segue matando mulheres em pleno século XXI.

A imitação (mimese) de uma ação é o mito (fábula). A parte mais importante é da organização dos fatos, pois a tragédia é a imitação, não de homens, mas de ações da vida, da felicidade e da infelicidade. (Pois a infelicidade resulta também da atividade).

Daí resulta serem os atos e a fábula a finalidade da tragédia. Sem ação não há tragédia

[86] Graduando de Letras-Português, E-mail: bruno.santos@sousaoluis.com.br
[87] Graduando de Letras- Português, E-mail: Claudio.tafarel@sousaoluis.com.br
[88] Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestra em Educação com ênfase em História do Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia de Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: sararogeria@gmail.com.

(ARISTÓTELES, 1959, p. 299, apud COSTA, 1992). Como Aristóteles diz, a mimese é a imitação da vida, e a obra machadiana é uma representação do real. Aristóteles também nos apresenta a catarse, purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um trauma, ou seja, é preciso que o herói trágico passe da felicidade para a infelicidade, para que o leitor possa atingir a catarse.

No conto podemos ver a catarse, pelo fato de chamar nossa atenção e identificar o mocinho da história e torcer para que tenha um final feliz, é algo proposital que Machado de Assis transcreveu, e quando nós reparamos a reviravolta da história, a morte de Camilo, é nesse momento que alcançamos a catarse. A narrativa é bem simples e de fácil compreensão, mas, essa engenhosidade Machadiana é o que nos faz pensar na sociedade no século XIX, o Brasil do século XIX ou até mesmo trazer as reflexões para a realidade. Para Gotlib (2004), a forma como o enredo é construído, engedrado pode influenciar sobremaneira a atenção do leitor. O bruxo era mestre nessa engenhosidade.

Os elementos notados no conto *A cartomante* é a narrativa linear, casamento como resposta para tudo, amor como regenerador, mulher submissa ao marido, elementos para afirmar o amor. Uma característica importante que podemos ressaltar nos contos de Machado de Assis, é a presença do triângulo amoroso, sempre com uma mulher do topo no triângulo e dois homens abaixo. E esses homens sempre sendo influenciados sobre a ação dessa mulher. Na obra ele faz uma referência a Shakespeare e Hamlet, e chega a citar no início do conto um trecho de Hamlet. “A mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia” (MACHADO, 2020, p. 01).

Se analisarmos perfeitamente os contos, iremos perceber que em todo momento ele cita textos de Shakespeare, Machado era um leitor fervoroso de Shakespeare. As características que destacamos no conto Machadiano são a intertextualidade, a metalinguística, ironia, a essência x aparência e o pessimismo. A intertextualidade Machadiana ela é sutil e bastante construída, ao pensarmos como Hamlet decide matar por vingança, Otelo também será muito citado por Machado, vejamos que matar por vingança é uma problemática, como podemos perceber, o escritor deixa claro o final, mas a forma que conduz à narrativa é romantizada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que pese o que foi percebido no conto, concluímos que Machado de Assis é um dos principais escritores da literatura brasileira, o conto Machadiano *A cartomante* é uma obra, que nos chamou a atenção e obtivemos uma conclusão. Segundo Aristóteles o conto é trágico. O mesmo descreve a tragédia como uma imitação de uma ação completa e elevada em uma linguagem que tem ritmo, harmonia e canto. Seguindo esse raciocínio, podemos destacar a representação de algo que reconhecemos na realidade cuja catarse se dá no momento da alteração da felicidade para a infelicidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **A Cartomante**. Rio de Janeiro: Editora Itapuca, 2020.

COSTA. Ligia Militz da. **A poética de Aristóteles**: mimese e verossimilhança. Editora África S.A, 1992.

GABRIOLOGIA. **A cartomante Machado de Assis/Resumo**./ Disponível em: https://youtu.be/PNCSlEusT5U. Acesso em: 3 nov.2020.

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do Conto**. Coletivo Sabotagem, 2004.

CONTEXTUALIDADE DA VIDA COTIDIANA EM AS NAMORADAS TÊM FOME (2004), CONTO DE ANTONIO CARLOS VIANA

Elaynne Cristina Costa Rezende[89]
Emerson Vieira Souza[90]
Sara Rogéria Santos Barbosa[91]

EIXO 4 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Humana.

Palavras-chave: Antônio Carlos Viana. Gênero conto. Literatura e cotidiano. Vida conjugal.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Aristóteles, a mimese, mímesis ou mimesis, é a arte de imitar situações da realidade, sendo mais ou menos verossímil, seja escrito, através de filmes ou música (COSTA, 1992). Olhando para as narrativas modernas, podemos perceber que a mimese se faz presente na representação do cotidiano que os textos trazem e como podemos reconhecê-lo como parte do que vivemos, ouvimos ou vemos. Esse resumo tem como objetivo principal abordar a representação do cotidiano presente no conto *As namoradas tem fome*, de Antônio Carlos Viana (2004) e como, a partir dos pressupostos apresentados por Aristóteles, como reconhecer o espelhamento das ações humanas, sejam elas boas ou não.

Os contos de Viana[92] apresentam uma abordagem do tema principal de forma gradativa, envolvendo o leitor aos poucos na narrativa, tratando sobre assuntos difíceis de lidar. O objeto de estudo em questão traz uma perspectiva em terceira pessoa, sob o ponto de vista de Carlos; homem, branco, hetero e ensinado a satisfazer todos os desejos da mulher, desde que fosse para o benefício próprio.

2 O COTIDIANO NO CONTO LITERÁRIO: O ESPELHO DAS EMOÇÕES

O conto em questão nos apresenta o jovem Carlos, alguém que desejava apenas uma boa noite de sono e que tem seus planos interrompidos quando sua companheira sente uma fome repentina e seguem em uma jornada à procura de um lugar onde eles pudessem comer. Eles não contavam com o fato de todos os locais, àquela altura, estarem fechados, exceto a loja de conveniência. A escolha acaba em desentendimento.

Em uma análise superficial, é possível perceber que Cida possivelmente desejava passar algum tempo com seu companheiro, pois como ele mesmo relata que passava "um dia entre projetos" (VIANA, 2004, p. 48**)**. Como pretendemos pontuar os aspectos do cotidiano, ou melhor, da representação do cotidiano no texto de Viana, temos aí um elemento bem comum em alguns relacionamentos: a solidão da mulher ainda que não seja sozinha. O único momento junto do casal seria o horário de descanso e, como forma de distração, ela sugere saírem para jantar. Primeiro ela cita seu restaurante favorito, após isso ela opta por algo que foge de suas preferências, por fim ela acaba contentando-se com um "lanche rápido e simples". (p. 49).

---

[89] Graduanda em letras-português na Faculdade São Luís de França. E-mail: crislanny909@gmail.com

[90] Graduando em letras-português na Faculdade São Luís de França. E-mail: souzaemerson400@gmail.com

[91] Doutoranda em Literatura e cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase na História do Ensino de Língua pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: sararogeria@gmail.com

[92]Antonio Carlos Mangueira Viana (1944-2016) foi mestre em teoria literária pela PUC-RS, doutor em teoria comparada Universidade de Nice, França e professor na UFS.

Durante o percurso do conto, Viana nos mostra um dia comum entre o casal, exceto pelo amargo sentimento de ódio que Carlos sente por Cida e não o amor que se espera que exista no seio do casamento. O conto traz a perspectiva de Carlos e é possível perceber que o protagonista tenta justificar-se pelo tratamento dado a ela, pelo simples fato que ele estava cansado demais para lhe dar atenção. Ali estava uma mulher com quem ele se relacionava que queria dele atenção, companhia, mas ele não lhe devotava o menor sentimento senão ódio e desprezo. Tal sentimento se materializava de forma extrema quando ele a estuprava violenta e vingativamente. É a catarse a que Aristóteles se refere, é o momento em que sentimos terror e temor pelo que passa a personagem, é o momento em que não desejamos que aquele fim se confirme. (COSTA, 1992). Carlos saciava seu desejo enquanto Cida, nada podendo fazer, permanecia inerte como uma presa fácil nas garras de leão faminto, afinal precisava retribuir todo o trabalho que havia dado ao seu companheiro naquela noite na procura por algo para comer. No fim ele a deixava em casa e seguia para a sua.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse conto não é fácil de digerir, ele é delicado e duro, a realidade que muitas mulheres passam dentro de seus relacionamentos que se sentem com medo e acabaram sendo tomadas pela dor emocional e física sem denunciar, apenas sem força de reagir com essa situação. No começo pensávamos ser algo leve quando só estavam jantando, porém a catarse perturbadora que é evidenciada no final deixa o leitor sem reação e triste.

A forma como Viana trabalha em seus contos, de forma mimética, abre espaço para debates em salas de aula em escolas e universidade. Geralmente, assuntos como esses são evitados, pois são bastante polêmicos, a literatura abre essas portas, contextualizando-o em histórias, fábulas, crônicas e afins. Segundo Cortázar, “todo conto é perdurável é como uma semente onde dorme uma árvore gigantesca. Essa árvore crescerá, inscreverá seu nome em nossa memória” (CORTÁZAR, 1974, p. 155). A relação entre o autor e o leitor é criada, quando esses temas são significativos criando uma espécie de ponte com a realidade.

REFERÊNCIAS

COSTA, Lígia Militz da. **A poética de Aristóteles**: mímese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do Conto**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

VIANA, Antonio Carlos Mangueira. **Aberto está o inferno**. Companhia das letras, 2004.

CORTÁZAR, Julio. Valise de Cronópio. In GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do Conto**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (p. 147-163).

A REPRESENTATIVIDADE DOS CONTOS NA VIDA FORA DAS PÁGINAS

Déborah Oliveira Santos[93]
Ellon Ruan Santos Alexandre[94]
Sara Rogéria Santos Barbosa[95]

EIXO 4 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das ciências humanas

Palavras-chave: Conto. Literatura. Representatividade.

1 INTRODUÇÃO

Este resumo tem como objetivo principal compreender o comportamento da literatura em função representativa no meio social, analisando o conto na perspectiva aristotélica; fazendo alusão ao uso da mimese e catarse.

Para que enfim possamos chegar a essa conclusão, faremos uso do conto intitulado Maria, da autora mestra em literatura brasileira e doutora em literatura comparada Conceição Evaristo (2016), que faz parte do livro *Olhos d'agua*, que nos dará uma breve noção do uso da literatura especificamente o conto (como gênero literário) no nosso cotidiano e a representatividade de grupos sociais que geralmente são postos como figurantes sem destaque ou importância dentro desses textos.

2 O CONTO IMITA A VIDA E A VIDA É INFLUENCIADA ATRAVÉS DO CONTO

A literatura é tratada apenas como um meio de entretenimento e por isso muitas vezes não é lhe dado o devido valor/apreço. A partir desse ponto nós iremos analisar um dos gêneros literários que se relaciona tanto com a ficção quanto com a realidade, o conto que como sabemos é um fragmento de histórias vividas por personagens muitas vezes fictícios, tem o papel de nos envolver dentro dos acontecimentos. O conto Maria, de Conceição Evaristo nos traz a história de uma mulher comum que por muitos passa despercebida. Porém, a autora traz um destaque a Maria colocando-a como o centro de tudo, onde toda a trama gira em sua volta proporcionando uma sensação de imersão dentro do conto nos dando sentimentos como, pena, angústia e indignação.

De acordo com Aristóteles (1992, p. 18), "[...] A tragédia é definida como uma forma específica de mimese, segundo os teóricos que diferenciam as artes miméticas e o efeito que a representação determina no espectador". Sendo assim percebe-se que os padrões encontrados na análise de Aristóteles e dos demais teóricos ao lermos o conto de Conceição Evaristo, chegamos à conclusão de que se trata de uma tragédia vivida pela personagem Maria, onde ela é vítima de uma violência sofrida por muitas mulheres, o feminicídio por conta de preconceito racial.

Umas séries de fatores levam a execução dos fatos ocorridos no conto, mas, ao reter um olhar crítico a análise do conto encontramos assim a "mimese" como resultado da imitação

[93] Graduanda em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: deborah.oliveira@sousaoluis.com.br

[94] Graduando em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: ellon. ruan@sousãoluis.com.br

[95]Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase em História do Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia de Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. Endereço eletrônico: sararogeria@gmail.com.

de fatos que sim ocorrem fora de tramas fictícias, também vemos a verdade dos fatos através dos fatores sociais, culturais e raciais apresentados no conto e a "catarse" quando nos vemos envolvidos e imaginando/sentindo o sofrimento de um personagem fictício na vida real, tomando por assim dizer a dor do personagem para nós mesmos (COSTA, 1992).

Dentre todas essas análises, não só na parte técnica da estrutura de uma tragédia em forma de conto, mas, na parte de conteúdo que o conto em si nos oferta, podemos ver a grande importância e o quanto à literatura imita a vida e em vice-versa, nos trazendo situações que em outros tempos não se era comum em ter nos livros e ser tratado de forma tão ampla e com um alcance extraordinário de vidas tocadas e representadas através de um "simples" conto.

Ousamos usar aqui o exemplo da escritora Chimamanda, quando em suas palestras e em seus livros nos fala sobre como a literatura não a representava e a fez ver o mundo de uma forma totalmente diferente do que realmente era. Por muitas vezes a literatura foi e é usada como uma válvula de escape da realidade, porém esse não deve ser o único papel da literatura, pois,

> histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias também podem ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (ADICHIE, 2009, TED ideas worth spreading.)

Ler um conto e se encontrar nele através da vida narrada de outras pessoas e saber que histórias como a de Maria, também é a realidade de muitas outras mulheres e está sendo contada e passar isso a uma classe de estudantes mostrando-os que sim, existe um lugar para cada um dentro da literatura é lhes dar liberdade para que tenham a convicção de que "palavras são nossa inesgotável fonte de magia [...] Capazes de ferir e de curar" (J.K. ROWLING, 2007, p.389).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário entender que, quando nós apresentamos contos como esse de Conceição Evaristo, estamos fazendo a mudança, estamos mostrando aos nossos alunos que mesmo diante da impunidade do país sobre casos de violência não só contra a mulher, existem pessoas que não se calam e vão à luta se expressando através seja da escrita, da música, da dança, se pronunciam e passam a mensagem de que se calar não é uma opção.

Por fim, podemos concluir que, o conto ou qualquer outro texto literário tem uma grande influência na sociedade, porém nem todos têm acesso a essa literatura informativa e cheia de representatividade por isso nosso papel como futuros professores ou profissionais da área da educação temos o dever de compartilhar sem medo esse tipo de conteúdo com nossos alunos, influenciando-os a se tornarem não apenas "esponjas" para absorver conhecimento, mas, um canal de mão dupla onde ele dá e também recebe, ajudando-os a ser mais humanos e a não serem influenciados por uma sociedade distorcida e preconceituosa.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi, **O perigo de uma história única.** Editora Companhia de Letras, 2009.

COSTA. Ligia Millitz da. **A poética de Aristóteles mimese e verossimilhança.** Editora Africa S.A. 1992.

EVARISTO, conceição. **Olhos d´água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e as relíquias da morte.** Reino Unido: Editora Rocco, São Paulo 2007.

ARTE E REALIDADE ENTRELAÇADAS DENTRO DE UMA NARRATIVA CURTA DE EXCLUSÃO SOCIAL: O CONTO ANA DAVENGA DA AUTORA CONCEIÇÃO EVARISTO (2015)

Gelza Santos Nascimento[96]
Jucilene Valadão Santos[97]
Sara Rogéria Santos Barbosa[98]

EIXO 4 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das ciências humanas

Palavras-chave: Literatura brasileira. Gênero Conto. Narrativa trágica. Exclusão Social

1 INTRODUÇÃO

Este resumo expandido, objetiva apresentar uma análise crítica dentro da perspectiva do conto, usando como base para tal pesquisa, a *Arte Poética de Aristóteles* (COSTA, 1992). Para esta busca, faremos a explanação da narrativa *Ana Davenga*, pertencente à obra *Olhos D' água* da autora Conceição Evaristo (2015), verificando com precisão a representação ou reprodução (mímese) e a cartase (elemento, que por sua vez, se manifesta no leitor e não no texto).

Sabemos que a literatura não tem compromisso com a realidade, mas a representa de uma maneira fantástica, levando-nos a uma poderosa reflexão, pois nos possibilita uma abertura de mente sobre assuntos de fundamental importância dentro de nossa sociedade. Assim, o conto *Ana Davenga* reproduz dentro de uma obra literária o cotidiano de muitas mulheres pobres e negras da sociedade em que vivemos, explorando a vivência e as aflições da personagem Ana, uma mulher negra da periferia, e de outros personagens que fazem parte do mesmo universo em que ela vive exposta, carregada de denúncias como isolamento, violência contra a mulher, submissão, vida em periferia, exclusão social, preconceito racial e feminicídio.

2 A MÍMESE DA REALIDADE REPRODUZIDA ATRAVÉS DA TRÁGÉDIA COMTEMPORÂNEA: O CONTO

O gênero conto é a arte de contar um episódio possibilitando a análise de um determinado aspecto e faz referência a uma narrativa breve (GOTLIB, 2004), que se assemelha de forma relevante à tragédia, já que alguns aspectos são facilmente encontrados dentro desse desfecho. Com base nesses critérios, iremos analisar o conto *Ana Davenga*, da autora Conceição Evaristo (2015) a fim de fazer as devidas considerações. O conto narra à história de Ana, uma mulher pobre, negra, discriminada pela sociedade e que dança para sobreviver. A autora busca essas pessoas comuns, subalternizadas e vistas de forma inferiorizada como protagonistas de suas obras, ao contrário da tragédia clássica que faz uso de homens superiores para compor seu enredo (COSTA, 1992), mostrando que as tragédias modernas não cumprem mais a estrutura da tragédia Aristotélica.

[96]Graduanda em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: gelza.santos@sousaoluis.com.br
[97] Graduanda em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: jucilene.valadao@sousaoluis.com.br
[98] Doutoranda em Literatura e cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase na História do Ensino de Língua pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. Endereço eletrônico: sararogeria@gmail.com

Segundo Aristóteles (*apud* COSTA, 1992, p.19), "[...] A tragédia, não sendo uma composição épica, não pode apresentar, como a epopeia, vários mitos". Ao associar com o conto, verificamos que assim como a tragédia, ele se preocupa com um único enredo a ser mostrado, concentrando-se apenas em uma única história. Para Aristóteles, a mímese não é a duplicação do real, mas uma representação dele, correspondente a um processo de construção. É notória essa constatação no texto quando Ana reproduz em Davenga um homem-menino que a ama e a protege, ao oposto do que ele de fato representa, pois ele era conhecido como o chefe do tráfico, um homem possessivo que outrora havia mandado matar uma mulher que se recusou morar com ele (EVARISTO, 2016).

Com Ana, Davenga se mostra diferente. Ele reproduz nela uma figura de heroína protetora. Assim como na tragédia, o conto de Ana Davenga segue uma ordem lógica de fatos, podendo ser levados para fora do espaço literário e facilmente visualizados na vida real. Nos momentos íntimos do casal, quando ele tinha o gozo-pranto, uma mistura de prazer, satisfação, que mostra a dualidade de sentimento, fazendo Ana se sentir culpada por aquele ato consumado, deixando claro que aliado ao prazer à personagem sentia uma dor imensa, violenta, visceral, mas que Davenga suportava e, junto com o gozo, jorrava de seu corpo entregue, possuído por Ana (EVARISTO, 2016). O conto assim como a tragédia tem como objetivo causar em quem aprecia a obra literária um sentimento de pena ou temor pelo que acontece com os personagens. A morte trágica de Ana e Davenga representa, justamente, esse momento de catarse, o momento em que temor e terror se misturam e sentimos pesar pelas personagens ao mesmo tempo em que não gostaríamos de estar em seu lugar. Os tiros da polícia atravessaram aqueles corpos no dia em que Ana recebia de presente a sua primeira festa de aniversário.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, percebemos que Evaristo consegue dentro de uma narrativa objetiva e curta, em que se encaixa o gênero conto, representar uma estrutura um pouco diferenciada da tragédia, mas que seguem alguns aspectos relevantes da sociedade brasileira: a vivência de pessoas sofridas, que enfrentam inúmeras dificuldades para sobreviver.

Por fim, salientamos que a obra literária, mesmo sem ligação com o real, representa acontecimentos passíveis fora da ficção. Tudo isso foi percebido com a análise do conto citado acima que segue uma sequência racional e a realidade de muitas mulheres brasileiras que enfrentam inúmeras dificuldades para sobreviver e que são constantemente estereotipadas e enquadradas de acordo com modelos e padrões de uma sociedade injusta e desumana, que julga a pessoa de acordo com classe, gênero e etnia, ressaltando de forma surpreendente o sofrimento gritante das mulheres pobres do nosso país.

REFERÊNCIAS

COSTA. Ligia Militz da. **A poética de Aristóteles mimese e verossimilhança.** Editora África S.A. 1992.

GOTLIB. Nadia Battela. **Teoria do Conto.** Coletivo Sabotagem, 2004.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: Uma introdução. Tradução Waltensir Outra. 6. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

AS FLORES DA PRIMAVERA DE FERNANDO DE ABREU: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA DEPRESSÃO PRESENTE NO COTIDIANO DAS PESSOAS

Valdenice Batista dos Santos[99]
Ingrid Ferreira Santos[100]
Sara Rogéria Santos Barbosa[101]

EIXO 4 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Gênero literário conto. Mímese e realidade. Análise discursiva. Depressão.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo constituiu-se de uma argumentação sobre a representação de depressão nas pessoas com o enfoque nas análises do gênero literário do conto *Primavera*, Caio Fernando Abreu (2006). Este trabalho objetiva refletir acerca da importância da literatura para a percepção a realidade. A metodologia utilizada pesquisa bibliográfica com análise de conteúdo tendo como aporte teórico de Gotlib (2004), quanto à teoria do conto, e Costa (1992) para os pressupostos da poética em Aristóteles.

A partir da referida proposta, espera-se contribuir ainda da mimese e a catarse que está presente no conto para a realidade. Apesar de passar sua carreira sendo reprimido por altruísmo de um governo ditador, Caio Fernando Abreu, é considerado hoje, referência na literatura brasileira. Escritor e jornalista, Caio, ganhou o prêmio mais importante da literatura brasileira três vezes abordando nos seus contos fatos da vida, trazendo para ficção críticas da vida real. Ler suas obras nos faz refletir coisas do nosso dia a dia que por muitas vezes se passam despercebidos em meio à correria, pois seus contos sempre trazem fatos como doenças, morte, sexo e saudades.

Temos nesta análise a intenção de trazer para o leitor uma visão panorâmica sobre o conto *Primavera*, dando destaque na depressão que foi explicada de maneira tão sucinta e cheia de detalhes, chamando a atenção para os gatilhos apresentados no conto que fazem você refletir sobre tal assunto de maneira diferente.

2 A DEPRESSÃO PRESENTE NA SOCIEDADE

Com a análise temática do conto de Fernando de Abreu, notamos que o protagonista está vivendo com suas características mímese e a catarse. Uma depressão que está presente na sociedade. Conhecida como mal do século, a depressão é vista por alguns como uma mera frescura, falta de fé e amor próprio. No conto, podemos enxergar aos olhos de quem realmente a têm e porquê não dizer, sentir? Aprofundar-se nos seus sentimentos e ver como é ter algo que não se tem cura.

---

[99] Graduanda em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: valdenice.batista@sousaoluis.com.br
[100] Graduanda em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: ingrid.ferreira@sousaoluis.com.br
[101] Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase em História do Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia de Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: sararogeria@gmail.com.

Segundo Moreira, podemos ver no conto que a primavera é tratada como o recomeço sinônimo de alegria e esperança de um mês melhor, contudo não é assim que uma pessoa com depressão realmente se sente, a chegada da primavera não é nada amigável pelo contrário, é um período de tristeza, pois assim como no inverno a primeira vem carregada com seus montes de remédios para serem tomados, sintomas para serem sentidos e pensamentos para serem pensados. Os remédios que deveriam ser sua fonte de cura, proporcionar a ele uma vida sem esses terrores da depressão o deixam doente. (MOREIRA, 2009)

Segundo Faiad, a depressão é sorrateira e tira do ser das pessoas a vontade de viver, de ser feliz, de estar onde o faz bem, se sentindo vazia, sozinha consigo mesma, destruindo sua capacidade de se afeiçoar a outra pessoa. No conto vemos isso nitidamente, por mais que o personagem queira, ele não tem o privilégio de se sentir como as outras pessoas na primavera. Então entra o fim, com sua total reviravolta, quando em um dia qualquer ele acorda bem e como quase sem acreditar se vê na oportunidade de viver os momentos felizes que a primavera o negou, a oportunidade de em um momento ter o que tanto deseja. (FAIAD, 2020)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, diante do que foi exposto com a análise discursiva do conto, foi muito importante para os leitores, pois percebeu o quanto essa ficção traz para a vida real das pessoas. Analisamos também que na obra de Costa (1992) trata-se dos conceitos de Aristóteles com catarse e a mímese, que estão todos os presentes na análise discursiva do conto que a protagonista estava com depressão, assim como na vida real acontece.

A literatura nos ajuda a ver o mundo a partir dos olhos do narrador e isso pode mudar a percepção do leitor acerca dos problemas que ele passa ou ver passar ao seu redor. A arte não imita a vida apenas, ela é a representação do real e quando nós reconhecemos isso somos tocados por ela.

REFERÊNCIAS

COSTA, Ligia Militz da. **A poética de Aristóteles**: Mímese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.

GOTLIB, Nadia Battela. **Teoria do conto**. Coletivo Sabotagem, 2004.

FAIAD, Lieber Zandonato. **Felicidade x Depressão: antagonistas na sociedade contemporânea, 2020**. Disponível em <file:///C:/Users/DOGE/Downloads/601-1834-1-PB.pdf> Acesso em: 11 nov.2020.

MOREIRA, Ricardo. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo** - Dossiê Dezembro de 2009. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie02/RevLitAut_art05.pdf>. Acesso em: 11 nov.2020.

AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM COMO PROCESSO

Ivanete Alves do Nascimento[102]

EIXO 4 - Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das ciências humanas

Palavras-chave: Avaliação. Ensino. Processo.

1 INTRODUÇÃO

E linhas gerais, a avaliação escolar pode ser definida como uma forma de coleta de informações sobre os avanços e as dificuldades de cada aluno e traz a lume a importância do suporte permanente ao processo de ensino aprendizagem e de orientação permanente ao professor no planejamento das suas ações pedagógicas e na busca de auxílio ao aluno objetivando o êxito em seu processo de ensino aprendizagem.

É de conhecimento de todos os trabalhadores da educação que, no ambiente escolar, o momento de maior tensão e apreensão por parte não só de alunos, mas, também de professores, é o da avaliação, pois, a prática avaliativa tanto pode promover e fomentar avanços com pode frustrar o aprendente interferindo negativamente em seu desenvolvimento. Assim, este trabalho tem por objetivo geral demonstrar a importância da avaliação enquanto processo formativo na aprendizagem dos indivíduos no âmbito escolar.

Embora seja um processo necessário, este deve ser feito com muita responsabilidade, pois, se trata de pessoas que ao longo de suas vidas, passarão por processos avaliativos constantemente e não somente na escola e, uma avaliação sem o devido cuidado poderá refletir não só na reprovação e impedir que o aluno avance na série, mas durante toda a sua vida escolar quando observado o aspecto emocional desse educando. Em função disso, o trabalho justifica-se pela importância de os educadores compreenderem cada vez mais sobre avaliação no processo de aprendizagem. A metodologia do trabalho está pautada na revisão bibliográfica, sendo uma abordagem qualitativa segunda Richardson (2012).

2 AVALIAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO

De acordo com Antunes (2012), cada vez mais se evidencia a necessidade de se ver o aluno em sua integralidade e avaliar as condições mais abrangentes em que sua aprendizagem se processa. Na escola, a aprendizagem dos educandos precisa ser vista como consequência do ato de ensinar, porém, essa aprendizagem não pode ser medida apenas no momento da prova, tampouco a prova poderá ser vista como único meio de avaliação dessa aprendizagem. Esta deverá ser desenvolvida de forma contínua e formativa objetivando uma avaliação justa e democrática incentivando o avanço e a efetiva aprendizagem do aluno. Segundo (LUCKESI, 2008, p. 13), [...] “ensinar significa criar condições para que o educando efetivamente entenda aquilo que se está querendo que ele aprenda”. O ato de avaliar, assim, se transforma em um grande desafio para as instituições de ensino, visto que, estão inseridas em uma sociedade com certo grau de complexidade e, em constante transformação. Importante se perguntar, considerando Luckesi (2008), se os instrumentos de avaliação de aprendizagem, utilizados no cotidiano da escola, são suficientemente adequados para caracterizar nossos educandos ou se eles nos levam a fazer um juízo distorcido das atividades disponibilizadas.

---

[102] Licenciada em História pela Universidade Tiradentes, Pós-graduada em História da Educação pela Faculdade Pio Décimo, e Pós-graduanda em práticas Pedagógicas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: <Ivanete.historia@hotmail.com>.

Através da avaliação da aprendizagem, se corporificam não só a repetência e a evasão, mas, sobretudo, segundo Demo (2012), a sonegação do conhecimento a consideráveis parcelas de alunos dentro das instituições escolares. Daí, a necessidade de se retomar a discussão sobre a velha e impopular questão de como proceder se o aluno será aprovado ou não de uma série para outra. Para tanto, se faz necessário refletir sobre o papel da avaliação e sobre as condições necessárias para que esta se efetue de maneira justa e democrática. No desenvolvimento do processo de ensinamento, é importante que os educadores, segundo Saviani (2000), discutam o processo de avaliação adotado, em sala de aula, com seus alunos, deixando claro se este é um método de caráter tradicional, pautado nos resultados quantitativos da avaliação ou se é um método mais democrático e participativo. Este último pauta-se em nos aspectos qualitativos da avaliação, preocupando-se com todo o processo e não somente com o resultado da aprendizagem dos alunos, como corrobora Luckesi (2008). E não se deve esquecer de que, a compreensão de como se realiza a aprendizagem dos alunos com o foco na formação sistêmica e integral do ser humano, deve ser anterior à escolha das alternativas de avaliação.

Em função disso, o sujeito da avaliação, considerando Ramos (2007), não é apenas o aluno, mas o coletivo de estudantes e os professores, tomando como referência os processos de construção, ampliação e ressignificação dos saberes, valores, habilidades e práticas desses mesmos atores e não, simplesmente, o domínio dos conteúdos das disciplinas. Nesse sentido, considerando Luckesi (2008), os processos e os resultados da avaliação assumem o caráter investigativo, descritivo e interpretativo do exercício da prática docente e dos progressos evolutivos dos alunos já obtidos e em construção, devendo este, ser o modelo visto como mais assertivo a ser adotado pela educação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação como processo usa instrumentos para coleta de dados e informações, os quais serão úteis para a escola e para o trabalho do professor e que, mesmo bem estruturados e bem construídos, ainda, precisam ser adequados para cada situação de aprendizagem em que ocorrerá a avaliação. Nessa perspectiva, a avaliação precisa deixar de ter o caráter classificatório de simplesmente aferir acúmulo de conhecimento que promove ou retém o aluno, ela deve ser entendida pelo professor como processo de acompanhamento e compreensão dos avanços, dos limites e das dificuldades dos alunos, para atingirem os objetivos estabelecidos e inerentes àquela atividade. É evidente que, a passagem pela escola só tem sentido quando se supõe que o aluno sairá dela diferente da forma quando entrou.

Para que se compreenda o significado da avaliação, é de fundamental importância que se compreenda o significado de aproveitamento escolar, visto que é sobre ele que a avaliação incide. O aproveitamento escolar refere-se à construção de conhecimentos, ou seja, à elaboração de formas de pensar e relacionar determinados conteúdos que foram objeto de ensino e aprendizagem para os alunos. A autoavaliação, de acordo com Ramos (2007), também pode se tornar um importante elemento instrumental de avaliação, visto que, por meio dela é possível detectar os pontos fortes e aqueles que merecem ser revistos em sua efetiva capacidade de adquirir aprendizagem e os estudantes podem, ainda, se autoavaliar tornando-se sujeito do seu próprio processo de aprendizagem, adquirindo responsabilidade sobre si mesmo e aprendendo a enfrentar limitações aperfeiçoando suas potencialidades. Nesse sentido é importante que os professores mostrem aos alunos a importância de que sejam honestos com eles mesmos. A avaliação deve se constituir em orientação básica para o acompanhamento do processo de aprendizagem, diagnosticando eficiências e visando superar as dificuldades.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 9. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012. Disponível em: https://www.monografias.com/pt/docs/Avalia%C3%A7%C3%A3o-celso-antunes-PK2GTBDH89JP. Acesso em: 11 nov.2020.

DEMO, Pedro. **Educação, Avaliação Qualitativa e Inovação**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012. Disponível em: https://www.monografias.com/pt/docs/Avalia%C3%A7%C3%A3o-celso-antunes-PK2GTBDH89JP. Acesso em: 11 nov.2020.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação de aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RAMOS, Zaíra Leite. **Conhecimentos Pedagógicos**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 2007. 222p.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia***:* teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 33. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

ELEMENTOS SOCIOEMOCIONAIS ENCONTRADOS NO LIVRO O PEQUENO PRÍNCIPE DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Augusto César dos Santos Caldas[103]
Jhonatas Santos Vieira[104]
Sara Rogéria Santos Barbosa[105]

EIXO 4 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Literatura e socioemocional. Formação leitora. O pequeno príncipe.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, temos o objetivo analisar as competências socioemocionais estabelecidas entre o Pequeno Príncipe e os companheiros de viagem que encontra pelo caminho. O livro escolhido para essa análise é O Pequeno Príncipe (2015), de Exupéry, traduzido por Luís Miguel Duarte, que ressalta aspectos inter-relacionais que podemos executar no nosso dia a dia. Esta obra é um clássico na literatura infanto-juvenil de linguagem simples, fácil compreensão, publicada em vários países e ainda hoje lida por milhares de pessoas.

O interessante nesta pesquisa se deu por ter despertado a atenção para os vários sentidos que as frases carregam e que podem ser aplicados no dia a dia para o enfrentamento das questões que são vivenciadas pelas pessoas. Temos como objetivo compreender como aquela narrativa carrega em si forte poder imagético que propicia não apenas adentrar na leitura, mas pensar para além do que está posto ali. A metodologia adotada nesta pesquisa foi à bibliográfica com análise de conteúdo.

2 ELEMENTOS SOCIOEMOCIONAIS ENCONTRADOS NO LIVRO O PEQUENO PRÍNCIPE DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O autor do livro é o personagem principal da história e assume o papel de narrador que nos conta o sinistro dia em que seu avião teria caído no meio do deserto Saara e tem início ali a bela história do pequeno príncipe. O protagonista da história é frustrado em relação aos seus desenhos, pois ninguém conseguia decifrar as suas artes de forma correta. Ao ouvir as histórias do principezinho vindo de um asteroide, o protagonista percebe como as pessoas desprendem seu tempo, forças e sentimentos em coisas pequenas da vida. “Os adultos me aconselham a deixar de lado os desenhos das jiboias, abertas ou fechadas, e a me aplicar, ao invés, à geografia, à história, à aritmética e à gramática” (EXUPÉRY, 2015, p. 11).

À medida que a narrativa avança, somos apresentados a novos personagens, a exemplo da raposa, da rosa, da serpente, do rei dentre outros com os quais o príncipe estabelece relações e nelas percebemos o conteúdo filosófico presente na história e o engendramento de um enredo que fisga o leitor (GOTLIB, 2004). A narrativa nos faz perceber a presença forte da verossimilhança que é atributo daquilo que parece intuitivamente verdadeiro, isto é, o que é atribuído a uma realidade portadora de uma aparência ou de uma probabilidade de verdade, na

[103] Graduando em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: sjhonatas321@gmail.com.
[104] Graduando em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: ac689971@gmail.com
[105] Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase em História do Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia de Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: sararogeria@gmail.com.

relação ambígua que se estabelece entre imagem e ideia (COSTA, 1992). No texto vemos isso quando o autor cita uma cobra que fala uma criança viajando sozinha por planetas, quando o príncipe fala com a rosa, com a raposa e entre outras coisas. Diferentemente da noção de verdade e de verdadeiro, Aristóteles entende por verossimilhança a ordem narrativa de tudo o que está ligado ao campo das possibilidades simbólicas relativas ao homem e à história.

O enredo nos apresenta a relação especial entre o pequeno príncipe e a rosa e como a pequena flor se torna, para ele, um objeto de amor. Ela, no entanto, retribui com comportamento brusco, orgulhoso. Essas atitudes fazem com o príncipe parta em viagem, mas conserve em si as lembranças que tem dela, sente saudade e tem vontade de retornar ao seu planeta para reencontrá-la. De acordo com Antoine (2015, p. 49), ao afirmar que "assim o principezinho apesar de todo seu amor, logo duvidou dela. Ele tinha levado a sério palavras sem importância, e sentia-se muito mal", percebe-se que a rosa vaidosa e exigente começa a atormentar o príncipe. Neste ponto vemos um ocorrido socioemocional, o que será que esta cena quer nos passar? Vejamos, a rosa representa em nosso cotidiano o amor que deve ser cuidado, cultivado, cativado e também a mesma representa nossas características humanas boas e más.

Outra relação é com a sábia raposa, ela é uma personagem que aparece repentinamente e misteriosamente dessa forma criando um vínculo de amizade com o pequeno príncipe. O "essencial é invisível aos olhos" (EXUPÉRY, 2015, p. 113) nos faz refletir que ela, ao contrário da rosa, ensina lições valiosas ao principezinho mesmo ainda não o tendo cativado e uma dessas lições é como a conquista requer responsabilidade afetiva, que o amor que conquistamos ao longo da vida implica em valorizar o outro, como bem afirma Fuks (s/d) ao analisar as frases do livro de Exupéry.

A serpente é o primeiro personagem que o príncipe encontra na terra, embora fale por enigmas é o personagem mais franco de toda a história**,** assim podemos criar um paralelo com a serpente bíblica que convence Adão e Eva a comer o fruto proibido a serpente simboliza a morte e é a responsável por enviar o pequeno príncipe à sua casa através de sua mordida venenosa. "Porém, sou mais poderosa que o dedo de um rei-retrucou a serpente" (EXUPÉRY, 2015, p. 94).

Temos ainda a personagem do rei. Ele é o primeiro dos 'donos do mundo' que o príncipe no primeiro planeta que ele visita o rei soberbo acha que tudo e todos são seus súditos e que pode controlá-los e ele tenta que o pequeno príncipe fique em seu planeta, mas não consegue Mesmo sendo mandão, o Rei possui um coração bom e ensina com sabedoria que cada um pode dar aquilo que tem. "Exato. É preciso exigir de cada um o que cada um consegue dar-replicou o rei" (EXUPÉRY, 2015, p. 60). Os exemplos acima citados são uma pequena mostra da responsabilidade afetiva que tanto trata o livro e que, de certa forma, atravessa os leitores dano sentido à leitura e tornando-a próxima.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta obra tornou-se um dos livros mais lidos de todos os tempos por isso o escolhemos para realizar este trabalho a fim de incentivar a sua leitura. Observamos um elemento chamado catarse que é a descarga emocional e a mudança de vida através dos ensinamentos que esse livro pode nos trazer. Ficamos muitos felizes por que ele trouxe uma bagagem muito boa que levaremos para nossas vidas, e como futuros profissionais na educação pretenderam passar esses conhecimentos e sugerir esta leitura para os nossos alunos. Assim incentivando também outros profissionais a fazerem o mesmo.

REFERÊNCIAS

FUKS, Rebeca. **Análise de Frases do Livro O Pequeno Príncipe.** S/D**.** Disponível em https://www.culturagenial.com/livro-o-pequeno-principe. Acesso em: 4 nov.2020.

EXUPÉRY, Antoine de Saint Exupéry. **O Pequeno Príncipe**. Disponível em https://www.guiaestudo.com.br/o-pequeno-principe. Acesso em: 5 nov.2020.

COSTA, Lígia Militz da. **A Poética de Aristóteles:** Mímese e Verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do Conto.** Coletivo Sabotagem, 2004.

ANÁLISE DO CONTO PAI CONTRA MÃE E PERSPECTIVAS MACHADIANAS DIANTE DA ESCRAVIDÃO

Jonh Enis Santos Pereira[106]
Juliana Chagas dos Santos[107]
Sara Rogéria Santos Barbosa[108]

EIXO 4 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das Ciências Humana.

Palavras-chave: Conto pai contra mãe. Escravidão. Pobreza. Desigualdades. Conflito. Crítica social

1 INTRODUÇÃO

O nosso intuito é analisar o conto *Pai contra mãe*, escrito por Joaquim Maria Machado de Assis que nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908 aos 69 anos, o conto traz à tona as questões e realidades sociais da época que vão além da escravidão, deixando em evidência personagens da classe dominante e a atitude que tinham ante o trabalho servil. A pesquisa é bibliográfica com análise de conteúdo.

A partir da leitura, pesquisas e reflexões feitas por nós, explanaremos uma análise em relação ao conto quanto à postura adotada por Machado de Assis diante da escravidão, pois mesmo tendo trazido denúncias e críticas em suas obras com referências evidentemente fortes de condenação ao regime e aos péssimos e injustos costumes sociais que decorrem dele, a imprensa da época afirmava que ele não fazia por onde expressar suas indignações de tudo que estava ali acontecendo e de não ter agido abertamente contra a escravidão.

2 O CONFLITO ENTRE ESCRAVIDÃO E POBREZA DOS QUE SÃO CONSIDERADOS LIVRES

Pai contra mãe é um dos contos da antologia Relíquias de Casa Velha, publicados em 1906, o fato de tal conto ser uma obra ficcional, não impediu que combatesse sutilmente á ideia de superioridade racial e pobreza, nos vão serem apresentado duas temporalidades diferentes, tendo seu início com a narração de um momento posterior à abolição da escravatura no Brasil, descrevendo de modo irônico os aparelhos e punições as quais os escravos eram submetidos quando fugiam. Segundo Soares (2007, p. 205) tais aparelhos eram "suplícios que estigmatizavam os escravos delinquentes", tais como o uso de "ferro ao pescoço" (gargalheira) e "ferro ao pé" (correntes).

Depois de nos apresentar o horror do período escravocrata, é quê, Cândido Neves, o personagem principal, é inserido na narrativa. A partir daí as ações acontecem no tempo em que são descritas e a prática exercida pelo Cândido narrada no primeiro momento é associada ao período da escravidão. A profissão de Cândido Neves era pegar escravos fugidos, casa-se com Clara, começa a ter dificuldades no negócio de caça de escravos, aparecem às carências

[106]Graduando em letras e respectivas literaturas, Faculdade São Luís de França. E-mail: Jonh.enis@sousaoluis.com.br
[107]Graduanda em letras e respectivas literaturas, Faculdade São Luís de França. E-mail: juliana.chagas@sousaoluis.com.br
[108]Doutoranda em Literatura e cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase na História do Ensino de Língua pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. Endereço eletrônico: sararogeria@gmail.com

familiares e a gravidez de sua esposa agrava a situação, são expulsos de onde viviam de aluguel e passam a morar de favor, nesse momento a tia de sua esposa sugere colocar o filho na Roda dos Enjeitados, mas não era o que Candinho queria, "Hei de entregá-lo o mais tarde que puder" (ASSIS, 1982, p. 204). Porém devido às circunstancias, se vê obrigado a fazer. Apenas um lado sairá satisfeito, é preciso que o outro sofra o fato de apenas um poder sobreviver retrata bem a falta de condição de sobrevivência do pobre no Brasil da escravidão e tanto Cândido quanto a negra são vítimas do sistema escravista, então:

> [...] Cândido, sem nenhuma compaixão, entregou Arminda ao seu proprietário. Recebeu a boa gratificação e, marido e pai amoroso, assistiu impassível ao aborto da escrava, "levada do medo e da dor". Em correspondência com o título, negros insurgentes são massacrados por seus "senhores" brancos, que preferem tirar-lhes a vida a perder poder sobre eles. Terminado o conto, subsiste a sangrenta imagem de uma criança natimorta, frontal e inassimilável metáfora de afro-descendência abortada. (M. DE ASSIS, 1974, p.659- 667) (SCARPELLI, 2003, p.124)

Quando Candinho sai com o filho disposto a entregá-lo se depara com uma escrava fugida e vê nela a salvação do filho. Cândido luta com a escrava Arminda e o fato dela estar grávida não o comove ambos lutam pela sobrevivência dos seus filhos. Alfredo Bosi (1982, p. 437-457) aponta dois níveis de análise para essa luta: um natural, um pai e uma mãe lutando por seus filhos, outro social, uma escrava buscando a liberdade e um caçador de negros fugidos à procura de sua caça. A frase final do personagem corrobora esta lei e serve para livrar Cândido de qualquer culpa pela morte do filho da escrava: "Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração" (ASSIS, 1982, p. 205). O fato de Cândido ser branco e livre, mesmo pobre lhe confere poder aos que estão abaixo dele.

.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse conto é uma prova inquestionável de que Machado de Assis fazia referências precisas á escravidão, que não concordou ou se omitiu diante dos fatos e do comportamento deplorável de membros da classe dominante que oprimia o pobre e de forma muito mais agressiva o negro, a partir da descrição irônica e denunciativa, deixando para o leitor a função de julgar o que está no texto.

Apesar de retratar de modo bastante forte e realista o fato é necessário saber interpretá-lo, pois suas obras trazem muito mais do que é evidenciado, deixando a cargo do leitor a conclusão dedutiva daquilo que fora exposto, para nós o conto "Pai contra Mãe" expõe as mazelas de um tempo crítico, onde convivem e conflitam situações como escravidão e pobreza.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe**.** In: **Relíquias de Casa Velha**. Rio de Janeiro: Garnier, 1906, pp. 3-17. Acesso em 12 nov/2020.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis**: O enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999.

DUARTE, E. **Literatura afro-brasileira**: um conceito em construção. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31, 2008, pp.11-23. Acesso em: 12 nov.2020.

CARPELLI, M. **Pai Contra Mãe de Machado de Assis**: a negativa das negativas. Revista Via Atlântica, n. 6, 2003, p. 121-133. Disponível em <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/pai-contra-mae.html> Acesso em: 11 nov.2020.

SOARES, Luís Carlos. **“O Povo de CAM” na capital do Brasil:** A Escravidão Urbana no Rio de Janeiro do séc.XIX. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

A IMPORTÂNCIA DA MONITORIA DE ENSINO EM TEMPO DE PANDEMIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Karine da Silva Lima[109]
Alana Danielly Vasconcelos[110]
Yan Cápua Charlot[111]

EIXO 4 - Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Ensino. Monitoria. Tecnologia Digital.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de monitoria voluntária pautado na Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, substituída posteriormente pela Lei 9.394/96, constitui-se, segundo a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como atividade didático-pedagógica ligada aos cursos de Graduação (à distância e presenciais) que objetiva contribuir com o aperfeiçoamento do processo de formação dos discentes e com a melhoria da qualidade do ensino. Uma das atribuições executadas pelos que se dispõe a atuarem na monitoria voluntária é o suporte aos discentes de determinada disciplina, no tocante à execução de suas atividades.

Tal suporte, devido à pandemia instaurada pelo COVID-19, obrigou muitas Instituições de Ensino, incluindo a UFS, a adotarem novos recursos digitais para garantirem a continuidade do processo educativo dos discentes, acarretando na necessidade de novas aprendizagens no tocante ao uso desses recursos por parte dos docentes e dos discentes.

Com isso, este trabalho tem por objetivo geral apresentar a importância do trabalho de monitoria voluntária em tempo de pandemia como possibilidade de fortalecimento e/ou construção de competência no tocante ao domínio de recursos digitais no curso de Pedagogia na UFS, bem como seus principais desafios e perspectivas, com base nas atividades desenvolvidas no segundo semestre do ano de 2020. Justifica-se a relevância desta pesquisa por compreender que o trabalho de monitoria tem como um de seus princípios o estímulo ao desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à sistematização do trabalho docente bem como auxiliar no complemento à formação acadêmica do discente através da experiência vivenciada na atividade de Monitoria. No que se refere à metodologia, este trabalho constitui-se em uma pesquisa com abordagem qualitativa com revisão bibliográfica, baseada em Richardson (2012).

---

[109] Graduanda em Matemática Licenciatura, na Universidade Federal de Sergipe. Monitora no Projeto de ensino "Didática e Metodologias Ativas no Processo de Ensino e Aprendizagem" (DED/UFS). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9350-6363. E-mail: kariineliima@academico.ufs.br.

[110] Professora Mestra, Adjunta dos Cursos de Graduação, na Faculdade São Luís de França (Grupo Tiradentes), Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS). Integrante do Grupo de Pesquisa "Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Tecnologia (NUCA)". ORCID: http://orcid.org/0000-0001-7097-9478. E-mail: alana90@sousaoluis.com.br.

[111] Mestre em Constitucionalização do Direito pela Universidade Federal de Sergipe. Bacharel em Direito pela Universidade Tiradentes. Licenciando em Pedagogia - Centro Universitário Claretiano. Integrante do Grupo de Pesquisa "Educação e Contemporaneidade" (EDUCON/UFS/CNPq). ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4199-0584. E-mail: ycscharlot@gmail.com.

A PRÁTICA DE MONITORIA VOLUNTÁRIA EM TEMPO DE PANDEMIA

A inviabilidade de realizar reuniões presenciais entre alunos e professores devido à pandemia[112] acarretou a realização da monitoria voluntária de forma remota na UFS[113]. Dessa forma, se fez necessário monitores para o auxílio dos alunos e dos professores quanto ao suporte no tocante ao uso dos recursos digitais que seriam utilizados neste processo a fim de garantir a continuidade das aulas, a exemplo dos aplicativos do *Google* que fazem parte do *G Suite For Education*.

Notou-se durante a realização do trabalho de monitoria que, quanto ao ensino remoto, diversas são as dificuldades que surgem. Primeiramente, os desafios técnicos, que exigem que o monitor, de maneira abrupta, se adeque aos recursos digitais utilizados, a fim de compreendê-los e ajudar os demais envolvidos no processo, a superar as dificuldades de uso desses recursos, além da conexão de internet que, muitas vezes falha, impossibilitando a permanência dos envolvidos no processo educativo nos encontros síncronos (aulas ao vivo).

Em segundo lugar, estão os desafios pessoais dos alunos e professores relacionados ao preconceito de admitir que possuam alguma deficiência tecnológica e o choque de gerações, em que alguns dominam "muito" a tecnologia digital e outros dominam "pouco". Vasconcelos, Ferrete e de Lima (2020) deixam isso clarificado quando apresentam que, de acordo com Prensky (2001), no âmbito da educação, existem dois públicos, os nativos digitais e os imigrantes digitais. Os nativos são os que nascem na era digital e têm uma maior facilidade em manusear tais recursos e os imigrantes digitais são de uma geração anterior e estariam se adaptando as tecnologias digitais.

Importante destacar, também, estudo recente com Professores da rede pública do Estado de Sergipe, que concluiu que apenas 19% responderam não utilizar alguma tecnologia digital no cotidiano da sala de aula. Porém, dentre os mais utilizados, destacaram-se os recursos mais simplificados: editores de apresentações (*Power Point e Google Slides*), de texto e pesquisas de conteúdos relevantes na *internet*, para serem trabalhados em sala (BARROS; FIRPO; CHARLOT, 2020). Nessa perspectiva, acredita-se que as atividades de monitoria, notadamente quando praticadas por alunos de Pedagogia e de Licenciaturas, são um importante fator de renovação das práticas de ensino, que propiciarão aos futuros professores novas habilidades que aprimorarão o processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, as dificuldades encontradas no trabalho de monitoria contribuem para estimular, nos monitores, a criação de estratégias, materiais pedagógicos e a busca de novos recursos digitais que promovam a interação entre os envolvidos no processo educacional, possibilitando a construção de novas aprendizagens e fortalecendo o domínio tecnológico destes. Enriquecendo assim, a formação acadêmica, profissional, e possibilitando a troca de conhecimento e experiências entre discentes e docentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

[112] De acordo com o Ministério da Saúde, "a COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório". Disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca. Acesso em: 3 nov. 2020.

[113] Nos termos da Resolução Nº 26/2020/CONEPE - Aprova Normas para Atividades Educacionais Remotas Emergenciais para os cursos de Graduação no âmbito da Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: http://secretariado.ufs.br/uploads/page_attach/path/10066/Resolu__o_atividades_remotas_informativo_26_2020.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

Considera-se assim que, o trabalho de monitoria acadêmica voluntária constitui-se em uma prática importante para o processo de formação dos discentes que se propõem a exercer tal atividade, visto que, a mesma possibilita uma ampliação das habilidades e competências necessárias à profissionalização dos mesmos, a exemplo da superação dos desafios, do uso de tecnologias digitais, da construção de materiais pedagógicos, dentre outros, aproximando esses discentes da prática docente e contribuindo com um processo de formação mais assertivo e construtivo.

Torna-se primordial, portanto, que as Instituições de Ensino superior continuem a incentivar o desempenho das atividades de monitoria, não só mediante a oferta de bolsas remuneradas (que efetivamente se constituem em uma importante política de incentivo à permanência dos discentes no ensino superior), mas também pelo oferecimento de condições adequadas (estruturais e formativas) para que docentes orientadores e integrantes dos projetos de monitoria se sintam aptos a desempenharem as tarefas demandadas. A monitoria de ensino é um importante aliado no processo de ensino-aprendizagem, que traz benefícios a todas as partes envolvidas, razão pela qual deve ser ampliada e valorizada.

REFERÊNCIAS

BARROS, A. de Souza; FIRPO, K. Prado Valença; CHARLOT, Y. C. (2020). Novas tecnologias e formação docente: desafios e perspectivas no contexto sergipano - Relato de Experiência de Bolsistas Voluntários. In*:* EDUCON: XIV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. **Anais...** Sergipe, 2020.

BRASIL. **Lei Federal nº. 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm. Acesso em: 3 nov.2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 3 nov.2020.

PRENSKY, M. **Digital Native, digital immmigrants**. On the horizon, MCB University Press, Vol. 9, n.5, October, 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

VASCONCELOS, Alana Danielly; FERRETE, Anne Alilma Silva Souza; DE LIMA, Ivonaldo Pereira. **Formação docente para o uso dos aplicativos do *Google for Education* em sala de aula.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 15, n. 4, p. 1877-1887, 2020. DOI: 10.21723/riaee.v15i4.12741.

ANÁLISE DO CONTO *QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE*? DO LIVRO OLHOS D'ÁGUA (2016) DA AUTORA CONCEIÇÃO EVARISTO

Liliana Fontes Pequeno de Souza Tavares[114]
Sara Rogéria Santos Barbosa[115]

EIXO 4 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Conto literário. Literatura Brasileira. Mulher negra. Violência sexual. Empoderamento feminino.

1 INTRODUÇÃO

Este resumo tem como objeto o conto *Quantos filhos Natalina teve?* Um dos quinze que compõem o livro *Olhos D'Água* (2016), de Conceição Evaristo. O objetivo deste resumo é destacar a literatura afro-brasileira mostrando um enredo que apresenta exemplos de uma das realidades cotidianas da mulher negra. Através desse material será discutido o assunto sobre uma perspectiva baseada em alguns autores como Nádia Battela Gotlib (2004), Militz (1992) quanto à teoria do conto, e a poética de Aristóteles, sobretudo catarse, mimese e a verossimilhança.

O conto *"Quantos filhos Natalina teve?"* conta a história de uma mulher negra que tem sua primeira gravidez indesejada aos 14 anos e desde então é gerado em si um sentimento de dor, vergonha e medo ao longo de suas quatro gestações vividas por consequências da violência sexual que sofrera desde quando criança e assim cresce Natalina sozinha, deixando tudo para traz e com lembranças negativas de cada gravidez.

2 CONTO: CATARSE, MIMESE E VEROSSIMILHANÇA NA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NEGRA

No conto é percebida uma base de pressão psicológica da mãe sobre Natalina, quando, ao engravidar ainda criança, não queria aquele 'troço' mexendo na barriga. Com medo de tudo aquilo, bebe diversos chás para abortar, não dá certo e ela foge ao ouvir da mãe a pretensão de levá-la para Sá Prexedes, uma parteira e abortadeira de quem as crianças tinham medo "Sá Praxedes, não! Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos" (EVARISTO, 2016, p. 28).

O texto de Evaristo já começa nos colocando numa situação limite: o aborto. Com ele também temos outra informação importante: somente mulheres aparecem no conto na condição de falantes ouvidas. De acordo com Gotlib (2004, p. 28), o texto tem seu público, seu leitor, para cada tema há leitores e ouvintes que se deixam cativa. Segundo ela, "há para cada gênero um público e um repertório de procedimentos ou normas a ser usado nas obras de arte". Através dessa primeira parte podemos entender a concepção de conto narrativo trazida pela teórica quando explica que o conto narrativo pode ser a história de alguém que viveu aquilo ou inventar a representação da realidade. Quantos filhos Natalina teve? É a mistura dessas duas coisas.

Em seguida com Aristóteles, a mímese aparece como algo positivo nas obras, pois representa o envolvimento da arte com a natureza, assim como se diz o termo "a arte imita a

[114]Graduanda em Letras Vernáculas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: liliana.fontes@sousaoluis.com.br.
[115] Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase em História do Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia de Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: sararogeria@gmail.com.

natureza" e um texto só é reconhecido como mimese, como representação, como imitação quando podemos ver seu espelhamento na realidade (COSTA, 1992). O conto de Natalina imita a vida de muitas mulheres pretas que sofrem violências desde a infância, que não têm orientação sexual, que têm seus corpos vistos como produto. Também apresenta a mudança na vida de mulheres que tomam consciência de quem são e mudam o jogo. Natalina mudou o jogo.

Assim, com a segunda gravidez indesejada, Natalina rejeita a proposta de casamento e vai embora deixando seu filho com Tonho. Ela, assim como quando era criança, segue sendo agente de suas decisões. Nunca quis ter filhos, queria o romance, o gozo, a companhia de Tonho. "Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina" (EVARISTO, 2016, p. 29). Na terceira gravidez, resultado de um acordo para ser barriga de aluguel, ela doa sua fertilidade ao casal para quem trabalhava. Somente enquanto seu corpo servia ao proposito dos patrões ela era vista, notada. Quando o objetivo foi alcançado, ela se viu esquecida. Ela não deu muito espaço para esse sentimento, nunca quis o filho, foi um negócio acordado e cumprido. Para ela, todos aqueles filhos "morreram no meio do caminho. [...] tudo passava lento, os nove meses de eternidade, os enjoos. O estorvo que ela carregava na barriga faria feliz o homem e a mulher que teriam um filho que sairia dela. Tinha vergonha de si mesma e deles." (EVARISTO, 2016, p. 30).

No momento em que o conto fala sobre a quarta gravidez de Natalina é que existe um sentimento diferente, novo, que nasce na encruzilhada entre a vida e a morte e provoca ao mesmo tempo um pavor e compaixão pela personagem. Temos aqui a chegada da catarse de que fala Aristóteles (COSTA, 1992) e que cria entre leitor e texto sentimentos de empatia. Natalina é arrancada de sua casa, confundida com a irmã de um marginal, é violenta e, num lapso de tempo, vê a chance de não apenas escapar, mas matar seu agressor. Natalina sai daquela situação e nos faz entender que, naquele momento em que a morte lhe sorria, ela fez a opção pela vida. Mal sabia que carregava consigo outra criança, uma que nasce da violência, de um homem cujo rosto não viu, não sabia seu nome, sua história. O filho que ela não tiraria seria só seu, sem passado, sem vínculos, sem donos. Só dela. Esse foi seu primeiro e único filho.

3 UM GRANDE ASSUNTO EM POUCAS PÁGINAS

Trazendo um breve relato de um acontecimento, o conto faz uma relação entre autor, e leitor em sua breve estrutura criando, ao longo da leitura, um sentimento de empatia, de apego, de angustia e desejo de chegar logo ao fim para descobrir o que aconteceu. A autora traz em poucas páginas um breve relato de algo com o objetivo de atingir certo grupo de leitores, talvez, aquelas pessoas que se identificam com a situação. Mulheres que foram violentadas e já sofreram abusos, assim como Natalina. Conceição coloca no conto as experiências vividas pela protagonista em um importante ponto discursivo e que pode ser pensado a partir de vários vieses, desde a gravidez na adolescência até a violência sexual.

REFERÊNCIAS

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do Conto**. São Paulo: Coletivo Sabotagem, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

COSTA, Lígia Militz da Costa. **A poética de Aristóteles**. São Paulo. Editora África, 1992.

CORTÁZAR, Julio. Valise de cronópio. In*:* GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do Conto**. São Paulo: Coletivo Sabotagem, 2004.

CINDERELA PARA ALÉM DO CONTO DE FADAS: ANÁLISE TEÓRICA DA HISTÓRIA

Lívia Maria Oliveira Lima[116]
Rany Letícia Ribeiro Santos [117]
Sara Rogéria Santos Barbosa[118]

EIXO 4 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Cinderela. Contos Maravilhosos. Teoria do Conto. Teoria Aristotélica.

1 INTRODUÇÃO

Este resumo objetiva mostrar que a literatura infantil também possui embasamento teórico e que não deve ser vista como fútil, pois trazem ensinamentos e são classificadas a partir de teorias também aplicadas em outros tipos de literatura inclusive a canônica, como é o caso da *teoria aristotélica*. Dessa forma, pode-se analisar e reconhecer no conto Cinderela as dimensões que Aristóteles traz: a Mímese, a Catarse e a Verossimilhança. Assim como, o conto mencionado traz questões como empoderamento feminino e persistência em busca dos objetivos desejados.

Para isso, o trabalho terá como pressupostos teóricos autores da área de literatura, a exemplo de Gotlib (1990), tal como Costa (1992). Adotou-se como método de pesquisa a bibliográfica com análise de conteúdo. A fim de construir este trabalho optamos pela pesquisa bibliográfica com análise de conteúdo.

2 A DESCONSTRUÇÃO DE IDEIAS CLÁSSICAS SOBRE CONTOS DE FADAS

O conto Cinderela tem sua versão mais conhecida escrita por Charles Perrault e é baseado em um conto popular chamado de *La gatta cenerentola*. Nele questões como gentileza, perseverança e realização de sonhos são tratadas de forma intensa através da vida da Cinderela, que é bondosa do início ao fim da narrativa e essa sua beneficência a ajuda a conquistar seus desejos. Este conto é um clássico Conto Maravilhoso, sendo assim, essa história é narrada de maneira que satisfaz o leitor, realizando suas expectativas ao longo da história.

A priori, do ponto de vista aristotélico em relação à verossimilhança, vê-se que a madrasta má, assim que fica viúva, começa a maltratar a protagonista, colocando-a para fazer os afazeres domésticos. É então que surge um anúncio de um baile no castelo. Sabendo disso a madrasta proíbe a cinderela de participar desse baile e ela entristecida lamenta o ocorrido em seu quarto. É então que surge a fada madrinha, prometendo transformar suas roupas em um belo vestido e uma abóbora em uma bela carruagem. (COSTA, 1992). Diante disso, é perceptível a presença de uma situação verossímil, ou seja, a harmonia entre os fatos, ainda que fantasioso, tornam-se determinantes dentro do conto.

---

[116]Graduanda em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: livia.oliveiralima@outlook.com

[117]Graduanda em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: leticiaranny2016@gmail.com

[118] Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase em História do Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia de Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. Endereço eletrônico: sararogeria@gmail.com

Em seguida, analisando na perspectiva mimética, observa-se que, na história, assim que o pai da futura princesa morre a madrasta, que não gostava dela, passa a inferiorizá-la, põe-na em um quartinho sem intimidade com ninguém senão os animais. (COSTA, 1992). Por fim, a catarse que expressa vários sentimentos emocionais, se materializa quando seus pais morrem: esses acontecimentos causam o sentimento de tristeza e compaixão ao leitor, mas também o desejo de que aquilo não o aconteça: isso é Catarse. A posteriori, de maneira mais específica, da perspectiva teórica do conto: O conto maravilhoso possui uma variedade de funções, ações praticadas por personagens constantemente, vale ressaltar que essas ações não mudam, mesmo que o personagem mude, ou seja, são ações em comum entre os personagens de diferentes contos. (GOTLIB, 1990)

A salvação do herói é uma questão a ser pensada, por que normalmente o conto é exposto de forma que a princesa é salva quando o príncipe a reconhece através do sapatinho de cristal e eles se casa, mas se analisarmos de maneira mais profunda a própria princesa se salva. Visto que ela sempre foi gentil com a antagonista, mesmo em condições ruins, sempre tratou todos muito bem: o que a fez conquistar os animais como seus amigos e eles foram importantes para que ela conseguisse realizar seu sonho de ir ao baile e depois de conhecer o príncipe, também quando a fada madrinha é atraída por sua bondade e realiza o seu desejo. Então, a Cinderela, ao seguir a ordem que a mãe fez antes de ir embora, conquista os seus sonhos e salva o herói. A punição do antagonista acontece quando a protagonista se casa com o príncipe e a madrasta é punida ao ver que foi a princesa quem se casou com o príncipe e não suas filhas, como ela desejava.

No Conto Maravilhoso também existem os sete personagens: O antagonista (a madrasta), a princesa (Cinderela) e seu pai, o auxiliar (os animais amigos), o falso herói (o príncipe), o herói (Cinderela) e o mandatário (as irmãs de Cinderela). “A essa altura, Propp pode afirmar o que é o conto maravilhoso: ‘Podemos chamar conto maravilhoso, do ponto de vista morfológico, a qualquer desenrolar de ação que parte de uma malfeitoria ou de uma falta [...], e que passa por funções intermediárias para ir acabar em casamento” (GOTLIB, 1990, p. 13). Dessa forma, a história citada ao longo deste texto segue essa ordem: parte da morte dos pais da protagonista passa por funções intermediárias como citado e resulta em seu casamento com o príncipe.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa análise, pode-se concluir que os contos de fadas, mais especificamente Cinderela, por mais que seus enredos sejam tradicionais, é comum não nos atentarmos para certas situações que acontecem em suas entrelinhas. Por isso, buscamos mostrar e despertar o lado crítico e reflexivo em quem ler este texto, para que olhe de outros modos para as coisas que acontecem ao redor e assim desenvolva o pensamento argumentativo e crítico sobre as coisas existentes no mundo. Além de mostrar a importância dos *Contos Maravilhosos.*

Através da Mímese, a Literatura imita a realidade de forma mais artística e reflexiva, nos fazendo perceber pensamentos que na rotina diária não recebem a importância que merecem, essa modalidade artística nos faz enxergar o mundo de maneira mais reflexiva e crítica. Através dela vários ensinamentos são passados, aprendizados que não são apagados com o tempo.

REFERÊNCIAS

BALLUT, Jessica. **A verdade sobre Cinderela!** 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ifF7sJSPBGU&t=794s>. Acesso em: 11 nov.2020.

BATTELA. Nádia gotlib. **Teoria do Conto.** São Paulo: Editora Ática, 2011.

COSTA. Lígia Militz da. **A poética de Aristóteles:** mimese e verossimilhança. São Paulo: Editora Africa S.A, 1992.

MARQUES. Cristina. **Contos maravilhosos:** Cinderela. São Paulo: Editora Todolivro, 2008.

PEDAGOGIA HOSPITALAR COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

Ana Paula Gomes Batista Dos Santos[119]
Marina Aparecida Madureira De Oliveira[120]
Alana Danielly Vasconcelos[121]

EIXO 4 - Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Educação Não Formal. Pedagogia Hospitalar. Pedagogo.

1 INTRODUÇÃO

Ainda pouco divulgada, a Pedagogia Hospitalar consiste em uma área de atuação para pedagogos. É sabido que, a educação, de acordo com o artigo 205 da Constituição Federal de 1988, é direito constituído de todos e dever do Estado e da família, promovê-la e incentivá-la com a colaboração da sociedade, objetivando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Assim, compreende-se que, independente de idade e/ou situação de vulnerabilidade em que a pessoa esteja, é direito de toda a garantia de poder estudar no Brasil.

Desta maneira, a Pedagogia Hospitalar, tem por princípio, garantir a continuidade dos estudos das crianças e dos adolescentes que se encontram em quadro de internação, contribuindo para a efetividade da Resolução n° 41, de 13 de outubro de 1995 que dispões sobre os direitos das crianças e dos adolescentes hospitalizados, onde, em seu item 9, afirma que estes, possuem o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, de programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência no ambiente hospitalar.

Com isso, esta pesquisa justifica-se como importante devido à relevância do tema se constituir como um assunto de utilidade pública, tendo como objetivo geral demonstrar a importância da Pedagogia Hospitalar como espaço de trabalho do pedagogo. Segundo Richardson (2012), este trabalho constitui-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, sendo uma revisão bibliográfica.

2 A PRÁTICA DO PEDAGOGO NO ÂMBITO HOSPITALAR

O trabalho do pedagogo, de acordo com a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006 que, trata da Diretriz Curricular Nacional para o curso de Pedagogia, enfatiza que a área de atuação do profissional de Pedagogia, não consiste somente nos espaços escolares, mas sim, qualquer lugar que necessite da parte pedagógica. O que se leva a defesa de que, o Pedagogo pode atuar em qualquer espaço da sociedade, seja ele formal (no âmbito das escolas) e não formal (fora do ambiente escolar a exemplo da comunidade, Ongs, Hospitais, Clínicas, Instituições Beneficentes, dentre outros).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) corrobora que toda criança/jovem deve ter ao seu dispor todas as possíveis oportunidades para que o seu

[119]Estudante de graduação em pedagogia da Faculdade São Luís De França, Estagiária na SEDUC-SE. E-mail: <ana.gomes@sousaoluis.com.br >.
[120]Estudante de graduação em pedagogia da Faculdade São Luís De França, Estagiária na SEDUC-SE. E-mail: <marina97@sousaoluis.com.br >.
[121]Professora Mestra, Adjunta dos Cursos de Graduação, na Faculdade São Luís de França (Grupo Tiradentes), Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS). ORCID: http://orcid.org/0000-0001-7097-9478. Integrante do Grupo de Pesquisa "Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Tecnologia (NUCA)". E-mail: <alana90@sousaoluis.com.br >.

processo de aprendizagem não seja suspenso. O Ministério da Educação, em 2002, criou um material de orientação sobre as classes hospitalares que, são espaços no âmbito dos hospitais para atendimento pedagógico educacional, visando garantir a continuidade da educação básica para as crianças e jovens hospitalizadas. De acordo com o MEC (2002), para frequentar a classe hospitalar, o discente deve possuir um cadastro contendo seus dados pessoais, a escola de origem e os dados de hospitalização. Ao final de cada "aula", o docente registra os conteúdos que foram abordados e o que mais ocorrer. O discente que frequenta a classe hospitalar até 03 dias ou mais é feito contato com sua escola, onde, é informado pelo docente, sobre sua participação nas atividades e conteúdos previstos. Caso este, venha a ter alta médica, é emitido um relatório sobre todas as atividades pedagógicas feitas e o seu desempenho.

Assim, nota-se a importância do Pedagogo no ambiente hospitalar, por este ser um profissional habilitado a atuar com a educação e os processos pedagógicos que envolvem esta área. Mas, ressalta-se aqui que, a atuação na Pedagogia Hospitalar não deve focar somente no conteúdo a ser trabalhado com aquela criança e/ou adolescente hospitalizado, mas, perante Vasconcelos (2008), o Pedagogo, na hora do atendimento pedagógico, deverá ter seu olhar voltado para o desenvolvimento global do indivíduo, buscando proporcionar seu aperfeiçoamento humano, visando construir uma consciência onde, o sentimento, a integração e a razão cultural valorizem o indivíduo, possibilitando acima de tudo sua autoestima e sua melhora através de um atendimento humanizado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No referente trabalho, pôde-se observar a importante área de atuação do pedagogo nesta área da pedagogia hospitalar, onde, destaca-se, o papel do pedagogo enquanto mediador e articulador da aprendizagem quanto ao desenvolvimento das atividades educacionais para com os discentes em quadro de internação, agregando não só, o trabalho dos conteúdos, mas do psicológico, considerando o quadro clínico em que, no momento, o aluno está inserido.

Assim, buscou-se destacar a importância e o multiprofissionalíssimo da área de atuação daqueles que escolhem a pedagogia, destacando a necessidade de este profissional fazer parte do ambiente hospitalar, visando enriquecer o processo humanístico e de atendimento pedagógico destacado na legislação supracitada, garantindo o acesso à educação de qualidade para aqueles que, por alguma condição de saúde, venham a ter a necessidade de internação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**.1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 6 nov.2020.

BRASIL. **Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente**. 1995. Disponível em: https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/resolucao-n-41-de-13-de-outubro-de-1995. Acesso em: 6 nov.2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 6 nov.2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 6 nov.2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**: estratégias e orientações. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. **Classe hospitalar no mundo**: um desafio à infância em sofrimento. Ceará: UECE, 2008.

FILOSOFIA E LITERATURA SE ENCONTRAM: A EPIFANIA COMO TRANSFORMAÇÃO INTERIOR NO CONTO 'INTRODUÇÃO À BELEZA', DE LILIANE PRATA (2019)

Mirella Mota Miranda Freire Carvalho[122]
Sara Rogéria Santos Barbosa[123]

EIXO 4 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Teoria Literária. Literatura Brasileira. Conto. Filosofia.

1 INTRODUÇÃO

Na Filosofia, a epifania é a 'eureka' do pensamento: a compreensão de algo, a conclusão de um fato, uma nova perspectiva. O filósofo Aristóteles descreve essa sensação de "virar a chave" nas tragédias como o que ele chamou de *reconhecimento* (MILITZ, 1992), quando algo ou alguém proporciona uma mudança de atitude ou de perspectiva na personagem, ou quando a própria personagem se dá conta de algo. Ainda de acordo com o filósofo, na tragédia, há um nó, um desenlace e uma reviravolta: após uma série de acontecimentos interiores e exteriores, há uma mudança, que gera o desenlace (MILITZ, 1992). O reconhecimento é o que provoca esta mudança.

Apesar de Aristóteles ter se debruçado nas tragédias gregas, estes aspectos são percebidos em outros gêneros literários, como o romance e o conto. Tendo isto em vista, este resumo expandido tem o objetivo de analisar como se dá o reconhecimento e a epifania na narrativa do conto 'Introdução à Beleza', de autoria de Liliane Prata (2019). Como metodologia, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, baseando-se em autoras como Nádia Gotlib (2004) e Lígia Militz (1992) para tal.

2 A DESCOBERTA DE UMA NOVA MANEIRA DE CONDUZIR A VIDA

Em 'Introdução à Beleza', a narrativa se passa em um ateliê, onde uma professora de desenho, enquanto narrador e personagem, desabafa sua angústia ao se deparar com alunos entediados e indispostos em suas aulas. Logo no início do conto, a narradora-personagem já anuncia o nó:

> [...] percebi que, quando as pessoas iam fazer a inscrição, estavam muito alegres, muito animadas, como se o curso fosse apresentar a elas não apenas técnicas de desenho, mas uma nova forma de conduzir suas vidas. No entanto, no primeiro dia do curso, elas já chegavam bocejando, os olhos entediados. (PRATA, 2019, p.217)

Numa aula de desenho, o último sentimento que se espera é o tédio. Chama atenção a euforia dos alunos ao se matricularem e logo no primeiro dia de aula, esse brilho no olhar se esvai. O leitor acompanha a frustação da personagem, que até sentia vontade de "pedir

[122]Graduanda em Letras Vernáculas pela Faculdade São Luís de França. E-mail: < mirella.mota@sousaoluis.com.>.
[123] Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase em História do Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia de Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: <sararogeria@gmail.com>.

desculpas à pilha de papéis coloridos em cima da bancada, aos pedaços de papelão" (PRATA, 2019, p.218) como se até os objetos, mesmo inanimados, sentissem a desconexão dos alunos.

Na aula seguinte, a professora tenta mais uma vez captar a vivacidade dos discentes e eles até seguiam orientações, mas preocupavam-se em comparar resultados e isso acaba por fazê-los sentirem-se "menores do que os colegas e de quem queriam ser, faziam as tarefas esperando que o tão esperado 'mais' partisse de qualquer lugar, menos dentro deles" (PRATA, 2019, p. 2017-218).

Na terceira aula, a personagem tem a ideia de levar seus alunos para fora do ateliê. Ela poderia levá-los para uma praça ou um parque, mas contrariando a expectativa do próprio leitor, ela os leva a um beco sem graça, sujo e totalmente desagradável. "Encontrem beleza aqui [...] uma cor, uma textura, qualquer coisa que lhe encha os olhos" (PRATA, 2019, p. 220), ela pede, e os alunos ficam sem entender. Como encontrar beleza num lugar tão desagradável? Uma aluna pergunta se pode ser o canto dos pássaros que ouvia perto dali. E aqui começa o desenlace.

Quando os alunos voltam ao ateliê, havia vontade em seus olhos e a professora até conseguiu passar outras atividades. A professora notou algo novo: os alunos conversavam animadamente em volta da mesa, eles estavam *presentes* e *atentos*. De acordo com Gotlib, a epifania é um dos *momentos especiais* do conto. É, inclusive, um dos quesitos da beleza (GOTLIB, 2004). E no conto moderno, especificamente, geralmente há um *estado de crise* e o momento especial pode ser uma experiência interior transformadora. O reconhecimento que Aristóteles descreve se dá nessa narrativa quando os alunos por eles mesmos se permitem enxergar a beleza naquele beco desagradável, o que gerou o desfecho: à vontade nos olhos e a disposição de experenciar o momento presente, estar *vivo*.

Todo contista tem alguma intenção antes de escrever um conto, a conquista do *efeito único* ou impressão total. E para tanto, o contista "inventa tais incidentes e combina tais acontecimentos de forma a melhor ajudá-lo a estabelecer este efeito preconcebido" (GOTLIB *apud* Cortázar, 2004, p.20). O efeito que a autora constrói é o de refletir sobre como estamos vivendo: será que estamos presentes em nossas ações? Será que estamos captando a beleza do mundo? Liliane Prata, além de escritora, é filósofa, e apesar do conto ser uma obra ficcional, a interdisciplinaridade entre Filosofia e Literatura é percebido na narrativa. Como a filósofa descreve em seu livro de não ficção 'O Mundo que Habita em Nós', em vez de vivenciarmos os processos, fantasiamos as situações e idealizamos a nós mesmos, "nos engessando, nos privando de vivenciar as coisas, por que estamos muito preocupados e preocupados com o impacto que elas terão o impacto que decidimos que precisam ter." (PRATA, 2019, p.87).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Introdução à Beleza" é um retrato da desatenção pós-moderna, a constante comparação entre si e os outros, a pressa de ser alguma coisa e a falta de paciência para vivenciar os processos. A indisposição dos alunos no início da narrativa revela a desconexão entre o 'eu' e o mundo. Os materiais coloridos e o entusiasmo da professora não poderiam despertar a vivacidade dos alunos, pois é preciso que a vontade parta de dentro de nós. E para isto, é preciso estar aberto à experiência: apenas quando estamos dispostos, sem expectativas e fantasias, conseguimos vivenciar o mundo e enxergar sua beleza.

REFERÊNCIAS

COSTA, Lígia Militz da. **A Poética de Aristóteles:** Mímese e Verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do Conto**. Coletivo Sabotagem, 2004.

PRATA, Liliane. **Ela Queria Amar, mas Estava Armada**. São Paulo: Instante, 2019.

PRATA, Liliane. **O Mundo que Habita em Nós**. São Paulo: Instante, 2019.

EDUCAÇÃO DOMICILIAR: MÉTODOS DE ENSINO ADOTADOS NO BRASIL[124]

Muana Iramaia Aquino Santos[125]
Márcia Alves de Carvalho Machado[126]

EIXO 4 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Brasil. Educação domiciliar. Métodos de ensino.

1 INTRODUÇÃO

O Governo brasileiro tem buscado inserir uma nova modalidade de ensino denominada de educação domiciliar (ED) ou homeschooling. Essa é uma prática que vem ganhando adeptos em todo país, sendo que no mundo já existe, sendo desenvolvida há décadas em países como Estados Unidos da América, Canadá, Austrália, França e Noruega.

A educação domiciliar[127] é reconhecida, permitida ou regulamentada em mais de sessenta países, presente e nos cinco continentes, sendo praticada em países de regime político diversos, democráticos ou não Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED, 2019). Segundo a Associação de Defesa Legal da Educação Domiciliar (HSLDA) essa prática educativa forma adultos bem-sucedidos que participam ativamente de suas comunidades e valorizam a educação para si e para seus filhos.

O presente trabalho teve como objetivo geral caracterizar a educação domiciliar a partir da perspectiva histórica e dos métodos de ensino adotados para sua prática no Brasil. Justifica-se a relevância da pesquisa pela necessidade em dar a conhecer as características da ED aos gestores e educadores, bem como aos pais/responsáveis e a sociedade em geral, a fim de que possam compreender essa posposta de modalidade de ensino.

Tratou-se de um estudo descritivo, com uso dos procedimentos de revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Quanto à natureza dos dados, configura-se como uma pesquisa qualitativa. No procedimento de pesquisa de campo, utilizada com o objetivo de ampliar o conhecimento acerca do problema investigado (PRODANOV; FREITAS, 2013) e compreender a realidade investigada, buscou-se, a partir da indicação de educadores que pesquisam sobre a educação domiciliar, estratégias de ensino para uso na modalidade.

2 EDUCAÇÃO DOMICILIAR: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A proposta de ensino domiciliar está longe de ser uma ideia nova, apesar de muitos a considerarem como incipiente. Vieira (2012) e Vasconcelos (2007) afirmam que desde o século XVIII essa era uma prática realizada nos EUA na época colonial. Os autores consideram que o país foi o percursor do movimento, similar aos moldes atuais, sendo que à época existiam famílias que educavam os filhos por meio desse tipo de educação.

---

[124] Os resultados desse estudo constituem-se em parte da investigação desenvolvida para defesa do trabalho de conclusão de curso em Pedagogia na Faculdade São Luís de França.

[125] Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França. E-mail: muanairamaia@bol.com.br.

[126] Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes. Professora regente da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso. E-mail: marcia.alves@sousaoluis.com.br.

[127] Optou-se em utilizar o termo Educação Domiciliar por ser a tradução do termo *homeschooling*, uma vez q pesquisa foi realizada em um país de língua portuguesa.

Considera-se também que a prática da ED, em âmbito mundial, existe desde tempos mais remotos, pois em seu dia a dia. A escolarização compulsória obrigatória por meio das leis iniciou com a exigência da frequência escolar que foi introduzida em 1852 nos Estados Unidos (EUA), mas, antes a educação de uma criança já acontecia em casa. Antes de existir uma instituição responsável pela educação, a prática comum era que as próprias famílias fossem as provedoras da tarefa de educar, de construir conhecimentos, ensinar as primeiras letras e introduzir no mundo cultural (KLOH, 2014).

O desenvolvimento exato da ED moderna no mundo é difícil de comprovar. A prática desenvolveu e sobreviveu de forma escondida até que as demandas educacionais na década de 1970 o trouxeram à tona, através dos movimentos liderados por John Holt, um professor dos EUA, que estava inconformado como a educação estava sendo desenvolvida na época. A educação domiciliar (ED) é considerada uma modalidade plural, pois está presente onde há liberdade educacional em países como, Irlanda, Holanda, Bélgica, Chile, Finlândia, Espanha e outros. E, também, em países com menos liberdade educacional como, Líbia, Cuba, Congo, Síria, Serra Leoa, entre outros.

A origem da ED na atualidade é atribuída ao movimento de reforma educacional ocorrido na década 1960, sob o comando de John Holt, professor e escritor norte-americano. Quanto à origem da ED no Brasil é incerta, por não encontrar registros. Conforme Vieira (2012), os primeiros casos tornados públicos pela imprensa foram em meados dos anos 1990, a maioria deles incentivada por líderes protestantes americanos emigrados ou em passagem pelo país. Devido às circunstâncias da não legalidade muitas famílias tendem a praticá-la de forma velada. É uma discussão antiga, porém pouco conhecida, entretanto, é recorrente.

Segundo os dados da ANED (2019) atualmente o Brasil possui cerca de 7.500 famílias adeptas a esta modalidade de ensino, são em média 15.000 estudantes entre 4 e 17 anos, e entre os anos de 2011 a 2018 houve um crescimento de 2000%, presente nas unidades da federação, cresce a uma taxa de aproximadamente 55% ao ano.

3 MÉTODOS D ENSINO ADOTADOS NO BRASIL

Constata-se uma diversidade de métodos de ensino sendo desenvolvidos no processo ensino-aprendizagem na educação domiciliar. No que diz respeito à escolha do método, é relevante considerar o objetivo educacional traçado para a necessidade de aprendizagem da criança e respeitar sua subjetividade. Algumas famílias utilizam uma variedade de abordagens, testando diferentes materiais, métodos e escolhendo o que melhor se adaptar a criança. Porque a educação domiciliar fornece aos pais a habilidade de customizar um meio de aprendizado para cada criança.

Um dos principais benefícios da ED é poder harmonizar o ensino de acordo com as necessidades de cada criança e jovem e a possibilidade de trabalhar com os filhos de forma individual e com o método que melhor se adequar ao perfil da criança. As famílias que praticam a educação domiciliar utilizam-se da grande variedade de métodos de ensino para alcançar o fim que desejam.

Na pesquisa realizada por Vieira (2012), verifica-se o índice de utilização dos métodos das famílias pesquisadas, têm-se: Montessori e o método Charlotte Mason (entre 0 a 5%); Educação desescolarizada (Unschooling) (entre 5 a 10%); Estudos de Unidade e Educação Clássica (entre 10 a 15%); Eclético (entre 15 a 20%); Escola em Casa (entre 25% a 30%); o método mais utilizado pelas famílias adeptas da ED é a Escola em Casa.

a) Estudos de unidade desenvolve uma metodologia com trabalho pedagógico interdisciplinar, direcionado por uma determinada temática, de modo que um tema específico.

b) **Educação Clássica** a educação clássica ou método clássico medieval consiste no estudo das artes liberais corporificadas no *Trivium* (Gramática, Lógica e Retórica) e

Quadrivium (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia) e remontam ao século II, com origem na Alexandria. É uma educação que visa à verdade e a realidade, algo transcendente.

c) **Eclético** é considerado uma soma de metodologias, sem prende-se linearmente em um único método.

d) **Escola em casa** é também chamado de método tradicional, que quer dizer, um ambiente idêntico ao que o aluno encontra em um ambiente escolar.

Pelo exposto, percebe-se como a ED possibilita a escolha de um método dentre uma diversidade de modelos já consagrados no campo educacional, permitindo uma liberdade de escolha dos pais.

A pesquisa contribuiu para fomentar mais discussões no meio acadêmico, em particular da Pedagogia, ao expor as características dos métodos que vêm sendo utilizado para desenvolver a educação domiciliar, visto que é uma modalidade que visa à autonomia do responsável pelo ensino de acordo com a realidade da criança e jovem.

Compreende-se que é possível realizar uma educação mais humana, autônoma e eficiente mesmo que tenha que seguir padrões e cronogramas estabelecidos referentes a cada tipo de metodologia a ser desenvolvida pela família adepta da educação domiciliar.

Assim, compreendemos que a educação domiciliar mesmo que ainda não seja regulamentada, vem desempenhando um trabalho importante na sociedade na formação de crianças e jovens, possui uma estrutura bem solidificada e recursos suficientes para que seja reconhecida como uma modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOMICILIAR. **Conheça educação domiciliar.** Disponivel em: https://www.aned.org.br/index.php/conheca-educacao-domiciliar/ed-no-mundo. Acesso em: set. 2019.

KLOH, Fabiana Ferreira Pimentel. ***Homeschooling* no Brasil:** a legislação, os projetos de lei e as decisões judiciais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2014.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A educação doméstica no Brasil de oitocentos.** Revista Educação em Questão, Natal, v. 28, n. 14, p. 24-41, jan./jun. 2007. Disponível em: Acesso em: 25 mar.2020.

VIEIRA, André de Holanda Padilha**. Escola? não, obrigado:** um retrato da *homeschooling* no Brasil. 2012. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/3946 Acesso em: 25 mar. 2020.

TERRITÓRIOS LGBTFÓBICOS DA ESCOLA: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS.

Gabriel Machado dos Santos[128]

EIXO 4 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Educação. Diversidade. Sexualidade. Lgbtfobia.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa em desenvolvimento no curso de pós-graduação em sociologia pela Universidade Federal de Sergipe. Ele nasce deliberadamente, de uma contínua e necessária investigação acerca do convívio e ambiência da sala de aula e a função principal da escola quanto à formação de sujeitos pensantes na sociedade em prol de uma cultura que compreenda, saiba respeitar e valorizar a diversidade. A idealização ocorreu durante os anos de 2016 e 2017 aproveitando algumas pertinências não respondidas nos ciclos de estágios (observação e regência) no Colégio Estadual *John Kennedy*, cuja intervenção em sala de aula diz respeito às imagens captadas das diversidades que estão dentro da escola, e se há (ou quais são) as condutas que correspondem ao acolhimento do alunado que sofre discriminação por conta da identidade de gênero e orientação sexual.

Estudos realizados por entidades como a ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), Flacso-Brasil (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura) e do MEC (Ministério da Educação), apontaram em 2016 um percentual de 73% dos alunos entrevistados que afirmou sofrer violência verbal e 36% violência física. Desse percentual, os números indicam que 82% da evasão escolar correspondem a travestis e transgêneros, cuja permanência no ambiente escolar é estimada em apenas quatro anos. Ainda é possível verificar que 19,3% dos alunos de escola pública não gostariam de ter um colega de classe travesti, homossexual, transexual ou transgênero. Entre os entrevistados, 7,1% não queria ter travestis como colegas de classe. Homossexuais (5,3%), transexuais (4,4%) e transgêneros (2,5%).

Outra particularidade cabível de reflexão está diretamente ligada ao processo formador dos profissionais que atuam no papel disseminador dos princípios educacionais – onde são reproduzidos os valores de um pensamento crítico e capacitador das estratégias de reconhecer o outro como indivíduo inserido no ambiente – e que denota uma necessidade de afastamento das "certezas provisórias"[129] como ponto fundamental de identificação para atingir as vulnerabilidades que prejudicam o desempenho, afetam o bem-estar, estimulam a ausência e paralelamente, implicam e ocultam a comunicação por diversos fatores sociais.

Por esse motivo, ampliar os processos de formação dos professores e dos educadores significa investir em marcas contrárias das delimitações por que estabelecem uma reflexão sobre suas práticas, reforçando e desenvolvendo aspectos positivos na superação de suas deficiências, além da responsabilidade de compreender quem são os sujeitos da escola e suas singularidades, conforme propõe Arroyo (2011).

As ferramentas metodológicas utilizadas para a realização da pesquisa serão: a) O mapeamento da unidade escolar, seguida da observação participante com ênfase na introdução

---

[128] Mestrando no programa de pós-graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, Graduado em Letras Português e suas respectivas literaturas, membro do GEPSET (Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociologia, Educação e Trabalho). E-mail: <Gabriel.machado82@gmail.com>.

[129] Termo utilizado por Louro, cuja observação remete à ideia de que compete ao docente a ciência de que suas ansiedades, formulações e dogmas agregam um conjunto de certezas passíveis de reorganizações e adaptações.

das relações, linguagens e de acessibilidade ao campo, a serem investigadas: as relevâncias da aplicabilidade das hipóteses da pesquisa no ensino médio e a averiguação das transversalidades que debatam os caminhos utilizados para o enfretamento das violências dirigidas às pessoas lgbtqia+; b) Realização de entrevistas semiestruturadas entre docentes e discentes para apreender as concepções e/ou visões primárias das políticas públicas à comunidade lgbtqia+, bem como o alcance da instituição família no processo de inserção (e participação) dos sujeitos à luz da negociação entre territórios; c) Catalogação e comparação de notícias nas redes virtuais (blogs, *website*s e redes sociais – *facebook e instagram*), a fim de acompanhar as problemáticas e as ações organizadas por outras unidades escolares na mesma cidade em prol das mediações de conflitos de natureza homofóbica ou transfóbica; d) Análise dos dados encontrados através das ferramentas apresentadas por autores aqui já citados em conjunto com outros sistemas metodológicos de identificação e construção para a finalidade da pesquisa.

2 EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE, PRA QUÊ?

A escola por ser um veículo disciplinar, um instrumento que abriga parte da potencialidade das transformações sociais, resvala no conceito que Foucault (1987) chamou de disciplina e a descreve como "métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade" (FOUCAULT, 1987, p. 164).

Ao que se salientou que "diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva" (LOURO, 1997, p. 57). Muito se argumenta que a ausência de uma política de inclusão em determinadas instituições advém do critério inexperiência, imparcialidade coagida por gestores, legisladores ou mesmo interesse em captar as medidas e informações necessárias. Insisto em dizer que, ao dialogar com uma instituição escolar faz-se necessário à investida de uma propositura coerente às estatísticas negativas apresentadas anualmente e ao contínuo silêncio que reitera o símbolo de excludência reafirmando; 'aqui não é o seu lugar, ou, não há espaço para você entre nós'.

E que são esses 'nós'? Que disparidade ou avaliação geral anexa os nós em uma circunstância aceitável e desobriga o outro nós a pertencer a um espaço? Este quadro de tensão nos permite folhear diversas literaturas em busca de uma resposta, em outros momentos executam-se possíveis soluções – ainda que apresentem certo verniz de progresso – elencando alguns agentes na participação de trânsito negociável, permissível, basicamente como ocorrem os impasses para a utilização dos banheiros por pessoas trans. Temos um problema, qual a solução? Quais os fatores pensados, discutidos, organizados e executados pelas instituições escolares que corresponderão realmente ao progresso e resolutividade?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A 'facilidade' com que essa problematização tem fornecido matéria-prima ao diálogo e à crítica pós-estruturalista, demanda às ciências sociais diferentes metodologias de estudos, exercícios de aprendizagens, hipóteses e uma disposição política em pensar o conhecimento como transitável e não definido apenas como ordem e hierarquia. Convém salientar que a relevância empírica deste material está situada no reforço dos estudos que investigam as razões entre as tensões dentro escola e dentre elas, as identidades de gênero e orientações sexuais manifestadas enquanto juventudes e seus significados territoriais, os planos de ações e eventos que reduzem a polarização homossexualidade x heterossexualidade a partir das ocupações do espaço escolar.

Por outro lado, a importância teórica busca compreender essas ocupações enquanto relação entre diversos atores e quais os caminhos alternantes encontrados a partir disso que permitiram compreender o porquê da negação àquele/àquela que ali já está. Por fim, pensar uma nova perspectiva de aproximação das culturas destoantes, pensar, repensar e contribuir às inquietações que remetem às reorganizações dos espaços, das realidades, vivências e consequências trazidas à tona e tão significantes através da proposta de uma escola mais voltada para um futuro inclusivo e para que as pessoas responsáveis pela gestão dela estejam mais preparadas a observar, ouvir, perceber e lidar com os conflitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline. **Evasão escolar entre travestis é bem maior**. 2016. Disponível em: http://flacso.org.br/?p=15833 Acesso em: 12 nov.2020.

ARROYO, Miguel G. **Da escola carente à escola impossível**. São Paulo, SP: Loyola, 2003.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero –** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I**: a vontade de saber. 5. ed. São Paulo: Graal, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado –** pedagogias da sexualidade**.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia**.** In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/Unesco, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação –** uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

UM ÔNIBUS, UM REENCONTRO, UMA PARTIDA: A VIDA DE MARIA EM DOIS ATOS

Walterflan Lima do Nascimento[130]
Aline dos Anjos Santos[131]
Orientadora: Sara Rogéria Santos Barbosa[132]

EIXO 4 – Interlocuções entre conhecimento e Saber no campo das Ciências Humanas

Palavras-chave: Conto literário. Racismo. Intolerância. Amor. Reencontro. Ódio.

1 INTRODUÇÃO

O conto escolhido foi Maria, quarto capítulo do livro *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo (2016). Ele narra à história de Maria, uma trabalhadora doméstica, negra e que infelizmente teve um final triste. Nesse contexto, o trabalho tem como objetivo a reflexão sobre o racismo por pessoas negras na sociedade. O motivo de termos escolhido essa narrativa foi perceber uma mimese da realidade que atravessa a sociedade contemporânea. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica com análise de conteúdo.

Faremos análise do conto escolhido de Conceição Evaristo com os aspectos da Poética de Aristóteles, sobretudo a mimese e a catarse, e a Teoria do Conto apresentada por Battela (2004).

2 AS REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA E RACISMO EM MARIA

Uma das palavras encontradas no livro de Ligia Militz *A Poética de Aristóteles* é a catarse. Sua definição é o sentimento de empatia/compaixão pelo próximo e na análise do conto que motiva este estudo foi possível estabelecer sentimentos empáticos com Maria ao encontrar seu ex-marido no ponto de ônibus (COSTA, 1992). Nesse primeiro ato, o amor reencontrado, fala sobre o filho, o ex manda uma mensagem de carinho e conforto para ele, as expressões são de sentimentos de bondade e amor, apesar de o narrador deixar entrever que há algo de errado houve naquela relação. (EVARISTO, 2016). Não tarda o anúncio de assalto, o ex participando do crime e Maria protagonizando o segundo ato: a morte. O fim de Maria é catártico e, infelizmente, ela não pôde dar o recado que o pai mandou para seu filho mais velho e também não fez o que mais desejava: levar as comidas que tinha ganhado de seus patrões. Maria foi uma guerreira. Maria estava morta. Maria fora espancada pelas vítimas de seu ex-marido (EVARISTO, 2016).

As ações que levam à catástrofe ou morte e fazem presentes de forma detalhada na *Poética de Aristóteles* também teve partes no conto. No momento do assalto que o companheiro do ex de Maria vai para o fundo e anuncia o assalto, ele se considera uma pessoa imbatível que pode fazer o que quiser como se tivesse ao poder de algo. De outro lado, o ex-marido da protagonista mostrou-se saudoso de um passado comum e, a priori, bom, apesar da vida bandida que ele levava. Reencontraram-se, bateram um papo. Pelo acolhimento do seu ex-marido, os passageiros/as acharam que aquela mulher preta, que conversava com homens pretos, também, como eles, era bandida. Ela só queria chegar em casa, saborear as frutas com os filhos e entregar

[130]Graduando em Letras Português pela Faculdade São Luís de França. E-mail: walterflan.lim@gmail.com
[131]Graduanda em Letras Português pela Faculdade São Luís de França. E-mail: alineanjos816@gmail.com
[132]Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação com ênfase em História do Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Didática e Metodologia deEnsino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Letras Vernáculas pela UniversidadeFederal de Sergipe. E-mail: <sararogeria@gmail.com>

as lembranças enviadas pelo ex-marido (EVARISTO, 2016). O assalto é iniciado, consumado. Ao fim, um rapaz aponta para Maria e a acusa. Começam as agressões por alguns passageiros e gritam "lincha, lincha, lincha". Maria começou a sangrar pela boca e nariz e é pisoteada até a morte (EVARISTO, 2016, p. 46).

O gênero literário conto é uma narrativa com maior complexidade. Pode ter entre uma a vinte páginas. Apresenta estrutura de um romance, por isso, pode ser um mini romance (BATELLA, 2004). Além disso, é breve e simples, centrado num episódio da vida. No caso de Maria, o conflito se dá no ônibus em que Maria estava e do assalto ali ocorrido e, após os assaltantes saírem, alguns passageiros pensaram que ela conhecia os envolvidos e também tinha combinado com eles, visto que todos foram assaltados menos Maria. Ela não era cumplice no assalto, não tinha com os assaltantes qualquer negócio, o que a unia a um deles era um filho, motivo da conversa, do cochicho, do breve momento de saudade. Maria recebeu dos demais passageiros a sentença de morte. Maria foi agredida com agressões verbais e físicas (EVARISTO, 2016).

Conto é o ato de contar histórias, nessa narrativa há uma linguagem perceptível como, por exemplo, filosofia de vida e ética moral. Durante o conto podemos identificar que existe uma mensagem que transparece a realidade. Ele apresenta um enredo com sequências de fatos da realidade com desfecho trágico e, infelizmente, possível de acontecer, sobretudo em áreas periféricas, majoritariamente povoadas por pessoas negras e não brancas cujos corpos são marginalizados, violados e mortos ao bel prazer da justiça pelas próprias mãos aplicadas por pessoas igualmente marginalizadas e periféricas.

O conto como narrativa curta pode ser encontrado não apenas em coletâneas de livros, mas também em vários sites, a exemplo da Literatura Enem (2020). Nele há vários resumos de romances, mas sugerimos que os contos sejam lidos na integra, já que são curtos e de fácil assimilação, apesar de serem carregados de situações que são difíceis e complexas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, nesse texto nós observamos que o cenário social é repleto de preconceitos raciais e morais, através do conto de Conceição Evaristo isso foi mostrado pelas cenas apresentadas, através de cenas de ódio e violência contra a mulher negra. A negritude precisa ser valorizada e respeitada. Nesse sentido, esse conto literário de Conceição Evaristo como literatura africana, destaca o pensamento cultural, através do negro como é visto na sociedade. O conto de Maria traz reflexões para mudança de comportamento cultural, que é necessária para mudar o pensamento e atitudes das pessoas que adotam o racismo, preconceito e discriminação social.

Por fim, o conto que escolhemos apresenta a intenção de relatar fatos da nossa realidade contemporânea e com isso lutar pelos nossos direitos na sociedade. Uma leitura que além de interpretar fatos, nos ajuda a perceber a sequência cronológica dos acontecimentos, tendo: início, meio e fim.

REFERÊNCIAS

COSTA. Ligia Militz da. **A poética de Aristóteles**: mimese e verossimilhança. Editora África S.A. 1992.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d´água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

BATELLA. Nadia Gotlib. **A teoria do conto.** São Paulo: Coletivo Sabotagem, 2004.

LITERATURA PARA O ENEM. **Gêneros narrativos.** Resumo de Literatura para o ENEM. Disponível em: https://youtu.be/iAThXgGhcIM. Acesso em: 05 nov/.2020.

2. ARTIGOS CIENTÍFICOS

ALFABETIZAÇÃO, TECNOLOGIA E METODOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Carina Sobrinho Reis França[133]
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo[134]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

RESUMO
Este artigo busca discutir e apresentar possibilidades da atuação do professor em sala de aula, mudando a atual forma automática de ensino-aprendizagem, que reduz e distância entre o aluno e a escola. A busca desenfreada por números escolares acaba presando por vezes o quantitativo, em detrimento do qualitativo. A inserção de aparelhos tecnológicos em sala de aula e no cotidiano escolar, não é uma inovação, pois grande parte das crianças já possuem aparelhos em suas casas, e essa inserção é um passo em que a escola passa a demonstrar que está caminhando junto com a sociedade, e incluindo de forma responsável e exitosa, uma prática cultural já comum fora dos muros escolares. O contato com as letras e seus fonemas existente na atualidade avançou muito com a tecnologia, logo, os processos de alfabetização trabalhando em conjunto com a tecnologia, tendem a apresentar um êxito maior e são estas as considerações que constam nesta discussão.
Palavras-chave: Aprendizagem. Formação continuada. Sociedade. Vida tecnológica.

ABSTRACT
This article seeks to discuss and present possibilities of the teacher's performance in the classroom, changing the current automatic form of teaching-learning, which reduces the distance between the student and the school. The unrestrained search for school numbers ends up preying sometimes on the quantitative, to the detriment of the qualitative. The insertion of technological devices in the classroom and in the school routine is not an innovation, since most children already have devices in their homes, and this insertion is a step in which the school starts to demonstrate that it is walking together with the child. society, and including in a responsible and successful way, a cultural practice already common outside school walls. The contact with letters and their phonemes existing today has advanced a lot with technology, therefore, literacy processes working together with technology, tend to be more successful and these are the considerations that are included in this discussion.
Keyword: Learning. Ongoing training. Society. Technological life.

1 INTRODUÇÃO

[133] Especialista em Alfabetização e Letramento pelo Instituto Brasileiro de Formação (IBF); Especialista em Psicopedagogia Institucional pelo Instituto Brasileiro de Formação (IBF); Especializanda em Gestão Escolar pelo Instituto Brasileiro de Formação (IBF); Especializanda em Docência no Ensino Superior pelo Instituto Brasileiro de Formação (IBF); Licenciada em História pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: carinasobrinho@yahoo.com.br.
[134] Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)**;** Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins (FAJAR)**;** Graduado em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França (FSLF)**;** Graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: professor.matheus.luamm@gmail.com.

Ensinar na sociedade atual é um desafio recorrente para os professores. Já não existe mais a concepção de que os professores são apenas transmissores de conhecimento e os alunos receptores. Atualmente em uma era tecnológica, aonde as dúvidas e informações chegam mais rápidas que a escola. As crianças de hoje em dia, antes de saberem segurar o lápis, já teclam aleatoriamente no computador, escutam CD's de sua preferência e assistem DVDs demonstrando intimidades com as máquinas, o que pode causar até um constrangimento nos adultos (VALLE, 2011). É então que é possível encontrar o novo desafio para o professor, revisar toda metodologia e práticas pedagógicas e incluir essa nova realidade na alfabetização.

As práticas pedagógicas devem estar cada vez mais aperfeiçoadas com conteúdo que vão além da simples alfabetização. Professores responsáveis, comprometidos, que desafiam o cotidiano, que investem em formação continuada, buscam novos espaços educativos voltados para a realidade do aluno, construindo valores democráticos e participativos, rompendo paradigmas e saindo da zona de conforto que, por vezes, são os muros da escola. Ao fazer essas importantes ligações paradigmáticas, a experiência escolar ganha muito mais espaço da vida do aluno, aproximando os alunos, professores, comunidade escolar e toda a sociedade por completo.

Não somente sair da zona de conforto de aplicar o conteúdo e reproduzir práticas já ultrapassadas. Esse novo professor deve compreender que com toda transformação a forma de avaliar também deve mudar. Cada vez menos a avaliação será igual para todos. O professor precisará conhecer muito bem e muito de perto as capacidades de cada aluno, analisar os processos e as limitações de cada um.

A responsabilidade dentro do processo educacional, parte do professor dentro de todo o processo, um sistema que humano, necessita de humanidade mesmo dentro do ramo tecnológico. A transformação de aparelhos de tecnologia como auxiliares para novas práticas educacionais faz parte de uma percepção de que a incorporação de elementos sociais na educação é benéfica, assim como, a incorporação de novas teorias, de novos hábitos.

O dia-a-dia de informações rápidas pode de forma semelhantemente rápida, transformar a velha escola como uma vilã do cotidiano do aluno, pois apresenta as possibilidades que a tecnologia oferece como algo positivo e contrapõe a escola como algo negativo. Percebendo a escola com a mesma percepção dos aparelhos de tecnologia (celular, tablet e computador), o aluno tende a ficar mais próximo da tecnologia do que da escola, destarte cresce a importância da formação continuada do professor, junto ao vigor da escola como um lugar de transformação diária na vida do aluno para que ele possa ver um sentido de vida na escola, desde os primeiros contatos com a escola até o ensino médio.

O planejamento do educador e da escola, não somente existe em pensar a introdução da tecnologia na educação, como também, pensar a introdução desse aluno atual no processo educacional, que seja aliado com a tecnologia. O maior entendimento escolar de todos os processos dentro do ambiente macro desafiam os professores a mudarem suas práxis desde sua formação e influencia sua

atuação no ambiente micro, entendendo as individualidades de cada aluno estimulando um maior aprendizado diário para que a escola possa cumprir seu papel final de convergência com a sociedade.

O sistema educacional brasileiro em sua maior parte já está equipando a escolas com aparelhos de tecnologia, como, por exemplo, computadores de alto desempenho e abrindo salas de informática com alta infraestrutura, para que exista uma maior integração entre os alunos e os aparelhos de tecnologia. Mas para além de toda essa infraestrutura gerada para a integração da tecnologia com a escola, será que os professores estão preparados ou previamente inseridos nesse ambiente de utilização de recursos tecnológicos para a educação? Porque não tendo um profissional capacitado para tal tarefa as atividades em sala de informática, deixam de ser um momento de aprendizado para se tornar um segundo recreio ou atividade banal e ao mesmo tempo de uma suposta "recompensa e castigo".

Toda a aparelhagem escolar deve por ofício ser utilizada pelo professor em suas práticas, mesmo que nem todas sejam possíveis todos os dias. Porém quando existe um engajamento por uma melhoria constante na educação e no cotidiano escolar tudo é campo para a atuação do educador frente às diversas possibilidades de trocas recorrentes com seus estudantes. Que se desafia diariamente com novas metodologias e concepções e com isso vai tendo novas demandas dos alunos e abrindo diferentes perspectivas.

2 **UM PERCURSO METODOLÓGICO NA ALFABETIZAÇÃO E TECNOLOGIA**

2.1 **Revolução tecnológica no ensino**

A primeira década do século XXI trouxe consigo diversas transformações tecnológicas no cotidiano das pessoas, na família, na igreja, no Estado, na sociedade em si, e com isso trouxe obviamente uma mudança no público escolar, nas crianças, que independentemente da idade já trazem em seu novo conceito humano a proximidade com as ferramentas tecnológicas básicas do dia-a-dia moderno, como, por exemplo: celulares e tablets. Apesar de todas essas mudanças a escola como instituição de acolhimento, compartilhamento de saberes e aprendizagens e preparação para a vida adulta pouco mudou, ficou quase que estática, observando as mudanças, assim como, já acontece há décadas.

> Agora, na era da informação, um montante muito grande de informação está sendo colocado a nossa frente, e o problema que surgiu, no entanto, é como assimilar tantos dados. Será que a metodologia aplicada no que aprendemos no ensino fundamental baseada em decorarmos ainda vale? Parece não ser mais possível aceitar que utilizamos um esforço considerável para decorarmos algumas tabelas de multiplicações, visto sua participação ridiculamente antiga no conhecimento que necessitamos para desenvolver nossas atividades e para entendermos nossa mudança tecnológica na educação. (GONÇALVES, 2014, p. 32)

O professor que busca o êxito em seu processo de ensino e sua trajetória com os alunos, tem (re)pensado e ressignificado suas práticas para ter uma proximidade com as novas demandas, pois a alfabetização deve dialogar e se comunicar com o cotidiano apresentado pelo aluno e a tecnologia podem e precisam ser encarada como uma aliada e não uma inimiga do professor. Dado a forma de exemplo, é mais exitoso com o aluno quando você dialoga com ele e seu cotidiano, seja um celular, um tablet ou traz um aplicativo como uma ferramenta aliada ao seu processo de ensino do que quando você tenta bani-las do processo, pois criará na cabeça do estudante a ideia de que a escola e a tecnologia são passos de caminhos antagônicos. O que é uma inverdade. Mas isso quer dizer que não se podem mostrar elementos diferentes aos alunos? De maneira alguma, isso quer dizer que no processo de alfabetização, o aprendizado torna-se algo mais prazeroso aos alunos quando se dialoga com eles. Talvez seja mais fácil em determinado momento entender que a letra C serve para escrever celular e não corda, como era trabalhada no início dos anos 2000.

De uma forma por vezes nostálgica é retomado o debate que antes dos anos 10 (a última década), as crianças brincavam mais e hoje manipulam aparelhos tecnológicos e "esquecem" de brincar, o que também se tornou uma inverdade popular. Crianças continuam sendo crianças, e a infância, no seu sentido mais amplo, continuam existindo. A questão principal é que hoje existe um novo tipo de vida em sociedade que afeta e direciona as crianças a passarem mais tempo em casa com celulares e não na rua com uma corda pulando. A lucidez do educador passa por entender e fazer esses contrapontos não eliminando nenhuma das possibilidades, para auxiliar no aprendizado das crianças.

A contraposição das atividades gera um antagonismo desnecessário e improdutivo. A melhor parte da educação é a ampla vivacidade e a mescla de diferentes componentes culturais e formando novas formas de vivenciar algo que o aluno já traz de casa. Inclusive por que acontece e é importante lembrar que mesmo oriundos de uma mesma comunidade, os alunos trazem micro culturas muito diferentes, pois obviamente suas famílias pertencem a troncos familiares diferentes, crenças diferentes, experiências diferentes, preferências diferentes, impossibilita uma homogeneidade do ambiente, e isso é ótimo para a melhoria de todo o processo educacional, o diferente, o novo, o aprendizado.

Ao mesmo tempo de toda essa realidade existente diversos laços que também aproximam os alunos, por serem de domínio comum dentre boa parte das famílias daquela comunidade, na atualidade um elemento presente em boa parte das comunidades por estar inserido na sociedade é o celular (junto ao tablet e computador) e não se pode negar o prisma de possibilidades que é aberto com a tecnologia nos anos iniciais.

> Não que devamos substituir todo o processo atualmente sendo utilizado ou trocar todas as atividades pelo uso do computador. Não há o menor sentido em substituir a brincadeira em grupo, o jogo de futebol, as atividades artísticas, mas também não se deve deixar cada criança excluída deste mundo, sendo que já vivenciamos com o computador na escola ou em casa. (GONÇALVES, 2014, p. 23)

Levando assim para a sala o celular como um elemento familiar e já conhecido por parte dos alunos e levando também a corda, o bambolê, o boneco como elementos (que para muitos é novo) para que possam exercitar outra parte do processo de aprendizagem, que por vezes é esquecido. Tal exercício de mesclar o que é clássico com o que é atual torna o ensino mais atrativo e transforma a educação de forma prática, trazendo ao aluno um maior estímulo para entender e querer estar na escola fazendo parte do processo educacional por completo.

2.2 O NOVO PROFESSOR

Os alunos não os mesmos de ontem, de um mês atrás, de um, dez ou mesmo 50 anos atrás. O professor por ser o mesmo indivíduo encontra-se sempre no dilema de por que mudar sua forma de ensinar, se um dia seu modo de ensinar deu certo. É importante que o novo seja colocado em prática diariamente e que exista um novo professor todos os dias, não no sentido filosófico da palavra, mas no sentido prático, pois a cada dia as demandas dos alunos mudam de forma significante.

> No que à formação de professores diz respeito e dado que a simples agregação de saberes produzido em diferentes áreas do conhecimento não significa a superação das abordagens fragmentadas sobre como educar, necessário se tornam construir competências, no sentido de as reconhecerem e implementarem no terreno através de uma acção que tenha como objectivo inter-relacionar ideias e conceitos interdisciplinares. Esta acção envolve saberes multi e interdisciplinares, profissionais e diferentes formações que se podem alcançar pela busca constante de inovação em termos de trabalho científico, pesquisa colaborativa, pensamento crítico e flexível, autonomia, concepção e ampliação de fundamentos científicos e tecnológicos. (CUNHA, 2009, p. 27)

A falta da formação continuada por muitas vezes freia todo o processo educacional, para no tempo as possibilidades e com isso põe em cheque tudo que seria discutido e trabalhado de uma forma mais positiva. A educação necessita de transformações a ordem proposta anteriormente, o que não significa de forma alguma, o esquecimento total das antigas praticas

educacionais, mas sim, de forma séria entender que elas precisam trabalhar juntas (serem transformadas) com a atualidade, com as demandas sociais.

Ao romper com a automatização do processo educacional o professor torna-se mais próximo educacional tecnológico, por que rompendo com a antiga forma de dar aula, de conceber educação e de exercer a práxis pedagógica, o professor pode de forma autônoma, aproximar-se da realidade de seus alunos, que na atualidade é a tecnologia. A discussão sobre quebrar os antigos paradigmas da educação já existe há tempo e dialoga com as diversas mudanças sociais.

> Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. [...] O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos. (FREIRE, 2004, p. 68)

O professor apesar de ser o agente educacional dentro de sala, não é a única pessoa que ensina durante a troca de experiências que é o processo educacional. O sucesso na educação está no caminho em que o aluno e o professor aprendem e se reinventam diariamente. Melhorando a vida mutua, melhorando a escola e melhorando a sociedade. Sendo apenas possível que isso aconteça quando o professor entende o aluno, a comunidade e a sociedade a que ele está inserido.

2.3 AS NOVAS METODOLOGIAS

A teoria de Vygotsky destaca que é preciso considerar dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial. Ou o que conhecemos como ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal). Segundo Vygotsky, citado por Valle (2013, p. 30), nos diz que:

> Distância entre seu desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de seu desenvolvimento potencial, determinando através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheirismos mais capazes. (VYGOTSKY *apud* VALLE, 2013, p. 30)

A zona de desenvolvimento proximal é percurso em que o aluno passa pra desenvolver funções que estão em amadurecimento e serão estabilizadas em um nível de desenvolvimento real. Sendo assim, o professor deve sempre partir da bagagem e do conhecimento que o aluno tem. Ao pensar e

compreender todos os processos que circundam o processo de aprendizagem, o professor que realmente está comprometido com tal processo consegue perceber o nível de aprendizagem de seus alunos quanto a determinadas áreas e estímulos, tais considerações levam que o aluno pode apresentar facilidades ou dificuldades em direção daquilo que está em sua volta, tanto em sua casa, quanto na escola. E que, conforme vai aprendendo também consegue transmitir esses conhecimentos aos seus colegas em sala de aula.

Dessa forma, que, na atualidade as crianças ficam mais próximas da tecnologia, pois a cada descoberta de um aplicativo, de uma funcionalidade, de um jogo, elas compartilham este conhecimento de forma veloz e prática para seus pares, exercitando suas individualidades e ao mesmo tempo seu senso de coletivo e aprendizagem. É essa importante parte da Zona de Desenvolvimento Proximal de cada aluno que pode ser explorada de forma fulcral, entendo o funcionamento do processo individual e conseguir estabelecer seu nível real de desenvolvimento é possível explorar o potencial de cada estudante, principalmente junto com a tecnologia, seja em suas ferramentas de hardware, seja em seus softwares, mas que é realmente diferencial na atualidade é mesclar tais processos gerando uma boa experiência com a educação por parte do aluno.

Atuando em sala a percepção de tais janelas de aprendizado auxilia o educador em conseguir explorar e trabalhá-la da melhor forma sabendo qual tipo de atividade levará para o ambiente de aprendizado, o que vai trabalhar para abrir mais e mais oportunidades de aprendizagem com os seus alunos e entre eles, gerando maiores trocas, otimizando sua participação dentro de todo o processo educacional.

Ao elencar diversas possibilidades do processo educacional pensando a tecnologia, pode-se divagar desde a formação continuada do educador, agora não mais se limitando a congressos e reuniões pedagógicas. Na atualidade existem diversas modalidades de aprendizado de principalmente a troca de experiências e formação continuada para os professores como a EAD, que possibilita uma otimização para o profissional tanto em sua área como também em áreas e temas transversais que tanto são cobrados dos professores nas escolas. Fóruns e círculo de debates virtuais são bem comuns e apresentam-se também como uma inovação para pensar o agente escolar em si, as diversas novas formas de exercer o papel educativo em sala de aula de forma ativa e não mais, como um passivo reprodutor de conhecimentos pré-concebidos.

Em sala de aula, uma percepção importante à tônica educacional é não só levar o equipamento tecnológico como somente um agente que age sozinho e que resolve os problemas, pois não haveria processo de aprendizagem e sim, um passar de tempo com as crianças, não produzindo trocas e tampouco, utilizá-lo como um novo livro didático em que por anos em seu ofício o professor utilizou como muleta para a prática de sua vida como um agente do

conhecimento. A importância do equipamento de tecnologia está exatamente nas possibilidades que ele traz, com foco principal no recurso áudio e vídeo, que já está no cotidiano dos alunos, mas que por ser utilizado muitas das vezes em casa e sem supervisão, acaba não sendo explorado no melhor de sua essência.

Metodologicamente a escola, enquanto instituição de ensino e aprendizagem deve ter a imagem de inquietação para com seu aluno, pois a não inquietação faz com que tanto o professor quanto o aluno, fiquem literalmente à deriva no processo de aprendizagem, principalmente se for levar em conta um processo importante como o de alfabetização. Pesa de forma incisiva ao professor a questão da pouca valorização social, profissional e cultural tanto da escola como instituição e junto com ela o seu ofício, e isso, é sabido, mas ao "cruzar os braços" para os desafios constantes que são apresentados em sala de aula, o professor torna-se um agente passivo, prejudicando consigo também os alunos. Quando se apura que existem crianças já em seu segundo ciclo do ensino fundamental é perceptível que houve uma falha metodológica no processo educacional que a acompanhou até aquele momento.

> É preciso também refletir as causas que levam as escolas brasileiras a terem tanta dificuldade em fazer com que suas crianças consigam se alfabetizar na idade propícia, o que é demonstrado em avaliações externas e pode ser facilmente presenciado nas séries finais do ensino fundamental, para, a partir daí buscar soluções. (SOUZA, 2017, p. 12)

Dentre as diversas ferramentas que a tecnologia permite, destaca-se, por exemplo, os aplicativos, a ideia de utilizar o aparelho em conjunto para a resolução de problemas, ou mesmo de um laboratório de informativa para construir junto um projeto educacional na escola, seja uma horta vertical, uma mostra cultural ou uma peça teatral, são exemplos de atividades que auxiliam o processo de alfabetização indo além das atividades diretamente de decodificação e reprodução das letras e trazem elementos culturais e sociais importante, aliando a tecnologia que já é familiar das crianças em todo o processo.

> A essa luz, a interacção social mais efectiva é aquela na qual ocorre a resolução de um problema em conjunto, sob a orientação do participante mais apto a utilizar as ferramentas intelectuais adequadas. (FINO, 2008, p. 36)

Trabalhando a ideia junto com os alunos de que eles são protagonistas também do processo de ensino-aprendizagem como de fato são, mas que talvez nunca tenham sido evidenciados disso, de sua importância e do quanto o professor pode aprender e apreender de

cada uma dessas atividades, melhorando, produzindo novas e reformulando suas práticas, sendo sempre o novo professor, aquele que no processo de educar, também se educa. Sendo uma ideia de práxis pedagógica defendida por Paulo Freire.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta para repensar toda a prática exercida na atualidade, é de forma simples retomar a criticidade de Paulo Freire para pensar efetivamente uma nova escola e novas práticas para a continuação da segunda década do século XXI e com isso explorar mais as possibilidades que a educação espelha socialmente com suas ações.

A escola é um importante ponto de transformação social e se existir uma efetiva transformação conjuntural e estrutural na escola, enquanto instituição das práticas educacionais, dificilmente isto se aplicará na sociedade. A cultura escolar modifica-se lentamente ao longo anos, porém a sociedade está cada vez mais dinâmica, mudando como é percebido o tempo e há décadas vêm colocando-se em cheque a ideia de homogeneidade epistemológica da escola, em contraponto com a diversidade dos alunos e dos lugares, buscando desta forma uma maior autonomia das escolas, dos professores e dos alunos, em todas as partes do processo, para que possam agir de forma mais efetiva em sua realidade, tomando por base a produção da cultura escolar local, cada qual com sua especificidade e entendo de maneira mais efetiva a comunidade que se encontra em cada instituição escolar.

A principal crítica trabalhada em diversas pesquisas educacionais, gira em torno dos métodos disciplinares, que não cabe mais na escola o ideal de intuição coerciva. Tampouco, pode continuar com a base os méritos, junto à busca por “virtudes” que existir no ambiente escolar do século XIX, que, por vezes, ainda é reproduzido na atualidade. A escola precisa ser atual na atualidade. Apesar de a frase soar redundante, a escola é tida hoje, como uma escola que ainda está no século XIX, com professores, que por diversas razões, reproduzem valores e práticas do último século. Impedindo a escola de ser o lugar de criação, de liberdade, de produção, inovando e sendo um lugar prazeroso para quem lá estuda.

A estimulação do novo, também se traduz em trazer o novo para o ambiente escolar e com isso produzir novas práticas em seus processos educacionais. O inédito exitoso pode existir diariamente em sala de aula, e essa parte do sistema educacional, depende muito mais do professor que do aluno.

As janelas de aprendizagem existem e cabe trazer o conhecimento já real do aluno para que efetivamente possam abrir cada mais janelas e não fechá-las como é comum na prática

educacional, mesmo que não intencionalmente. O aluno, principalmente em seus anos iniciais, na alfabetização, precisa ser observado em sua individualidade para que possa ser um agente também no processo educacional, pois ele traz consigo uma bagagem que deve ser respeitada e interpretada e ao mesmo tempo existe um capital cultural complexo ao qual ele não foi apresentado e deve ser quem permeia e floreia esse caminho é o professor.

REFERÊNCIAS

BARROSO, João. **Cultura, cultura escolar e cultura de escola**. São Paulo: UNESP. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65262/1/u1_d26_v1_t06.pdf>. Acesso em: 23 jul.2018.

BICUDO, Francisco. **O professor deve deixar de ser apenas um transmissor de conhecimento**. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/reportagens_entrevistas.asp?especial=79&materia=234>. Acesso em: 23 jun.2018

CUNHA, Maria José dos Santos Cunha. **Formação de professores**: Um desafio para o século XXI. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t3/t3c73.pdf>. Acesso em: 8 ago.2018.

FERREIRA, Vítor F. **As tecnologias interativas no ensino**. Quím. Nova [online]. 1998, vol.21, n.6, pp.780-786. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-40421998000600019>. Acesso em: 18 jul.2018.

FINO, Carlos Nogueira. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)**: três implicações pedagógicas. Revista Portuguesa de educação, 2008, vol. 14, n°2, pp.273-291. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>. Acesso em: 22 jul.2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GONÇALVES, Wesley Antônio. **A grande revolução da tecnologia da informação na educação**. 2014. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/REVISTAJURI2007/2.pdf>. Acesso em: 2 jul.2018

SOUZA, João Paulo Nogueira de. **Alfabetização nos dias atuais**: O que mudou dos métodos antigos para os que utilizamos hoje. 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/alfabetizacao-nos-dias-atuais-o-que-mudou-dos-metodos-antigos-para-os-que-utilizamos-hoje/152466#ixzz5M74O31Tp> Acesso em: 18 jun.2018.

VALLE, Luciana de Lucca Dalla. **Metodologia da alfabetização**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

VYGOTSKY, L.S. **A Construção do pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ALICE: UMA JORNADA SOBRE AUTOCONHECIMENTO NO PAÍS DAS MARAVILHAS

João José de Araújo Neto[135]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

RESUMO
Este trabalho científico tem como objetivo fazer uma análise do clássico da literatura inglesa Alice no País das Maravilhas. Utiliza como substrato trabalhos acadêmicos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o livro Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll, o livro Liberdade Sem Medo de Alexander Sutherland Neill e uma abordagem rápida ao aforismo de Sócrates. A pesquisa apresentada é de cunho bibliográfico, e se encontra dividida em cinco partes. Alice no País das Maravilhas possui uma leitura leve e descompromissada, livre de formas de padronização social. Neste livro, você terá um caminho por discussões sutis sobre sua própria existência, sua forma em lidar com as outras pessoas e resoluções de problemas.
Palavras-chave: Alice. Autoconhecimento. BNCC. Educação Infantil.

ABSTRACT
This scientific work aims to make an analysis of the classic of English literature Alice in Wonderland. It uses academic works as a substrate, the National Common Curricular Base (BNCC), the book Alice in Wonderland by Lewis Carroll, the book Freedom Without Fear by Alexander Sutherland Neill and a quick approach to Socrates' aphorism. The research presented is of a bibliographic nature, and is divided into five parts. Alice in Wonderland has a light and uncompromising reading, free from forms of social standardization. In this book, you will have a path through subtle discussions about your own existence, your way of dealing with other people and problem solving.
Keywords: Alice. Self Knowledge. BNCC. Child Education.

1 INTRODUÇÃO

A narrativa de Lewis Carroll leva o leitor a uma viagem fantástica pelo sonho de uma jovem garotinha chamada Alice que descobre que situações normais não acontecem dentro desse lugar imagético o qual ela cria após perseguir um coelho branco um tanto incomum. Este trabalho científico tem como objetivo fazer uma análise do clássico da literatura inglesa Alice no País das Maravilhas, correlacionando os acontecimentos da história com a busca pelo autoconhecimento da criança ainda na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental nos anos iniciais.

A utilização de livros da literatura infanto-juvenil para contarem-se histórias na educação é uma metodologia presente na prática educativa de muitos pedagogos. Com esse método é possível discutir desde assuntos simples até temas mais complexos como o

[135] Graduando em Pedagogia pela Faculdade São Luís de França. E-mail: <joao.jose@sousaoluis.com.br>

autoconhecimento. Sabe-se que através do alegórico e do lúdico é possível transfigurar discussões que possuem diversas barreiras linguísticas em contos ou tramas rápidas com situações escritas deliberadamente para transportar o leitor ou os ouvintes da história em uma busca paralela para resolver problemas que são distribuídos em caixas etárias diferentes e, geralmente, são ignoradas pelas outras que não os pertencem.

O autoconhecimento ainda é um paradigma social, antes reservado a classe adolescente e adulta, mas que agora precisa estar incluso desde a infância, percorrendo toda a vida. O ato de descobrir as vertentes de sua personalidade é um direito natural ao ser social e individualista que precisa dialogar com as verdades que impera dentro do espírito e da consciência pessoal. A criança, como um ser pensante, necessita ter essa habilidade dentro de sua vivência familiar e dentro da escola, uma vez que entender quem é a ajudará em um melhor processo de acomodação e equilibração durante as várias mudanças nas fases de sua evolução.

O artigo tem como substrato trabalhos acadêmico, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o livro Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll, o livro Liberdade Sem Medo de Alexander Sutherland Neill e uma abordagem rápida ao aforismo de Sócrates. Serão tratadas as competências gerais e sua importância dentro do documento norteador aprovado em 2017, além de seu impacto na educação. Segundo Malheiros (2011), a pesquisa apresentada nesse trabalho acadêmico é de cunho bibliográfico, e se encontra dividida em cinco partes, sendo a primeira secção a introdução, onde estão pontuadas todas as informações sobre o esqueleto do artigo, desde o objetivo, a metodologia e a justificativa. A segunda parte será uma breve dissecação da BNCC sobre as competências gerais que precisam ser exploradas dentro do ambiente escolar, paralelo à aprendizagem do aluno e o conceito holístico de que o docente está trabalhando com um ser em formação de sua própria identidade. A terceira parte consiste na exploração do conceito de autoconhecimento e sua importância dentro da construção da personalidade humana. A quarta seção está vinculada a prática da contação de história para alunos que não conseguem decodificar e compreender as simbologias dentro da história, sendo traduzida posteriormente pelo professor. Por fim, na quinta parte será feita a análise dos acontecimentos do livro de Lewis Carroll, e como os acontecimentos contribuem para o entendimento do autoconhecimento e seus percalços.

2 AS DEZ COMPETÊNCIAS GERAIS E SUA IMPORTÂNCIA NA BNCC

A BNCC trata com clareza que a educação deve abordar em todas as áreas de conhecimento as dez competências gerais que precisam estar incluídas dentro do processo

pedagógico. Dentre elas estão: o conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; responsabilidade e cidadania; empatia e cooperação; autoconhecimento e autocuidado; argumentação; e trabalho e projeto de vida. As competências buscam valorizar o conhecimento, construíndo-o no desenvolvimento de habilidades e na busca de atitudes que visam à transformação da própria realidade do discente (BRASIL, 2017).

> Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2017, p. 11)

Na BNCC (2017), as competências ainda se desdobram em ramificações de cada etapa de ensino. Na Educação Infantil é possível encontrar assuntos voltados aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se), além de abordar cinco campos de experiência: o eu, o outro e o nós; corpos, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; e espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. No Ensino Fundamental é notória a presença das áreas de conhecimento, competências específicas de áreas, componentes curriculares e as competências específicas de componentes.

> Ao adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC. (BRASIL, 2017, p. 15)

As competências auxiliam o aluno a lidar com mais responsabilidade, autonomia e empatia perante as rápidas informações, sendo capaz de entender a cultura que o cerca e resolver problemas, além de buscar compreender-se e atuar ativamente na tomada de decisões. Agir perante a sua individualidade e a sociedade é um dos elementos primordiais que a BNCC decidiu implementar em sua base para que os alunos se tornem críticos dentro do seu pensamento criativo e científico. A BNCC afirma que é necessário o aluno se integrar do contexto histórico e assim ser produtivo perante aquilo que aprendeu.

Na parcela do documento voltada ao autoconhecimento a BNCC (2017) relata que é necessário conhecer a si mesmo e cuidar-se emocionalmente e fisicamente. Compreendendo a diversidade humana que o cerca, respeitando-a, e assim sendo também autocrítico.

3 O CONCEITO DE AUTOCONHECIMENTO E SEU IMPACTO NA FORMAÇÃO DO SER

Segundo Skinner (1993), o autoconhecimento nada mais é do que o ato de distinguir seus próprios comportamentos, visto que eles o controlam, assim sabendo como são gerados e quais são os seus efeitos. Para Sócrates, em seu aforismo "conhece-te a ti mesmo", o filósofo traz a percepção de que o ser precisa ter consciência de sua própria existência. A redundância em saber qual a sua posição perante a sua figura existencial põe o indivíduo num patamar de vago conhecimento sobre o que forma a sua persona. O que te distingue dos outros humanos e transcende a percepção corriqueira da sua natureza biológica e o transfigura em um organismo espiritual, social e individual único, repleto de uma gama de complexidades que ainda estão ocultas dentro do princípio concreto da construção interminável da mente e da alma.

> É bom lembrar que "errar" é andar, o "errante" é aquele que anda... O desenvolvimento da consciência humana precisava passar pelas fases já vividas, para chegarmos ao momento que vivemos. (...) Evidente que quando enfrentamos as questões ligadas à transcendência temos que dimensionar o segundo grande aforismo de Sócrates que nos dizia: "o sábio é aquele que sabe que nada sabe". (CEZAR, 2010, p. 3)

Termos consciência de que estamos sempre em transformação nos transmite a ideia de que nunca estamos completos de verdade ou nos conhecemos integralmente. O processo de autoconhecimento, como indica o autor, é entender que o indivíduo nunca irá conhecer-se em toda complexidade de sua existência. É um processo que perpassa todas as fases da vida mundana, começando desde o momento em que o sujeito tem conhecimento de si mesmo como um ser capaz de mudar através do conhecimento e das interações, e terminando ao fim com sua morte.

> Aprofundando um pouco mais no tema, encontraremos explicações e definições referentes a Logosofia, que revela conhecimentos de natureza transcendente e concede ao espírito humano a prerrogativa de reinar na vida do ser que anima. Conduz o homem ao conhecimento de si mesmo, de Deus, do Universo e de suas leis eternas. Apresenta uma concepção original do

> homem, em sua organização psíquica e mental, e da vida humana em suas mais amplas possibilidades e proporções. (TAVARES, 2016, p. 6)

A vida humana consiste em diversos setores que são administrados de acordo com a importância que damos a eles. Conhecer-se está vinculado, à forma como você se vê perante a sua família, seus amigos, seu trabalho, as divindades e, principalmente, a si mesmo. O aluno, em sua fase inicial de vida, ainda não tem percepção dessa vasta concepção do mundo que habita dentro de sua mente consciente e subconsciente, já que ele se percebe como um ser simples com interesses reduzidos e compreensíveis. O professor como mediador do processo de aprendizagem, precisa garantir que o aluno consiga ver além da ótica reducionista para que ele possa tatear a sua identidade como algo em plena construção e mutação.

O autoconhecimento é o caminho para que o discente possa saber seu lugar dentro da sociedade como um participante ativo, mas acima disso, para que possa descartar discursos insustentáveis de que ele não será nada se não se tornar algo. Como pode algo sem forma não ser nada se ele já é alguma coisa? As modelações acontecem no exato momento que o aluno começa a compreender que ele tem controle sobre sua própria formação. Que sua identidade deriva de suas buscas, seus desejos, suas acomodações, seus empecilhos e tantas outras atribuições que são parte de um ciclo infinito de auto-aprendizado que o ajuda a consolidar a condição inata que o humano tem de modificar-se e se adaptar.

4 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Crianças na etapa da Educação Infantil ainda não possuem a leitura como uma ferramenta completamente ativa no seu cotidiano educacional, sendo necessária a utilização de mecanismos lúdicos para ajudá-las na aquisição e reflexão de alguns temas relevantes. Um dos aliados do pedagogo nesse processo é a contação de história. É uma prática presente dentro do processo de estimulação da fantasia da criança, mas sempre com alguma finalidade literária que está integrada aos acontecimentos dentro da encenação, da leitura dramática e da história que servirá como base para o método de ensino e entretenimento.

> A contação de história é uma prática antiga que surgiu muito antes da escrita, quando as pessoas utilizavam da oralidade para narrar acontecimentos à comunidade, transmitindo assim ensinamentos, valores, costumes, mitos e crenças de geração a geração, também usavam desta prática para o entretenimento, diversão e lazer. (FARIA et al., 2017, p. 31)

Era comum que antigamente, antes da escrita, as palavras oralizadas fossem a única forma, além do desenho, de deixar gravado algo que era contado entre determinada sociedade. Os filósofos da antiga Grécia tinham a prática da contação de história como uma situação casual de transmissão de suas epifanias e pelo desejo de libertar outras pessoas da prisão imaterial do que era aparente. Essa tradição foi sendo passada com o tempo, apesar de acabar perdendo-se através do advento da escrita devido à legitimidade das informações que eram propagadas em material palpável. "Com o surgimento e evolução dos sistemas de escrita, a contação de história, que antes era vista como prática superior foi perdendo espaço em virtude da separação entre a cultura erudito-instruída e a popular/leiga" (FARIA et al., 2017, p. 32)

> A contação de história na educação infantil contribui significativamente para o desenvolvimento da criança, despertando encanto, prazer e imaginação, esta prática subsidia a aproximação do real com as fantasias que são fundamentais para o progresso na primeira infância. Mesmo a criança ainda não sabendo ler, ela naturalmente é curiosa, questionadora e esperta, portanto o contato diário com a escuta de histórias promove o gosto pela leitura, pelos livros e pela aprendizagem que vincula o divertimento, ludicidade e estímulo. (FARIA et al., 2017, p. 36)

Na BNCC, o pensamento criativo é uma das competências que devem ser desenvolvidas pelas práxis pedagógica do docente na criança. Logo, uma forma disso ser suscitado é através da contação de histórias, a qual a criança poderá trabalhar a sua imaginação de acordo com os acontecimentos dentro das tramas. Além disso, os discentes conseguem perceber certas semelhanças dentro dos livros de literatura infanto-juvenil contado pelo mediador que os ajudam a construir a sua identidade e se auto reconhecerem em ações dos personagens, escolhas, desejos, vestimentas, como também as características psicológicas. Coragem, medo, alegria, tristeza. Para uma criança, saber onde deve encaixar-se torna o ambiente de socialização mais seguro e confortável, visto que a contação de história leva os alunos a manterem uma participação dentro da atuação oral do pedagogo e entre os colegas.

> Utiliza-se da leitura, através da contação de histórias, como metodologia para o desenvolvimento dos sujeitos e melhoria de seu desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das leituras trabalhadas. (SILVA et al., 2013, p. 14)

A ilusão de que a contação de história serve apenas para a diversão das crianças não deve subjugar a necessidade que a prática educativa tem em ajudar o aluno no seu processo de desenvolvimento cognitivo e do melhor entendimento de sua imagem pessoal, dado que o

entrelaçamento das vivências dentro do livro pode ser parte de quem o aluno é dentro do status quo coexistente com o ato de interpretar histórias oralmente.

5 UMA BREVE ANÁLISE DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Alice conta a história de uma garotinha inglesa que vai até um lugar mágico chamado de País das Maravilhas ao seguir um coelho branco diferente que usava um colete com bolso e um relógio para poder ver o quanto estava atrasado. A escolha da protagonista em seguir um animal falante até uma toca sem saber se iria voltar mostra a quão impulsiva e curiosa ela é quando a liberdade lhe dada não é dosada. “Liberdade significa a conquista da ignorância” (NEILL, 1970, p. 107), logo sabendo que apesar de desconhecer o que ainda está oculto, você pode vir a descobrir quais são as engrenagens que estão por trás daquilo que você acredita ser curioso. Alice não tem medo de sua ignorância e seu ímpeto não a impede de ser quem naturalmente é. Uma desbravadora.

O coelho branco, porém, é um animal falante apressado e pontual, sempre preocupado com o tempo e meio desleixado. Ele não se importa muito com o que acontece ao seu redor se isso não lhe interessa. Por esse motivo ele ignora a perseguição da doce Alice ao estar atrasado. O autoconhecimento é um processo holístico. Por mais que o ser ache que está atrasado em saber quem é, quem será o tempo é aliado ao configurar que toda mudança, toda manifestação pessoal é uma só. Um conjunto de diversas características que podem ser descobertas em seu tempo pontual e próprio.

A história vai desenrolando-se e Alice começa a entrar em dilemas superficiais, mas importantes, sobre como o seu tamanho a incomodava por não conseguir realizar as tarefas que gostaria. Como era difícil ser grande e pequena por comer o bolo que diminui e a bebida que cresce. O tamanho é geralmente uma característica física muito observada que agrega a imagem corporal da criança. Algo que ela precisa inteirar-se, podendo fazer isso em dinâmicas como a do espelho, ou explicando que os tamanhos são partes de quem somos. É um aspecto que nos distingue das outras pessoas. Por último, ela entra em conflito consigo mesma por achar coisas normais entediantes, diferentes de elementos extraordinários. Essa é uma parte onde as crianças podem identificar-se, já que o fantasioso é um fator elementar no desenvolvimento delas. Reconhecer-se no imaginário cria uma versão imagética de um personagem desenvolvido pela própria criança como um alter-ego. Logo, pondo-se a depositar suas próprias características no mesmo. “Vejam só, tantas coisas estranhas tinham acontecido ultimamente que Alice começara

a pensar que muito poucas coisas eram na verdade realmente impossíveis" (CARROLL, 2002, p. 10).

Em certo momento, Alice se encontra em contradição em não saber quem é:

> Puxa! Puxa! Como tudo está estranho hoje! E ontem as coisas estavam tão normais! O que será que mudou à noite? Deixe-me ver: eu era a mesma quando acordei de manhã? Tenho a impressão de ter me sentido um pouco diferente. Mas se eu não sou eu a mesma, a próxima questão é "Quem sou eu"?" A! "Está é a grande confusão". (CARROLL, 2002, p. 16)

Por ter passado pelo problema dos tamanhos, chorado e não ter conseguido resolver seus dilemas, a pequena garota entra novamente em uma confusão sobre sua identidade. Se ela não se reconhecia durante tantas transformações, quem ela era? Logo em seguida, Alice começa a tentar associar-se com outra criança que conhecia, medindo sua inteligência e seus bens materiais. Por algum momento, ela se põe características diferentes das outras crianças, mas quando percebe que talvez não seja tão diferente delas, pensa ser uma de suas colegas de sala e começa a chorar, pois queria ser uma pessoa diferente e ainda não se reconhecia no que sabia.

Em um momento posterior, a jovem viajante encontra um rato que descreve não gostar de gatos e cachorros, mesmo ela sem entender o motivo visto que sua gata Dinah é doce. A discordância entre os personagens mostra a naturalidade em pessoas se sentirem felizes perto de coisas diferentes. Também percebemos a discussão de Alice com o papagaio australiano, que decide que é mais inteligente que a menina por ser mais velho que ela. A inteligência demonstra ser outro fator que determina as características de uma pessoa. Reconhecer o que você sabe e respeitar o que o outro tem a oferecer epistemologicamente é um princípio fundamental do autoconhecimento. Uma questão prática da consciência pessoal e social.

Em certo momento há a corrida do comitê, na qual alguns animais falantes correm para poderem secar-se depois de terem sido molhados em uma lagoa. Porém, a corrida não tem exatamente um início. Eles correm quando querem e acabam apenas quando se sentem secos. O autoconhecimento funciona da mesma forma. Cada um tem seu ritmo, sua forma de ver as realidades, de entender-se, de decidir quando começar. Porém, apenas quando se sente bem em sua completude atual é o momento de decidir parar a fim de contemplar o resultado de sua busca pessoal pelo que se tornou. Tanto em comparação ao conhecimento, as mudanças que adquiriu, quanto em sua ótica de respeito, valorização e socialização com os outros seres ao seu redor.

Após algum tempo em seu longo passeio, ela encontra a Lagarta, ainda disposta a entender o que tinha acontecido com ela:

> "Quem é você?", perguntou a Lagarta. (...) Alice retrucou, bastante tímida: "Eu - eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento - pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então. (...) "Eu não posso explicar-me, eu receio, Senhora", respondeu Alice, "porque eu não sou eu mesma, vê?". (CARROLL, 2002, p. 41)

O complexo estado de Alice ao encontrar o inseto do mesmo tamanho que ela a põe na mesma posição de ainda não se reconhecer, pois está novamente mudando rapidamente. Estar em contato com tantos cenários extraordinários com animais mágicos e se identificar com toda a fantasia que vê entra em conflito com tudo que a ingênua garota sabe e conhece e desconstrói toda a realidade dela sobre si mesma e sobre o mundo que habita fora do País das Maravilhas.

> "Não é", discordou a Lagarta. "Bem, talvez você não ache isso ainda", Alice afirmou, "mas quando você transformar-se em uma crisálida - você irá algum dia, sabe - e então depois disso em uma borboleta, eu acredito que você irá sentir-se um pouco estranha, não irá?". (CARROLL, 2002, p. 42)

Alice tenta exemplificar sua confusão com o processo de metamorfose que uma lagarta sofre ao transformar-se em borboleta. A transposição das fases é algo novo para o inseto e, segundo a protagonista, ela também iria saber como é ser algo que ainda não conhecia. O processo de assimilar, acomodar e equilibrar de Piaget organiza a ideia de Alice quando ela diz que a primeira imagem de um novo eu, de uma nova característica, de algo confuso e diferente pode ser curioso, mas que com o tempo normalizá-se, visto que está acomodado ao antigo ser, e então nessa nova fase tende a equilibrar e entender todas as mudanças.

Logo após alguns acontecimentos, Alice se encontra com o Gato de Cheshire uma segunda vez, observando-o em cima de um galho:

> "O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?" "Isso depende muito de para onde você quer ir", respondeu o Gato. "Não me importo muito para onde…" retrucou Alice. "Então não importa o caminho que você escolha", disse o Gato. "... contanto que dê em algum lugar", Alice completou. "Oh, você pode ter certeza que vai chegar", disse o Gato, "se você caminhar bastante". (CARROLL, 2002, p. 59)

Por estar perdida dentro das diversas opções que ela pode ser, por onde ela pode seguir, Alice decide que uma ajuda externa poderia ser-lhe útil. Porém, Cheshire como mediador de sua decisão precisava saber quem ela era agora para poder auxiliá-la. Como recebe a notícia de que a menina não sabia para onde ir, ele afirma que qualquer opção parece válida para alguém que não se conhece. Diante de sua busca pelo autoconhecimento, ela decide que necessitava começar indo para algum lugar. Para sua surpresa, o caminho do autoconhecimento é longo, e assim, para poder ter consciência de si mesma precisaria buscar por algo que lhe fosse substancial. A introspecção do começo da corrida do comitê inicia aqui. Decidindo que deveria ir de encontro com sua consciência pessoal, Alice escolhe um caminho e parte para desbravar mais de quem era. No entanto, algo singular acontece quando Chershire explica com quem ela terá que encontrar:

> "Mas eu não quero ficar entre gente maluca", Alice retrucou. "Oh, você não tem saída", disse o Gato, "nós somos todos malucos aqui. Eu sou louco. Você é louca." "Como você sabe que eu sou louca?", perguntou Alice. "Você deve ser", afirmou o Gato, "ou então não teria vindo para cá". (CARROLL, 2002, p. 59-60)

A discussão se estende ao Chapeleiro e a Lebre de Março, os quais o Gato indica que são loucos assim como ele e Alice, uma vez que ela tinha chegado até ali. Perceber o mundo perceber-se são ramificações do autoconhecimento que se manifestam de formas diferentes para pessoas diferentes. A loucura é uma alegoria ao que é discrepante, ao que não está em um padrão, ao que tem características peculiares, próprias. Autoconhecer-se é um processo longo e contínuo que demora a vida toda para compreender, e apenas pessoas "loucas" se aventuram em tentar desvendar qual seu real papel dentro desse mecanismo social, cultural, político e psicológico que estamos inseridos.

Conhecendo o Chapeleiro e a Lebre de Março, ela entra em uma discussão sobre perspectiva, em que nem tudo que enxergamos através de nossa ótica pode significar a mesma coisa para as outras pessoas. Somos seres com vivências diferentes, realidades diferentes, comportamentos diferentes. Tudo isso interfere em nossa opinião sobre o que achamos de determinada coisa ou assunto.

Posteriormente, Alice se encontra com algumas cartas de baralho pintando rosas brancas de vermelho e pergunta o motivo de estarem fazendo isso:

> "Vocês poderiam dizer-me, por favor," disse Alice, um pouco timidamente, "por que estão pintando estas rosas?" "Porque, de fato, você vê Senhorita, esta

> deveria ser uma roseira vermelha, e nós plantamos uma roseira branca por engano, e, se a Rainha descobrir, nós todos seremos decapitados, sabe. Portanto, você vê Senhorita, estamos fazendo o melhor possível, antes que ela chegue para…" (CARROLL, 2002, p. 75)

Por mais que as rosas da roseira branca só brotem brancas, essa paradigmatização do ser em comportar-se de um modo padrão perante a si mesmo e aos outros acaba podando a busca pelo autoconhecimento. Determinações prévias é um veneno psíquico e social que impedem o avanço pessoal do indivíduo em conhecer-se, e acaba com que deixe de ser o que deveria ser para tornar-se produto de uma sociedade quadrada e cheia de arquétipos. Podemos fazer uma ligação com o caso do Chapeleiro em seu depoimento no caso da torta roubada.

> "Tire seu chapéu", o Rei ordenou ao Chapeleiro. "Não é meu", respondeu o Chapeleiro. "Roubado!", o Rei exclamou, virando-se para o júri, que no mesmo instante anotaram o fato. "Eu os tenho para vender", o Chapeleiro continuou com sua explicação. "Nenhum deles é meu. Eu sou um chapeleiro". (CARROLL, 2002, p. 108)

Como um chapeleiro, o chapéu é algo que não será seu por muito tempo. Logo, quando o chapeleiro diz que os objetos não os pertencem, ele está disposto a desapegar-se de algo que faz parte de quem ele é para tornar-se quem ele deveria ser. A normativa natural de seguir caminhos que os torne diferente, mas que ligam a sua consciência de si e dos outros ao seu redor gira de acordo em como a lógica de suas mudanças interfere em sua vivência. Se você decide mudar, existe uma razão. Se você se mantém da mesma forma, ainda assim há um motivo. Por fim, após acordar de seu sono do País das Maravilhas, Alice tem uma visão abrangente sobre sua percepção das coisas ao seu redor:

> (...) mesmo sabendo que quando abrisse os olhos novamente tudo voltaria a ser a chata realidade de sempre… a grama se mexeria apenas com o vento e a lagoa estaria se movimentando apenas com os juncos… o tilintar das xícaras novamente seria o badalar dos sinos pendurados nos pescoços dos carneiros… os gritos agudos da Rainha seriam apenas os berros do pastor… o espirro do bebê, o guincho do grifo, e todas as outras coisas esquisitas iriam transformar-se (ela sabia) no confuso clamor da vida no campo. (CARROLL, 2002, p. 122)

Passando por tantas confusões, encontrando com tantas criaturas peculiares com comportamentos diferentes, ao voltar para sua vida normal Alice entende que ela não é uma menina que se satisfaz unicamente com a vida do campo. Ela vive a fantasia como uma fonte integral de sua vida. Uma viagem imagética entre o mundo de seus sonhos em paralelo com sua

vida no mundo tangível, onde ela demonstra ser uma menina de “coração simples e afetuoso” que quando crescer “ela adoraria compartilhar com suas tristezas simples e alegrar-se com suas brincadeiras ingênuas, lembrando-se da sua própria infância e daqueles felizes dias de verão”. Alice, enfim, sabia quem ela era ao final de sua busca pelo autoconhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alice no País das Maravilhas é um clássico que abre a possibilidade de explorarmos diversas competências dentro da BNCC, além de assuntos voltados a área de linguagem que poderiam ser explorados dentro das subtramas da história de Lewis Carroll, que escreveu brilhantemente a trajetória de uma garotinha que se perde em um mundo fantasioso com criaturas falantes, indo de encontro com as suas descobertas de si mesma, desde a queda na toca até os devaneios sobre as coisas não serem mais como antes.

A possibilidade de disponibilizar a leitura para crianças do Ensino Fundamental e para contar a história para a Educação Infantil enriquece a chance que os mesmos possuem em entenderem melhor sua imagem pessoal e a imagem das pessoas com quem se relacionam. Alice traz com empatia e autonomia o respeito pelas características dos outros, desde o Rato até a Falsa Tartaruga, terminando com a percepção da jovem menina sobre si mesma e suas mudanças durante sua pequena viagem.

Alice no País das Maravilhas possui uma leitura leve e descompromissada, livre de formas de padronização social. Neste livro, você terá um caminho por discussões sutis sobre sua própria existência, sua forma em lidar com as outras pessoas e resoluções de problemas. A leitura e a contação de história se constituem em metodologias efetivas e que abrem uma gama de opções sobre como o docente pode buscar integrar-se mais sobre seus alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas.** Petrópolis: Editora Arara Azul, 2002.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Autoconhecimento e Consciência.** Revista Interdisciplinaridade, v. 1, p. 64-72, 2010.

FARIA, Inglide Graciele de *et. al.*. **A influência da contação de história na Educação Infantil.** Pires do Rio: Mediação, v. 12, n. 1, p. 30-48, 2017.

GODOY, H. P.; TAVARES, R. R.. **Autoconhecimento e aprendizagem:** uma educação de qualidade. São Paulo: UniÍtalo em Pesquisa, v.6, n.2, p. 188-203, 2016.
MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca *et al.* **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil.** Belo Horizonte: Pedagogia em Ação, v. 5, n. 1, 2013.

NEILL, Alexander Sutherland. **Liberdade Sem Medo.** São Paulo: IBRASA, 9. ed, 1970.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ESTUDO COMPARATIVO DO ROMANCE OS RATOS DE DYONÉLIO MACHADO E O CASO REAL DE SIGMUND FREUD

Brandon Florencio da Silva (FDP)[136]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

RESUMO
Esse estudo tem como objetivo fazer uma análise comparativa do romance *Os Ratos* de Dyonélio Machado (1935), uma das mais influentes obras da 2ª geração do Modernismo, e o relato do caso clínico *O Homem dos Ratos* de Sigmund Freud publicado em (1909). O texto propõe uma leitura comparada entre ficção e realidade, e faz uma crítica a forma como o dinheiro interfere nas relações sociais, podendo ocasionar dilemas na vida dos indivíduos assim como também distúrbios neuróticos. Trata-se assim, de revisão bibliográfica seguida da análise de conteúdo. Dessa forma, utilizou-se como pressupostos teóricos, estudiosos da área da Literatura Comparada, como Borges (2007), Bosi (1997), Carvalhal (1991), Guyard (1957) Nitrini (2000) e outros teóricos como Barros (2015), Freud (2002), Machado (2004).
Palavras-chave: Dinheiro. Homem. Rato. Sociedade.

RESUMEN
Este estúdio tiene como objetivo hacer un análisis comparativo de la novela Os Ratos de Dyonélio Machado (1935), una de las obras más influyentes de la 2a generación del Modernismo, y el caso clínico O Homem dos Ratos de Sigmund Freud publicado en (1909). El texto propone una lectura comparativa entre ficción y realidad, y critica la forma en que el dinero interfiere en las relaciones sociales, lo que puede provocar dilemas en la vida de los individuos así como trastornos neuróticos. Se trata, por tanto, de una revisión bibliográfica seguida de un análisis de contenido. Así, se utilizó como supuestos teóricos, estudiosos del área de la Literatura Comparada, como Borges (2007), Bosi (1997), Carvalhal (1991), Guyard (1957) Nitrini (2000) y otros teóricos como Barros (2015), Freud (2002), Machado (2004).
Palabras clave: Dinero. Hombre. Ratón. Sociedad.

1 INTRODUÇÃO

O dialogo comparativo entre a obra ficcional de *Os Ratos* do escritor Dyonélio Machado (1935) e a análise do caso de Sigmund Freud (1909) em *O homem dos Ratos.* Aborda a reflexão cruel e crítica à forma como o dinheiro acabou se tornando o impulsionador das relações sociais, dominando de forma arbitraria o respeito, a moral e a ética, degradando-os de maneira despótica.

O referimento aos "Ratos" nas duas obras revela um drama psicológico entre o personagem Nazaizeno do romance de Dyonelio Machado (1935) e o paciente Länzer do caso de Freud (1909), é em suma, a conexão de duas dimensões extremas.

[136] Graduando do curso de Letras Português/ espanhol da Faculdade Pio Decimo. E-mail: brandon.fs@hotmail.com

Dessa forma, é importante observar que na literatura comparada o comparatista deve considerar fatos históricos relevantes, construir significado para a realidade por meio de comparações vistas sob o olhar de alguém que interpreta. Ou seja, aquele que faz a leitura, observa e consegue relacionar o que vive e mediando suas relações interculturais.

> O comparatista é o historiador das relações literárias. Logo, deve estar a par tanto quanto possível, das literaturas de diversos países: necessidade evidente. Ele deve ser capaz de as ler na sua língua original? A questão se coloca não só por causa do grande número de línguas e limites das forças humanas, mas, sobretudo por que, muitas vezes, as obras estrangeiras foram conhecidas e lidas, mesmo pelos escritores profissionais, apenas em tradução. (GUYARD, 1957, p.97)

Nesse sentido, Dyonélio Machado no romance *Os Ratos (1935),* começa a sua narrativa contando a história cotidiana do personagem Naziazeno Barbosa, funcionário público que acumula dívidas e se sente envergonhado com a cobrança dos seus credores e consequentemente com a insatisfação da sua mulher devido à situação que o casal e seu filho vêm passando em ocasião do endividamento.

O dilema do personagem Naziazeno, começa com a cobrança do leiteiro a sua mulher e a ameaça do mesmo de cortar o fornecimento, caso a dívida não seja paga no dia seguinte. A angústia da mulher Adelaide com a possibilidade do filho ficar sem o principal alimento causa desconforto e gera conflitos desesperadores em Naziazeno ao saber que tem apenas 24 horas para quitar a dívida.

Ao sair para trabalhar como todos os dias, Naziazeno pega o bonde e se depara com pessoas que não são de costume do seu percurso diário. Sente-se tranquilo no momento e descansa seu pensamento ao saber que ninguém o conhece e não sabe de sua vergonha, mas logo olha para o lado e percebe que seu vizinho estar lá com outro conhecido conversando e os seus pensamentos inquietantes voltam a perturbá-lo. "- *Não paga ninguém".*

Dyonelio Machado desenvolve a trama do seu protagonista nos fazendo refletir perfeitamente sobre as nossas rotinas diárias, o mundo em que estamos inseridos que contrasta brilhantemente com a mediocridade do personagem e as suas reviravoltas motivadas pelos seus pensamentos atormentadores, mediante os olhares alheios que causava a "falsa" impressão que todos sabiam dos seus problemas.

Os Ratos é um romance que retrata o meio urbano, e expressa à forma literária da realidade dos homens na inserção do modernismo no Brasil. As críticas e a problemática social no convívio político e social no desenrolar da trama, o personagem Nazaizeno representa a

realidade de grande parte da população brasileira que sofre desde os anos 1930 até os tempos atuais com a exclusão e a falta de recursos, seja pela falta de oportunidades ou pela antipatia em corresponder com uma sociedade contemporânea mobilizada pelo capitalismo.

A produção ficcional significativa de Dyonelio Machado e o relato de aspectos da realidade de Freud se entrecruzam em uma análise de pensamento histórico na literatura comparada. No relato do caso de Freud em *O homem dos Ratos*,

> o paciente prossegue revelando de modo indireto que as pessoas a serem afligidas pelo castigo seriam seu pai e a dama a quem admirava. A expressão dessa fantasia é seguida por uma reação de medo. Ele tenta se defender desses pensamentos e sentimentos que o tomavam dizendo que não eram seus, mas impostos de fora. "Essa é a maneira obsessiva de dar testemunho da existência do inconsciente como alteridade, e de tentar separar do amor o fundo de ódio que o sustenta" (Barros, 2015, p. 27).

Ainda segundo Barros (2015), Freud evidencia que o seu paciente que atendia pelo nome Länzer, confessa que se fosse sorteado na loteria iria se casar com uma senhorita a quem admitia ter uma grande admiração e sendo assim, escarraria em seu rosto. Freud indaga que isso aspira à vontade do analisante de tê-lo como sogro.

Em um período anterior, Länzer ao passar em frente ao edifício que Freud morava, se deparou com uma moça na sacada e acreditou que ela seria a filha do seu analista. Então, esse ocorrido resultou em um sonho, no qual vê essa jovem com dois pedaços de esterco nos olhos. Logo, a interpretação de Freud é que seu paciente não tinha a admiração pelos lindos olhos da sua filha, mas que o seu interesse é pelo dinheiro, que o seu analisante suspeite que tenha.

Por meio da transferência, Länzer deslocava o amor que sentia pela senhorita para a filha de Freud, na qual idealizava representar um partido rico e respeitável, requalificando novamente sua trama familiar.

Dessa forma, enxergamos nas duas obras a essência que nutre o universo e as consequências que fortalece essa pesquisa acerca da ficção do personagem Naziazeno e Länzer, paciente do caso real de Freud. A ficção que se passa em meados de 1930 no Brasil mais precisamente na cidade de Porto Alegre e o caso real do paciente de Freud na cidade de Viena na Áustria em 1906, inferi indagações sociais, urbanas, morais e humanas que constitui a literatura comparada uma distinta desafiadora das questões humanas.

> As narrativas passam a se preocupar muito mais com inquirições psicológicas, com complexos, com atitudes inesperadas e paralelamente a tudo isso, passa-se a uma maior preocupação com os espaços dos personagens. (BORGES FILHO, 2007, p. 13)

Enfim, o que se atina nessa dialogia dos “Ratos” são os traços do sistema capitalista que afeta o moderno e o alienante em uma tradução perfeita das neuroses do homem social.

2 DYONELIO MACHADO E A PSICANÁLISE DE FREUD

Viena 1906, capital do império Austro-húngaro antigo império europeu que abrangia a Áustria e a Hungria, ou o natural ou habitante desse império. Na tradicional cidade de Strauss, mulheres bonitas, soldados e Aristocratas, centro do surgimento da psicanalise. Foi nesse grande centro que Sigmund Freud um jovem médico começou a estudar os efeitos do inconsciente humano nas relações sociais.

A maior parte dos pacientes de Sigmund Freud pertencia à classe média vienense, seus problemas e comportamentos o levaram a crer que tanta debilidade estava secreta no inconsciente, e que são as experiências reprimidas que interferem nas causas das neuroses obsessivas acometidas durante o processo de desenvolvimento humano.

Na teoria de Freud (2002), a obsessão está permanentemente ligada a um ideal que se impõe realidade, um intermediário comando imperativo de ordem, subordinado a um comando de uma voz, de seu interior que fala com efeito de divisão subjetiva, de dúvida.

É necessário fazer cortes diante do contexto dos dois casos de obsessão, considerando que o obsessivo pode deixar em circunstância do seu pensamento situações que leve ao entendimento de uma piada. Ele é capaz de decifrar o que pensa e articular um sentido engraçado e prazeroso ao que se pensou. Ou seja, o obsessivo ouve os seus próprios pensamentos, ri de si mesmo e em seguida derrubar essa sensação de “prazer”.

Länzer paciente de Freud associava os ratos à punição dada pelo seu pai e o desejo de sua família em que ele casasse com uma prima rica de quem ele não gostava, pois sua vontade era de casar-se com uma outra senhorita a quem ele nutria sentimentos amorosos, porem teria que trabalhar muito para obter dinheiro e merecer se casar com quem ele amava.

O pensamento obsessivo de Länzer em ter a condição financeira e moral perante a sua família e a sociedade de casar-se com a senhorita chegara ao fim. A visão dos ratos era o ponto central da investigação de Freud para sequência de associações do paciente, pois os ratos tinham uma serie de significados: querer ganhar dinheiro para se casar com a moça que amava e ao mesmo tempo o desprezo pela sujeira que ele enxergava no capitalismo comparando os ratos aos seus conflitos vividos.

A leitura que se pode fazer da história que envolve a neurose obsessiva de Naziazeno em relação à psicanálise de Freud é exatamente ajustada a do seu paciente Länzer, em qual se adequa a lógica do dinheiro, baseadas no ânimo e nos sentimentos que trazem consigo, que se aliam as diferentes vivencias que tanto Naziazeno quanto Länzer trazem consigo.

A vida nas metrópoles é sem dúvida, propício para atrair o dinheiro e incrementar as divisões de privilégios, estimulando o indivíduo a se vê defrontado com as questões político-sociais, requer tanto do indivíduo que ele perde a capacidade de se adequar a uma liberdade individual. Se sentindo obrigado a satisfazer a opinião alheia acerca do seu bem estar financeiro.

Naziazeno, um funcionário público que trabalhava de maneira opressiva pelo sustento diário de sua esposa, Adelaide, e de seu filho. Preocupado em pagar uma dívida com o leiteiro passa o dia obcecado em busca do dinheiro para pagar essa dívida. Naziazeno insiste incansavelmente, com amigos, colegas e também com o jogo, conseguir o dinheiro.

Ao fim da narrativa, quando chega em casa, já é noite, depois de ter conseguido o dinheiro, Naziazeno passa por momentos de tormento, exausto sem conseguir repousar, ouvi ratos famintos prestes a devorar o dinheiro que estava destinado a pagar a dívida, que tivera deixado sobre a mesa.

Dyonelio Machado aponta *Os ratos* como resposta a sociedade em que esse personagem ficcional está inserido. Um cunho ilustrativo psicológico semelhante à de um animal pequeno que fareja atrás de migalhas de papel moeda, que traduz a subsistência da família desse personagem.

Para Bosi (1997), Dyonelio Machado tem descoberto os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances e personagens a gama de sentimentos que a vida urbana suscita no âmago da pessoa.

Dessa forma pode-se inferir que além dos ratos que irão lhe atormentar no fim da narrativa, Naziazeno se deixa dominar pela condição do leite que estará sendo negado ao seu filho. Refletimos dessa forma sobre como homens e ratos correlacionam situações similares.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos literários comparatistas colaboram decisivamente para traçar evoluções críticas e históricas que deixam de ser consideradas apenas como a acareação entre obras ou autores. Sendo a literatura comparada uma abordagem teórico-metodológica comprometida com as práticas históricas e sociais de investigação, que tem aprofundamento intertextualizado.

Dessa forma, investigar através da literatura comparada um mesmo problema em diferentes contextos, nos permite ampliar os horizontes do conhecimento literário ao mesmo tempo em que, pela avaliação contrastante, propicia a visão crítica das narrativas envolvidas, explorando questões literárias que exijam perspectivas amplas, proporcionando não só o conhecimento singular de cada texto.

A trama ficcional de Dyonelio Machado (1935) em Os *Ratos*, exibe uma crítica social delicada e eficiente sobre a história de um homem e seu drama para pagar uma dívida. A leitura do caso *O Homem dos Ratos* de Sigmund Freud (1909), nos revela a equivalência entre rato e dinheiro, como também o significado das relações sociais e o capitalismo que cerca o indivíduo no contexto de mundo que ele está inserido.

Sendo assim, este trabalho propôs em sua pesquisa bibliográfica, fazer uma análise comparativa que visa aprofundar um ponto de vista de aproximação entre a narrativa da realidade e a ficção, como se procurou demonstrar ao longo desse estudo.

REFERÊNCIAS

BARROS, R. **Compulsão e obsessão:** uma neurose de futuro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura:** introdução à topoanálise. Franca. Ribeirão: Gráfica e Editora, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARVALHAL, Tânia Franco**. Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

FREUD, S. **Notas sobre um caso de neurose obsessiva (O Homem dos Ratos)**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GUYARD, Marius-François; CARRÉ, Jean-Marie; BADOSA, Enrique. **La literatura comparada**. Vergara, 1957.

MACHADO, Dyonélio. **Os ratos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada:** história, teoria e crítica. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio. (org**). Profissão professor.** 2. ed. Porto: Ed. Porto, 2014.

POTENCIALIDADE DAS *SOFT SKILLS* PARA A APRENDIZAGEM ENVOLVENDO O BINÔMIO DOCENTE-DISCENTE

Marcela Montalvão Teti[137]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

RESUMO
O presente texto foi construído para compor o relatório referente às atividades de formação do Ciclo 01, do Programa de Formação Docente na Era Digital - 100% Virtual, do Grupo Tiradentes, agora apresentado no formato de artigo científico para a XIII Mostra Científica da Faculdade São Luís de França. Ele justifica as ações de algumas Oficinas relacionadas ao Eixo das Competências Socioemocionais. Tem o objetivo de propor que a formação docente na atualidade, deve ser continuada e volta para o desenvolvimento de *Soft Skills*. Para tanto, o texto expõe a concepção de *Lifelong Learning*, ou Mentalidade de Desenvolvimento Contínuo e propõe uma mudança atitudinal no desenvolvimento da carreira de professor, a fim de que este se adapte ao cenário da Educação atravessada pelas mudanças rápidas e complexas emergentes no século XXI.
Palavras-chave: Lifelong Learning. Atitude. Docência.

ABSTRACT
This text was written to compose a report referring to the training activities of Cycle 01, of the Programa de Formação Docente na Era Digital - 100% Virtual, of the Tiradentes Group, now presented in the format of a scientific article for the XIII Mostra Científica of the Faculdade São Luís de França. It justifies the actions of some workshops related to the Socioemotional Competencies Hub. It aims to propose that teacher training today should be continued and back to the development of soft skills. To this end, the texto exposes the concept of Lifelong Learning, os Continuous Development Mentality and proposes an attitudinal change in the development of the teaching career, so that it adapts to the Education scenario crossed by rapid and complex changes emerging in the 21th century.
Keyword/Mots clefs/Palabras clave/: Lifelong Learning. Atitud. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O atual cenário da vida impõe mudanças constantes a qualquer um que pretende se adaptar a ele. Para tanto, é preciso ter uma atitude de Aprendizado para Toda a Vida, ou seja, de *Lifelong Learning*. A partir desta postura, é possível perceber que almejar uma carreira de sucesso implica desenvolver *soft skills*. Habilidades técnicas (*hard skills*) orientam o seu perfil profissional no momento da aprendizagem. No entanto, é preciso paciência, empatia, autogestão e disposição para pensar diferente a fim de adaptar seu conhecimento a situações inovadoras e desafiantes.

[137] Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), psicóloga e professora de psicologia da Faculdade São Luís de França, membro do Núcleo de Desenvolvimento Docente, do Grupo Tiradentes (NDD-GT).. E-mail: <marcelateti@gmail.com>.

O presente texto foi construído para compor o relatório referente às atividades de formação do Ciclo 01, do Programa de Formação Docente na Era Digital - 100% Virtual, do Grupo Tiradentes[138], e nesta ocasião é apresentado no formato de artigo científico para a XIII Mostra Científica da Faculdade São Luís de França. Ele justifica as ações de algumas Oficinas relacionadas ao Eixo das Competências Socioemocionais.

2 "ESTAMOS TODOS IMPROVISANDO"

2.1 Pensar a Diferença

> Não me pergunte quem eu sou e não me diga para permanecer o mesmo. (FOUCAULT, 2008, p. 20)

O Século XXI trouxe muitas mudanças na nossa vida. Mudanças que foram benéficas, como o desenvolvimento tecnológico. Mudanças que nos pegaram de surpresa, fizeram com que desconfiássemos delas, mas que mostraram para nós outras formas de viver. Mas o mais importante: O passado não mais explica ou justifica exclusivamente o presente. Estamos diante de eventos que desconhecemos, jamais antes planejados por quem quer que seja e sem nenhum reportório na memória para buscar respostas. Ao mesmo tempo, nenhuma geração anterior a nossa sabe explicar o que nos acontece.

A todo o momento, "estamos todos improvisando". O conhecimento acerca do que nos acontece é produzido no momento mesmo em que acontece. Não cabe então, recorrer ao passado buscando respostas para o que nos acontece, mas sim pensar soluções a partir do que existe agora. Assim, é preciso pensar uma nova relação com a história, que não seja mais a busca da origem ou verdade sobre os problemas atuais, mas sim a possibilidade de reconhecer explicações para que nos distanciemos do passado a fim de que busquemos novos instrumentos que nos ajudem a conhecer o que precisamos agora.

Michel Foucault em *Nietzsche, a genealogia e a história* (FOUCAULT, 2004), questiona o modo como em geral fazemos história. Para ele, quando olhamos ao passado, buscamos a origem verdadeira do que nos acontece, por quê: É lá onde está a causa do presente. É também onde residiria a verdade. É lá onde estão as pessoas responsáveis pelos nossos problemas. No texto, ele desnaturaliza este hábito, contando como ele surgiu.

---

[138] A fim de subsidiar os trabalhos dos professores do Grupo Tiradentes, a Vice-presidência acadêmica em parceria com o NDD (Núcleo de Desenvolvimento Docente), construiu Ciclos de formação em 2020 nos eixos Pedagógico, Tecnológico e das Competências Socioemocionais. Como uma das psicólogas do NDD, fui escalada para realizar as Oficinas relacionadas ao terceiro eixo.

Sobre a origem da história, ele conta:

> [...] seu lugar é a Europa do séc. XIX: pátrias das misturas e das bastardias, época do homem-mistura. [...] temos diantes dos olhos cidades em ruínas e monumentos enigmáticos; detemo-nos diante das muralhas abertas; perguntamo-nos que deuses puderam habitar aqueles templos vazios; [...] o europeu não sabe quem ele é; ele ignora que raças se misturaram nele; ele procura que papel poderia ter; ele não tem individualidade. Compreende-se, portanto porquê o século XIX é espontaneamente historiador [...]. (FOUCAULT, 2004, p. 32)

Nos escritos de Michel Foucault, observamos uma história contada de forma diferente dos historiadores (FOUCAULT, 2007). Para ele não é importante sequenciar fatos, como numa evolução linear de acontecimentos. Ou ainda, enunciar eventos sociais como decorrentes da ação de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos, visto que, a história não é feita de datas e de heróis, mas sim de acontecimentos. A história contada por Foucault é a Genealógica (Foucault, 2004), a partir da qual, nós retornamos ao passado unicamente para entender o presente e poder modificá-lo, ou realizar o que ele chama de "ontologia histórica de nós mesmos" (FOUCAULT, 2007).

Gilles Deleuze tem uma percepção da filosofia um pouco parecida com a de Foucault. No entanto para ele, a história não deve ser recortada de um entendimento geográfico da mesma. Qualquer acontecimento, só pode ser narrado se pudermos fazer uma análise complexa da rede de relações presentes em um determinado campo de análise. O presente, portanto, será entendido a partir de uma análise "cartográfica" (DELEUZE & GUATTARI, 2011), de uma análise histórico-espacial dos acontecimentos. Pode-se afirmar que seria uma história de blocos de presente. Como afirma Machado (2020), o importante da filosofia deleuziana:

> [...] é o fato de ela se propor mais como uma geografia do que como uma história, isto é, o fato de ela considerar o pensamento não por intermédio de uma dimensão histórica linear e progressiva, mas privilegiando a constituição de espaços, de tipos não apenas heterogêneos, mas, sobretudo antagônicos. (MACHADO, 2020, s/p)

O pensamento para Deleuze não é, portanto fundado num encadeamento linear de acontecimentos, mas na combinação de diversos espaços. O passado linear e progressivo nos propõe um pensamento representação. O pensamento fundado numa geografia, por meio de combinação de pensamentos atuais é o que oportuniza a dimensão da diferença. Uma estratégia

para pensar o presente a partir do olhar da diferença é através da atitude de Lifelong Learning.

2.2 A importância de ter uma atitude de *Lifelong Learning*

> Vivemos em um mundo globalizado e multicultural (UNESCO, 2010). Não existem mais fronteiras e distâncias que resistam aos aparatos tecnológicos inventados para dissipá-las. Houve um longo percurso até que a globalização transformasse o acesso à informação, à cultura bem como a relação entre as pessoas de um modo expressivo. Hoje, ser cidadão global é um desafio que requer a habilidade de transitar em espaços físicos ou virtuais distintos, encontrar o nosso lugar no mundo, saber comunicar-se por meio de diferentes línguas, mídias e máquinas, reconhecer e respeitar culturas outras e o principal: sem apagar a nossa própria identidade. (CELANI e BARROS, 2016, p. 44)

O termo *Lifelong Learning*, trata-se de um conceito que aponta para o aprendizado ao longo da vida. Ele "recupera o sentido humanista da educação" (CRUZ, p. 160). Implica dizer que para sobreviver num mundo tão inovador, multicultural e globalizado, é necessário estar preparado para aprender e se desenvolver constantemente. Como afirma Lira (2020), "fica fácil perceber que o lifelong learning vai muito além da graduação. A aprendizagem precisa ser encarada como um processo sem fim: nenhum diploma, por mais requisitado que seja, pode encerrar a sua jornada de desenvolvimento".

A perspectiva de uma aprendizagem continuada é proposta inicialmente no ano de 1972, quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apresenta Relatório Faure que propõe uma Educação diferenciada, sinalizando um marco para a história do pensamento. Em 2010, o Relatório Delors (UNESCO, 2010) expande os estudos realizados pelo Relatório Faure e estabelece o princípio da educação ao longo da vida como diretriz a ser seguida e disseminada no campo da Educação.

No entanto, a pergunta que fica é o que iremos aprender: Existe algum conteúdo que podemos assimilar que vai nos salvar para problemas no decorrer dos próximos anos?

2.3 Desenvolvimento de *soft skills* para a aprendizagem do século XXI

> Na era da transformação digital, o mundo do trabalho passou e ainda passa por profundas mudanças. Os avanços constantes da tecnologia, ferramentas e modelos de negócios aliados ao avanço da inteligência artificial impactam diretamente no mercado de trabalho – sejam nas organizações ou na formação do profissional do futuro. Mas quais são as características essenciais para um bom desempenho do trabalho?

(PETERSEN, 2020)

Uma das coisas mais importantes que iremos aprender é que no século XXI os conteúdos atitudinais são mais importantes, ou vêm antes de quaisquer outros conteúdos. *Soft Skills*, também chamadas de habilidades sutis, comportamentais, ou ainda "transversais" (SWIATKIEWICZ, 2014) se diferenciam das *hard skills* e num mundo de constantes mudanças elas precisam ser desenvolvidas, por qualquer profissional que queira se destacar no mercado de trabalho. Aliás, quanto maior proximidade os cargos têm da função de liderança, maior o uso de soft skills. De acordo com Swiatkiewicz (2014), tais habilidades são necessárias para quem quer alcançar o sucesso profissional. No entanto, como diferenciar as hards skills das soft skills?

Hard Skills são também chamadas de habilidades técnicas, ou habilidades especializadas. Alguns exemplos são: operação de máquinas, uso habilidoso de software de pesquisa, ou conhecimento específico de uma determinada área de atuação (COSTA, 2020). Elas podem ser aprendidas em cursos universitários, cursos técnicos, workshops, experiências de trabalho ou mesmo procedimentos administrativos. Tais conhecimentos específicos são necessários para se conseguir trabalho, no entanto não são garantia de que se vá tornar um excelente trabalhador ou um líder que se destaque no mercado.

Soft Skills podem ser consideradas habilidades gerais, humanas, "competências necessárias para conseguir e manter o trabalho/emprego" (SWIATKIEWICZ, 2014). Elas não têm relação com o que se aprender em um curso de formação, ou por meio de estudo, mas são traços de personalidade, temperamento, preferências, ferramentas que ajudam as pessoas a atingir o seu potencial de forma segura e plena. As competências interpessoais podem ser aprendidas, desenvolvidas, mas em geral isso demora mais que as competências técnicas. De acordo com Costa (2020), é muito mais difícil transformar um gestor agressivo em líder carismático do que ensinar um profissional a aprender as ferramentas de edição de vídeo. Mas por que desenvolver soft skills é considerado tarefa importante?

De acordo com estudo realizado pelo *CareerBuilder*, "77% das empresas acreditam que as habilidades sociais são tão importantes quanto às técnicas no dia a dia de trabalho" (COSTA, 2020). Isso porque é a presença de *Soft Skills* que vão indicar se um profissional sabe lidar com problemas e pressões do cotidiano organizacional. Quando se tem desenvolvidas habilidades voltadas à empatia, à liderança, o engajamento profissional ocorre de forma natural e é possível se manter bem emocionalmente em qualquer situação. Aliás, em um mundo que muda

rapidamente, multicultural, para ser desejável, o profissional deve saber administrar as suas emoções e a dos outros com quem trabalha e interage.

Segue lista com as 10 principais *Soft Skills* mais importantes para o mundo do trabalho:

- **Comunicação** - Habilidade de dialogar.
- **Liderança** - Inspirar funcionários, inspirar pessoas.
- **Flexibilidade e resiliência** - Capacidade de se adaptar.
- **Trabalho em equipe** - Cooperar com os colegas.
- **Criatividade** - Aprender soluções diferentes.
- **Proatividade** - Arregar as mangas
- **Empatia** - aprender a se colocar no lugar do outro
- **Ética no trabalho** - Comprometer-se com as regras da empresa
- **Pensamento crítico** - Questionar métodos, buscar novas saídas.
- **Atitude positiva** - Focar mais nos acertos do que nos erros.

2.4 Ferramentas para o ensino no século XXI

A partir do exposto, percebe-se que a educação do século XXI precisa estar atravessada pelo conceito de soft skills. Mais do que saber fazer algo, a atualidade impõe mudanças nos modos de pensar, de se relacionar, na forma de compreender o outro. Diante das mudanças bruscas, o profissional sem paciência, sem empatia, habilidade de se comunicar ou mesmo de liderar, não terá tanto espaço no mercado de trabalho. E esta realidade se vê na atividade docente. Para o professor conseguir ser efetivo em sala de aula, deve entender seus alunos, motivá-los, inspirá-los ao trabalho, ensiná-los a serem rápidos criativos e protagonistas.

Soft skills são preponderantes também para se capacitar continuamente. As mudanças por que passamos nas primeiras décadas do século XXI, orientam que *soft skills* sejam desenvolvidas para que novas *hard skills* sejam aprendidas. Tanto habilidades técnicas como comportamentais são necessárias do mundo do trabalho, no entanto as primeiras estão fadadas a serem ultrapassadas, de tempos em tempos, sendo necessário humildade e postura de aprendizagem diante das novas exigências de mercado.

Assim, o trabalho de desenvolvimento de *soft skills* associados à atitude de aprendizado para toda da vida, *lifelong learning*, traz para o profissional a possibilidade de estar se revendo, se atualizando a todo o momento. Ou seja, coloca para ele a necessidade de constatar que o seu

aprendizado do passado não mais legitima sua função no presente, e que o seu sucesso depende da capacidade de se colocar constantemente como objeto de seu próprio trabalho, a fim de modificar-se de se conceber como um sujeito diferente. Seria possível dizer com, Michel Foucault, que se tornar um profissional bem sucedido na atualidade, seria o exercício de fazer da própria vida uma "arte da existência". De acordo com o autor, tal arte exige:

> [...] práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a critérios de estilo. (FOUCAULT, 2007, p. 15).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo como se propôs a refletir sobre o tempo atual. Destacou que o conhecimento que se tem ou que se constituiu até o momento presente não mais explica o que acontece ou o que vai acontecer. Para tanto, é necessário desenvolver uma atitude de desenvolvimento contínuo, ou de formação continuada. No mundo atual, é preciso fazer a diferença. E, pensando nisso é que foi proposto o desenvolvimento de *soft skills,* visto que este saber mais do que o conhecimento formal, irá perdurar. Além disso, em um contexto de muitas mudanças, nem sempre positivas, é mister desenvolver prudência, paciência, automotivação, disciplina e liderança. O novo normal e consequentemente a docência, devem ser pensados a partir dos fortalecimentos de interações, de parcerias, solidariedades, fortalecimento de equipes, a fim de que as relações sejam mais humanas e favoreçam o cuidado de si e dos outros.

REFERÊNCIAS

Celani, M. A. A. & Barros, A. F. **Educação ao longo da vida:** Um caminho possível para desatar os nós da atuação docente. The Especialist. São Paulo, 37(2): 43-55, 2016.

Costa, D. ***Soft skills*:** saiba como avaliar em uma entrevista de emprego. *GUPY.* 2020. Disponível em: <https://www.gupy.io/blog/soft-skills>. Acesso em: 1 out.2020.

Cruz, C. R. da **A educação ao longo da vida:** Novas perspectivas para pensar o processo educativo. SABERES, Natal-RN, v. 1, n.10, nov/2014, p. 155-162.

Deleuze, G. & Guattari. **Mil Platôs:** Capitalismo e esquizofrenia. 2 vol. São Paulo: Ed. 34, 2011.

Delors, J. *et al*. **Educação:** Um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez Editora/Brasília: UNESCO, 1996.

Foucault, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: Machado, R. (Org). **Microfísica do poder.** Edições Graal, p. 15-37, 2004.

Foucault, M. **História da Sexualidade II:** O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

Foucault, M. **Arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
Lira, P. **Você já ouviu falar em *Lifelong Leaning*? Entenda este conceito.** HSM Manegement., 2020. Disponível em: <https://www.revistahsm.com.br/post/voce-ja-ouviu-falar-em-lifelong-learning-entenda-esse-conceito>. Acesso em: 4 out.2020.

Machado, R. **Uma geografia da diferença.** Cult., 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-geografia-da-diferenca/>. Acesso em: 29 set.2020.

Swiatkiewicz, O. **Competências transversais, técnicas ou morais:** um estudo exploratório sobre as competências dos trabalhadores que as organizações em Portugal mais valorizam. *Cad. EBAPE.BR*, v. 12, nº 3, artigo 7, Rio de Janeiro, p. 663–687, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v12n3/v12n3a08.pdf>. Acesso em: 1 out.2020.

AS TENDÊNCIAS DA AGROECOLOGIA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM NÍVEL SUPERIOR

Reuel Machado Leite[139]
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo[140]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

RESUMO

Atualmente no Brasil há uma diversidade de perspectivas a respeito da agroecologia. Este quadro de debate ainda aberto no país, tem implicações diretas quanto à formação profissional dos alunos e alunas, ao passo que os cursos de Nível Superior precisam adotar uma perspectiva de agroecologia. A disputa entre teórico-política em torno da agroecologia se caracteriza, de um lado, por aqueles que se valem do entendimento de que o agronegócio é uma totalidade que abriga a categoria socioprofissional agricultor familiar, que aqui estamos chamando de PCA. E por outro, aqueles que reconhecem o campesinato enquanto um sujeito social, histórico e cultural central no âmbito de um projeto de soberania camponesa por meio da agroecologia. Portanto, objetivamos a análise da matriz teórica do curso de Agroecologia de nível superior do Instituto Federal de Sergipe (IFS), presento no seu Projeto Pedagógico (PP). Para tal, nos valemos de uma metodologia qualitativa de caráter bibliográfico a partir de diferentes aportes como agroecologia: Altieri (2012), Gliessman (2002), Fabrini (2018), Guzmán, (2011); Norder *et al.* (2016); educação: Freire (2005), Libâneo (2005) e Meszáros (2004); Currículo: Silva (2010) e o escrutínio do PP do IFS.
Palavras-chave: Agroecologia. Currículo. Formação profissional.

ABSTRACT

Currently in Brazil there is a diversity of perspectives regarding agroecology. This framework of debate, still open in the country, has direct implications for the professional training of male and female students, while Higher Education courses need to adopt an agroecology perspective. The theoretical-political dispute around agroecology is characterized on the one hand by those who use the understanding that agribusiness is a totality that houses the socio-professional family farmer category, which we are here calling PCA. On the other hand, those who recognize the peasantry as a central social, historical and cultural subject within the scope of a peasant sovereignty project through agroecology. Therefore, we aim to analyze the theoretical matrix of the higher level Agroecology course at the Federal Institute of Sergipe (IFS), present in its Pedagogical Project (PP). For this, we use a qualitative methodology of bibliographic character from different contributions such as agroecology: Altieri (2012), Gliessman (2002), Fabrini (2018), Guzmán, (2011); Norder et al. (2016); education: Freire (2005), Libâneo (2005) and Meszáros (2004); Curriculum: Silva (2010) and the IFS PP scrutiny.
Keyword: Agroecology. Curriculum. Professional qualification.

[139] Mestre em Geografia pela Universidade Federal em Sergipe (UFS). Licenciado em Geografia pela Universidade Federal em Sergipe (UFS). Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França (FSLF). E-mail: reuelmachadoleite@gmail.com.

[140] Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)**;** Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins (FAJAR)**;** Graduado em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França (FSLF)**;** Graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: professor.matheus.luamm@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Às primeiras duas décadas do século XXI foram marcadas pelo crescimento de cursos de Agroecologia, por meio de diferentes processos de criação. Hora demandado por movimentos sociais do campo, hora pelo próprio Estado para suprir a necessidade de formação profissional das populações camponesas (BALLA; MASSUKADO; PIMENTEL, 2014). Além desta diversidade constitutiva dos cursos, há também diferentes formas de se pensar a Agroecologia, desde aquelas com um enfoque mais técnico-profissional voltado a auxiliar o manejo ecológico dos sistemas agrários, às concepções que a pensa como uma estratégia de superação do atual sistema agroalimentar.

Nesta direção, achamos salutar a análise da matriz teórica do curso de Agroecologia de nível superior do Instituto Federal de Sergipe, presento no seu Projeto Pedagógico (PP) (IFS, 2015). A partir do escrutínio destes elementos, buscamos chegar à compreensão da seguinte questão: qual sujeito social e qual Agroecologia querem se construir no curso de Agroecologia do IFS? Não obstante, a preocupação que subjaz esta questão é a formação dos alunos e alunas do referido curso.

Como parâmetro geral de nossa metodologia, temos na pesquisa qualitativa um ponto de referência, esta perspectiva não trata os processos sociais, o conhecimento e o ser humano como algo isolado e nega a neutralidade científica (TRIVIÑOS, 1992). Fazendo uma análise desde a sociologia, Martins (2004) afirma que na prática de pesquisa desta ciência "[...] não é possível ignorar a influência da posição, da história biográfica, da educação, interesses e preconceitos do pesquisador" (p. 292).

Além disto, a pesquisa qualitativa vai à busca da análise do desenvolvimento dos processos, para compreender suas relações, seus aspectos evolutivos e suas forças decisivas de manutenção do seu desenrolar (Ibidem). Para chegar aos objetivos de nossa pesquisa, nossa metodologia deverá se constituir primeiramente de uma revisão bibliográfica. Segundo Gil (1999), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao pesquisador uma cobertura ampla de fenômenos, mais ampla do que se poderia pesquisar diretamente.

Segundo Gil (1999), ainda na revisão bibliográfica, utilizaremos também da pesquisa documental, e se trata fundamentalmente das contribuições de vários autores sobre determinado assunto, porém ela se apoia em materiais que ainda não receberam um tratamento analítico. Para tal, utilizaremos o Projeto Político do Curso superior em Agroecologia do Instituto Federal de Sergipe.

2 AGROECOLOGIA E O DEBATE ACADÊMICO

Feita às devidas considerações a respeito de nosso conceito de agroecologia, podemos problematizar como se estabelece a discussão atual sobre o tema e suas implicações. A agroecologia surgiu nos anos 1980 (CAPORAL; PETERSEN, 2011) como um esforço de síntese tanto das agriculturas ancestrais: indígenas, tradicional camponesa e quilombolas; quanto das agriculturas alternativas: biodinâmica, sintrópica, natural, orgânica, permacultural, agroflorestal e etc. Seja esta concebida como ciência e/ou movimento social, ela é um espaço de produção e de troca de conhecimentos onde o campesinato é seu sujeito social e político central (GUZMÁN, 2011).

No âmbito acadêmico, há aqueles que afirmam seu caráter científico, que busca subsidiar o manejo ecológico de agroecossistemas, preocupados principalmente com a produção/circulação de alimentos em escala local e regional. Esta perspectiva possui como principais representantes, Altieri (2012), Gliessman (2002) e Caporal (2009). Para Gliessman (2002), a Agroecologia deriva da junção da ecologia com a agronomia, e é vista como uma ciência. Ela é definida como a aplicação de conceitos e princípios ecológicos para o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis. Segundo Gliessman (2002), um agroecossistema é um lugar de produção agrícola, como uma fazenda, por exemplo, visto como um ecossistema.

O objetivo da agroecologia é prover o conhecimento e a metodologia necessária para desenvolver uma agricultura que seja ambientalmente adequada, altamente produtiva e economicamente viável (GLIESSMAN, 2002). E propõe eliminar a distinção entre a geração do conhecimento e sua aplicação, bem como, valorizar o conhecimento local e empírico dos agricultores. E pare, além disso, compartilhar o conhecimento agroecológico e promover sua aplicação, tendo em vista o objetivo comum da sustentabilidade.

A ciência agroecologia é definida por Altieri (2012) como um estudo holístico. Sua preocupação está voltada para a forma, a dinâmica e a função de suas inter-relações e dos processos que as envolvem. Têm objetivos que vão além da mera substituição de insumos: as interações biológicas e sinergismos que ocorrem entre os componentes biológicos do agroecossistema promovem mecanismos onde o próprio sistema subsidie a fertilidade do solo, sua produtividade e a sanidade dos cultivos (ALTIERI, 2012).

Para Caporal (2009) a Agroecologia se consolida como enfoque científico na medida em que este novo paradigma se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores (CAPORAL, 2009), isto permitiria o desenho de agroecossistemas sustentáveis e de um desenvolvimento rural mais humanizado.

Portanto, o autor em tela deixa evidente seu enfoque científico, holístico, multidisciplinar, transdisciplinar, interdisciplinar, onde aliam dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais.

Para Petersen *et al*. (2017) a única forma de superar o mecanicismo da perspectiva técnico econômica é a compreensão da atividade agrícola como um processo econômico-ecológico. A agroecologia seria, não obstante, o enfoque científico capaz de responder as demandas agroalimentares atuais e futuras. E o agroecossistema é entendido pelos autores como uma unidade econômico-ecológica contextualizada em territórios, esta compreensão dialoga com teorias críticas da Economia Ecológica, Política e Feminista.

Estas concepções de agroecologia possuem como características comuns uma preocupação com a criação de alternativas ao modelo do agronegócio desde a escala local e regional. Uma crítica à ciência mecanicista a partir do método sistêmico e holístico. E embora não haja uma compreensão da realidade a partir da totalidade, assentada na análise da questão agrária, fundamentada no desenvolvimento desigual, contraditório e combinado do capitalismo no campo (FERNANDES, 2013; OLIVEIRA, 1981; 2007, MARTINS, 1983), há uma preocupação com a autonomia dos territórios e da territorialidade do campesinato e povos tradicionais. Em outras palavras, se inscrevem num projeto de soberania dos camponeses e das camponesas.

> Entretanto, embora críticos ao paradigma mecanicista na agroecologia, tais autores pressupõem o método sistêmico e holístico, o que se aproxima a um mecanismo na apreensão e interpretação da realidade, ou seja, um todo formado a partir das diferentes partes. Nesse sentido, há que atentar-se à perspectiva de totalidade e sua lógica contraditória e desigual, o que se constitui em instrumental analítico mais adequado do que sistêmico e holístico para interpretação da realidade numa perspectiva de base agroecológica.
> [...] Embora hegemonizada pelo enfoque sustentável, a agroecologia é parte da consciência política, soberania dos camponeses e estratégia de luta e enfrentamento ao modelo hegemônico de agricultura expresso no agronegócio que faz dos recursos naturais uma mercadoria. O "projeto agroecológico" se inscreve na construção de uma sociedade igualitária, solidária, em que o objetivo geral é a emancipação humana e não a subordinação ao lucro. (FABRINI, 2018, p. 71-72)

Além da perspectiva já assinalada, a agroecologia também é debatida por aqueles que buscam alternativas no interior dos mercados capitalistas. Desta forma, para Abramovay (2000) a agroecologia significa fazer do agricultor familiar o sujeito social de construção de um novo modo de relação entre sociedade e natureza e ao mesmo tempo deve preocupar-se com a geração de renda. É uma disciplina de caráter cognitivo e emancipador, ou seja, é uma ciência que

envolve um processo de construção social. Mas sugere que os agricultores familiares que a praticam se voltem "a *atividades ligadas a mercados dinâmicos*, de qualidade e capazes de valorizar os atributos territoriais de suas regiões" (ABRAMOVAY, 2000, p. 176).

No entanto, para Finatto (2010), o processo de valorização da agroecologia é inerente ao próprio desenvolvimento do capitalismo, induzindo a demanda por alimentos orgânicos, pois "é ele que sustenta e permite a manutenção desta forma de produção alternativa de agricultura" (FINATTO, 2010, p. 36). Nesta mesma direção, Porto (2011) coloca que apesar da agroecologia possuir práticas que se contrapõem ao sistema capitalista, os processos de mudança são gestados em seu âmbito. O que essas duas perspectivas apontam, portanto, é uma reconfiguração tecnológica e social da agricultura familiar por meio da agroecologia, que não prevê a superação das relações sociais de produção e circulação capitalistas no campo, mas são ao contrário, induzidas por elas.

Este debate tem por base a matriz metodológica chamada Paradigma Capitalismo Agrário (PCA). O PCA ganha força, sobretudo no Brasil nos anos de 1990 com a vulgarização do conceito de agricultura familiar. No Brasil, este conceito foi consagrado pela criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) em 1996, resultado da pressão dos movimentos sociais do campo, sobretudo da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) (PEREIRA; ALENTEJANO, 2014).

A difusão do conceito de agricultura familiar reconfigurou o debate sobre as políticas públicas no campo, encaminhado na direção de questões como a produção, comercialização, crédito, agroindustrialização e cooperativismo. Todos estes apartados de questões estruturais tais como a reforma agrária, que perde centralidade no âmbito do movimento sindical (PEREIRA; ALENTEJANO, 2014). Ademais, o conceito de agricultura familiar adquire caráter de identidade política para as políticas públicas e se transforma em substrato para análises do mundo rural. O que, não obstante, acarreta na negação do conceito de campesinato e sua natureza histórico política.

2.1 Delimitando nossas referências de educação

Conjuntamente com a crescente desvalorização da escola pública, ao passo que a educação privada emerge prioritária, a educação transformada em mercadoria passa a ter um valor de mercado. Para PONTUSCHKA (2000) a educação pública deve ser analisada desde o contexto do neoliberalismo. E afirma que o ensino público deve ser valorizado, não

escamoteando suas contradições, mas o tendo como espaço de possibilidades, de transformações. Neste sentido, esta autora explica que para entender esta realidade deve-se fazer:

> Em primeiro lugar, uma discussão sobre o momento histórico que o Brasil vive no campo da "política" neoliberal (que, felizmente, hoje já vem sendo contestada, até mesmo em países do centro do capitalismo, como os Estados Unidos), mas que interfere profundamente na política educacional. No centro dessa política está a tentativa de transformar também a educação em mercadoria, determinando que a escola pública seja destinada àqueles que não podem pagar e a escola particular para os estratos aquinhoados da população. (PONTUSCHKA, 2000, p. 149)

Não há como pensar a educação desvinculada do metabolismo social construído pelo modo de produção, pois como afirma Libâneo (2005) o processo educativo é produto do desenvolvimento social e determinado pelas relações sociais. Ou seja, a educação - e aqui nos debruçamos sobre a educação formal - acaba funcionando como ideologia, representando os interesses da classe dominante. O Estado utiliza a política educacional por ele gerida para legitimar as relações sociais vigentes, uma vez que:

> A educação institucionalizada [...] serviu ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva do sistema em expansão do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes. (MÉSZÁROS, 2005)

A educação é um fenômeno social que está vinculado ao desenvolvimento das forças produtivas e, dessa forma, não é algo estático, mas sim um acontecimento sempre em formação. A educação funciona como instrumento legitimador das relações sociais de produção. Os falseamentos criados pela educação servem ao processo de internalização de condutas e expectativas criadas pelo sistema social-metabólico do capital e à produção de conformidade/consenso. Ainda que saibamos das limitações do processo educativo não podemos compactuar com práticas que alimentem a exploração do homem pelo homem. Segundo MÉSZÁROS (2005, p.56) "necessitamos, então, urgentemente, de uma atividade de contra-internalização". Este modelo de educação, que engendrada alunos e alunas passivos, que aceitam a realidade como tal, é chamada por Paulo Freire de educação bancária:

> Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam [...] Arquivados, porque, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber

> [...] Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. (FREIRE, 2005, p. 67)

Para Freire (2005) o educador na concepção bancária seria o sujeito e os educando objetos, que transmitiria uma experiência um conteúdo, que em suas palavras não é uma saber que parte de uma “experiência feita”, mas uma experiência transmitida ou narrada. Para este educador, o professor precisa ser um educador-educando e os alunos educando-educador, numa perspectiva onde o conhecimento é construído com os sujeitos envolvidos no processo de conhecer, e o mundo seria um mediato.

Tendo em vista uma perspectiva de Educação crítica, o currículo se impõe como um elemento chave para superar o ensino mnemônico. Às teorias tradicionais do currículo estavam centradas principalmente em elementos técnicos, uma vez que o papel deste estaria ligado à reprodução da ordem social vigente (SILVA, 2010). Portanto, tendo em vista o que até debatemos, o currículo deve se pautar numa mirada que rompa com a reprodutibilidade da ideologia capitalista, bem como se centre no contexto social e cultural dos sujeitos da educação, ou seja, dos alunos e alunas.

> Os modelos tradicionais de currículo restringiam-se à atividade técnica de *como fazer* o currículo. As teorias críticas sobre o currículo, em contraste, começam por colocar em questão precisamente os pressupostos dos presentes arranjos sociais e educacionais. As teorias críticas desconfiam do *status quo*, responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais. As teorias tradicionais eram teorias de aceitação, ajuste e adaptação. As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical. Para as teorias críticas o importante não é desenvolver técnicas de *como fazer* o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam compreender o que o currículo *faz.* (SILVA, 2010, p. 30)

Ao passo que a agroecologia se institucionaliza enquanto ciência, abrindo nas últimas décadas dezenas de cursos em nível técnico, superior e de pós-graduação (NORDER *et* al., 2016), se faz necessário uma análise dos seus currículos. Entender o conceito de agroecologia plasmado no currículo nos faz compreender qual estudante está sendo formado. Quais compromissos profissionais e políticos destes, o currículo, em seu conteúdo, reproduzem um modelo de sociabilidade e uma ideologia, uma vez que a nossa sociedade é clivada pela desigualdade entre classes.

2.2 O curso de agroecologia do ifs: qual agroecologia?

O conceito de agroecologia utilizado pelo Projeto Pedagógico (PP) do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Sergipe (IFS) tem um enfoque científico, com foco no desenvolvimento rural e sustentável, tendo a Ecologia como disciplina central para promover o (re)desenho dos sistema agrários. A equidade social e a perspectiva do desenvolvimento local também são importantes para esta perspectiva, bem como a relação entre o conhecimento dos camponeses e o científico. Neste sentido, o curso tem por objetivo formar tecnólogos em agroecologia que sejam capazes engendrar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, de forma crítica e hábil na resolução de problemas, principalmente aqueles ligados a agricultura familiar.

> A importância econômica da agricultura familiar pode ser entendida através dos resultados apresentados por Guilhoto e colaboradores (2000)**,** seus dados indicaram que ao longo do período de 1995 a 2005, o segmento familiar do agronegócio brasileiro respondeu por cerca de 10% do PIB brasileiro, parcela bastante expressiva, considerando que a participação do agronegócio situa-se ao redor de 30% do PIB da economia brasileira. Enquanto o PIB do Brasil teve um crescimento acumulado de quase 24% atingindo ao redor de 1,9 trilhões de reais, em 2005 a evolução do agronegócio familiar foi inferior, com um aumento de pouco mais de 15%. Ainda, a participação do setor agropecuário familiar em si (setor agrícola: 18% e pecuário: 15%) para a formação do agronegócio familiar é maior do que no sistema patronal (setor agrícola 16% e pecuário 9%). (IFS, 2015, p. 6)

E sobre este último conceito, cabe uma reflexão importante, o IFS vale-se de um entendimento de que o agronegócio é uma totalidade que abriga a categoria socioprofissional agricultor familiar, que se aproxima do que chamamos de Paradigma do Capitalismo Agrário (PCA). Este difere da perspectiva que entende o campesinato enquanto um sujeito social, histórico e cultural central no âmbito de um projeto de mudança radical das relações de produção e de vida no campo, tendo em vista a soberania camponesa, tratada em seção anterior.

Norder *et al.* (2016) atesta a pluralidade de conceitos na agroecologia, e que esta, pensada enquanto disciplina acadêmica se fortalece nesta diversidade. E desta forma, defende que para garantir o caráter universalista que uma ciência requer, é necessário que a mesma abranja desde perspectivas que a entendam como um movimento social camponês, à aquelas que visam sua sujeição a agricultura capitalista. O que, devemos salientar, retiraria do campesinato o protagonismo político. Esse caráter plural garantiria, segundo os autores e

autoras, uma formação profissional abrangente e diversa, permitindo inclusive diferentes espaços no mercado de trabalho, não limitados, portanto, a atuação junto a agricultura familiar.

Em que pese o salutar questionamento dos autores e autoras citados em tela, esta perspectiva da um passo além no sentido de subordinar a agroecologia ao agronegócio. Estes confundem a necessidade de um estudo crítico e amplo, com a mudança do compromisso social da agroecologia. No nosso entender uma coisa não anula a outra, do contrário, imaginemos que área como Serviço Social passasse a atender pessoas abastadas e que não precisam do auxílio do Estado, seria um contrassenso basilar. Em suma, ter uma formação ampla e crítica não solapa o compromisso social de uma determinada área do conhecimento.

Historicamente a agroecologia tem sido construída pelos, por e para os camponeses e camponesas, tendo em vista seus sistemas agrários. Pensar cursos de formação superior que subordinem a agroecologia ao agronegócio, e vendo como parte integrante do seu projeto ou voltada diretamente a ele, vai de encontro a um projeto de soberania do campesinato.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agroecologia é plural, é um campo de debate que teve várias contribuições, sendo até abraçada pelo Estado (à revelia do atual desmonte das políticas pública voltada a sua promoção). No entanto, a agroecologia tem um compromisso político claro: construir um projeto de soberania dos territórios camponeses. Seria um contrassenso, que setores como agricultura capitalista e o agronegócio, que possui capital e espaço amplo nas universidades, galgasse um campo do conhecimento construído ao longo décadas ao lado de camponeses e camponeses. Estas perspectivas têm como ponto de partida que o agronegócio é uma totalidade, e a agroecologia deveria ser engolida por seu rolo compressor monopolista.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **A rede, os nós, as teias:** tecnologias alternativas na agricultura. Revista de administração pública, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 159-177, nov/dez, 2000.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia:** bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

BALLA, João V. Q.; MASSUKADO, Luciana M.; PIMENTEL, Vania C. **Panorama dos cursos de agroecologia no Brasil**. Revista Brasileira de Agroecologia, vol. 9 n. 2, p. 3–14, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Decreto N° 7794, de 20 de agosto de 2012. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 ago. de 2012.

BRASIL. Câmara interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica. **Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, 2013**. Ministério do Desenvolvimento Social, CIAPO, Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Câmara interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica. **Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, 2016.** Ministério do Desenvolvimento Social, CIAPO, Brasília, DF, 2016.

CAPORAL, Francisco R.; PETERSEN, Paulo. **Agroecologia e políticas públicas na América Latina**: o caso do Brasil. Agroecología, Múrcia, v. 6, p. 63-74, 2011.

FABRINI, João E. **A agroecologia e a teoria do valor-trabalho**. Revista Pegada, Presidente Prudente, vol. 19, n. 2, p. 57-83, mai/ago, 2018.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária**: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico. Tese (Livre-Docência em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Presidente Prudente, 2013.

FINATTO, Roberto Antônio. **As transformações no espaço rural e a emergência da agricultura familiar de base agroecológica –** Pelotas/RS. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2010.

FONSECA, Maria Fernanda de Albuquerque Costa. **A Institucionalização do Mercado de Orgânicos no Mundo e no Brasil**: uma interpretação. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LA VIA CAMPESINA. **Soberania alimentaria YA!:** una guia por la soberanía alimentaria. Bruxelas: European Coordination Via Campesina, 2018. Disponível em: <https://viacampesina.org/en/wp-content/uploads/sites/2/2018/02/Food-Sovereignty-a-guide-ES-version-low-res.pdf>. Acesso em: 21 fev.2020.

LIBÂNEO, José Carlos. Os significados da educação, modalidades de prática educvativa e a organização do sitema educacional. In: **Pedagodia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: procesos ecologicos en agricultura sostenible. CATIE: Turrialba - C.R., 2002.

GONÇALVES, Sérgio. **Campesinato, resistência e emancipação**: o modelo agroecológico adotado pelo MST no Estado do Paraná. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita" (UNESP), Presidente Prudente, 2008.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. ***Sobre los orígenes de la agroecología en el pensamento marxista y libertário***. La Paz: AGRUCO / Plural editores / CDE / NCCR, 2011.

IFS, Instituto Federal de Sergipe. **Resolução nº 60/2015/CS/IFS**. Aracaju, SE, 2015.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes:** a economia vulgar. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise no Brasil agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.

MÉSZÁROS, István**. A Educação para além do capital.** Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOURA, Iracema Ferreira. **Agroecologia na agenda brasileira:** trajetórias no período 2003-2014. Tese (Doutorado Políticas Públicas Comparadas) – Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Rio de Janeiro, 2016.

NORDER, Luiz Antonio *et al*. **Agroecologia**: polissemia, pluralismo e controvérsia. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 1-20, jul/set, 2016.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Agricultura e indústria no Brasil.** Boletim Paulista de Geografia, Nº 58, São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, set. 1981, p. 5-64.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção capitalista, agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

PEREIRA, João Márcio Mendes; ALENTEJANO, Paulo. *El agro brasileño: de la modernización conservadora a la hegemonía del agronegocio.* In*:* ALMEYRA, Guillermo *et al.* ***Capitalismo tierra y poder en América Latina (1982-2012)***. D.F. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2014. v. 1. p. 63-136.

PETERSEN, P. *et al.* **Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas**. Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia e AS-PTA, 2017.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia, representações sociais e escola pública**. Terra Livre, nº 15, ano 2000; p. 145-154.

PORTO, Carmen Rejane Pacheco. **Reinvenção espacial:** agroecologia e turismo – sustentabilidade ou insustentabilidade? Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, Laiany Rose Souza. **O território camponês sob o enfoque de gênero:** a divisão sexual do trabalho e a agroecologia. Dissertações (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SILVA, José Graziano da. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas: Unicamp, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Marcelo L. Território da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. **Território e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular, 2009. p. 57-72.

DA FUNÇÃO ÉTICA E MORAL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA À CONTRIBUIÇÃO PROFISSIONAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO SER

Matheus Luamm Santos Formiga Bispo[141]
Paulo Roberto Santos Junior[142]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

RESUMO
A presente pesquisa tem como principal objetivo investigar as possíveis correlações existentes entre a conduta ética e moral empregada pelo professor de Matemática da Educação Básica e as suas respectivas contribuições no processo de constituição do ser. Aponta a inconteste relevância ética e moral do professor de Matemática da Educação Básica para a construção de uma conjuntura social cada vez mais humanizada. Identifica o valor da Matemática Básica para a melhor formação do ser humano e observa a fulcral importância do planejamento e da avaliação escolares para o melhor encaminhamento dos processos de ensino-aprendizagem matemáticos. Compõe-se de uma pesquisa bibliográfica, do tipo explicativa e de abordagem qualitativa. Dentre outros, destacam-se os seguintes autores: Antunes (2012; 2013), Carvalho (2011), Cortella (2014; 2015), D'Ambrosio (2009), Luckesi (2008) e Selbach *et al.* (2010). Denota a íntegra conexão existente entre o oportuno olhar e exercer pedagógicos concretizados pelo educador de Matemática na ambiência escolar e o propício fomento de convenientes estratégias de ensino necessárias para o efetivo progresso de seus alunos. Conclui-se a imprescindibilidade da presença de um íntegro educador – em especial, o de Matemática – para que a escola consiga, assim, implementar a sua precípua missão, ou seja, as legítimas buscas pela excelência no ensino e por aprendizagens cada vez mais significativas.
Palavras-chave: Aprendizagem. Ensino. Ética. Matemática. Moral.

ABSTRACT
This research has as main objective to investigate the possible correlations existing between the ethical and moral conduct employed by the Basic Education Mathematics teacher and their respective contributions in the process of constitution of the being. It points to the uncontested ethical and moral relevance of the Basic Education Mathematics teacher for the construction of an increasingly humanized social context. It identifies the value of Basic Mathematics for the better formation of the human being and observes the central importance of school planning and assessment for the better routing of mathematical teaching-learning processes. It is composed of a bibliographic research, of the explanatory type and of qualitative approach. Among others, the following authors stand out: Antunes (2012; 2013), Carvalho (2011), Cortella (2014; 2015), D'Ambrosio (2009), Luckesi (2008) and Selbach et al. (2010). It denotes the integral connection that exists between the opportune look and the pedagogical practice achieved by the Mathematics educator in the school environment and the favorable promotion of convenient teaching strategies necessary for the effective progress of his students. It is concluded that the presence of an integral educator is essential - in particular, that of

[141] Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)**;** Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins (FAJAR)**;** Graduado em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França (FSLF)**;** Graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: professor.matheus.luamm@gmail.com
[142] Especialista em Metodologia do Ensino d Matemática pela Faculdade São Luís de França (FSLF)**;** Graduado em Matemática pela Universidade Tiradentes (UNIT). E-mail: pr.junior1988@gmail.com.

Mathematics - so that the school can thus implement its main mission, that is, the legitimate search for excellence in teaching and for increasingly significant learning.
Keyword: Learning. Teaching. Ethic. Mathematics. Moral.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Cortella (2015, p. 105), "ética é o que marca a fronteira da nossa convivência". Dito de outro modo, seja com outros povos, em seus múltiplos ambientes culturais, inclusive os de âmbitos pedagógicos, seja com as demais relações de vida conjunta é, simplesmente, inconcebível se falar em ética, sem antes não ponderarmos as nossas perspectivas de convivência, tais como: capacidades de decisão, de avaliação e de julgamento. Platão, por sua vez, estipulou uma concepção de filosofia na qual o conhecimento que se procura produzir não se constitui somente num saber que se esgota em si mesmo, direcionado, assim, para o "simplório" conhecer, mas sim, como sendo, exatamente, o mais sensato procedimento para melhor discernir e compreender aqueles princípios gerais fundamentais, os únicos que podem promover o bem-estar do homem, tanto na vida privada como na vida pública.

Desse modo, a ética platônica – que traz Sócrates na obra "A República" como sendo um de seus porta-vozes – compõe-se, assim, numa ética da observação e respeito à supremacia do Bem, da Justiça e da Beleza, como entidades independentes (WILLIGES, 2019). A Filosofia, por sua vez, alcançaria seu legítimo valor, somente a partir do instante em que esta passasse a cumprir, de fato, para com a sua precípua missão, isto é, a íntegra condução da alma humana rumo ao conhecimento do Ser, sua Realidade permanente (WILLIGES, 2019).

Assim, enquanto a ética representa o acervo de princípios e de valores de comportamento que um indivíduo ou certo agrupamento de indivíduos dispõe para, assim, poder "responder as três grandes perguntas da vida humana: Quero? Devo? Posso?", a moral, por sua vez, constitui a prática da resposta. Isto é, a moral exprime o empreendimento da conduta diária humana, também denominada de conduta moral, encontrando exatamente na ética os princípios que irão nortear a sua lídima consecução. Neste sentido, tem-se que do ponto de vista teórico, ética e moral são a mesma coisa. Estão conexas. (CORTELLA, 2015).

Dentro da contextura atrelada à Educação Básica, sabe-se que a escola é (ou ao menos, deveria sê-lo) o legítimo espaço "onde as pessoas aprendem e se transformam, lugar onde os professores criam, recriam e se realizam. Ambiente onde a informação se transforma em conhecimento. Usina onde se forja a sabedoria" (ANTUNES, 2013, p. 21). Isto é, a escola constitui o âmbito fulcral para que o discente – presente/futuro cidadão – comece a perceber,

de maneira mais analítica em sua memória, o real significado dos principais conceitos das normas e valores oriundos do cabível acervo pedagógico desenvolvido por seus professores, a fim de melhor instruí-lo, acerca do seu efetivo papel no tocante à construção de sua própria história e da humanidade.

A Matemática, por sua vez, corresponde à área do saber que analisa as diversas associações existentes entre entidades definidas e abstratas, indicando, assim, as múltiplas direções da lógica e do plausível desenvolvimento do raciocínio humano. Ou seja, a Matemática exprime a íntegra instrumentalização do raciocínio abstrato do indivíduo (educando), obtendo-se, assim, a plena sistematização de medidas, quantidades, espaços, alternância e padronização de seus símbolos, sempre em prol da efetiva resolução de problemas de ordem cotidiana e/ou de natureza técnico-científica.

A par disso, a questão central do estudo em análise consiste em correlacionar a parcela de responsabilidade ética e moral cabível a todo genuíno professor de Matemática da Educação Básica no tocante a consecução de efetivos instantes de ensino-aprendizagens intrínsecos a esta Ciência. Desse modo, indaga-se: até que ponto o modo como um professor de Matemática da Educação Básica enxerga, compreende e, principalmente, exerce a sua conduta educativa no espaço escolar pode influenciar para a conveniente promoção de instantes de ensino-aprendizagens cada vez mais íntegros e aprimorados?

Assim sendo, o objetivo geral deste estudo é investigar as possíveis correlações existentes entre a conduta ética e moral empregada pelo professor de Matemática da Educação Básica e as suas respectivas contribuições no processo de constituição do ser. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: apontar a inconteste relevância ética e moral do professor de Matemática da Educação Básica para a construção de uma conjuntura social cada vez mais humanizada; reconhecer o substancial valor da Matemática Básica para a melhor formação do ser humano e observar a fulcral importância do planejamento e da avaliação escolares para o melhor encaminhamento dos processos de ensino-aprendizagem matemáticos.

Para viabilizar a realização do estudo em análise, efetua-se uma pesquisa de natureza de resumo de assuntos, com objetivo explicativo, abordagem qualitativa constituída por procedimentos bibliográficos, destacando-se os seguintes teóricos: Antunes (2012; 2013), Carvalho (2011), Cortella (2014), D'Ambrosio (2009), Luckesi (2008) e Selbach *et al.* (2010).

A par disso, o estudo em questão justifica-se pelos diversos questionamentos que boa parte dos alunos da Educação Básica, muitas das vezes, nos fazem acerca do efetivo valor de se estudar e de se aprender bem a Matemática, mesmo muitos deles não tendo, a princípio, o legítimo interesse em seguir uma carreira profissional, aonde por ventura, esta disciplina lhes

seja, de fato, um elemento proeminente. Aliado a isto, determinadas concepções equivocadas que boa parte da conjuntura social tem acerca do que venha a ser, verdadeiramente, um apropriado saber matemático, tais como: algo exaustivo, desprezível e, extremamente, desinteressante, designado, portanto, a somente um seleto, restrito e privilegiado grupo de indivíduos e de que para se tornar, deveras, um eficaz professor de Matemática, bastaria tão somente ser alguém detentor de um razoável conhecimento teórico relativo a esta ciência, despertaram também o interesse do autor pela realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

2 ÉTICA E MORAL NA FORMAÇÃO DOCENTE

Considerando a significativa abrangência do que pode ser entendido como ética, moral e docência, a presente seção busca abordar a função ética e moral do professor de matemática da educação básica enquanto contribuição profissional no processo de formação do ser. Para tanto, a mesma encontra-se fragmentada em três subseções, sendo que a primeira delas busca descrever os fins da educação tanto no contexto global, como no âmbito escolar, além de verificar a parcela de responsabilidade (ética e moral) cabível a todo genuíno professor de Matemática da Educação Básica para a conveniente promoção de instantes de ensino-aprendizagens cada vez mais íntegros e aprimorados.

E a segunda subseção, por sua vez, objetiva reconhecer e valorizar a fulcral relevância da construção e da consecução de um efetivo conhecimento e em especial, do conhecimento matemático, a fim de que o ser humano busque alcançar, deveras, cada vez mais a sua integralidade. Dito de outro modo é “o ser [substantivo] humano procurando ser [verbo] humano.” (D’AMBRÓSIO, 2009, p. 11).

2.1 O valor ético e moral do professor de matemática

A educação, de acordo com Luckesi (2008) representa o modo pelo qual as diferentes nações se constituem e se desenvolvem cultural e espiritualmente, com resultantes materiais. D’Ambrósio (2009) também endossa esta mesma linha de raciocínio, ao proferir que compreende a educação como sendo um mecanismo de incentivo à melhor promoção tanto pessoal, como comunitária, elaborada por determinados agrupamentos culturais, cujo objetivo principal é o de se preservarem como tal, além é claro, de progredirem também, na preservação do efetivo atendimento de premências de manutenção da vida e da sua transcendência.

Já com relação à Educação Escolar, conforme denota Luckesi (2008) convém mencionar que esta corresponde a uma instância educativa que lida com o desenvolvimento do discente, estando sempre atenta às cabíveis competências e habilidades cognoscitivas, assim como da íntegra produção de convicções a serem, devidamente, disponibilizadas e exercidas por todos os seus integrantes, desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental, até chegar ao Ensino Médio.

Não obstante, como bem assevera Nóvoa (1999), ao passo que as sociedades, principalmente a partir do século XX, passaram a assimilar e a admitir uma percepção muito mais concebível acerca do efetivo valor da educação, tais povos foram também renunciando (e, infelizmente, não raro, ainda o fazem) das suas responsabilidades educativas. A esse respeito, o referido autor, afirma que:

> os pais que exigem à escola a defesa dos valores, da tolerância e do diálogo, reclamando mesmo a restauração da ordem e de normas de disciplina [...] são os mesmos pais que deixam os filhos ver filmes ou divertirem-se com jogos para computador de extrema violência. (NÓVOA, 1999, p. 17)

Ou seja, as atribuições excessivas que, lamentavelmente, uma parcela da sociedade, incluindo muitos pais, ainda insiste em delegar, como sendo, encargos de cunho apenas pedagógicos, tais como: a formação e o resguardo de oportunos e íntegros princípios éticos e morais que sejam, de fato, elementos proeminentes para a efetiva composição do seu acervo de condutas aceitáveis diárias, no qual para "muitos daqueles [...] cabe constitucionalmente a tarefa de proteger a Justiça, a Democracia e a Cidadania", acabam justamente por fraturar "a honradez e a legitimidade social, impondo", assim, "mais do que uma ilusão de ótica, uma ilusão de ética". Afinal de contas, nunca é demais rememorar que responsabilidade social não é encargo exclusivo da escola, também o é "dos governos, [...] da sociedade, do empresário, do cidadão em geral" (CORTELLA, 2014, p. 63-66).

Portanto, tem-se que a "escola e os professores não podem colmatar", jamais, da "ausência de outras instâncias sociais e familiares no processo de educar as gerações mais novas" (NÓVOA, 1999, p. 16). Posto isto, à escola competirá a cabível promoção das competências e habilidades cognoscitivas do aluno, através da adequada articulação de suas capacidades, tais como: capacidades de análise, compreensão, síntese, superação, comparação, apreciação, escolha, decisão etc..., para com os principais conhecimentos científicos, hábitos e

convicções do viver, que já foram e que ainda continuam sendo desenvolvidos e instituídos pelo homem, no decurso de sua história[143].

Mas, como ponderam Selbach, Turella, Rossi *et al*. (2010), será mesmo possível ajudar os alunos a aprimorarem uma consciência cada vez mais efetiva acerca de certos valores, sem, contudo, precisar renegar da explanação de determinados temas que, invariavelmente, todo educador de Matemática costuma ser cobrado e avaliado? De aceitarem, assim, vivenciar, de fato, uma legítima intenção "ética" de se usufruir a vida? Seria mesmo tal intento possível, ou o ensino de valores seria uma propriedade exclusiva de determinadas disciplinas, tais como Ensino Religioso e/ou Filosofia, com as quais os educadores de Matemática não teriam em nada com o que se envolver e/ou se preocupar?

Destarte, conforme evidenciam Selbach, Turella, Rossi *et al*. (2010), discente algum detém em seu mecanismo hereditário, a percepção do entendimento matemático acima mencionado, abrangendo, assim, no conteúdo que se aprenda a pertinente existência de um viés conceitual que possa se vincular, deveras, a efetiva consecução de um conseguir realizar e de um passar a ser "mais" justamente em razão de ter se alcançado, de fato, a conveniente e imprescindível capacidade de se saber pensar.

Com isso, cabe e muito salientar que não se propõe aqui a supressão do uso da remetida lição em sala de aula, nem tampouco a deletéria eliminação do trinômio do 2º grau das ementas escolares, "mas sim que se use um tempo em mostrar, criticamente, as coisas feias que se faz com ele e destacar as coisas lindas que se pode fazer com ele" (D'AMBRÓSIO, 2009, p. 13). A propósito, ainda de acordo com D'Ambrósio (2009), um exemplo de um ser que se tornou, extraordinariamente, apto a empreender a Matemática como sendo um magnífico instrumento de princípios superiores de moral, de amor e de respeito ao próximo, foi Malba Tahan.

Assim, tão importante quanto à efetiva compreensão pelo aluno das diretrizes que regem o trinômio do 2º grau é fazê-lo refletir acerca do reconhecimento e da legitimidade, por parte daqueles que justificam uma ominosa conjuntura de coisas, tais como: o extermínio de milhares de indivíduos, a destruição de "suas casas e templos, [...] árvores e animais que estejam por perto", a contaminação de "qualquer lagoa ou rio que esteja nos arredores" ser algo, impreterivelmente, necessário, posto que, para eles, como bem destaca D'Ambrósio (2009, p. 12-13), o alvo da sua bomba destrutora, seja, categórica e simplesmente, aquele indivíduo que

[143] Aliás, como revelam Selbach, Turella, Rossi *et al*. (2010), importa também ressaltar que a legítima escola, mesmo reconhecendo os inúmeros obstáculos e desafios, muitos dos quais, constituídos não só por diversas e execráveis ordens, mas também por variadas e não raras vezes, imorais grandezas, detém, em seu cerne, uma conjuntura que é essencialmente socializadora.

não professe seguir o mesmo credo religioso que o seu, ou que não seja correligionário dos ideais referentes ao seu elegido partido político, que "atreva-se" a torcer por um time diferente do seu, ou que possua a cor de pele, ou uma "língua", divergentes da sua.

Não obstante, Selbach, Turella, Rossi *et al*. (2010) acentuam que a tarefa conjunta abrangendo conteúdos e valores não somente é possível e desejável, como também que diversos educadores, em qualquer tipo de aula ou escola, em variados ambientes, já o realizam com certa frequência. A propósito, ainda em referência ao frugal exemplo da correlação existente entre o trinômio do 2º grau e a paz, importa salientar, tal como indica D'Ambrósio (2009), que aquele serviu apenas de gancho, e que o efetivo combate à relevância tão funesta que se demonstrou ter de algo tão pujante e expressivo como é o caso do trinômio do 2º grau revela, tão somente, mais uma das, dentre tantas, inconcussas responsabilidades, inerentes a todo fidedigno educador que, deliberadamente, opte por trabalhar para com essa ciência.

Por último, mas não menos importante, convém frisar, que "é pura ingenuidade atribuir apenas a disciplinas específicas a preocupação com a formação do aluno, como também é ingênua a ideia de que somente com a Biologia é que se aprende a viver", uma vez que, "todo professor é, em essência, um educador, é um arquiteto de amanhãs e se recusar a ajudar o aluno na identificação de valores a perseguir, está deixando de cumprir sua razão ética ao ensinar" (SELBACH; TURELLA; ROSSI *et al*., 2010, p. 66).

2.2 A matemática e seus valores

D'Ambrósio (2009) define a matemática como sendo um recurso elaborado pelos seres humanos no decurso de sua existência para elucidar, compreender, conduzir e coexistir com a vivência significativa, compreensível e com a imaginação, obviamente, inserido em um determinado enquadramento natural e cultural. Já reconhecidamente existente no quotidiano de todos e em diversas situações, a Matemática, representa um corpo de conhecimentos sistematizados e, desse modo, fortemente, vivo (SELBACH; TURELLA; ROSSI *et al*., 2010).

Antunes (2012) também corrobora desta mesma percepção ao afirmar que qualquer aspiração de um cálculo numérico, todo apelo para um empenho criativo que vise conduzir certo indivíduo a alcançar corpos e formas geométricas no espaço, qualquer proximidade com ideias de quantidade, causa e consequência, toda capacidade de utilização de símbolos abstratos para simbolizar algo tangível, qualquer atividade que comporte ideias de proporção, grandeza, quantidade, massa, volume, peso ou outros, cuja demonstração representativa seja o número ou

termos que destes resultem, são práticas que integram, assim, ações que são, essencialmente, lógico-matemáticas.

Contudo, segundo Luckesi (2008), convém mencionar que os conhecimentos, de forma geral, nasceram de premências e dificuldades próprias que os indivíduos vieram e vêm lidando no decorrer de sua história, nos mais diversificados ambientes geográficos, sociológicos e psicológicos. Destarte, ainda em consonância com o referido autor, pode-se depreender que ao elaborar o conhecimento, o homem foi se moldando efetivamente capaz em melhor assimilar a realidade, bem como em operar e conviver de modo mais admissível no interior desta.

Dentro da conjuntura Matemática, cabe destacar que o próprio significado da raiz etimológica do termo Etnomatemática, por exemplo, só respalda ainda mais, esta forma de enxergar e de compreender o efetivo conhecimento, seja este matemático ou não, como sendo o âmago da postura comportamental, ou tão somente da conduta humana, na busca por uma interação cada vez mais íntegra (humanizada), do homem para com o seu meio ambiente, natural e sociocultural.

A par disso, Lucchesi (2011), enfatiza que, em se tratando de formação matemática, principalmente, se esta estiver referindo-se ao contexto da Educação Básica, importa perceber e evidenciar que não se compreende a Matemática (em termos de resolução de problemas) para se solucionar problemas, e, sim, se compreende Matemática solucionando problemas. Mas, evidentemente, ao empreendê-lo, não é defendido aqui, o simples uso pelo professor de matemática, de qualquer espécie de problema, desprovida, assim, de qualquer tipo de criticidade, contextualização e/ou interdisciplinaridade, ou menos ainda, da ausência de um planejamento e de uma avaliação, devidamente, elaborados e adaptados para o nível atual de capacidades e de necessidades de assimilação e de aprendizagens efetivas por parte dos seus alunos.

Desse modo, cada escolha de sua conduta profissional empreendida terá de estar, desta maneira, fortemente, manifestada e determinada por uma finalidade nítida e compreensível do que está se executando e para onde, teoricamente, se está direcionando as respostas de sua ação (LUCKESI, 2008). Nesse sentido, Selbach, Turella, Rossi *et al*. (2010) salientam que se leciona Matemática para que o discente desvende e melhor compreenda os parâmetros de classificação, seriação e ordenação, porém para que também perceba, reconheça e deduza o âmago e a ordenação dos sistemas de numeração, note e assuma a fulcral significância do sistema monetário e que melhor correlacione a percepção de somar, multiplicar, subtrair e dividir com noções que alcancem não só um melhor viver, mas também, principalmente, um melhor conviver.

Ainda de acordo com Selbach, Turella, Rossi *et al.* (2010) se leciona Matemática para que o discente saiba também identificar as possíveis semelhanças e distinções existentes entre as figuras espaciais e planas, por meio do propício reconhecimento de objetos situados no espaço, como também para que se faça uso, em seus quotidianos, da conceituação de frações, através da efetiva aplicabilidade dos seus algoritmos, na resolução de desafios matemáticos inerentes a cada instante.

Posto isto, quando um aluno, por exemplo, reproduz a definição do Teorema de Pitágoras – "O quadrado da medida da Hipotenusa é igual à soma dos quadrados das medidas dos Catetos" (GIOVANNI; CASTRUCCI; GIOVANNI JR., 2002, p. 225) – de modo, tão somente instintivo, não compreendendo, desse modo, o que venha a ser cada um desses elementos, ele, de acordo com Luckesi (2008) estará exercendo, meramente, a aprendizagem reflexa, entendendo por aprendizagem reflexa, como sendo a simples retenção pelo discente de conhecimentos em sua memória, sem, entretanto, jamais vir a lhe ocorrer, deveras, a adequada percepção de suas ideias.

Desse modo, depreende-se que "ensinar Matemática é fazer do aluno um ser plenamente envolvido em seu tempo e com uma capacidade de leitura coerente com seu mundo" (SELBACH; TURELLA; ROSSI *et al*., 2010, p. 40). D'Ambrósio (2009, p. 119) também reconhece e legitima este mesmo tipo entendimento ao admitir que "isto é aprendizagem por excelência, isto é, a capacidade de explicar, de apreender e compreender, de enfrentar, criticamente, situações novas". Posto isto, pode-se deduzir também que compreender bem Matemática, em especial, dentro da contextura atrelada à Educação Básica, passa, assim, por muito além, da mera aquisição de um reles domínio de suas técnicas e/ou de suas habilidades, bem como, da frugal memorização de algumas parcas explicações e/ou de teorias pertinentes a essa ciência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos objetivos propostos na presente pesquisa e considerando que uma significativa parcela da conjuntura social exprimia determinadas – e legítimas – reflexões acerca do efetivo valor de estudar e de aprender bem a Matemática, como também das possíveis contribuições desta no tocante ao axiomático processo de constituição do ser foi possível concluir que todo docente que se apercebe como, de fato, um legítimo educador, sempre reconhecerá o efetivo valor da sua atividade e da sua relevância, no tocante ao desenvolvimento dos primordiais processos cognitivo, emocional e psicomotor de seus educandos.

Quanto à relevância ética e moral do professor de Matemática da Educação Básica para a construção de uma conjuntura social cada vez mais humanizada, constatou-se que um autêntico educador é aquele que procura incutir em seus alunos adequadas ponderações acerca dos conhecimentos ministrados por ele, ao longo de todas suas aulas, a fim de que tais competências e habilidades instiguem os seus educandos a buscar compor, gradativa e sistematicamente, um presente/futuro tanto mais íntegro quanto aprimorado.

No tocante a busca pelo reconhecimento do substancial valor da Matemática Básica para a melhor formação do ser humano, demonstrou-se também, que através do uso de cabíveis encaminhamentos em prol da construção de um bem fundamentado raciocínio lógico-matemático, o individuo passa a deter a plena instrumentalização do seu entendimento abstrato, alcançando, assim, o desejável propósito teórico para a edificação de soluções cada vez mais factíveis.

Portanto, afirma-se a hipótese segundo a qual, por mais que se reconheça e que se legitime o educando como sendo, de fato, o eixo do processo de aprendizagem e de ensino, nem a ingente (e digna) curiosidade de aprender por parte de um discente, nem os métodos e princípios próprios de toda e qualquer escola serão, em tempo algum, elementos suficientes para a efetivação da "conduta didática perfeita", uma vez que esta se fundamenta na intermediação de um autêntico professor, através, dentre outros, da cabível aplicabilidade do processo de ensinagem.

Assim sendo, ao longo do desenvolvimento da pesquisa em análise pôde-se ratificar a confirmação da premissa acima elencada, posto que, foi-se demonstrado que sem a presença de um profícuo educador, em particular, o de Matemática, não há como se esperar cumprir, jamais, dentro da ambiência escolar, o precípuo propósito constituinte relativo a toda lídima instituição de ensino que se preze, ou seja, as efetivas buscas pela excelência no ensino e por aprendizagens cada vez mais significativas.

Desse modo, pôde-se constatar a íntima correlação existente entre a maneira como o professor de Matemática da Educação Básica enxerga, compreende e, principalmente, exerce a sua conduta educativa no espaço escolar – enquanto íntegro processo de criação e assimilação ativas da Cultura – e o melhor incentivo à promoção dos cabíveis encaminhamentos (estratégias de ensino) necessários para efetivo progressivo das competências e habilidades intrínsecas a seus alunos respondendo, assim, o problema apontado no trabalho em questão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Inteligências Múltiplas e seus jogos:** inteligência lógico-matemática, 4. ed. Vol. 6. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ANTUNES. **Professores ou Professauros? Qualidade e Progresso ou estagnação e retrocesso:** em breves palavras. Rio de Janeiro: Rovelle, 2013.

CARVALHO, Dione Lucchesi de. **Metodologia do ensino de matemática.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Pensatas pedagógicas:** nós e a escola: agonias e alegrias. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CORTELLA. **Qual é a tua obra? :** inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação matemática:** Da teoria à prática. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

GIOVANNI, José Ruy; CASTRUCCI, Benedito; GIOVANNI JR, José Ruy. **A conquista da matemática 8:** a + nova. São Paulo: FTD, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

NÓVOA, Antônio. **Os Professores na Virada do Milênio:** do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1/v25n1a02.pdf. Acesso em: 28 set.2020.

SELBACH, Simone *et al*. **Matemática e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WILLIGES, Flávio. **Platão e Iris Murdoch**: O Bem, o Amor e a retomada da ética das virtudes antiga na filosofia moral britânica. Rev. Archai, n. 26, Brasília, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/archai/n26/1984-249X-archai-26-e02603.pdf. Acesso em: 01 out.2020.

ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE PELAS LENTES DA PEDAGOGIA MONTESSORIANA

Matheus Luamm Santos Formiga Bispo[144]
Christiane Lucas Santos[145]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

RESUMO
O artigo relata como consiste a didática no Ensino de História através da Pedagogia Montessoriana. O objetivo é proporcionar conhecimentos sobre a base filosófica, didática e metodológica dessa pedagogia. Mostrando a base dos pilares educacionais montessoriano através da autoeducação, da educação cósmica, da educação como ciência, do ambiente e do adulto preparado, do professor acompanhador e de ser uma criança equilibrada. A Pedagogia Montessoriana consiste em harmonizar a interação de forças corporais e espirituais, corpo, inteligência e a liberdade do aluno. Partindo do princípio de que todas as crianças; tem capacidade de aprender, através de um processo que deve ser desenvolvido, espontaneamente, a partir das experiências efetuadas no ambiente, que deve estar organizado para proporcionar a manifestação dos interesses naturais da criança, estimulando a capacidade de aprender fazendo e a experimentação da criança, respeitando fatores como tempo e ritmo, personalidade, liberdade e individualidade. A pesquisa tem cunho bibliográfico por meio de autores, como: Barros (2005) Hofstatter (2012), Lagôa (1981), Machado (1986), Montessori (2004), Oliveira (2010), Otto (2012) e Rodrigues (2017).
Palavras-chave: Criança. Ensino de História. Pedagogia Montessoriana.

ABSTRACT
The article reports how didactics in History Teaching through Montessori Pedagogy consist. The objective is to provide knowledge about the philosophical, didactic and methodological basis of this pedagogy. Showing the basis of Montessori educational pillars through self-education, cosmic education, education as science, the environment and the prepared adult, the accompanying teacher and being a balanced child. Montessori Pedagogy consists of harmonizing the interaction of bodily and spiritual forces, body, intelligence and the student's freedom. Assuming that all children; has the capacity to learn, through a process that must be developed, spontaneously, from the experiences carried out in the environment, which must be organized to provide the expression of the child's natural interests, stimulating the ability to learn by doing and the child's experimentation, respecting factors such as time and rhythm, personality, freedom and individuality. The research has a bibliographic nature through authors, such as: Barros (2005) Hofstatter (2012), Lagôa (1981), Machado (1986), Montessori (2004), Oliveira (2010), Otto (2012) and Rodrigues (2017).
Keyword: Child. History teaching. Montessori Pedagogy.

[144] Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)**;** Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins (FAJAR)**;** Graduado em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França (FSLF)**;** Graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: professor.matheus.luamm@gmail.com.
[145] Especialista em Didática e metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França (FSLF). Graduada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo (FDP). E-mail: louro2018cris@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se à didática usada no Ensino de História através da Pedagogia Montessoriana. Essa pedagogia foi criada pela educadora, médica psiquiatra italiana Maria Tecla Artemisia Montessori (nascida 31 de Agosto de 1870 em Chiaravalle, na Itália e morreu 06 de maio de 1952 em Noordwijk, Países Baixos), foi mãe de único filho chamado Mario Montessori; autora de vários livros que divulgou seu método no mundo, foi uma estudiosa e pesquisadora importante para a educação mundial, no decorrer do artigo veremos a base teórica, prática montessoriana e sua didática no Ensino de História.

A Pedagogia Montessoriana consiste na harmonização de forças corporais e espirituais, do corpo, da inteligência e da vontade do aluno. Seus princípios fundamentais são atividades, a individualidade e a liberdade onde a criança é o centro e o professor o acompanhador do processo do aprendizado. (HOFSTATTER,2012).

A Didática Montessoriana no Ensino de História propõem que os alunos, gradativamente, poderão ampliar a compreensão de sua realidade, especialmente confrontando-a e relacionando-a com outras realidades históricas, podendo assim fazer suas escolhas e estabelecer critérios para orientar suas ações, entendendo a Educação Cósmica no seu dia a dia.

O objetivo desse artigo é proporcionar conhecimentos sobre a base filosófica e metodológica que oriente o professor e o aluno pelo Sistema Montessori. Mostrando a sua eficácia no ensino-aprendizagem, incentivando o desenvolvimento, o potencial criativo, um bom interrelacionamento, harmonização, liberdade e individualidade do aluno consigo e com a sociedade.

O professor nesse método tem o papel de guia e acompanhador, não impondo ou ditando o quê e como deve ser apreendido. Mesmo que algumas crianças tenham dificuldades de se adaptar a esse método, o professor tem que buscar estratégias e recursos para obter bons resultados para a criança criar interesse. (HOFSTATTER, 2012).

A metodologia montessoriana tem como base teórica e prática, proporcionando um ambiente adequado de materiais e mobílias que o aluno possa se desenvolver pelos seus próprios esforços, no seu ritmo e seguindo seus interesses. Sendo assim, o ensino de história é conduzido ao aluno de forma estimulada, onde sua imaginação evidencia que tudo no universo tem sua tarefa e que o ser humano deve ser consciente de seu papel na manutenção e melhora do mundo; não ficando preso á datas, acontecimentos e ao tradicionalismo. No método montessoriano as avaliações são realizadas para todas as tarefas, portanto, não existem provas formais, reconhecimentos exteriores, o maior prêmio é o “Aprender. (HOFSTATTER, 2012).

2 A PEDAGOGIA MONTESSORIANA E O ENSINO DE HISTÓRIA

2.1 Maria Montessori

Essa pedagogia foi criada por Maria Tecla Artemisia Montessori, nascida em 31 de agosto de 1870 em Chiaravalle, Itália e morreu 06 de Maio de 1952 em Noordwijk, Países Baixos. Tornou-se médica e a primeira mulher a se formar em medicina na Universidade de Roma. Depois de formada, não podia exercer, pois na época não se admitia uma mulher examinar o corpo de um homem. Então iniciou um trabalho com crianças com necessidades especiais e escrevendo diversos livros que divulgou seu método no mundo.

Ao longo de doze anos, Maria Montessori trabalhou como professora auxiliar na Clínica Psiquiátrica da Universidade de Roma. Essa experiência abriu caminho para sua pedagogia científica: a questão dos deficientes era mais pedagógica do que médica, o que fez voltar-se á aplicação de uma pedagogia ativa e transformadora nessas crianças para melhor ajudá- las. Nos estudos sobre educação especial teve influência de Edouard Séguin e de Jean Itard, os quais sugerem técnicas de ensino para diferentes níveis de crianças deficientes. É por essa influência e experiência que dá início aquilo que se tornou parte de seu método de ensino (HOFSTATTER, 2012).

Por se interessar pela filosofia, cursos de psicologia experimental e de antropologia pedagógica, assumiu a cátedra de Antropologia Pedagógica na Universidade de Roma. Em 1906, foi convidada por uma empresa de construção civil de prédios para as classes populares, para tomar conta das crianças que ficavam o dia inteiro sem os pais, fazendo imenso barulho e estragando o prédio. Com isso a empresa cedeu uma sala de aula em cada bloco e pagou auxiliares para ocupar as crianças; a partir daí Montessori começou as suas experiências e observações tendo muito êxito. (OTTO, 2012).

Em síntese, o método montessoriano levou seu nome e foi reconhecido no mundo. Sua base foi à prática de observação dos comportamentos e necessidades das crianças em seu cotidiano. Ela observou e construiu em seu trabalho de médica psiquiatra uma crítica acerca do que era considerado ser uma criança normal ou anormal. Na sua visão a educação se inicia antes do nascimento e continua durante toda á vida, de forma relacional, entre lar e a escola; para Montessori os pais são os primeiros mestres e os professores são seus guias e acompanhadores, sendo assim, o professor precisa saber o perfil específico para entender á um objetivo maior, que é o desenvolvimento integral de cada criança. A partir dessa análise empírica, foram

construídas teorias reconhecidas mundialmente em torno dos estágios, chamados por planos, constatados durante o processo de aprendizagem, que o demonstrou que cada um deles tem um foco educacional específico (HOFSTATTER, 2012).

2.2 Pedagogia montessoriana

A didática montessoriana no Ensino de História é chamada de segundo estágio, no qual é situado entre os 6 a 12 anos de idade. Para Montessori, neste estágio, a criança começa a desenvolver a capacidade de lidar com a abstração e a preocupação maior é em torno da descoberta, provocando muitos questionamentos sobre o como, porquê das coisas e o interesse pela cultura. O termo usado para este estágio é de educação cósmica, que seria um desenvolvimento integral, educar um ser humano como indivíduo em constante relação com os outros seres humanos e com todos os seres vivos e não vivos do planeta (OTTO, 2012).

A Educação Cósmica é uma maneira de enxergar e compreender o mundo e o ser humano, sempre fazendo conexão entre o passado e o presente, proporcionando uma visão de grande escala, do macro ao micro. Educar vai muito além de ensinar conteúdos prontos, engloba o desenvolvimento holístico da criança, que amadurece socialmente, emocionalmente e intelectualmente. A memorização de conteúdos é apenas uma das habilidades desenvolvidas e valorizadas; pois a criança é protagonista do próprio aprendizado, sendo o processo evolutivo fruto de sua interação com o ambiente, a aprendizagem não é padronizada, ocorre á partir das vivências de cada aluno. Aprender é o maior prêmio para a criança, não existe motivação através de prêmios e reconhecimentos exteriores, sempre é usado o bom senso.

A criança é o centro do método montessoriano, seu papel resulta em uma postura ativa por parte dela, enquanto a aprendizagem acontece de dentro para fora, de acordo com seu ritmo e interesse. Essa dinâmica é incentivada pela organização da sala de aula e pelos próprios recursos lúdicos, elaborados para estimular múltiplas funções cerebrais, sendo chamados, por esse motivo de materiais sensoriais. Ao interagir com o brinquedo de sua escolha, a criança aprende por meio do toque, da percepção do peso e da textura, bem como da visão e da audição. A maturação das habilidades e competências acontece de forma orgânica e natural, á criança é dada não só a autonomia para escolher, mas também responsabilidades sobre suas escolhas, com manuseio e devolução do material.

O papel do professor, ao mesmo tempo, é um educador, guia, acompanhador e um grande observador, ele percebe as necessidades dos alunos e está sempre disponível para auxiliá-los, sem, no entanto, fazer as atividades em seu lugar ou ditar seu ritmo. O conhecimento deve ser

construído pela criança, pouco a pouco, respeitando sempre o desenvolvimento de cada aluno. O professor utiliza o método científico de observações, hipóteses e teorias para entender á melhor forma de ensinar cada criança, verificando á eficácia do seu trabalho no dia a dia, pois ele é um acompanhador, não impõe ou dita regras ou o quê e como deve ser aprendido.

A escola montessoriana corresponde a um conjunto de práticas e recursos criados no início do século passado, mas hoje, o método está presente em milhares de escolas ao redor do globo. Ela existe para formar pessoas realizadas, independentes, capazes de serem os protagonistas da própria vida. Seus elementos essenciais são: O ambiente é organizado e atraente; composto por materiais didáticos e utensílios da vida cotidiana para fins didáticos; as classes são agrupadas com alunos de diferentes idades; o professor atua como guia, acompanhante do processo de aprendizado e interfere só o necessário; o material é multi sensorial; o aprender fazendo são hábitos de aprendizagem; cada aluno tem oportunidade de escolher o trabalho e as atividades que mais lhe interessa; a ênfase é na aprendizagem ativa e no desenvolvimento social em lugar de memorização, regras e busca de informação para uma única pergunta específica; o aluno pode trabalhar o tempo que necessite num assunto que lhe interesse, sem que alguém ou uma campainha o interrompa, tem o direito de escolher um lugar para tabalhar em vez de um lugar fixo; a criança tem o direito de escolher se vai trabalhar só ou em grupo e com quem vai trabalhar; os alunos têm oportunidade de trabalharem com outro de diferentes idades, eles demonstram respeito aos professores e ao ambiente; todos os adultos demonstram respeito pelo aluno; a escolha encoraja a autodisciplina; aprender é o maior prêmio, não existe motivação através de prêmios e reconhecimentos exteriores, sem exageros, usando sempre o bom senso, assim os alunos tendem a serem calmos, concentrados, felizes e equilibrados (CARVALHO, 2009).

Os materiais de desenvolvimento são utilizados para auxiliar a criança a por ordem em seu espírito e facilitar-lhe a compreensão das inúmeras coisas que a envolvem. O material didático são divididos em cinco áreas: Exercícios de vida prática, materiais de linguagem, de matemática e de conhecimentos de mundo cosmo, suas disciplinas são: História, Ciências e Geografia. Estes materiais são constituídos por peças de diversos tamanhos, formas, espessuras e diferentes texturas e sons. Tudo visando o prazer absoluto do aluno, atendendo as capacidades e necessidades da criança, o trabalho com o material montessoriano pode ser feito individualmente ou em grupo, de acordo com a vontade da criança. Ela não está presa a um lugar fixo na sala de aula, portanto pode trabalhar com o material em uma mesa de forma tradicional ou em um tapete no chão; podendo também trabalhar em outra sala.

No trabalho com esses materiais a concentração é um fator importante, os exercícios da vida prática é um material do cotidiano, são usados todos os utensílios da vida prática normal, tentando levar em consideração o tamanho da criança. Podemos dar um exemplo muito prático como, jarras pequenas para servir água, sapato para se aprender á amarrar e engraxar. Nos exercícios sensoriais os pés e mãos tem grande destaque, não se restringindo apenas aos sentidos, fornecem oportunidade as crianças de manipular os objetos, sendo que a coordenação se desenvolva com o manuseio dos citados instrumentos. Os móveis devem ser adequados ao tamanho da criança também. Tanto os materiais e a pedagogia montessoriana podem ser extensão no lar do aluno, pois essa pedagogia pode ser usada no dia a dia do aluno na sua casa, dando assim continuidade no processo de aprendizado (SILVEIRA, 2014).

Os pilares da educação montessoriana têm princípios responsáveis por formar a base da teoria e da prática. São eles:

a) Auto-Educação: Seria a capacidade inata da criança para querer aprender. Por compreender que a criança deseja absorver e compreender a realidade que a circunda, e que por isso a criança a explora, investiga e pesquisa, o método Montessori proporcionaria um ambiente adequado e materiais interessantes para que a criança possa se desenvolver por seus próprios esforços, no seu ritmo e seguindo seus interesses (AMI, 2012). Trata-se da ideia radical de que a criança é capaz de aprender sozinha como: Andar, falar, comer, pegar, reconhecer voz e aparência, receber e fazer carinho. Mas em muitos casos, nós mal nos apercebemos disso; em Montessori, nós confiamos na criança, sabemos que se ela puder contar com o meio adequado, pode desenvolver quase tudo de forma independente e livre. Por isso, usamos materiais específicos, que são feitos para serem manipulados pela criança, trabalhando um novo desafio de cada vez e dando a ela chance de perceber seus próprios erros. Com liberdade cada vez maior de escolha e total liberdade para repetir quantas vezes quiser cada exercício, a criança autoeduca-se constantemente e com sucesso (SALOMÃO, 2014).
b) Educação Cósmica: É uma maneira de organizar o conhecimento. De acordo com este princípio, o educador deve levar o conhecimento á criança de forma organizada – Cosmos significa ordem, em oposição a caos- estimulando sua imaginação e evidenciando que tudo no universo tem sua tarefa e que o ser humano deve ser consciente de seu papel na manutenção e melhora do mundo (AMI, 2012). Embora pareça soar como algo subjetivo, este pilar da educação montessoriana está relacionado á importância de fazer com que a criança aprenda a observar a relação entre as coisas existentes na natureza, no universo etc. O objetivo é estimular um senso de gratidão e ao mesmo tempo a elaboração de perguntas, feitas pelas próprias crianças que favoreçam o desejo constante em aprender.

c) Educação Como Ciência: É a maneira de compreender a criança e o fenômeno educativo. Essa educação é defendida até hoje. O professor utiliza o método científico de observações, hipóteses e teorias para entender a melhor forma de ensinar cada criança e para verificar a eficácia de seu trabalho no dia a dia (AMI, 2012). A maior parte da educação das crianças é baseada em crenças e experiências individuais, funciona assim, educo meus filhos e meus alunos como meus pais e meus professores educaram a mim. Faço as coisas como faço por que acho que isso funciona; acho que a família e a escola devem se organizar de um jeito e não de outro, porquê acredito em algumas coisas e não em outras.

d) Ambiente Preparado: É o local onde a criança desenvolve sua autonomia e compreende sua liberdade em escolas e lares montessorianos. O ambiente preparado é construído para a criança, atendendo ás suas necessidades biológicas e psicológicas; as mobílias são de tamanho adequado e materiais de desenvolvimento para a livre utilização da criança (AMI, 2012). O espaço de apredizagem deve estar adaptado e servir as exigências físicas e psicológicas das crianças. A forma como o meio ambiente em que a criança se move e os objetos didáticos que tem á sua disposição atuam como facilitadores e incentivam o gosto pela aquisição e descoberta de novos saberes.

e) Adulto Preparado e o Professor Acompanhador: É o nome que se dá, para o profissional que auxilia a criança em seu desenvolvimento completo. Esse adulto deve conhecer cientificamente as fases do desenvolvimento infantil, por meio da observação, do domínio de ferramentas educativas e de eficiência comprovada, guiar a criança em seu desabrochar, de forma que este se dê nas melhores condições possíveis (AMI, 2012). Trata-se da necessidade de transformação interior do adulto que interage com a criança; para Montessori, a caridade deve ser atitude principal em todas ações com elas e busca nos atos das mesmas indicações de suas necessidades. Outra premissa da educação montessoriana é que o adulto nunca deve ajudar a criança mais do que o mínimo necessário e ao mesmo tempo, oferecer uma presença que garanta segurança.

f) Criança Equilibrada: É qualquer criança em seu desenvolvimento natural. Por meio da utilização correta do ambiente e da ajuda do adulto preparado, as crianças expressam características que são inatas. Entre outros, encontram-se o amor pelo silêncio, pelo trabalho e pela ordem. Todas as crianças nascem com estas características e as desenvolvem melhor entre zero e seis anos (AMI, 2012). A criança nasce com o que Montessori chamou de guia interior; existe, na criança pequena, algo que indica qual o tipo de esforço necessário nessa fase da vida (andar, pular, aprender isso ou aquilo). Se esse guia puder efetivamente direcionar a ação da criança e os adultos souberem oferecer os meios adequados para o

desenvolvimento, a criança alcança um estado emocional e psicológico de graça. Ela alcança o equilíbrio interior, e torna-se primeiro, muito mais concentrada, e, em seguida a um só tempo mais feliz, generosa, esforçada, cheia de iniciativa, independência e consideração pelo outro. O bem da verdade, o equilíbrio natural da criança pequena é o único e verdadeiro objetivo de todo o trabalho montessoriano, é aqui que queremos chegar e é daqui que partimos para todo o trabalho educacional (SALOMÃO, 2014).

Os objetivos do método montessoriano são atividades motoras e sensoriais da criança, num trabalho individual que abrange também o aspecto da socialização. Sua filosofia, organização e estrutura escolar são abertas para a percepção de diferentes raciocínios, culturais e ritmos de aprendizagem (RODRIGUES, 2017).

Os recursos didáticos montessorianos foram produzidos com intuito de possibilitar o acesso da criança ao conhecimento consciente a partir de ações experimentais, compreendendo que dessa forma os indivíduos se tornem autônomos através das atividades praticadas. Já o ambiente de aprendizado é interativo, com espaços para atividades em grupo e individuais. Nele, todos os materiais ficam organizados em prateleiras baixas, para que as crianças tenham acesso sem a interferência de um adulto, evoluindo do mais simples ao mais complexo, do mais concreto ao mais abstrato. Tudo nesse ambiente é pensado e organizado para estimular o aluno a se entender e a se autoeducar (SILVEIRA, 2014).

2.3 O ensino de história através da didática montessoriana

O Ensino de História teve caráter durante muito tempo determinado pelo tradicionalismo que limitava o aluno á grandes acontecimentos das histórias políticas e aos feitos heroicos. Esse ensino fazia com que o aluno não questionasse e nem debatesse os objetos do conhecimento estudados em sala de aula, evitando assim um posicionamento crítico e na formulação de uma história – problema. O ensino da História como componente curricular foi criado no Brasil no século XIX, junto com a criação do Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, que em seu primeiro regulamento, de 1838, determinou a inserção dos estudos históricos no currículo, a partir da sexta série (7º ano hoje) (OTTO, 2012).

Por muitos anos, o ensino de história, centrava-se na concepção, positivista e reproduzia uma História dita “eurocêntrica” sustentada pela crença de que o desenvolvimento histórico é resultante de uma “ordem” e de um “progresso” natural, culminando numa sucessão de fatos explicados por uma relação lógica de causas e efeitos, cujos atores são sempre os grandes nomes da História política. Esse modelo, ao destituir o aspecto dialético e crítico dessa disciplina,

serviu como instrumento de reprodução ideológica do Estado Militar. A partir da década de 80, foi se abrindo o campo da explicação social para uma visão de totalidade histórica. Sob influência do Marxismo, da Nova História e da Historiografia Inglesa, alguns livros didáticos se renovaram e outros surgiram, incorporando avanços acadêmicos que contribuíram para maior criticidade na abordagem histórica (CARVALHO, 2009).

Nos anos oitenta, principalmente nas Universidades públicas, por meio dos Exames Seletivos dos Vestibulares, passou-se a exigir do educando maior capacidade crítica na interpretação da História, diminuindo assim, cada vez mais, a necessidade de memorização dos tradicionais nomes, datas e fatos isolados de seus contextos sócio-econômicos. Esse fator contribuiu e muito no rompimento com o ensino alienado de História em sala de aula. Dessa forma, muitos professores ao incorporarem uma visão crítica de sua disciplina, deixaram de serem meros reprodutores para assumirem o papel de pesquisadores do conhecimento histórico.

Com a "Era da Informação", o aluno por sua vez, modificou-se em razão das mudanças internas do país, dos avanços pedagógicos e das consequências do contexto da revolução informacional mundial, perdeu seu caráter de receptor passivo, na medida em que pelas mesmas razões, o professor perdia o monopólio absoluto do saber. Não significa que o professor desaprendeu ou que não conhece mais o suficiente para ensinar; ao contrário o professor aprendeu mais pela consciência que adquiriu sobre suas próprias limitações e pela complexidade que se revelou o conhecimento histórico com os novos estudos e enfoques. A História deixou seu status de consolidadora do passado para ser uma ciência em construção.

Segundo a BNCC - Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) o ensino de História tem o objetivo de garantir aos estudantes o direito de aprender um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades comuns – de norte a sul, nas escolas públicas e privadas, urbanas e rurais de todo o país. A BNCC é um documento muito importante para profissionais da educação, para os estudantes e para a sociedade em geral. Tem como função primordial nortear as aprendizagens que os alunos devem desenvolver nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Dentre os princípios e finalidades do ensino de história, pesquisadores indicam de forma diversa que o ensino da História não se resume a uma narrativa de acontecimentos ocorridos no passado a serem memorizados pelas crianças. Não há narrativa histórica neutra, uma vez que cada autor parte de determinada leitura do mundo. Visando ao desenvolvimento do raciocínio histórico em crianças, torna-se necessário educar para a compreensão da História como construtor social. Para tanto, deve-se valorizar o contato da criança com os vestígios, sinais e marcas de diversos tempos, ou seja, os documentos, as numerosas fontes de pesquisa: escrita,

orais, iconográficos, roupas, músicas, entre outros. Além disso, é mister educar para a variabilidade dos pontos de vista; para a percepção da mudança; para o entendimento das categorias que regulam a vida, para as questões em torno da noção de identidade, de memória e de sujeito (OTTO, 2009).

Nessa direção, os autores, enfatizam a necessidade de deixar de lado a visão conteudista, os discursos unívocos, generalistas, totalizantes e eurocêntricos. A preocupação está centrada no modo como ensinar e não somente no que ensinar. Por isso o aluno tem que ter experiências no fazer fazendo, não ficando preso a um conteúdo e a um discurso tradicional de memorização concentrado no professor.

Na visão da pedagoga Montessori á didática montessoriana no Ensino de História é vista como Educação Cósmica, essa educação tem a faixa étaria de 06 á 12 anos de idade. A Educação Cósmica é tudo aquilo que diz respeito ao cosmo, ao universo, todos os tipos de fontes, ciclos de vida, de substâncias orgânicas e inorgânicas, de elementos animados e inanimados, de itens materiais e imateriais, todas as palavras, sentimentos, pensamentos e linguagens fazem parte dessa estrutura, todos os componentes se interrelacionam.

O modelo de aprendizagem na educação cósmica leva as crianças explorarem na sala de aula o universo, a natureza e as leis que regem a história do planeta Terra, dos oceanos, dos continentes, da forma teórica e abstrata, e sim concreta, á partir dos elementos, ideais e pessoas que fazem parte de seu cotidiano.

O próprio ambiente preparado que é a sala de aula espelha essa noção de ordem cósmica. A organização dos materiais sensoriais nas prateleiras, a presença de plantas e até de pequenos animais, de instrumentos musicais e espaços onde a criança pode se movimentar livremente formam um microcosmo no qual os alunos são preparados para a vida, para vivê-la em sua plenitude, abraçando tanto suas oportunidades quanto seus desafios.

O método Montessori e o Ensino de História propõem que os alunos, gradativamente, poderão ampliar a compreensão de sua realidade, especialmente confrontando – a e relacionando-a com outras realidades históricas, podendo assim fazer suas escolhas e estabelecer critérios para orientar suas ações. Em se reportando ao ensino de história, as salas de aula de escolas montessorianas não devem estar desprovidas de materiais como o globo, mapas e quebra – cabeça dos mapas, fotografias, materiais de pesquisas, materiais da cultura regional e nacional, como, por exemplo, bonecos do boi-de-mamão, obras de arte, esqueleto humano, cartazes indicando a origem e evolução do universo, entre outros (HOFSTATTER, 2012).

O objetivo da educação cósmica é que elas conquistem uma visão cósmica do mundo, uma visão integral e uma postura consciente. Para isso, as lições não são fragmentadas, mas interdisciplinares, para que o aluno perceba a continuidade de conhecimentos, e não seus limites. Montessori acredita que por meio da educação cósmica, a criança se transforma em um adulto bem resolvido emocionalmente, consciente de si mesmo e do mundo a seu redor, independente, responsável e autoconfiante.

Enfim, o Ensino de História na didática montessoriana é uma maneira de enxergar e compreender o mundo, a si próprio, fazendo conexão entre o passado e o presente, promovendo uma visão de grande escala educacional, desenvolvendo seu lado holístico e amadurecimento social, emocional e intelectual.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, constatamos que Maria Montessori foi e será uma educadora que se preocupava e dedicava á educação de crianças; ela foi o diferencial na contribuição da educação mundial. Mesmo com todas as dificuldades da sua época, encontrou na educação formas e métodos que facilitava á aprendizagem dos alunos, pensando desde a organização do espaço da sala de aula ao ato educativo.

Montessori contribuiu muito para a educação, essencialmente para o docente que é mediador da aprendizagem do aluno no espaço da sala de aula, seus métodos e materiais didáticos são usados em algumas escolas até hoje. Porém muitas vezes não são valorizados e desconhecidos por alguns educadores; mas ela nos deixou um grande conhecimento a cerca da educação para as crianças, contribuindo para que os educadores procurassem maneiras melhores de trabalharem as práticas educativas, utilizando os recursos didáticos para promoverem um ótimo aprendizado.

A escola montessoriana tem elementos essenciais com um ambiente organizado, atraente, composto por materiais didáticos e utensílios da vida cotidiana, as classes são agrupamentos de alunos com diferentes idades, o professor atua como acompanhante do processo de aprendizado, os materiais são multi sensorial, aprender fazendo são hábitos de aprendizagem e cada aluno tem oportunidade de escolher o trabalho que mais lhe interesse.

Os pilares da educação montessoriana são baseados na maturação das habilidades e competências que acontece de forma orgânica e natural; que emanam da autoeducação, da educação cósmica, da educação como ciência, do ambiente preparado, do adulto, do professor preparado e da criança equilibrada. Sua didática mostra que o aluno tem a capacidade de

desenvolver seu intelecto, sua imaginação e sua criatividade; ativando á aprendizagem e o desenvolvimento social no lugar de memorização e regras.

O método montessoriano contribui para o aluno ter direito de escolher o lugar para desenvolver as suas atividades, podendo ser em grupo ou sozinho e com alunos de diferentes idades. Para os alunos, aprender é o maior prêmio, não existe motivação através de reconhecimento, sempre é usado o bom senso. O professor e todos os adultos respeitam os alunos e só interfere o necessário.

Contudo, a pedagogia montessoriana vem para construir um saber, onde reconhece o ser humano como independentes e capazes de serem os protagonistas da sua própria vida. E nesse sentido a didática no ensino de história através da pedagogia montessoriana promove uma apropriação crítica e de construção do saber histórico, construído através dos conflitos, contradições, formas culturais e do homem em geral.

REFERÊNCIAS

BARROS; Ana Paula dos Santos. **Maria Montessori**. Monografia (Pós-graduação lato senso). Universidade Candido Mendes-Rio de Janeiro, 2005.

HOFSTATTER, Carla Regina. **Espaço escolar como forma silenciosa de ensaio**. Florionópolis/SC. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2012.

LAGÔA, Vera**. Estudo do Sistema Montessori**. São Paulo. Loyola, 1981.

MACHADO, Izaltina de Lourdes. **Educação Montessori**: de um homem novo para um mundo novo. 3. ed. São Paulo: 1986.

MACHADO, Izaltina de Lourdes. **Mente Absorvente.** Trad. Pedro da Silveira, 2. ed. Rio de Janeiro. Portugália, s.d.

MONTESSORI, Maria. **A Educação e a paz**. São Paulo: Papirus, 2004.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira. Os tempos que a história tem. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: MEC, 2010,

OTTO, Claricia. O ensino de história nos primeiros anos de escolarização: produzir e mediar conhecimentos. In: CARVALHO, Diana Carvalho de *et al*. (Org). **Relações interinstitucionais na formação de professores**. Araraquara: Junqueira & Marin; Florianópolis: Fapeu, 2009.

OTTO, Claricia. **Nos rastros da memória**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

RODRIGUES, Maria Marilê; OLIVEIRA, Gislene Farias de. **O Modelo Pedagógico idealizado por Maria Montessori**: aplicabilidade do método e contribuições para o Desenvolvimento Infantil. Revista Multidisciplinar e de Psicologia, vol.10, n. 33, 2017, p. 139-148. Disponível em: <https://www.idonline.emnuvens.com.br>. Acesso em: 13 jun.2020.

ARTICULAÇÃO ENTRE A LITERATURA SURDA E A LITERATURA OUVINTE

Kathia Cilene Santos Nascimento [146]
Daniel Dertônio Rocha [147]
Marta de Jesus Santos[148]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

RESUMO
Pôr em escrito à realidade de mundo, experiências e imaginações é uma das principais características do Homem Moderno, independente do lugar onde viva diferenças ético-raciais, condições financeiras e/ou físicas. Assim, não é diferente com a Comunidade Surda. Logo, essa produção científica objetiva singularizar e apresentar a literatura surda e a literatura ouvinte, destacando os elementos presentes e essenciais que lhes dão o caráter peculiar, principalmente sobre a primeira. A qual é marcada pela cultura surda, pelas Libras e pela visualidade, aspectos que separam os dois mundos, o surdo do ouvinte, tese aqui defendida. Para tanto, um estudo bibliográfico foi desenvolvido, de abordagem qualitativa, pelo qual foi possível apontar que a identidade surda e suas características são a base para os escritos literários, e que a mera adaptação de um produto cultural ouvinte para a língua de sinais ainda não pertence ao universo surdo, uma vez que há diferenças ideológicas, linguísticas e de valores, necessitando, portanto, para tal produção a imersão ao mundo surdo. Como consideração final, foi evidenciada a precisão de importância à valorização e respeito à cultura surda como protagonista e referência nos escritos.
Palavras-chave: Literatura. Literatura Surda. Cultura Surda.

ABSTRACT
Putting in writing the reality of the world, experiences and imaginations is one of the main characteristics of Modern Man, regardless of where he lives, ethical-racial differences, financial and / or physical conditions. So, it is no different with the Deaf Community. Therefore, this scientific production aims to singularize and present deaf literature and listening literature, highlighting the present and essential elements that give them their peculiar character, especially about the first. Which is marked by deaf culture, Libras and visuality, aspects that separate the two worlds, the deaf from the listener, a thesis defended here. To this end, a bibliographic study was developed, with a qualitative approach, whereby it was possible to point out that deaf identity and its characteristics are the basis for literary writings, and that the mere adaptation of a listening cultural product to sign language has not yet been concluded. it belongs to the deaf universe, since there are ideological, linguistic and values differences, therefore requiring immersion in the deaf world for such production. As a final consideration, the importance of valuing and respecting deaf culture as a protagonist and reference in the writings was highlighted.
Keywords: Literature. Deaf Literature. Deaf Culture.

[146] Mestra em Educação. Especialista em Libras. Grupo Tiradentes – Universidade Tiradentes. E-mail: <Kathia.pesquisa@outlook.com>.
[147] Graduado em Ciências Biológicas. Especialista em Libras - Interpretação e Tradução. Instituto Federal de Sergipe - IFS. E-mail: E-mail: <danielcarioca@outlook.com>.
[148] Pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado e Inclusão no Contexto Escolar, pela Faculdade São Luís de França (2020). Revisora de textos acadêmicos. E-mail: <Martasantos17@outlook.com>.

1 INTRODUÇÃO

A literatura é um artefato histórico presente nas variadas sociedades, com múltiplas finalidades - servindo de instrumento para expressar ideias, posicionamentos identitários, discorrer experiências, bem como transmitir variadas narrativas.

Esta pesquisa tem por objetivo singularizar e apresentar a literatura surda e a literatura ouvinte, destacando elementos nelas presentes e essenciais que lhes dão o caráter peculiar. Direcionada à comunidade surda, embora não excludente, a literatura surda utiliza de recursos visuais e linguísticos representativos, que a conduz a um patamar distinto da literatura e cultura ouvinte, uma vez que a identidade e cultura do povo surdo estão integralmente na sua composição.

De forma geral, a literatura surda reflete as memórias e vivências do povo surdo, por meio de poesias, histórias, piadas e demais traços literários. Embora confundida com a literatura ouvinte, a literatura surda não é uma adaptação da anterior, mas um segmento original, rico em recursos visuais, linguísticos e culturais, presentes na comunidade surda. Elementos esses que desenham a identidade de uma comunidade diversificada, com relatos dos seus sofrimentos, dificuldades e entraves históricos, mas que, ao mesmo tempo, evidencia seu esforço e forte espírito na luta pelos seus direitos, reconhecimento do seu espaço social e conquistas obtidas. A literatura surda é o espelho da comunidade surda, que reflete as experiências e vivências marcadas por uma trajetória de transformações e construção de sua identidade.

Diante da construção social do "que é literatura", é comum confundir ou associar as manifestações artísticas adaptadas para língua de sinais como literatura surda, como a música, o conto, a história e ainda diversas narrativas presentes na sociedade, que se embaralha com alguns elementos da cultura surda. Isso parte das convicções e pré-conceitos existentes e que precisam ser desnudados.

A fim de garantir a divisão da cultura surda em relação à cultura ouvinte, esta pesquisa se debruça nos elementos que a compõe, destacando a ideia de que cultura surda NÃO É uma adaptação da cultura ouvinte, uma vez que a música, os contos e histórias, em sua maioria, não pertencem ao universo (e entende-se aqui como cultura) surdo.

Apesar de bonito o gesto de adaptar esses segmentos para poder incluir o surdo, aqui a discussão não é sobre acessibilidade, mas sobre identidade. Surdos não ouvem música, não dedicam tempo em frente ao rádio, nem se emocionam com melodias que não podem ouvir. Os contos e histórias que narram à vida de ouvintes, dentro de uma perspectiva ouvinte, carregada

da cultura e características de ouvintes, embora possam ser discutidas pelos surdos, lhes é no mínimo estranho, uma vez que foge a essência de sua cultura.

Portanto, buscou-se reunir informações com o propósito de distinguir ambas as literaturas, respondendo ao seguinte problema de pesquisa: O que diferencia a Literatura Surda da Literatura Ouvinte?

Assim, esta pesquisa visa diferenciar a literatura surda da literatura ouvinte, compreender quais elementos é formador e as compõem, com a finalidade de apresentar a importância do estudo sobre a literatura surda para a comunidade surda. Um dos passos a ser realizado para alcançar o objetivo geral da pesquisa é explicar o que é a literatura surda, com base em autores da área. Em seguida, conhecer o público-alvo a quem ela é destinada e seus elementos que constitui. Por fim, apontar exemplos de literatura surda e como ela facilmente se diferencia da literatura ouvinte. Dessa forma, será possível, visivelmente, analisar e discernir seus componentes linguísticos e culturais.

2 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA

2.1 Literatura

A proposta nessa seção do trabalho é apresentar algumas reflexões sobre a literatura. Cabe de início, discorrer sobre dois termos que serão utilizados aqui e que não são comumente usados nos textos que versam sobre o tema, mas que já muito mencionado nos espaços acadêmicos, nas escolas, principalmente, por pessoas que fazem parte da comunidade surda. Os termos são: literatura brasileira da comunidade ouvinte[149] e literatura brasileira da comunidade surda[150].

A princípio, é oportuno refletir sobre a natureza da literatura e sua função para o ser e para uma sociedade. Daí, a primeira informação que decorre de tal pensamento é o que muitos de nós já sabemos; homem consegue, não só compartilhar, mas também registrar os elementos, sentimentos, percepções artísticas e ouros elementos humanos e sociais por meio da literatura. Logo, a manifestação: “[...] como manifestação artística, tem por finalidade recriar a realidade

[149] Entenda literatura brasileira da comunidade ouvinte – LBCO – como toda manifestação literária de produção das pessoas ouvintes e que tem como foco de expressão os textos escritos ou orais. Acrescenta-se a isso, as artes dos mais variados temos e natureza.

[150] Entenda a literatura brasileira da comunidade surda – LBCS – como sendo toda produção literária organizada por pessoas surdas, que valorizam o uso da Libras, seja na modalidade articulada ou na modalidade escrita.

a partir da visão de determinado autor (o artista), com base em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas.” (CULTURA, 2020, p. 1)

Então, outra questão, é necessário para o entendimento da literatura, o que é, ou melhor, o que pode ser considerado como obra literária ou texto literário? Para compreender tal assertiva é crível que seja referenciada a origem do dado termo ‘literatura’. Enquanto conceito será aqui apresentada à visão sobre o termo no sentido denotativa, apresentado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, que define o conceito do termo literatura como:

> **1** Arte da utilização estática da linguagem, esp. A escrita. **2** conjunto de obras literárias pertencentes a um país, época etc. <l. brasileira> **3** bibliografia sobre determinado assunto <l. médica> **4** disciplina escolar constituída de obras literárias <professor de l.> **5** pej. Série de palavras vazias, de caráter artificial ou superficial < tudo que dizia não passava de l>. **L. de cordel 1 –** literatura popular (esp. novelas e poesias), de impressão barata, exposta à venda em cordéis. (HOUAISS, 2015, p. 595)

É possível verificar que o conceito do termo, literatura, é amplo, pode ser adotado para representar diferentes situações e contextos. Contudo, o primeiro ponto de atenção do estudo é a definição de Houaiss (2015) quando afirma que a literatura é a: “Arte da utilização estética da linguagem, esp. A escrita.”, principalmente por que apesar de a comunidade surda brasileira contar com a escrita de sinais – libras – o seu uso ainda não é divulgado em larga escala.

A educação básica dos alunos surdos, na concepção da educação bilíngue, é um processo muito recente, assim também a confecção de LBCS, pois não conta com mais de uma década de inclusão dos estudos da escrita dos sinais nos cursos de graduação e nas escolas de educação bilíngue para surdos, bem como a larga confecção e publicação de material escrito e com foco literário. Cabe ressaltar que tal realidade não indica a total ausência de material escrito, mas, sobretudo, sinaliza para necessidade de confecção de mais materiais para compor a coletânea de obras. Na verdade, a LBCS passa a ser produzida mais fortemente elaborada e publicada:

> No contexto da Educação Bilíngue proposta na contemporaneidade, a educação literária do aluno surdo passa a ser pensada e praticada sistematicamente na escola de ensino regular. É nesse espaço que ele começa a ter contato com obras literárias (a maioria impressas) e a participar de práticas de leitura voltadas à interpretação de textos, à leitura e à escrita em português, à fruição, dentre outros. (SILVA, 2015, p. 33)

Já a LBCO conta com o vasto rol de materiais publicados, tais publicações foram organizadas e disponibilizadas desde o ano de 1500. Conforme apresentado:

Figura 1 – Figura demonstrativa quanto ao ano de produção de LBCO no Brasil

Escolas	Características	Autores e Obras
Quinhentismo (1500 - 1601)	Textos de caráter informativo e de caráter pedagógico.	• Pero Vaz de Caminha - *Carta* de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel • Gândavo - *Tratado da Terra do Brasil* • José de Anchieta - *Poema à Virgem*
Barroco (1601 - 1768)	Caracteriza-se pelos detalhes, pelo exagero e pelo rebuscamento. Nele destaca-se o cultismo e o conceptismo.	• Gregório de Matos - *Triste Bahia* • Bento Teixeira - *Prosopopeia* • Botelho de Oliveira - *Música do Parnaso*
Arcadismo (1768 - 1808)	Exaltação da natureza e linguagem simples. Este período literário é marcado principalmente pela simplicidade dos temas abordados.	• Cláudio Manuel da Costa - *Obras Poéticas* • Santa Rita Durão - *Caramuru* • Tomás Antônio Gonzaga - *Marília de Dirceu*

Fonte: Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/escolas-literarias/>. Acesso em 22 out/2020.

Desde a primeira produção literária até o presente momento, a organização de materiais tem se intensificado, contudo, o mesmo marco temporal não é verificado nas produções da LBCS, o que, naturalmente, indica menor quantidade de itens produzidos. Isso não significa qualquer elemento e/ou inclinação para o descrédito da LBCS, pois ambas possuem função social específica e comporta o mesmo status no que se refere à representação da realidade social.

Quando se destaca a função social da literatura, é sugerida que seja pensada a literatura como descreveu Aristóteles: “uma imitação ou representação da realidade mediante as palavras”. E ainda, sobre a produção da literatura, Torralvo (2008) descreve que os textos literários registram um jeito especial de ver e interpretar a realidade; dispõe de liberdade para criação de um universo ficcional; imaginário, ultrapassa os objetivos práticos de comunicação; empregam a linguagem no modo não habitual; se valem da conotação, dos jogos de sentidos; ultrapassam recursos visuais e sonoros para provocar sensações sem sempre decifradas pelo racionalismo. É a mais pura expressão da vida.

As obras podem ser dos mais variados gêneros, tais como: Gêneros narrativos: Romance, Novela, Conto, Crônica; Gêneros poéticos: Soneto; Elegia; Ode; Canção; Gêneros dramáticos: Tragédia; Comédia; Dramas históricos e Teatro de vanguarda. Cada gênero comporta uma especificidade no trato com a mensagem a ser apresentada e todos convergem para um único fim. Assim, a literatura e sob diferentes maneiras alcança a sua função que não é apenas social, mas também é histórica, cultural, política e entre outros.

2.1.1 Literatura surda

A literatura surda possui características únicas que a distingue da literatura ouvinte, não apenas pela modalidade da linguagem utilizada - que é sinalizada - mas também pela identidade particular nela presente e pelo conjunto de valores morais, tradições, costumes, crenças, comportamentos e conhecimentos distintos, como um grupo social carregam - o que chamamos de cultura. Para Mourão (2016), a literatura surda é a produção de materiais ou textos literários em sinais capazes de traduzir a experiência visual, que compreendem a surdez não como falta, possibilitando outras representações de surdos, e considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente.

Isso é importante, pois legitima a existência cultural da identidade surda, numa sociedade em que ser surdo é ser quase invisível, além de carregar as tradições e valores dessa cultura e externá-los através de narrativas literárias, tendo como canal de comunicação sua língua sinalizada, que sustenta o seu respeito e sua valorização.

De acordo com Müller e Karnoop (2017), quando afirmam que a literatura surda, constitui-se de histórias mediante as Libras e foca na identidade e cultura surda em seus textos literários, alegam que essa utilização aproxima as crianças surdas da sua própria cultura, criando laços de aprendizado com a primeira língua e facilidade na construção da sua identidade.

Pode-se dizer que a experiência visual faz parte da constituição do sujeito surdo. Neste contexto, fica claro que a produção de narrativas e poesias surdas imerge o indivíduo no seu mundo, fornecendo novas visões a respeito de si e do mundo, sob a ótica linguística de uma cultura não majoritária. O mais preocupante, contudo, é constatar que essas experiências, não lhes são oportunizados, uma vez que a língua majoritária influencia diretamente sobre as produções literárias e poucos materiais, quando comparados a ela, temos na área de literatura surda. Não é exagero afirmar que a tentativa de converter (ou adaptar) a literatura ouvinte para Libras é meramente convencional, mas não pertence ao universo cultural da surdez.

É interessante, aliás, notar que o convívio com as pessoas surdas ainda não é completamente compreendido pelos ouvintes, uma vez que estamos falando de um universo repleto de expressões corporais, faciais e ricos em emoções. Não é algo restrito a apenas um período do dia em que se tem contato com a língua de sinais, mas da vivência em um ambiente cheio de limitações, onde a luta pelos direitos existe e permanece junto com a busca de estratégias criativas para sobreviver nesse processo.

Mas, há um fato que se sobrepõe a ideia de inclusão, aceita pela maioria, de que a mera adaptação de um produto cultural ouvinte para língua de sinais não pertence ao universo surdo. A essência e a mensagem daquela produção literária foram criadas para e por um público-alvo específico, com uma conotação específica, diante de fatos externos ou internos peculiares, o que difere da mera adaptação que promove a acessibilidade à comunidade surda.

Conforme explicado acima, é louvável a iniciativa da acessibilidade, ao passo que deveria ser evidente o fato de que não é algo eficiente, não é algo completo. A barreira linguística nem é o maior entrave, senão antes o "choque cultural" de que aquilo que me provoca risos pode não provocar a mesma alegria em outrem, e se tratando da pessoa surda pode nem ser completamente compreendido, por haver perda no sentido, ou simplesmente não atender a coerência cultural que o surdo possui.

Pode-se perceber na ilustração abaixo que, conforme explica Strobel (2016), os sujeitos surdos usam em suas piadas os artefatos culturais do seu povo, enquanto na temática ouvinte, a língua portuguesa, os sons e outros elementos de sua cultura são utilizadas nas piadas ouvintes.

Figura 2 – Ilustração explicativa quanto às diferenças

Fonte: Disponível em: <https://ensino.digital/blog/a-importancia-da-cultura-surda>. Acesso em 24 out/2020.

É importante destacar na ilustração acima que esse choque cultural é tão comum e natural entre ouvintes, como é o caso dos sotaques e regionalismos presentes entre as comunidades do sudeste quando comparadas às do Nordeste, ou qualquer outra região, em se tratando de gírias e expressões. Igualmente, ocorre com o povo surdo entre si, e quanto mais ocorre diante dessas duas culturas - ouvinte e surda.

Conforme Karnopp (2006), as pesquisas que têm por objetivo escrever, registrar, filmar ou divulgar uma produção literária de surdos enfrentam os seguintes problemas, a saber: o desconhecimento da língua de sinais em situações cotidianas, o impasse da tradução associada com a experiência visual, a compreensão das lutas pela causa e os direitos dos surdos.

O autor deixa claro que é possível fazer esse registro das histórias da cultura surda, através das mãos, das expressões faciais e corporais, a partir do "mergulho" que deve ser feito no mundo surdo. Seria um erro, pois, não atribuir às diferenças linguísticas e culturais a essa análise que distancia esses dois mundos, assim revestindo de particular importância lembrar que essa análise é crucial para distinguir ambas as literaturas.

Para Witkoski (2015), fica claro que a cultura surda reflete um mundo particular visual, que passa a impressão de uma nova percepção de mundo, pois é visto de um ângulo e uma perspectiva distinta. Nascer sem a audição, não impede apenas a captação de som, mas oportuniza uma visão de mundo sob outra compreensão, outro olhar, construindo uma cadeia de pensamentos em função das experiências vividas de modo muito singular.

> Meus olhos são minha vida, é meu canal primordial, mais intenso, mais completo, mais arguto com a realidade, sendo que a percepção é maior, por exemplo, se alguém me pergunta como ocorreu um fato. Explicarei o que vi, e não ouvi. Se é feita a mesma pergunta para o ouvinte, ele declarará pelo contrário: mais do que ouviu do que viu. (WITKOSKI, 2015, p. 87)

Em consoante com outros autores (KARNOPP; KLEIN; LUNARD-LAZZARIN, 2011) que utilizam as palavras "Arena Educacional" para remeter a sobrevivência em meio à dificuldade que o aluno surdo enfrenta ao lidar com o ambiente educacional em suas variadas nuances, os desafios que este aluno encara são rompidos pela barreira linguística e cultural. Assim, à luz dos autores, são realidades culturais e características que separam os dois mundos, e, portanto, comprovam que as literaturas não podem ser meramente adaptadas.

Uma vez discutido um pouco sobre a importância da valorização e respeito à cultura surda como protagonista e referência na produção literária dessa cultura, outros elementos que constituem essa literatura podem se resumir em dois arquétipos – a língua e a visualidade.

> Uma vez a empregada doméstica estava lavando o quintal no fundo de casa e eu ficava sentada observando a água suja de lama e sabão correndo até o bueiro. No meio dessa sujeira estava um bicho estranho de mais ou menos uns seis centímetros que estava morto. Assustei-me porquê o associava com o bicho que vi na televisão outro dia, jacaré enorme que comia as pessoas e tive muitas noites de insônias com medo da existência desse bicho no nosso quintal e que viria me pegar e me comer. Só agora eu entendo que não era jacaré e

> sim simplesmente uma lagartixa. Não havia ninguém que me informasse sobre isto. (STROBEL, 2016, p. 39)

A autora consegue evidenciar no texto acima aquilo que chamamos de artefato cultural, conhecido como experiência visual. Essa experiência é muito individual, é singular, é única, é particular, embora compartilhada pelos surdos, ainda sim pessoal. Sem a comunicação auditiva, e até mesmo sem a língua de sinais (algo que infelizmente ocorre na maioria das famílias de filhos surdos com pais ouvintes), a percepção do mundo é diferenciada. Isso, apesar de parecer simples, não é, pois descontextualiza a criança e impede a construção dos acontecimentos com explicações mais lógicas, ou não impede a construção dessas ideias, mas limita as crianças em seus primeiros anos de vida. O diálogo é uma ferramenta diplomática fantástica para resolução de problemas.

Outro elemento fundamental que está presente na literatura surda é a questão linguística. A língua de sinais é o meio de comunicação natural da comunidade surda, sendo sua língua materna e a que desenvolverá sua identidade. É garantida por lei (BRASIL, 2002) e reforçada por decreto (BRASIL, 2005) e a base da apresentação das ideias e histórias e culturas surdas. Nesse viés, Strobel (2016) afirma que a base familiar é o alicerce para a formação da subjetividade, e com uma estrutura fraca tudo pode ruir a qualquer momento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que novos contornos na maneira de olhar, pensar, sentir e expressar-se têm ganhado espaço através daqueles que respeitam e valorizam a cultura surda – intérpretes, surdos e simpatizantes da causa. Por meio das tecnologias digitais, mídias sociais e pela luta na garantia dos seus direitos, as comunidades surdas fizeram valer as possibilidades de redesenharem essa dinâmica cultural na sociedade, e passo a passo têm sido expostas questões culturais por meio das artes, filmes, piadas, teatros e até ocupando espaço em programas de ouvintes.

Fato é que a “arte surda” ainda transita de forma incerta e imprecisa, por existir milhares de comunidades surdas com as mais variadas culturas e forma de se entender do Ser Surdo. Mas, ainda assim, as pinturas, espetáculos teatrais, esculturas, performances, produções audiovisuais têm protagonizado o cenário com narrativas da cultura surda.

Foi possível identificar que o tema é amplo e que está em crescente fase de composição. Nos últimos anos, a literatura surda tem avançado no quesito elaboração e divulgação do estado

da arte, cabe neste tocante, à organização de pesquisas para que sejam registrados os principais momentos e elementos organizados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: Acesso em: 21 abr.2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2002.

Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. **Pequeno Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

JORNAL DA CULTURA. **O que é Literatura**? 2020. Disponível em: http://m.jornalcultura.sapo.ao/inicio/modal/letras/o-que-e-literatura?p=pointer. Acesso em: 09 nov.2020.

KARNOPP, L. B. Literatura Surda. **Educação Temática Digital**, Florianópolis, 2008.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARD-LAZZARIN, M. L. **Cultura Surda na contemporaneidade:** negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011.

KARNOPP, L.; MACHADO, R. N. **Literatura Surda:** ver histórias em línguas de sinais. Anais do 2º. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação – 2SBECE, Canoas, 2006.

MARINHO, Fernando **Literatura.** Disponível em: https://www.portugues.com.br/literatura. Acesso em: 22 out.2020.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda**: experiência das mãos literárias. Tese (Pós-graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151708/001012805.pdf?sequence=1. Acesso em: 27 out.2020.

MÜLLER, J.; KARNOPP. **Literatura surda:** representações em produções editoriais. Revista Educação em Questão, Natal, v. 55, n. 44, p. 121-143, abril 2017.

SÓ LITERATURA. **O que é Literatura?** Disponível em: http://www.soliteratura.com.br/introducao. Acesso em: 20 out.2020.

PERLIN, T. G. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SILVA, Arlene Batista. **Literatura em Libras e Educação Literária de Surdos:** um estudo da coleção. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Ciências Humanas e Naturais. – Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

TORRALVO, Izeti Fragata. **Linguagem em movimento**: literatura, gramática, redação. São Paulo, FTD, 2008.

WITKOSKI, A. **Introdução a Libras:** língua, história e cultura. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

NOVAS TECNOLOGIAS: A NECESSIDADE DE APROPRIAÇÃO E USO EM SALA DE AULA

Morgana Almeida Fontes [151]
Kathia Cilene Santos Nascimento[152]

EIXO 1 – Interlocuções entre Conhecimento e Saber no Campo da Docência

RESUMO
Este artigo propõe uma reflexão acerca da importância do preparo dos professores para atuar com as ferramentas digitais na promoção de atividade escolar no formato remoto, não presencial. E ainda, apresentar uma discussão sobre a necessidade da formação continuada, responsabilidade das instituições, objetivando apoiar os docentes na sua prática pedagógica. A abordagem tem como propósito refletir sobre a formação docente e as necessidades atuais para a prática laboral e traz consigo alguns questionamentos, um deles é pensar a função ou dever das instituições com o docente em um momento tão delicado no qual os professores e alunos estão atravessando. Diante do contexto, cabe proporcionar a formação adequada para que os professores atuem de forma acertada e objetiva com o uso das tecnologias. Como processo metodológico, o texto apresenta uma pesquisa bibliográfica e documental. Como conclusão, entende-se que os professores e demais profissionais da educação precisam de formação específica para atuar e atender às necessidade vigente, logo, é de extrema necessidade que os professores sejam capacitados para o uso e adoção das ferramentas tecnológicas.
Palavras-chave: Formação Continuada. Ferramentas Digitais. Aulas Remotas.

ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

Este artículo propone una reflexión sobre la importancia de preparar a los docentes para trabajar con herramientas digitales en la promoción de la actividad escolar en formato remoto, no presencial. Y sin embargo, presentar una discusión sobre la necesidad de la educación continua, responsabilidad de las instituciones, con el objetivo de apoyar a los docentes en su práctica pedagógica. El enfoque tiene como objetivo reflexionar sobre la formación docente y las necesidades actuales de la práctica laboral y trae consigo algunas preguntas, una de las cuales es pensar en el papel o deber de las instituciones con el docente en un momento tan delicado en el que están atravesando docentes y alumnos. . Dado el contexto, es conveniente brindar una formación adecuada para que los docentes actúen de manera correcta y objetiva con el uso de las tecnologías. Como proceso metodológico, el texto presenta una investigación bibliográfica y documental. Como conclusión, se entiende que los docentes y otros profesionales de la educación necesitan una formación específica para actuar y atender las necesidades actuales, por lo que es sumamente necesario que los docentes estén capacitados en el uso y adopción de herramientas tecnológicas.
Keyword: La educación continúa. Herramientas digitales. Lecciones remotas.

[151] Pós-Graduação em Atendimento Educacional Especializado e Inclusão no Contexto Escolar -Diretoria Regional de Educação. E-mail: <morganafontes84@gmail.com>.
[152] Mestra em Educação. Grupo Tiradentes – Universidade Tiradentes. E-mail: Kathia.pesquisa@outlook.com.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia que gerou mudanças em diferentes setores da sociedade, entre eles o educacional. O processo de ensino e aprendizagem precisou ser repensado e as novas formas de disponibilidade de aulas, bem como a forma de avaliação dos alunos passaram por reformulações. Assim, os professores e gestores educacionais também necessitaram encontrar formas de atuação com o uso das tecnologias da comunicação e informação.

Nesse contexto, novas estratégias precisaram ser adotadas para que as aulas continuassem sendo ministradas. Então, o fazer pedagógico precisou ser balizado por nova prática pedagógica pautado nas novas tecnologias para que pudessem alcançar os estudantes de maneira efetiva. Logo, maior desafio foi à ausência de habilidades e competências dos docentes em trabalhar com as novas ferramentas, uma vez que não havia tido esse conhecimento prévio, por conta da carência dessa disciplina no seu currículo de formação. A necessidade de apropriação do conhecimento específico por parte dos professores e a nova realidade do processo de aprendizagem gerou algumas indagações.

Dentro desse contexto, questiona-se: os professores desenvolveram, previamente, habilidades e competências para trabalhar com as ferramentas digitais? Os professores foram capacitados para trabalhar nesse novo momento de atividade escolar não presencial?

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo: estudar a arquitetura curricular dos cursos de licenciatura no que se refere ao desenvolvimento de habilidades dos professores com o uso das novas tecnologias. Para isso, cabem os seguintes objetivos específicos: refletir sobre a formação para uso das TICs; destacar a importância do uso da tecnologia para o processo de ensino e aprendizagem e propor caminhos para adoção e uso da tecnologia no processo formador.

Justifica-se a pesquisa pela necessidade de registro da dificuldade dos professores em desenvolver atividades remotas mediadas pela tecnologia. E ainda, para propor uma reflexão sobre o tema tendo em vista que o professor assume, de fato, papel de mediador do processo de aprendizagem mediada pelo uso das novas tecnologias, principal canal de acesso para alcançar os estudantes, nesse momento de aulas remotas.

Quanto ao procedimento metodológico a pesquisa é considerada de natureza básica porque gera conhecimentos novos e úteis (GIL, 1999). Quanto a abordagem ela é qualitativa, visto que “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito” (SILVA,

2009), quanto aos objetivos trata-se de uma pesquisa descritiva por que busca descrever o estabelecimento de relação entre as variáveis.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa é *Ex-post-Facto*, pois o fenômeno está sendo registrado depois das devidas ocorrências ou aplicabilidade das atividades e ações (SILVA, 2009), no caso em destaque a adoção do currículo sem destaque para conhecimentos sobre as TICs. Logo, não há um controle exato do que está sendo abordado, mas um estudo no sentido de registro observado. (SILVA, 2009).

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa assume perfil de pesquisa bibliográfica: "utiliza material já publicado, constituído basicamente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, com informações disponibilizadas na internet." (SILVA, 2009). As leituras sobre o tema foram realizadas em fontes como: portarias vigentes em 2020, que nortearam as atividades educativas não presenciais, currículos dos cursos de licenciaturas da pública e privada do estado de Sergipe. Além da vivência de docentes durante o período de distanciamento. Foram observados os currículos dos cursos de Ciências Biológicas, Educação Física, Geografia e Filosofia de instituições de rede pública e de rede privada.

Todos os currículos pesquisados de licenciaturas dos anos de 2015 a 2020 com ofertas presenciais e à distância. Sobre as disciplinas, registram natureza obrigatória ou optativa.

2 FORMAÇÃO DOCENTE E TECNOLOGIA

2.1 Abordagem das Tecnologias nos currículos de licenciatura

Durante a leitura dos currículos de cursos de graduação, licenciatura, foi verificado que há a ausência de abordagens sobre o uso e manuseio das TICs, para promoção da inclusão digital, tanto dos docentes quanto dos discentes. A análise foi realizada em currículos de instituições públicas e particulares com oferta de curso no estado de Sergipe.

A ausência ou não direcionamento para o uso das ferramentas impacta na realização de atividades docentes que dialoguem com o atual cenário social, no qual os alunos estão imersos na cultura digital. Até porquê, conforme sinaliza Bonilla e Pretto (2005),

> Vivemos um período de mudanças na sociedade e, especialmente no Brasil, no sistema educacional. No plano mais geral, vemos essas transformações ocorrendo em todas as áreas, provocadas principalmente pelo abalo provocado pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC) nas dimensões espaço e tempo. (BONILLA; PRETTO, 2005, p.1)

Logo, surge a necessidade da inclusão de tais elementos no planejamento curricular, além disso, para que a escola consiga "acompanhar" as mudanças sociais. Para isso, as TICs devem ser pensadas como ferramentas indispensáveis ao processo de ensino e aprendizagem. Logo, a formação dos docentes deve contemplar o uso de tais ferramentas.

O tema deve ser pensado e discutido, pois há, no atual cenário educacional, a urgente necessidade de adoção das ferramentas, tanto nas escolas, quanto nas universidades públicas e privadas. Além disso, após conclusão dos cursos de graduação os professores, ao se depararem com a realidade da sala de aula, após anos de contato com diferentes teorias, não dispõe das habilidades necessárias para atuá-la com o uso de metodologia medidas pelas TICs. Vale ressaltar que:

> A ação educativa sempre se revestiu de uma grande complexidade e de margens significativas de imprevisibilidade. Estas características são ainda mais marcadas nos dias de hoje, devido à presença na escola de crianças de todas as origens sociais e culturais, bem como à democratização do acesso às mais variadas tecnologias de informação e comunicação. (NÓVOA, 1999, p.18)

A falta do elemento no currículo "impossibilita" o profissional de realizar as ações inerentes à atuação profissional, pois não conta com formação adequada para tal. A defesa é justamente, promover um meio de incluir na grade curricular, disciplinas que desenvolvam as habilidades necessárias para que o profissional conduza as aulas, mediadas pelas tecnologias, com tranquilidade e segurança, atendendo, dessa forma, os objetivos de aprendizagens de cada ciclo educacional.

Principalmente, porque, segundo Nascimento, Abreu e Santana (2015, p.5), para atender à realidade emergente são necessários "[...] novos espaços, estruturas e abordagens, para moldar nova cultura educativa, mas que necessita ir além do modelo "tradicional" de educação para dar lugar a uma forma de modelo dinâmico e novas possibilidades". (NASCIMENTO *et al.*, 2015, p.5). Atuar diante do novo exige, do educador, habilidades diferenciadas com ferramentas.

Contudo, com base no cenário atual, é perceptível que muitos professores não desenvolveram habilidades com as novas tecnologias, não têm domínio em relação a essas ferramentas de trabalho que pode potencializar de maneira significativa a sua metodologia em sala de aula, um aliado poderoso que tem muito a agregar no processo de ensino e aprendizagem. Para corroborar com a reflexão, cabe destacar a visão de Frizon que se posiciona:

> Considerando que as tecnologias digitais têm provocado mudanças na sociedade de modo geral, há que se considerar que a escola precisa ser redimensionada para atender as demandas atuais. Esse redimensionamento passa pela reavaliação do papel do professor, e consequentemente pela formação inicial dos futuros professores. Os cursos superiores de licenciaturas precisam preparar os futuros docentes para o uso eficaz das tecnologias digitais, contribuindo com o aluno no desenvolvimento das capacidades cognitivas que são requeridas para que se concretize os processos de ensino e de aprendizagem. (FRIZON *et al.*, 2015, p. 3)

Então, tanto as faculdades quanto as escolas precisam estar atentas às necessidades educacionais e aos movimentos sociais que mobilizam a cultura do alunado para que consigam dialogar entre si. O propósito é alcançar bons resultados tanto no que se refere ao aprendizado dos alunos, como também, na atuação do profissional que tem a oportunidade de frequentar as faculdades e ser preparado com o conhecimento voltado para atuar nas unidades de ensino de forma.

Por outro lado, cabe destacar que, do contrário, a comunidade escolar irá sofrer as consequências das fragilidades decorrentes da formação do profissional. Uma dessas fragilidades é a falta de habilidade não só do docente, mas também dos alunos, em lidar com as novas tecnologias. Ao longo do tempo, o professor sentirá essa necessidade, de inserir as ferramentas digitais na sua prática pedagógica e terá que buscar uma formação continuada, uma vez que a sua formação inicial está distante da era digital. O fato impacta decisivamente a educação por quê:

> Com abordagens que vão à contramão do desenvolvimento tecnológico da sociedade contemporânea, os cursos não preparam os professores para atuarem como fonte e referência dos significados que seus alunos precisam imprimir ao conteúdo da mídia. Presos às formas tradicionais de interação face a face, na sala de aula real, os cursos de formação ainda não sabem como preparar professores que vão exercer o magistério nas próximas duas décadas, quando a mediação da tecnologia só vai ampliar e diversificar as formas de interagir e compartilhar, em tempos e espaços nunca antes imaginados. (BRASÍLIA: MEC, 2000, p. 31-32)

Outro item que merece destaque é que os professores mais experientes e com mais tempo de atuação são os que mais sentem a lacuna do processo formador que se caracteriza como uma “deficiência na sua formação inicial”, pois, não foram preparados para lidar com as ferramentas tecnológicas.

Não cabe mais, aos professores, uma formação com a ausência de desenvolvimento das habilidades com as TICs. Pois, é preciso estimular os docentes para atuar nessa área de

conhecimento, do contrário, a educação assume o perfil de arcaísmo tradicional, não comporta espaço para se trabalhar de forma inovadora. Os reflexos de situações que permeiam a má formação do docente apresentam consequências que são:

> [...] por demais desastrosas, visto que o professor é um formador de opinião; aquele que conduz o aluno ao caminho do conhecimento. Mas, esta condução não pode ser feita com limitações vindas de preconceitos ou por faltar na formação do mesmo, as ferramentas que lhes serão de extrema importância na prática do seu ofício, que são as novas tecnologias. (SANTOS, 2016, p. 04)

Por outro lado, não raro, tem-se notícia de grupos de docentes com muita resistência em inserir, na sua prática pedagógica, as ferramentas digitais como uma das formas de ofertar o seu objeto de conhecimento. Não há o entendimento, por parte do grupo citado, sobre a necessidade da adoção e uso das tecnologias, menos ainda, entendem que se trata, apenas, de mais uma possibilidade que pode ser trabalhada com o estudante e que o professor atua como facilitador da aprendizagem. Santos (2016) sinaliza tal realidade afirmando que:

> No processo de ensino, a recusa do novo por conta do tradicional ainda é pior. A tecnologia se vista como um elemento estranho será sinônimo de perigo e de ameaças. Muitos profissionais da área de educação que, por pertencerem a uma categoria que, por princípios deveria ter abertura para as novidades, se trancam dentro da "caixa do conformismo" negando ou resistindo às inovações tecnológicas existentes no mundo. (SANTOS, 2016, p. 02)

É, portanto, crucial, entender que as novas tecnologias, dentro do contexto educacional, são fundamentais nos dias atuais. Que os jovens estudantes estão cada vez mais conectados com o mundo cibernético. A tecnologia é ferramenta poderosa que pode ser mais bem aproveitada dentro da sala de aula.

O professor que tem o papel de ser mediador do conhecimento pode estimular o aluno a estudar fazendo o bom uso dos recursos digitais dentro e fora da sala de aula. O ambiente de aprendizagem pode se tornar mais atrativo com diferentes possibilidades de conhecimento que devem ser inseridas na prática de cada professor. A adoção do comportamento citado contribui de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, documento norteador para toda a educação básica brasileira, trata sobre as dez competências gerais da educação. O documento versa sobre diferentes itens, contudo, cabe ressaltar o item que trata sobre a Cultura Digital, visto que, evidencia a relevância das novas tecnologias tanto para o professor como para o estudante. O documento convida o professor para que possa: "Compreender, utilizar e criar

tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética.”. Além disso, sinaliza a adoção da Cultura Digital para: “[...] comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria”. (BRASIL. MEC.BNCC, 2018, p. 2).

Através das pesquisas é possível concluir que algumas faculdades e universidades não estão preparando em sua plenitude os profissionais do magistério, logo, não está havendo um o diálogo direto entre o mercado e os cursos de formação, entre faculdade e escola. Os professores estão chegando às unidades de ensino com muitas fragilidades, uma delas é a falta do domínio necessário das tecnologias digitais. É difícil de compreender a falta de alinhamento, uma vez que as faculdades preparam esses profissionais para atuar nas escolas. Então, seria natural que os profissionais pudessem se apropriar das ferramentas, durante o processo formador para que chegassem às escolas mais capacitadas no uso das ferramentas digitais.

2.2 A necessidade do uso das novas tecnologias nas aulas remotas

No ano de 2020, por recomendação da Organização Mundial da Saúde, a sociedade entrou em estado de isolamento social. A recomendação teve como elemento motivador, a pandemia causada pelo surgimento e disseminação do COVID-19. Que até o dia de hoje, já provocou 161.106 óbitos no Brasil.

Imagem 1

Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade

Pesquise uma localidade | Brasil

	Casos	Óbitos	Incidência / 100mil hab.	Mortalidade / 100mil hab	Atualização
Brasil	5.590.025	161,106	2660,1	76,7	11/04 18:30
Centro-Oeste	700.593	14,966	4298,9	91,8	11/04 18:30
Sul	736,175	14,335	2455,9	47,8	11/04 18:30
Norte	707,908	16.064	3840,9	87,2	11/04 18:30
Nordeste	1.487.853	42.480	2607,0	74,4	11/04 18:30
Sudeste	1.957.496	73,261	2215,1	82,9	11/04 18:30

Fonte: Secretarias Estaduais de Saúde. Brasil, 2020.

Com o surgimento e rápida propagação do vírus, em meados de março de 2020, os professores foram “obrigados” a se reinventar para trabalhar dentro de um novo âmbito educacional. No contexto, foi imperioso uma ruptura de valores, uma quebra de paradigmas, visto que os nossos professores não tiveram uma capacitação ou ainda, formação específica

para trabalhar com as ferramentas digitais. Em algumas regiões, no serviço de educação pública, não houve oferta de formação continuada por parte do governo do estado de Sergipe para dar suporte aos docentes que estão, no universo educacional, na linha de frente das ações.

É, de fato, um cenário crítico, que afetou milhares de estudantes e professores, que fez eclodir algumas fragilidades no processo de ensino e aprendizagem. Elas eclodiram porquê as atividades passaram a ser realizadas de forma não presencial. A adoção de aulas remotas foi o caminho encontrado para, mesmo diante do distanciamento, manter as atividades educacionais. Todas as informações sobre o fenômeno foram declaradas em portarias e publicadas no site do governo do estado de Sergipe. Então, fica decidido que:

> § 4º. As Atividades Escolares Não Presenciais poderão ser realizadas pelos seguintes meios: I – Digital (videoaulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, podcasts, links, aplicativos, correio eletrônico, blogs, rede televisiva, aplicativos, meios radiofônicos, entre outros). (BRASIL. 2020)

O ponto mais crítico ou de fragilidade se apresenta especificamente diante da recomendação que determina o desenvolvimento das atividades escolares de forma não presencial. A atuação por meio digital, ferramentas que até o momento da pandemia não estavam inseridas nas aulas dos estudantes com tanta evidência, precisaram ser redescobertas e utilizadas, para que os alunos não ficassem sem a devida atenção e atendimento.

É perfeitamente compreensível que nesse período de atividades escolares não presenciais, momento que exige dos nossos professores habilidades e competências com as tecnologias para melhor atender os alunos através das aulas remotas, que os docentes estejam enfrentando sérios problemas técnicos por falta de conhecimento, assim como também, problemas de ordem emocional. Isso porquê, a formação inicial foi realizada com a ausência de abordagens que desenvolvesse habilidades tecnológicas educacionais.

2.2 Sugestão de melhoria

No tocante aos cursos superiores, o artigo visa chamar a atenção e sensibilizar para a importância da revisão das matrizes curriculares sugerindo reformulações no sentido de incluir o desenvolvimento de habilidades com o uso das tecnologias como componente curricular, agregando um conhecimento mais amplo para o professor, atendendo a uma necessidade das nossas escolas e possibilitando a inovação do conhecimento.

Diante da problemática que foi colocada em questão, a responsabilidade de ofertar formação continuada em tecnologias, ficaria a cargo dos gestores das instituições e ou do estado quando em instituições públicas. A capacitação dos docentes para uso e domínio das ferramentas digitais, promove a realização do trabalho na oferta de aulas remotas.

É importante ressaltar que nesse atual cenário, o professor dentro do seu planejamento semanal deve fazer ajustes para o período de aulas não presenciais e atentar-se para incluir o uso das mídias sociais buscando alcançar os estudantes nas suas mais diversas formas.

A atuação, docente, pode ser feita por meio de ferramentas como: *Whatsapp, Facebook, Instagram, Google Classroom*, na produção de vídeos, *Podcast*, lives, *Google Meet, Youtube, Google Forms*, tudo isso para orientar os alunos, observando também a realidade socioeconômica de cada grupo escolar. Com esse novo desafio no campo educacional, identificou-se, de forma acentuada o impacto da carência de conhecimento específico na área da tecnologia. A situação exige, por parte do professor, formação continuada para o domínio das tecnologias.

Outro item que poderia ser utilizado no momento de isolamento social é as plataformas digitais. Neste caso, cabe uma parceria com empresas privadas, que trabalham com as ferramentas, durante o período de desenvolvimento das atividades escolares não presenciais para que os professores e alunos pudessem atuar nas plataformas com o envio de atividades, correção e registros das mesmas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia trouxe consigo várias reflexões, muitas pessoas tiveram que mudar o rumo das suas vidas, de uma hora para outra as portas começaram a se fechar, assim também aconteceu com os portões das escolas. De maneira repentina, alunos, professores, gestores, coordenadores pedagógicos, pais e todos que fazem parte da educação, tiveram que buscar outras possibilidades para continuar contribuindo com a construção do saber dos nossos estudantes.

No início desse processo de atividades escolares não presenciais, os docentes estavam desorientados, sem saber “o que fazer”, “como fazer” e “de que forma atingir os alunos” estava perdido buscando solução para um problema desconhecido e que traria tantos desafios para o mundo educacional.

As dificuldades são muitas, a falta de “habilidade” e “competência” por parte dos professores para inserir na sua metodologia pedagógica as ferramentas digitais, além disso, em

alguns casos, a falta de subsídio para ofertar cursos de formação continuada constitui elemento de extenso impacto negativo para a manutenção das atividades. Além de ser um ponto causador de impacto negativo, é também, motivo de muitas críticas dos docentes para com o as instituições, porém não foi um fator limitante.

O momento exige uma quebra de paradigmas, uma nova forma de fazer, o que já se fazia da mesma maneira há anos. Determina uma transição do velho para o novo, isso tudo traz consigo muita resistência, desconforto em ensinar virtualmente, inserir nas atividades diárias escolares novas ferramentas de ensino, fazendo o uso das tecnologias.

Diante de tantos obstáculos, a única alternativa para o professor continuar é se reinventando, se abrir para "o novo", buscar enxergar tudo de uma forma diferente, estimular os estudantes a seguirem na sua jornada escolar, facilitando, mediando e contribuindo de maneira significativa para a vida dos alunos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:** trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL. Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura. **Portaria 2235, de 27 de maio de 2020.** Disponível em: https://siae.seduc.se.gov.br/. Acesso em: 14 out.2020.

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 5 nov.2020.

BRASIL, Ministério da Educação, (2000). **Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica**, **em Cursos de Nível Superior**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf. Acesso em: 29 out.2020.

BONILLA, M. H. S.; PRETTO, N. De L. **Formação de Professores**: as tic estruturando dinâmicas curriculares horizontais. Disponível em: < https://www.academia.edu/18616664/Forma%C3%A7%C3%A3o_de_Professores_as_TIC_estruturando_din%C3%A2micas_curriculares_horizontais. >. Acesso em: 18 nov.2020.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas,

SANTOS, Jose Vicente dos. **Formação do Professor frente às novas tecnologias.** Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wpcontent/uploads/2016/12/Formacao_do_professor_frente_as_novas_tecnologias. Acesso em: 14 out.2020.

NASCIMENTO, Kathia C. S.; ABREU, Hortência de; SANTANA, Edjane dos S. de Jesus. **EAD**: novas possibilidades educacionais para os surdos no ambiente virtual de aprendizagem. Disponível em: https://eventos.set.edu.br/enfope/article/viewFile/1376/158. Acesso em: 18 nov.2020

NÓVOA, Antônio. **Os Professores na Virada do Milênio**: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 1999.

SILVA, Renata. **Metodologia do Trabalho Científico**. Vilmar Urbaneski – Indaial: UNIASSELVI, 2009.

SILVA, Kátia Cilene da, *et al*. **Os Desafios da Educação a Distância na ATuação da Prática Docente.** Dsponpivel em: file:///C:/Users/kathi/Downloads/330-Texto%20do%20Artigo-601-1-10-20200630.pdf. Acesso em: 18 nov.2020.

XXII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **A Formação de Professores e as Tecnologias Digitais**. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22806_11114.pdf. Acesso em: 29 out.2020.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO GESTOR PEDAGÓGICO EM MEIO A PANDEMIA POR COVID-19*

Laura Alves Viana Aragão[153]
Thalisson Hallan Santos Rodrigues[154]
Márcia Alves de Carvalho Machado[155]

RESUMO:
Este artigo tem como objetivo abordar os desafios que o gestor enfrenta para viabilizar o acesso à educação durante a pandemia, utilizando-se das ferramentas tecnológicas, por meio da modalidade do ensino à distância sem prejuízos aos estudantes em relação ao conteúdo que deve ser ministrado durante o ano letivo. Assim, este trabalho tratou-se de uma pesquisa cientifica bibliográfica de cunho qualitativo, que teve como principais teóricos Paiva (2008), Caon (2015) e Mollica (2015). Como o mundo está passando por uma pandemia onde as pessoas precisam adotar o isolamento social, evitando assim aglomerações, para não colapsar o sistema de saúde, as escolas estão com as aulas presenciais suspensas, então a educação à distância se torna uma ferramenta essencial na garantia da continuidade do processo de ensino-aprendizagem. Mas para que esse processo seja efetivado o coordenador pedagógico deve estar atento aos desafios que estão surgindo ao decorrer do ano letivo, buscando soluções que possibilitem a aprendizagem dos alunos e a qualidade do ensino.
Palavras-chave: COVID-19. Educação básica. Educação à distância. Gestor Pedagógico.

ABSTRACT:
This article aims to address the challenges that managers face to enable access to education during the pandemic, using technological tools, through the distance learning modality without prejudice to students in relation to the content that must be taught during the school year. Thus, this work was a qualitative bibliographic scientific research, whose main theorists were Paiva (2008), Caon (2015) and Mollica (2015). As the world is going through a pandemic where people need to adopt social isolation, thus avoiding agglomerations, so as not to collapse the health system, schools have their face-to-face classes suspended, so distance education becomes an essential tool in guaranteeing continuity of the teaching-learning process. But for this process to be effective, the pedagogical coordinator must be aware of the challenges that are arising during the school year, looking for solutions that enable student learning and the quality of teaching.
Keywords: Basic Education. COVID-19. Distance Education. Pedagogical Manager.

---

* Este trabalho foi resultado da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção da pós-graduação em Gestão Escolar, Orientação e Gestão Pedagógica na Faculdade de Ensino Regional Alternativa – FERA.

[153] Pós-graduando do curso de Gestão Escolar, Orientação e Gestão Pedagógica pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa (FERA. E-mail: inslaura@yahoo.com.br;

[154] TProfessor Regente da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, da Faculdade de Ensino Regional Alternativa – FERA. E-mail: thalissonrodri@gmail.com;

[155] Doutora pela Universidade Tiradentes. Professora da Faculdade São Luís de França. E-mail: marcia.alves@sousaoluis.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 está passando por uma pandemia da doença COVID-19[156], onde as autoridades governamentais para evitar um colapso no sistema de saúde optaram pela realização do isolamento social, *lockdown* e distanciamento para evitar a contração do vírus e pela quarentena da população para aqueles que se contaminaram com a doença, as pessoas só devem sair em casos necessários, e só estão abertos os comércios essenciais, para evitar aglomerações nos locais e assim tentar conter o risco de infecção pelo vírus.

Com essa nova realidade as escolas e academias foram fechadas, para as aulas presenciais, para evitar aglomerações, então tanto o gestor escolar, que é o diretor da escola, quanto os gestores pedagógicos, que são os coordenadores, estão enfrentando grandes e novos desafios para manter as instituições de ensino funcionando á distância. Neste trabalho, aborda-se sobre os desafios que o gestor pedagógico está enfrentando, quais as possíveis soluções para estes problemas e como o profissional pode fazer uso da educação à distância para mediar o processo de ensino, garantindo aos alunos a continuidade da aprendizagem.

Como as crianças são assintomáticas, ou seja, elas não apresentam sintomas, mas podem transmitir a doença para os adultos e idosos, sem saberem que estão contaminadas e assim contaminar outras pessoas, este foi um dos motivos para que a Secretária de Educação suspendesse as aulas presenciais sustentadas pelas orientações governamentais, emendas pelo Ministério da Educação dos Governos federal, estadual e municipal.

Então, para que o alunado não seja prejudicado, ficando meses sem acesso a educação, uma alternativa encontrada foi à oferta do ensino à distância, que já é utilizado no ensino superior, algumas escolas farão aulas virtuais e outras as escolas irão entregar atividades impressas para que os estudantes realizem em casa, e entreguem somente quando esta fase passar.

Diante do exposto, este trabalho teve como objetivos propor uma reflexão sobre a importância de o gestor pedagógico estar preparado para enfrentar as dificuldades da pandemia causada pela COVID-19, como ele pode administrar os problemas que surgem no âmbito pedagógico, a fim de solucioná-los e de que forma ele insere a educação à distância, com vistas a dar continuidade no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. De forma a evitar prejuízo ao alunado, de maneira que as aulas sejam ministradas, sem dano aos conteúdos previstos para

[156] COVID-19 é uma doença causada pelo vírus Coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Fonte: Ministério da Saúde.

o ano letivo com uma qualidade de ensino satisfatória, e como esse profissional pode ajudar os professores, que são os responsáveis pela mediação direta entre o aluno e o conhecimento cientifico, a realizar suas aulas à distância, garantindo assim o andamento pedagógico escolar.

Tratou-se de uma pesquisa teórica, com uso do procedimento da pesquisa bibliográfica. Quanto à natureza dos dados constitui-se numa pesquisa qualitativa, que para Richardson (2012, p. 79) "[...] difere, em principio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema". O estudo considerou como principais teóricos Paiva (2008), Caon (2015) e Mollica (2015).

2 DESAFIOS ENFRENTADOS PELO GESTOR PEDAGÓGICO PARA GARANTIR O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA PANDEMIA DA COVID-19

Neste momento de pandemia, pela COVID-19, para evitar a contaminação em massa da população e, consequentemente, o comprometimento do sistema de saúde os locais que possuem aglomeração de pessoas, como escolas e academias, restaurantes e afins, estão tendo seu funcionamento presencial desautorizada por parte dos governantes e por recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS), o que levou os gestores a enfrentar desafios.

Nessa direção, eles precisam garantir a continuidade do ensino, porém de uma forma pouco tradicional, ou seja, por meio do ensino à distância. Além desse desfio que o gestor pedagógico pode encontrar para conseguir dar andamento ao processo de ensino, podemos destacar:

- Manter os conteúdos previstos para o ano letivo, com o mínimo de alterações possíveis no calendário escolar;
- Capacitar os professores para o ensino à distância;
- Manter um bom relacionamento entre os pais e/ou responsáveis e os alunos com a escola;
- Realizar as avaliações dos educadores e educandos à distância;
- Manter a qualidade do ensino;
- Dispor de uma plataforma de ensino digital eficiente.

A fim de solucionar esses problemas o caminho mais viável é a realização de aulas virtuais, por meio das ferramentas da informação e comunicação, consequentemente, uma possibilidade é a educação à distância, metodologia que encontrou a resistência de muitas

escolas e educadores, seja por falta de infraestrutura, falta de habilidades e competências para utilizar as ferramentas tecnológicas ou por medo de serem substituídos pelas tecnologias. Segundo Paiva (2009, p. 1), "[...] o homem está irremediavelmente preso às ferramentas tecnológicas em uma relação dialética entre a adesão e a crítica ao novo".

> Quando surge uma nova tecnologia, a primeira atitude é de desconfiança e de rejeição. Aos poucos, a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais da linguagem e a escola acaba por incorporá-la em suas práticas pedagógicas. Após a inserção, vem o estágio da normalização, definido por Chambers e Bax (2006, p.465) como um estado em que a tecnologia se integra de tal forma ás práticas pedagógicas que deixa de ser vista como cura milagrosa ou como algo a ser temido. (PAIVA, 2008. p. 1)

Alguns autores, dentre eles Caon e Santos (2015) orientam,

> [...] que nos apropriemos das diversas formas de comunicação disponíveis no mundo contemporâneo e que usemos os recursos tecnológicos disponíveis não apenas no ensino da matemática, mas também em outras discussões, contribuindo para a formação de indivíduos críticos e questionadores. (2015, p. 8)

Hoje, essas orientações, são bem significativas, pois como realizar uma educação à distância, sem utilizar as diversas formas de comunicação do mundo contemporâneo? É impossível!

O uso de aparelhos tecnológicos em sala de aula já foi criticado pelos educadores, mas, com o tempo, a escola começou a ofertar aulas de informática, atualmente algumas instituições de ensino já utilizam o *tablet*, os aparelhos celulares como os *smartphones* e o *notebook*, porém são poucos os educadores que abraçaram a tecnologia como uma das ferramentas de ensino, e mesmo assim, não a utilizam com frequência, utilizando-as como apoio para aulas diferenciadas. "A educação é e sempre foi um processo complexo que utiliza a medida de algum tipo de meio de comunicação como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal e direta com os estudantes". (BELLONI, 2015, p, 54).

Na atualidade, com a pandemia pelo Coronavírus o uso das ferramentas tecnológicas, celular, tablet, computador, notebook, serão utilizados pelos professores e alunos durante todas as aulas, pois são ferramentas que possibilitam e facilitam a troca de conhecimentos e informações.

O contexto que se enfrenta requer mudanças por parte da escola, dos professores e dos alunos, deve-se buscar uma educação autônoma, pela qual os discentes, poderão construir os

conhecimentos, que irão propiciar uma maior independência, sem os métodos tradicionais de ensino os professores precisam se reinventar, se adaptar, para conseguirem executar seu trabalho de forma inerente à situação que estamos enfrentando.

É preciso que os professores utilizem das ferramentas de comunicação e informação a fim de que seja promovida a continuidade do processo de ensino, no modelo online, e podemos fazer todo o serviço presencial de forma online agora.

3 A ATUAÇÃO DO GESTOR PEDAGÓGICO FRENTE A PANDEMIA: POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

O gestor pedagógico é o responsável por orientar o trabalho coletivo, promover a interação entre os profissionais da escola, realizar a aproximação entre a família, à escola e também entre alunos e professores, além de ser responsável por diversas atividades da instituição de ensino.

É o profissional que planeja e organiza os meios para garantir a formação continuada dos educadores a fim de melhorar as práticas frente ás necessidades e estratégias de ensino-aprendizagem dos educandos, orienta e direciona o docente, observa a articulação entre o currículo e sua prática realizada de forma cotidiana pelos professores, além de avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

O gestor em parceria com os demais profissionais da escola elabora e organiza o calendário escolar, conteúdos escolares, o Projeto Político Pedagógico (PPP), o regimento escolar, e outros documentos norteadores da escola. Por fim é o gestor pedagógico que elabora o planejamento do trabalho que será desenvolvido na instituição de ensino. Assim, como ele é o responsável por todas essas atribuições pedagógicas, deverão encontrar soluções, com a ajuda dos demais agentes escolares para os problemas que a escola possa enfrentar também em períodos adversos como o da pandemia.

Para manter os conteúdos previstos para o ano letivo, com o mínimo de alterações possíveis no calendário escolar, ele precisa junto com o gestor escolar, encontrar formas de dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem e, em especial, à mediação do conteúdo, organizando o calendário, de forma que o prejuízo de realização das aulas ocasionando no período de isolamento pela COVID-19 seja o mínimo possível. Nessa direção, se for possível ministrar as aulas de forma online, será preciso marcar as reposições, inclusive, em sábados letivos ou em horário de aula oposta ao que o aluno estuda. As avaliações também serão

remarcadas para datas mais viáveis, quanto mais cedo os gestores encontrarem uma solução para continuar as aulas, menos impacto sofrerá o ensino.

O gestor junto aos professores deverá realizar as mudanças necessárias para oferecer um ensino de qualidade durante esses períodos adversos. Os professores têm uma pressão crescente para a mudança. Às vezes a pressão vem da administração, às vezes dos alunos, às vezes da comunidade, frequentemente os professores podem ser criticados por mudar lentamente. (RATHS, 1977, p. 313).

Em vista do exposto, para continuar ofertando as aulas durante a pandemia o gestor pedagógico deverá cuidar da capacitação dos professores, para ministrarem as aulas online, pois é também por meio dela, que eles têm acesso a conhecimentos e informações que são necessárias para a atualização de sua profissão como educador.

Todos os profissionais devem se atualizar, os que não se atualizam, acabam tendo apenas acesso a informações e práticas ultrapassadas, o que dificulta a realização de sua profissão. "É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática." (FREIRE, 2011, p. 39).

Constata-se que um grande desafio do gestor pedagógico é manter um bom relacionamento entre os pais e/ou responsáveis, alunos e educadores com a escola, já que antes da pandemia esse relacionamento era dificultoso, agora está ainda mais, pois o contato presencial não é viável.

As medidas adotadas diante da pandemia, protocolos a serem seguidos pelas instituições de ensino, dificultam ainda mais a ida dos pais à escola, e fica difícil também acompanharem o desenvolvimento escolar dos filhos, pois muitos não possuem formação para orientar os alunos da maneira adequada, que o professor devido aos seus estudos tem, mas o gestor pode sanar esse problema através de soluções simples como ligações telefônicas, e-mails, mensagens e criação de grupos de *whatsapp* com os pais, ou até por uma solução mais elaborada como a criação de uma plataforma virtual para este fim, assim será possível manter o vínculo entre pais e/ou responsáveis com a instituição de ensino.

Para evitar o distanciamento dos alunos e professores com a escola o gestor também pode utilizar as mesmas ferramentas cidadãs, se o gestor possuir o suporte necessário poderão realizar reuniões pedagógicas virtuais para acompanhamento do processo ensino-aprendizagem, esclarecimento de dúvidas e até sugestões de melhorias.

O gestor pedagógico também cuida das avaliações escolares, nesse período outro desafio é como realizar as avaliações dos educadores, educandos e da própria instituição de ensino. Para isso, o gestor deverá acompanhar a ministração das aulas dos educadores, lançar um questionário virtual para os estudantes avaliarem as aulas, lançar um questionário virtual

para que os pais avaliem a instituição e criar ferramentas para que o educador consiga avaliar da melhor forma a aprendizagem dos alunos, utilizando as mesmas ferramentas também é possível avaliar o trabalho dos professores, para assim, conseguir obter as informações necessárias sobre o desenvolvimento do ensino-aprendizagem na escola.

As avalições dos educandos e dos educadores poderão acontecer de diversas maneiras, podem ser realizadas virtualmente, seja por avaliações virtuais, seja questionário virtual avaliativo, envio de atividades por e-mail, debates virtuais, apresentação de trabalhos escolares online, entre outras estratégias que podem ser realizadas de forma individual e/ou coletiva, a fim de verificar o desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes.

Com as aulas a distância fica mais difícil do professor conseguir realizar um ensino heterogêneo, pois esse afastamento entre o educador e o educando dificulta a identificação das dificuldades de aprendizagem de cada aluno, "[...] a aprendizagem é um tema central na atividade do professor. Pode-se dizer que todo o trabalho do professor se resume na questão da aprendizagem" (FALCÃO, 2002, p. 19) então o professor tem que redobrar seus cuidados para conseguir identificar as dificuldades individuais dos estudantes e tentar saná-la.

Manter a qualidade de ensino é um desafio que pode ser enfrentado com um bom desempenho de toda a equipe pedagógica, o gestor pedagógico deverá delegar funções, para não se sobrecarregar de atividades e não conseguir realizá-las no período correto, então se cada profissional assumir suas responsabilidades e realizá-las com o devido comprometimento a escola conseguirá promover um ensino de qualidade satisfatório à distância. Mas para que todas essas ações sejam possíveis, o gestor pedagógico, em parceria com o gestor escolar que é o responsável pela infraestrutura e aplicação dos investimentos da escola, deverá dispor de uma plataforma de ensino digital eficiente.

Existem duas maneiras de o professor ministrar as aulas durante essa pandemia, na instituição de ensino, ou em sua residência, os educadores que não possuem o apoio necessário para realizar sua profissão de casa, pois trabalhar em casa não é tão simples e tão confortável quanto se imagina, pode se dirigir a escola e realizar suas atividades dentro da instituição.

Os educadores que estarão lecionando de sua casa, de um cômodo que lhes possibilite trabalhar por meio do home office, sem interrupções, estes, deverão ter uma internet e aparelhos tecnológicos como computador, notebook, e celulares, bons, e deverão ter acesso há um serviço de internet de qualidade, para evitar que as aulas online fiquem oscilando e, assim, não atinjam a qualidade esperada.

Porém, cabe ao gestor munido de bom senso e do conhecimento necessário a respeito da doença, avaliar qual a melhor forma do professor ministrar as aulas, se em casa ou na escola,

se é através do deslocamento do profissional até a instituição de ensino, para utilizar os recursos tecnológicos que a organização possui, ou trabalhar em casa, pois caso o educador faça parte do grupo de pessoas do grupo de risco, devido à idade ou a outros problemas de saúde, principalmente respiratórios, é melhor que o mesmo trabalhe de sua residência, para evitar sua exposição à doença.

É muito importante que todos os profissionais que compõem a escola, se unam, para criarem um planejamento adequado que possa ajudar a escola a superar os desafios, a encontrar soluções cabíveis, para resolver os problemas que surgem no ano letivo decorrente desta pandemia.

Algumas escolas que não possuem recursos tecnológicos suficientes estão realizando a entrega de apostilas para os alunos, porém, para o estudante aprender de casa, só com o material impresso, sem qualquer ajuda do professor, não é suficiente para a aprendizagem.

Alguns alunos não conseguem se concentrar em casa, por diversos fatores, a casa é cheia de pessoas, eles não encontram um tempo, espaço e/ou ajuda para estudar, pelo fato de não terem pais presentes e/ou capazes de ensinar as atividades, por não estarem acostumados a esta forma de ensino, pelo costume de que em casa é lugar para descansar e brincar, e que a escola é que é o local propicio para o ensino formal, entre outros. Porém eles precisam vencer estas dificuldades para conseguirem estudar na modalidade da educação à distância. O gestor deverá analisar o tipo de modalidade e etapa que atende as necessidades da escola, para desenvolver um projeto que alcance os alunos sem obter prejuízo ao conhecimento deles.

O ensino a distância era mais utilizado entre os adultos e na educação superior, tratando-se de uma opção pessoal por esta modalidade de ensino, e que têm disciplina, sabem organizar seus horários de estudo, possuem facilidade em se concentrar nos estudos e conseguem aprender sem ter o contato direto com o educador.

Com a pandemia o ensino à distância passou a ser ofertado aos alunos, mas sem que existissem a infraestrutura e as demais condições necessárias para essa realidade, o que tem dificultado o processo de ensino-aprendizagem e o alcance, pelos alunos, dos conhecimentos para avançarem nas etapas seguintes de ensino.

Assim, para a realização da educação à distância de uma forma mais satisfatória, o uso da tecnologia da informação e comunicação é essencial, pois sem a internet e suas ferramentas, com o direcionamento do professor, os estudantes não conseguirão atingir uma aprendizagem significativa. Segundo Zanela “Tecnologia é a aplicação do conhecimento cientifico, e de outras formas de conhecimento organizado, a tarefa prática por organizações compostas de pessoal e máquinas” (Zanela, 2007, p, 1).

4 A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO Á DISTÂNCIA DURANTE A PANDEMIA

Com o avanço da COVID-19 as escolas nesse período enfrentam muitas dificuldades, as instituições de ensino, em especial, as públicas, não contam com uma infraestrutura que dê suporte para realizar aulas à distância, não possuem uma boa rede com computadores conectados a uma internet eficaz. Se eles dispusessem de uma tecnologia adequada ao ensino à distância, a escola poderia ofertar cursos de capacitação e a atualização de conhecimentos e saberes aos educadores. Constata-se que muitos alunos da rede pública de ensino, não possuem as ferramentas digitais necessárias para terem acesso à educação virtual. Por isso a dificuldade em como promover a educação à distância para os estudantes da escola pública.

Nesse caso o gestor deverá modificar todo o calendário do ano letivo, preparar a equipe pedagógica, no sentido de oferecer dar continuidade ao processo de ensino durante a pandemia, a fim de causar o mínimo de prejuízos à aprendizagem aos alunos.

Alguns autores como Mollica, Patusco e Batista (2015), ressaltam que:

> [...] as estatísticas apontam que o percentual de pessoas conectadas via web por meio de diferentes plataformas vem aumentando, seja via computadores, smartphones e demais tecnologias que não param de surgir no mundo contemporâneo. (2015, p. 13)

No entanto, apesar do número de usuários da tecnologia está aumentando, ainda não é a realidade de muitas famílias dos alunos de baixa renda no Brasil, das quais o aluno da rede publica faz parte, e nem, das escolas públicas que em sua maioria não dispõem de um bom aparato tecnológico.

A perspectiva da educação à distância só funciona nas escolas que tem suporte tecnológico adequado, uma rede com computadores e internet eficiente, e se não possuir, mas que tenha recursos financeiros para melhorar a sua tecnologia, criar um site, um aplicativo, ou uma parceria com empresas como o Google ou como a Microsoft, para conseguir realizar suas aulas de forma virtual e, assim, poder oferecer esse tipo de ensino com qualidade. Por isso, essa realidade, comporta melhor as escolas particulares, mesmo assim, nem todas as escolas privadas têm condições financeiras suficientes para promover esse tipo de ensino.

Quando se utilizava a televisão e o radio como instrumentos de ensino à distância, não era possível ter uma relação dos estudantes que participavam daquela forma de ensino, pois era

um ensino aberto e acessível para todas as pessoas, neste caso, estamos tratando de alunos das redes de ensino particulares, pois as escolas públicas infelizmente não possuem uma infraestrutura tecnológica que possibilite essa forma de educação, e nem seus estudantes possuem os equipamentos necessários.

> A tecnologia da informática evoluiu rapidamente e o computador e seus periféricos, além do correio e do telégrafo, passaram a integrar todas as tecnologias da escrita, de áudio e vídeo já inseridos na sociedade: máquina de escrever, imprensa, gravador de áudio e vídeo, projetor de slides, projetor de vídeo, radio, televisão, telefone e fax. (PAIVA, 2008. p, 9)

A educação online demonstra ser mais viável para as redes privadas de ensino, onde as escolas possuem um sistema de informação bem estruturado, e os alunos também possuam uma boa internet e ferramentas como computadores e/ou notebook, e até celulares com uma boa memória, para poderem estudar até pelo telefone.

Mas a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) é uma ferramenta essencial nesse modelo de educação à distância por possibilitar reuniões pedagógicas e a ministração das aulas, através de salas de aula virtuais, por permitir a realização de provas e atividades online, além da gravação das aulas, disponibilizando-as como vídeos para que os alunos assistam em outro momento e, ainda, criar chats interativos para a comunicação instantânea entre os usuários, além de ser um método seguro, ninguém precisa sair de casa, basta ter um aparelho conectado à internet e conseguirá ter acesso a todas as possibilidades ofertadas, a praticidade é muito grande.

Percebe-se com clareza que o futuro da educação inclui a educação à distância, essa pandemia, acelerou a utilização da tecnologia da informação e comunicação na sociedade escolar para uma educação virtual, como também acarretou o maior uso dessas tecnologias no cotidiano das pessoas, pois ela tem o poder de aproximar quem está longe, e com pandemia, a aproximação entre as pessoas, o que mais se busca.

Da mesma forma que o conhecimento é mutável a forma de ensino também é, por isso existem várias formas de ensinar, e diversas ferramentas para serem utilizadas durante o processo de ensino-aprendizagem. A pandemia criou possibilidades de novas formas de salas de aulas, ela também veio testar os profissionais da educação, e tudo isso serve para despertar os educadores de que a sociedade está mudando e se faz necessário que os profissionais mantenham seu conhecimento atualizado. Que estejam capacitando-se a fim de que consigam realizar o trabalho exigido nessa atual perspectiva de educação.

É importante considerar, que todo processo que não desafia o educador, fazendo-o sair da sua zona de conforto, pode não ser significativo para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que este trabalho é de importância significativa para a área da gestão escolar, orientação e gestão pedagógica, pois trata dos desafios enfrentados pelo gestor pedagógico durante a pandemia pela COVID-19 que atinge todo o mundo neste ano de 2020.

Evidenciaram-se os desafios enfrentados pelo gestor pedagógico, bem como a importância da equipe pedagógica está preparada, destacando-se a necessidade do gestor ser capaz de criar um bom planejamento pedagógico para conseguir dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem pela inserção da educação à distância, preocupando-se com a qualidade da educação ofertada. Desafio que para ser enfrentado deve contar com um bom suporte tecnológico e professores capacitados para trabalhar com essas tecnologias.

Em tempos de dificuldades, as empresas no geral, devem contar com profissionais bem capacitados, que consigam trabalhar em contexto de mudanças profundas. Com a escola não é diferente, ela precisa de gestores bem preparados, que consigam lidar com as dificuldades, que encontrem respostas, que consigam manter a escola funcionando da melhor forma possível.

A pesquisa possibilitou perceber a importância de o gestor pedagógico estar preparado para conseguir vencer os desafios que surgem ao decorrer do ano letivo, de forma a manter a equipe pedagógica unida, atualizada e capacitada, promovendo sempre que necessário à formação continuada dos professores, fiscalizando a realização do ensino-aprendizagem como um todo, aproximando a sociedade, a família, os alunos e os educadores à escola, criar bons planejamentos, designar atribuições, alterar o calendário escolar, promover reuniões, enfim, fazer todo o trabalho que condiz com a sua função, para que consiga garantir a oferta do ensino-aprendizagem por parte da instituição num período crítico para a sociedade.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. **Educação à distância**. 7. ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 2015. (p.53-77)

BRASIL. **Base nacional comum curricular:** educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

CAON, A. P; SANTOS, L. R. A. Possibilidades e limites do ensino em Matemática por meio do *Whatsapp*. X Encontro Capixaba de Educação Matemática. Anais... Vitória, IFES/UFES, 2015.

FALCÃO, Gerson Marinho. **Psicologia da aprendizagem.** 10. ed. São Paulo: ática, 2002.

FREIRE, Paulo; Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia: s**aberes necessários a prática educativa. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; Reglus Neves. **Educação como prática da liberdade**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KAWAMURA, Lili. **Novas tecnologias e educação**. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** São Paulo: Papirus, 2003.

LANDIM, Claudia. **Educação a distância** - características. 2000. Disponível em: <http:/www.cciencia.ufrj.Br/educnet>. Acesso em: 25 abr.2011.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência***:* o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

LOSSO, Adriana Regina Sanceverino. **Reflexões sobre a Educação a Distância**: o papel do professor tutor na perspectiva da mediação pedagógica. 2001. Disponível em: http://www.periodicos.udesc.br. Acesso em: 23 mai.2011.

LUCENA, Marisa. **Um modelo da escola aberta na internet:** Kidlink no Brasil. Rio de Janeiro: Brasport, 1997.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. A educação e os desafios das novas tecnologias. In: FERRETI, Celso João *et al*. (orgs.). **Novas tecnologias, trabalho e educação:** um debate multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.169-188.

MASETTO, Marcos T. Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia. In: **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE; **Coronavírus (COVID-19)**. Disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca. Acesso em: 20 maio.2020.

MOLLICA, M. C. M; SILVA, C. A. P. P; BATISTA, H. R. **Sujeitos em ambientes virtuais**: Festschriften para Stella Maris Bortoni - Ricardo. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

PAHO. **Folha informativa COVID-19 –** Escritório da OPAS e OMS no Brasil. Disponível em: https://www.paho.org/pt/covid19. Acesso em: 20 maio.2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeira:** breve retrospectiva histórica. Disponível em: www.veramenezes.com/techist.pdf. Acesso em: 2 ago.2008.

RATHS, Louis Edward. **Ensinar a pensar:** teoria e aplicação, Trad. Dante Moreira Leita. 2. ed. São Paulo: Editora Pedagógica e universitária LTDA, 1977.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2012.

ZANELA, Mariluci. **O Professor e o "laboratório" de informática: navegando nas suas percepções.** 43f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITO

Guilherme de Oliveira Macedo [157]
Cleovansóstenes Abud Freire [158]
Denise Pereira Santos [159]

EIXO 2 – Interlocuções entre conhecimento e saber no campo das ciências sociais e aplicadas.

RESUMO

A utilização de sistemas de inteligência artificial (IA) está cada vez mais presente em diversos setores da sociedade. Considerada por alguns autores como a quarta revolução industrial, já está presente também na atividade advocatícia e no sistema judiciário brasileiro. Sendo assim, os operadores do direito devem entender os conceitos básicos sobre IA e como estes sistemas podem impactar a sua atuação. Objetivo: o objetivo deste trabalho é apresentar conceitos básicos sobre IA, sua utilização no sistema judiciário, na prática advocatícia e seu potencial uso no processo decisório. Metodologia: foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados Google acadêmico, Scielo e LEXML utilizando os descritores: inteligência artificial, direito, processo decisório. Resultados: Foram selecionados textos sobre o tema proposto. Diante do material avaliado, puderam ser avaliados aspectos básicos sobre IA, seus sistemas, aplicações e limitações no processo decisório. Conclusão: considerando as limitações deste trabalho, concluímos que IA está presente em diversas atividades do Direito. Atividades repetitivas de baixa complexidade já se beneficiam com sucesso destes sistemas, contudo, há questões técnicas, morais e éticas que ainda envolvem a sua aplicação em tarefas mais complexas como o processo decisório.
Palavras-chave: Inteligência Artificial. Direito. Processo Decisório.

ABSTRACT

The use of artificial intelligence (AI) systems is increasingly present in various sectors of society. Considered by some authors as the fourth industrial revolution, it is also present in the legal profession and in the Brazilian judicial system. Therefore, law enforcement officers must understand the basic concepts about AI and “Machine Learnigs”, and how these systems can impact their performance. The main of this paper is to present basic concepts about AI, its use and impact on the judicial system and in the practice of law. Material and method: a bibliographic search was performed in the Google academic, SciELO and LexML databases using the descriptors: artificial intelligence, law, machine learning. Complete articles and monographs relevant to the objective of the work were selected. Results: Eight texts were selected from articles and monographs on the proposed theme. Based on the researched material, basic aspects about AI, its systems, applications and its limitations in the decision-making process could be evaluated. Conclusion: considering the tenders for this work, we conclude that AI is present in several Law activities. Repetitive activities of low complexity already successfully benefit from these systems, however, there are technical, moral and ethical issues that still involve their application in more complex tasks in the decision-making process.
Keyword: Artificial Intelligence. Law. Decision making.

---

[157] Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe. Discente do Curso de Direito da Faculdade São Luís de França. Grupo de pesquisa CNPQ: Odontologia a Serviço da Ciência.. E-mail: gmacedo75@sousaoluis.com.br.
[158] Técnico de Tecnologia da Informação do Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe. Discente do Curso de Direito da Faculdade São Luís de França. E-mail: cleovansostenes.abud@sousaoluis.com.br.
[159] Discente do Curso de Direito da Faculdade São Luís de França. E-mail: denise.santos@sousaoluis.com.br.

1 INTRODUÇÃO

A inteligência artificial (IA) é um campo das ciências da computação que objetiva desenvolver tecnologias, que fazem com que as máquinas sejam capazes de aprender e tomar decisões autônomas. Sistemas de IA já está há anos inseridos na nossa rotina, estando presente nos buscadores de sites e assistentes virtuais dos celulares e computadores. No Direito, tais sistemas vêm sendo inseridos tanto na prática advocatícia como nos tribunais brasileiros.

No Brasil, são ajuizados cerca de 25 milhões de ações por ano, havendo mais de outros 70 milhões em andamento nas diversas instâncias jurídicas. Diante destes milhões de processos judiciais à espera de julgamento e do imenso trabalho burocrático e repetitivo inerentes aos processos judiciais, os sistemas de IA surgem como ferramentas que conferem maior celeridade aos processos, contribuem para um menor gasto de tempo dos profissionais envolvidos gerando uma maior economia de recursos. No direito brasileiro já existem sistemas de IA específicos para o desenvolvimento de atividades jurídicas com o VICTOR, ROSS dentre outros, e cada sistema é desenvolvido para atender uma atividade específica (ANDRADE *et al.*, 2020; NUNES; MARQUES, 2018).

Os sistemas de IA não visam, a princípio, substituir o julgador nem a atividade humana do processo judicial. Seus objetivos primários estão ligados à agilidade no processamento de dados, no auxílio na tomada de decisões, e na realização de ações repetitivas de baixa complexidade, auxiliando o judiciário e os escritórios de advocacia a tornarem-se mais eficientes e ágeis. Contudo, a IA abre também a possibilidade de desenvolvimento de sistemas voltados para atividades e tomadas de decisões mais complexas, como a condução de processos advocatícios e julgamentos, através da criação e desenvolvimento de “robôs-advogados” e “robôs-juízes”. Neste sentido, a utilização da IA para além dos limites de trabalhos burocráticos de baixa complexidade deve ser precedido da análise de aspetos éticos e legais que envolvam tanto a substituição do homem pela máquina no processo de julgamento na operacionalização do direito, quanto o próprio processo de criação e programação dos sistemas (ABRAHAM; CATARINO, 2019; ANDRADE *et al.*, 2020). Assim, o objetivo deste trabalho é definir conceitos básicos sobre IA, apresentar os principais sistemas utilizado nos setores público e privado, e discutir aspectos importantes sobre a aplicação da IA a atividades de alta complexidade como o processo decisório.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Conceitos básicos sobre IA

A IA é um dos campos mais recentes das ciências da computação e engenharia. O trabalho de desenvolvimento deste tipo de tecnologia começou logo após a Segunda Guerra Mundial, porém foram nos anos de 50 a 70 do último século que houve um grande avanço nesta área. Este período ficou conhecido como os anos de ouro da inteligência artificial. Isso aconteceu devido às pesquisas lideradas por Walter PITTS e Warren McCulloch, que desenvolveram neurônios artificiais capazes de executar funções lógicas simples que simulavam componentes e conexões do cérebro humano. (FELIPE; PERROTA, 2018; VIEIRA, 2019).

A IA possui características próprias que a difere de outros sistemas de automação. Sistemas automatizados são configurados manualmente para seguirem fluxos determinados que os façam inteligentes o suficiente apenas para seguirem ordens. As IA são sistemas mais complexos, pois visam dar autonomia de decisão às máquinas de acordo com os dados recebidos, cruzando informações, analisando-os e oferecendo respostas complexas e estruturadas aos problemas a que se destina resolver. Visam imitar o comportamento cognitivo humano, sendo projetadas para encontrar padrões, aprender com a experiência e selecionar respostas apropriadas. Sendo assim, sistemas automatizados agrupam dados enquanto IA tentam entender os dados coletados. Embora diferentes estes dois tipos de sistemas podem, na prática, se complementarem (HOFFMANN, 2018).

A IA possui duas vertentes, a IA Forte e IA Fraca. A IA Forte refere-se à Inteligência Artificial de Propósito Geral (*Artificial General Intelligence*) enquanto a IA Fraca refere-se à Inteligência Artificial de Propósito Específico (*Artificial Narrow Intelligence*). A IA Fraca destina-se a desenvolver máquina que executem tarefas específicas de maneira tão eficiente quanto um ser humano de forma automatizada e eficiente. A IA Forte baseia-se na ideia de que a máquina pode raciocinar da mesma forma que os seres humanos, na capacidade de atribuir uma inteligência genuína à máquina que a possibilite desenvolver sua própria consciência. A IA Fraca está presente nas tecnologias a que temos acesso como assistentes de voz (Siri e a Cortana) e sistemas de busca. A IA Fraca é o tipo de IA atualmente utilizado pelos operadores do direito, realizando tarefas de que não exigem grandes capacidades criativas, mas que por outro lado, implicam em elevado dispêndio de tempo (ABRAHAM; CATARINO, 2019; HOFFMANN, 2018; VIEIRA, 2019).

A IA possui campos de atuação, dentre eles está o desenvolvimento do aprendizado de máquinas (*Machine Learning*). A *Machine Learnig* (ML) que são sistemas de IA, que num contexto de um imenso volume de dados a serem analisados, busca adquirir conhecimento de forma autônoma. A partir do aprendizado, a ML toma decisões baseadas em experiências previamente bem sucedidas.

2.2 Sistemas de IA utilizados no Direito.

Existem sistemas de tecnologia digital já sendo utilizados no judiciário brasileiro e no exercício da advocacia privada, a exemplo dos sistemas SAJ (Sistema de Automação do Judiciário, e-Proc, PJe (Processo Judicial Eletrônico, elaborado pelo CNJ), Projudi, ROSS, COIN dentre outros. A disponibilidade de tecnologias da informação aplicadas ao Direito vem aumentando através do trabalho empresas "*startups*", voltadas à prática jurídica (*Lawtechs e Legaltechs*) e à inserção de tecnologia no meio governamental e na gestão pública (*Govtechs*) (HOFFMANN, 2018).

Na seara da advocacia privada, especificamente, citamos primeiramente o ROSS, o robô advogado. Um sistema de IA baseado na tecnologia *Watson* da IBM, que consiste em uma fonte de consulta jurídica em jurisprudências e legislações com tecnologia de ML, que adquire conhecimento na medida em que é utilizado. Os escritórios que trabalham com este sistema referem uma redução no tempo de pesquisa associado a um aumento na relevância dos resultados.

Outros sistemas com funções específicas também já estão inseridos à rotina dos operadores do Direito, como o sistemas como, COIN (*Contract Intelligence*), o *LawGeex*, Justto e Dra. Luiza. O COIN é uma IA capaz de analisar padrões de contratos financeiros de empréstimo comercial, economizando horas de atividade laboral, permitindo que os bancos reduzam os erros de manutenção dos empréstimos. O *LawGeex* é um sistema que analisa detalhadamente cláusulas de contratos que precisam de revisão, a partir dos interesses dos clientes. A advocacia brasileira também já pode contar com outros sistemas de IA, tais como o *Looplex*, utilizado para na gestão de processos de contencioso de massa; o Justto, que auxilia na resolução amigável de litígios, através da arbitragem e negociação; e a Dra. Luiza, sistema de IA desenvolvido para utilização por órgãos da advocacia pública que necessitam gerenciar processos jurídicos de massa. Este último sistema é também utilizado pela Procuradoria Geral do Distrito Federal (DAVIS; DAVIS, 2020; HOFFMANN, 2018).

Vários sistemas são utilizados nos tribunais e demais instâncias e órgãos públicos como o *VICTOR*, ALICE, RADAR, Assistente Digital do Promotor e o Sistema de Análise Judicial (SAJ). Dentre as cortes jurídicas, o sistema de maior destaque é o *VICTOR*. Implementado no Supremo Tribunal Federal (STF), o *VICTOR*, cujo nome é uma homenagem ao Ministro do STF Victor Nunes Leal, é um sistema de *Machine Learnig*, sendo capaz de realizar tarefas de classificações de textos com níveis de assertividade maiores do que 93%, representando um grande avanço na análise de processos dentro do STF. Há uma expectativa de que o *VICTOR* seja implementado nas cortes inferiores a fim que recursos sejam encaminhados desnecessariamente ao STF (MAIA FILHO; JUNQUILHO, 2018; NUNES; MARQUES, 2018).

O Tribunal de Contas da União (TCU) utiliza o robô ALICE (Análise de Licitações e Editais), capaz de analisar editais de licitações e atas de pregão eletrônico, com objetivo preventivo de evitar possíveis irregularidades. Diariamente, ALICE acessa o Comprasnet, o portal eletrônico de compras do Governo Federal brasileiro e analisa dados dos diversos editais de licitação e atas de pregão publicados e testa parâmetros para verificar eventuais irregularidades. Identificando algum caso suspeito, envia e-mail para a secretaria responsável pela fiscalização com o alerta respectivo (HOFFMANN, 2018).

O Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais possui um sistema de IA denominado de RADAR. Este robô identifica recursos com pedidos idênticos e que já foram objetos de decisões anteriores com eficácia vinculante, sendo capaz de gerar um voto padrão. O Assistente Digital do Promotor, ajudar a organizar o volume de processos, e fornece análises eficientes e objetivas que auxiliam no trabalho dos promotores. O Sistema de Análise Judicial (SAJ) é utilizado por instituições do poder judiciário. Seus bancos de dados são alimentados por informações obtidas do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). O impacto deste e de outros sistemas analíticos está diretamente relacionada com a implementação dos processos eletrônicos, ampliando assim os bancos de dados e tornando tais sistemas mais eficientes (HOFFMANN, 2018; VIEIRA, 2019).

Vários destes sistemas são utilizados na execução de tarefas repetitivas, e, tidas, como de baixa complexidade. Contudo, existem sistemas chamados de robôs-advogados, que são utilizados para substituir o advogado em determinadas atividades e também na captação de clientes para os escritórios de advocacia. Recentemente, o tribunal ético da OAB de São Paulo, proferiu decisão sobre a utilização de robôs-advogados. O tribunal apontou que tais máquinas são importantes, e sua falta seria impensável. Contudo, tais sistemas não suprimem o poder decisório e as responsabilidades profissionais, e não substituem o trabalho do advogado. O

tribunal admite que sejam ferramentas indispensáveis e não apontam óbices legais e éticos na sua utilização, no auxílio ao advogado no exercício de suas funções. Contudo, vedam o uso de tais tecnologias quando utilizadas na mercantilização da profissão advocatícia ou como veículos de captação indevida de clientela. A decisão aponta ainda que os "robôs-advogados" ainda não são capazes de:

> [...] prestar assessoria ou consultoria jurídicas com os indispensáveis discernimento, compreensão e julgamento, tendo em conta as complexidades da vida humana e as inevitáveis interferências de aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, imprevisíveis e não matemáticos, que permeiam as interações em sociedade". Estas e outras observações feitas pelo Tribunal de Ética, podem ser também discutidas sobre a utilização da IA no processo decisório. (FAGUNDES; OZI; GASPARINI, 2017)

2.3 A IA e o processo decisório

Sistemas de IA já são desenvolvidos e utilizados para tomadas de decisões mais complexas em áreas como saúde, gestão, vendas dentre outras, mas ainda não no Direito. Contudo, pode ser interessante ao processo decisório de casos de baixa complexidade, utilizar-se de sistemas que baseiam suas decisões em casos anteriores pode ser seguro e interessante. Processos decorrentes de contratos privados muitas vezes necessitam de análises mais técnicas e menos complexas, exigindo um menor esforço cognitivo para sua resolução. Além disso, processo de mesma natureza, com mesmas características levam a decisões judiciais semelhantes ou até mesmo idênticas. Nestes casos, a atuação do juiz se assemelha à das máquinas, que repetidamente realizam o mesmo ato e julgamento, porém com menor velocidade e eficiência do que as plataformas de IA. Assim, a aplicação de IA em processos de baixa complexidade tem se tornado uma alternativa aceita no âmbito do judiciário (NUNES; MARQUES, 2018).

O processo decisório, no entanto, é muitas vezes complexo. Abstração, valores, princípios, ponderação e razoabilidade fazem parte dos processos de julgamento e tomada de decisões, tornando o trabalho humano único e de difícil reprodução por máquinas. Sistemas de IA que se proponham a tomar decisões devem verificar se há relação de adequação entre o fim desejado e o meio empregado; se a medida adotada é exigível ou necessária, ou se há meio alternativo que gere menor ônus aos direitos individuais; e se o ganho com a medida implementada é mais relevante do que as perdas geradas (ABRAHAM; CATARINO, 2019).

A possibilidade de inserção de máquinas inteligentes nos processos decisórios levanta questões éticas importantes. A Inteligencia Artificial é desenvolvida, por homens que criam códigos-fonte de algoritmos que irão determinar a natureza e a dinâmica da tomada de decisões dos sistemas. Assim, os códigos-fonte devem ser isentos de escolhas ideológicas, preferências pessoais e preconceitos, sendo importante o controle sobre a transparência e neutralidade na do algoritmo de um sistema de IA. Surge aqui o conceito de "moralidade algorítmica", que deverá guiar e limitar os desenvolvedores. Não se deve permitir a inserção de escolhas ideológicas ou preconceitos decorrentes de visões pessoais de mundo, no processo de programação das máquinas. Sem este controle, podemos vislumbrar robôs programados para tomar decisões com vieses cognitivos étnicos, sócio-econômicos, partidários ou que atendam a algum interesse específico, pelo simples fato de terem sido assim programados. Diante de aspectos morais envolvidos no desenvolvimento de sistemas de IA, levanta-se a questão se tais códigos-fonte deveriam ser abertos, para que todos entendam a lógica de decisão de cada máquina (FELIPE; PERROTA, 2018; HOFFMANN, 2018).

A IA desenvolve máquinas que podem aprender com suas próprias ações. Contudo, devemos questionar se isto é capaz de simular a expressão intelectual humana com suas complexidades e limitações. A utilização de máquinas no processo decisório remete a uma visão mais realista e menos humana do Direito. Ainda mais, delegar decisões a juízes-robôs seria restringir o Direito ao ato decisório, à simplesmente compreensão do que um juiz pensa e a suas sistemáticas de decisão, excluindo a moral, a justiça e o sistema jurídico normativo.

Sistemas de IA dependem de fontes que alimentam os sistemas com dados. As fontes e a filtragem destes dados também trazem preocupação sobre possíveis vieses indesejáveis, como por exemplo, a seleção de dados baseados em critérios étnicos. A natureza e lisura das fontes de dados também devem ser observadas para que tomadas de decisões judiciais justas, preservando a isonomia. Tanto a seleção dos dados a serem avaliados, como o processamento em si deve ser livre de padrões de injustiça e descriminação, pois um sistema de IA programado e alimentado de modo a cometer injustiças ou discriminações tenderá a seguir sempre o mesmo padrão, distanciando-se da neutralidade desejada (HOFFMANN, 2018; RUTHES, 2019).

As fontes de dados e sua utilização pelos sistemas de IA deve ser discutida à luz da Lei 13.709/18, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). De acordo com a LGPD, utilização de informações deve ser precedida pelo consentimento do titular dos dados que deverá ser fornecido por escrito ou por outro meio que demonstre a sua real manifestação da vontade. Por isso, uma das primeiras medidas a serem tomadas por operadores de programas que coletam dados pessoais, deve ser atualizar seus termos de uso, de modo a cumprir com o disposto em

lei, deixando claro o tipo de informação a ser coletada, bem como a finalidade desse uso. Outra medida necessária seria garantir o anonimato dos dados obtidos. Isso significa, de acordo com o artigo 5º, inciso XI da LGPD, utilizar de meios técnicos razoáveis e disponíveis no momento do tratamento, que faça com que os dados analisados percam a associação, direta ou indireta, a cada indivíduo (RUTHES, 2019).

A IA parte da construção de um sistema original que cria novas conexões e toma novas decisões. Ao passo que os sistemas vão "aprendendo", torna-se cada vez mais difícil saber de antemão, qual será o caminho tomado em ações futuras. Tais decisões podem ser lesivas e causam preocupação sobre suas possíveis consequências. Na Europa, Parlamento Europeu elaborou um código de conduta para os engenheiros de robótica e um código para os comitês de ética em investigação, quando analisam protocolos de robótica e licenças de modelos para criadores e utilizadores. (HOFFMANN, 2018)Tais modelos de controle também devem ser instituídos no Brasil caso a IA venha a ser utilizada nos processos decisórios de maior complexidade. Assim, embora a IA seja uma ferramenta poderosa no auxílio a decisões de processos de baixa complexidade, o mesmo ainda não ocorre quando tratamos de casos de complexidade mais elevada, como por exemplo, em decisões impliquem em riscos à vida e à dignidade, representando riscos a garantias constitucionais como o contraditório e o devido processo legal.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A IA está presente em diversas atividades do Direito. Vários sistemas veem sendo empregados no auxílio a magistrados, cortes jurisdicionais, escritórios de advocacia e demais setores que operam o Direito. Atividades repetitivas de baixa complexidade já se beneficiam com sucesso do uso das IA, contudo, há questões técnicas, morais e éticas que ainda limitam e a sua aplicação em tarefas mais complexas o processo decisório.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Marcus; CATARINO, João Ricardo. **O uso da inteligência artificial na aplicação do direito público:** o caso especial da cobrança dos créditos tributários - um estudo objetivado nos casos brasileiro e português. e-Pública: Revista Eletrônica de Direito Público, vol. 6, no. 2, p. 188–219, Sep. 2019.

ANDRADE, Mariana Dionísio de; ROSA, Beatriz de Castro; PINTO, Eduardo Régis Girão de Castro; ANDRADE, Mariana Dionísio de; ROSA, Beatriz de Castro; PINTO, Eduardo Régis Girão de Castro. **Legal tech:** analytics, inteligência artificial e as novas perspectivas

para a prática da advocacia privada. Revista Direito GV, vol. 16, no. 1, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-24322020000100403&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 out.2020.

FAGUNDES, Sérgio Kehdi; OZI, Fábio Teixeira; GASPARINI, Pedro Paulo Wendel. **Ementário AOB** - SP. 18 Oct. 2017. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjw9PefyfjsAhXyGLkGHefOD3QQFjAAegQIAhAC&url=https%3A%2F%2Fwww.conjur.com.br%2Fdl%2Fementario-oab-sp.pdf&usg=AOvVaw1kQSAeo7-u74A-yey1yMzc. Acesso em: 10 Nov.2020.

FELIPE, Bruno Farage Costa; PERROTA, Raquel Pinto Coelho. **Inteligência Artificial no Direito** – uma realidade a ser desbravada. Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias, vol. 4, no. 1, p. 1–16, 21 Aug. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0049/2018.v4i1.4136.

MAIA FILHO, Mamede Said; JUNQUILHO, Tainá Aguiar. **Projeto *Victor*:** perspectivas de aplicação da inteligência artificial ao direito. Revista de Direitos e Garantias Fundamentais, vol. 19, no. 3, p. 218–237, 29 Dec. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.18759/rdgf.v19i3.1587.

HOFFMANN, Alexandra Felipe. **Direito e tecnologia:** a utilização de inteligências artificiais no processo decisório. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. . Acesso em: 8 out.2020.

NUNES, Dierle; MARQUES, Ana Luiza Pinto Coelho. **Inteligência artificial e direito processual:** vieses algorítmicos e os riscos de atribuição de função decisória às máquinas. 2018. Conteúdo Jurídico. Disponível em: https://conteudojuridico.com.br/. Acesso em: 15 out.2020.

RUTHES, Lukas. **Potenciais efeitos da LGPD no uso de aplicações de IA**. 28 Feb. 2019. Conjur. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2019-fev-28/lukas-ruthes-potenciais-efeitos-lgpd-uso-aplicacoes-ia. Acesso em: 9 nov.2020.